

Depois de ter acabado a leitura do regulamento, o nosso muito Venerando Pai acrescentou: Quisémos minhas Filhas, que se dissésse de vós o que foi dito de Nosso Senhor, que começou a fazer e depois a dizer. O que acabais de ouvir, minhas Filhas, não será o que fazeis? Haverá aqui alguma coisa que não tendes feito? Não, pela misericórdia de Deus; o que vos é ordenado hoje, o fizeste antes. É verdade que já tinha recebido do falecido Papa ordem para isso; mas não tínheis tido ainda ordem expressa. Milhares de anos antes de Nosso Senhor vir ao mundo, via Deus Moisés, a quem leu uma lei, figura da que Nosso Senhor devia trazer. O povo observou-a sempre. Mas, Nosso Senhor deu a Sua, todos se submeteram a ela.

Não é que Nosso Senhor tivésse destruído a primeira, pois os mandamentos nela contidos são os que estão na nova, mas aperfeiçoou-a. Ora, minhas Filhas, aqui tendes umas regras, aprovadas, pela misericórdia de Deus, que vos estabeleceu como uma Confraria da Caridade, separada da Confraria das Senhoras da Caridade, à qual tendes estado ligadas até agora. Não vos desligam da das Senhoras, às quais estais sempre sujeitas em tudo o que diz respeito ao serviço dos doentes; mas tornam-vos diferentes na vossa maneira de vida de maneira que a Confraria que tínheis com as Senhoras, não é à vosso respeito mais do que a lei de Moisés é a respeito da de Jesus Cristo. Deveis considerar estas regras como sendo dadas pelas próprias mãos de Deus, pois foi por ordem do Senhor Arcebispo, de quem dependeis. Que consolação não deveis sentir; minhas Filhas, ao ver um tal efeito da direcção e do espírito de Deus sobre vós! Dai-lhes graças por já as guardardes, dai-lhes ainda graças por estardes agora ainda mais obrigadas a observá-las e de se ter dignado, na Sua divina bondade, dar-vos ordem para isso, e por isso mesmo testemunho e certeza de que o achou bem. Que a vossa próxima comunhão seja para agradecer ao Senhor esse favor, minhas Filhas. Agradecei-Lhe todas na sagrada comunhão de domingo, e quereria que fosse também nas do dia de Pentecostes e da Santíssima Trindade; que sejam todas três por esta intenção e também para agradecer a Deus a vossa vocação e pedir-Lhe novas graças para glória Sua e realização da Sua obra. Quando Moisés deu a Lei de Deus ao povo de Israel, disse-lhes, depois de ver o desejo que tinham dela: «Povo, esta lei vos é dada da parte de Deus. Se a observardes, vos prometo também da Sua parte mil bênçãos em todas as vossas obras quando estiverdes nas vossas casas, bênção quando delas sairdes, bênção no trabalho, bênção no descanso, bênção no que fizerdes e no que não fizerdes; numa palavra, todas as bênçãos abundarão em vós e sobre vós. Se, em lugar de guar-

dardes, a desprezardes, prometo-vos o contrário de tudo o que acabo de dizer; pois tereis maldição nas vossas casas e fora delas, maldição quando encontrardes e quando sairdes, maldição no que fizerdes e não fizerdes; numa palavra, todas as maldições virão a vós e sobre vós». (Deut. 28)

O que Moisés disse ao povo de Deus, eu vo-lo digo também, minhas Filhas. Aqui tendes as regras que vos são enviadas da parte de Deus. Se fordes fiéis em observá-las, todas as bênçãos do céu se derramarão sobre vós; tereis bênção no trabalho e no descanso, bênção entrando e saindo, bênção no que fizerdes e no que não fizerdes; tudo será repleto de bênção para vós. Se, o que Deus não permita, alguma não tivesse esse desígnio, digovos o que Moisés disse àqueles que não quiséssem cumprir a lei que lhes ensinava da parte de Deus: «tereis maldição dentro e fora de casa, maldição no que fizerdes e no que não fizerdes, etc».

Já vos disse noutras ocasiões, que aquele que se mete num navio para uma longa viagem, tem de se sujeitar a tudo o que se faz no navio; se não se sujeitasse a todas as leis que ali se observam, correria o perigo de perecer. Do mesmo modo, as que são chamadas por Deus para viverem numa santa comunidade, deverão observar todas as suas regras. Creio, minhas Filhas, que pela misericórdia de Deus, todas estais na disposição de as pôr em prática. Não estais todas nesses sentimentos? Todas numa só voz responderam que sim. E o nosso muito Venerando Pai prosseguiu: Quando Moisés deu a Lei ao povo de Deus, todos estavam de joelhos, como vos vejo neste momento, e espero que a misericórdia de Deus secundará os vossos desejos, fazendo-vos cumprir o que pede de vós. Não vos oferecereis de todo o coração a Ele para viverdes na observância das vossas regras, minhas Filhas? Todas responderam: sim. E prosseguiu:

Não quereis vós, de todo o coração, viver e morrer na sua observância? Todas responderam: sim. Oh! Peço, disse, à soberana bondade de Deus que Se digne, pela Sua infinita misericórdia, derramar sobre vós toda a espécie de graças e de bênçãos, para que possais cumprir perfeitamente e em tudo e satisfação da Sua Santíssima vontade, na prática das vossas regras. Sobre isto, uma ou mais Irmãs pediram perdão das faltas que tinham cometido.

Peço a Deus de todo o meu coração minhas Filhas que vos perdôe as vossas faltas. E eu, miserável, que não guardo as minhas regras! Peço-vos perdão. Sou muito culpado para convosco, no que respeita á vossa obra. Pedi a Deus, eu vos suplico, que tenha misericórdia de mim. Por minha parte, pedirei a Nosso Senhor Jesus Cristo que Se digne Ele próprio dar-vos a Sua santa bênção,

cujas palavras não pronunciarei hoje, porque as faltas que cometi para convosco, me tornam indigno disso. Peço pois a Nosso Senhor que o faça Ele. E ao dizer isto, beijou o chão. Ao ver isto a Senhora Le Gras e todas as nossas Irmãs, aflitas por não querer dar a bênção, suplicaram-lhe muitas vezes com tanta insistência e importunidade, que por fim, cedeu. Pedi então a Deus que não olhe para a minha indignidade e pecados de que sou culpado, mas que, fazendo-me misericórdia se digne derramar sobre vós as suas bênçãos enquanto digo as suas palavras

Benedictio Dei Patris

31 — CONFERÊNCIA DE 18 DE AGOSTO DE 1647

SOBRE A SAGRADA COMUNHÃO

Minhas Filhas, o assunto desta conferência é a Sagrada Comunhão. O primeiro ponto trata das razões que as Filhas da Caridade têm como todos os outros cristãos de se darem a Deus por uma boa comunhão, isto é, minhas Filhas, a importância que há de bem comungar, pelas vantagens que isso nos trás, ou pelos males que podem advir. O segundo ponto trata do que se deve fazer para bem comungar, isto é, os meios que cada uma reconhece serem necessários e próprios para a fazer bem. Só temos uma hora, minhas Filhas, e devemos fazer o possível para empregar-la bem, com a ajuda de Deus.

Por que razão, minha Irmã, se devem as Filhas da Caridade entregar a Deus para bem comungar? Qual o bem que provém duma boa comunhão e qual o mal que resulta duma comunhão mal feita? A Irmã respondeu que lhe parecia que uma pessoa que comungava bem fazia tudo bem.

— Oh! Que boa expressão, que boa expressão! A pessoa que comunga bem, tudo faz bem! E é verdade, pois como poderia fazer alguma coisa mal a pessoa que tivesse a felicidade de fazer uma boa comunhão? Leva Deus no seu coração, leva por toda a parte um belo perfume e não faz nada senão com o olhar em Deus e por amor de Deus. Portanto, minhas Filhas, tendes a certeza de que uma Filha da Caridade que comungar bem faz bem tudo o mais. O seu coração é o tabernaculo de Deus, sim, o tabernáculo de Deus. A Filha da Caridade deve sê-lo sempre, deve estar sempre em Deus e Deus nela, e desta maneira só fará o bem. E que mal acontece à pessoa que comunga mal, minha Irmã?

A Irmã respondeu que essa pessoa perderia o mérito de todas as suas outras comunhões e poderia mesmo perder a sua vocação.

— Esperai um pouco, minha Filha Eis dois outros grandes males que a nossa Irmã notou e que devem ser pesados e considerados com atenção. A pessoa que fizer uma má comunhão perderá, diz ela, o fruto e o mérito de todas as suas comunhões passadas; perderá o mérito de todas as que fizer depois, se não fizer penitência; perderá todo o bem que tiver feito e poderia fazer. Tudo isto lhe seria contado como nada, e, para cúmulo do mal, perderia a sua vocação. Não será isto o que fez Judas? Judas recebeu a graça de Nosso Senhor tanto como os outros; havia sido chamado ao apostolado, tinha prègado, feito milagres, tinha a honra de seguir o Filho de Deus, e assistiu à instituição do augustíssimo sacramento do corpo e do sangue de Jesus Cristo. Comungou indignamente, e que lhe sucedeu? Perdeu imediatamente a sua vocação, retirou-se da santa companhia dos apóstolos à que pertencia, foi vender o seu Mestre e por fim condenou-se eternamente. Teve portanto muita razão a nossa Irmã em dizer que se podia perder a vocação.

Perder-se-á mesmo infalivelmente, pois, como poderia ser fiel à sua vocação aquella que não é fiel a Deus! Não se pode esperar tal coisa. A que nada faz para se tornar digna das graças e frutos da sagrada comunhão não se tornará exacta na prática das suas regras; cairá na negligência, em seguida na falta de gosto, e por fim na perda completa das graças que recebeu de Deus. Tende cuidado, minhas Filhas, pois não nos devemos parar nos primeiros fervores que manifestármos; tudo isso se esquece; e essa Irmã, não se preocupará nada com as promessas feitas às criaturas, pois não cumpre as que fez a Deus! Que bem pode acontecer a uma Filha da Caridade que tiver feito uma boa comunhão, minha Filha?

A Irmã respondeu que, quando uma Irmã comunga bem, fará bem todas as suas acções, que será mais docil, mais caritativa para com os doentes e servirá de edificação para toda a gente.

— Oh! Que boa observação, que a pessoa que comunga bem tudo faz bem! Se Elias, com o seu duplo espírito, operava tantas maravilhas, o que não fará a pessoa que tiver Deus em si, que estiver cheia de Deus! Não fará acções suas, fará acções de Jesus Cristo; servirá os doentes com a caridade de Jesus Cristo; terá na sua conversação a mansidão de Jesus Cristo; terá nas suas contradições a paciência de Jesus Cristo; terá a obediência de Jesus Cristo. Numa palavra, minhas Filhas, todas as suas acções não serão as duma simples criatura; serão as acções de Jesus Cristo. Deste modo, minhas Filhas, a Filha da Caridade

que tiver comungado bem não fará nada que não seja agradável a Deus; pois faz as acções do próprio Deus. O Eterno Pai vê o Seu Filho nesta pessoa; considera todas as suas acções como acções de Seu Filho. Que grande graça, minhas Filhas! Estar certa de ser vista por Deus, considerada por Deus, amada por Deus! Portanto, quando virdes uma Irmã da Caridade servir os doentes com amor, doçura e grande cuidado, podereis dizer claramente: «Esta Irmã comungou bem» Quando virdes uma Irmã paciente nas suas indisposições, que sofre alegremente o que se pode encontrar de difficil de suportar, oh! ficai certas de que essa Irmã fez uma boa comunhão e que essas virtudes não são virtudes comuns, mas virtudes de Jesus Cristo. Procurai, minhas Filhas, imitar a augusta e sacratíssima pessoa de Jesus Cristo, por Si próprio, e porque vos tornará agradáveis a Deus Seu Pai.

Julgo, minhas Filhas, que, como nos falta pouco tempo, o que se acaba de dizer sobre a importância de se dar a Deus para comungar bem bastará para vos fazer conhecer a vantagem ou desvantagem que há em comungar bem, ou comungar mal pois, se a pessoa que fizer uma boa comunhão faz tudo bem, como foi dito, e é verdade, a que tiver comungado mal, fará tudo mal.

Que recebe aquele que comunga dignamente? Recebe Jesus Cristo e com Ele mil graças e bênçãos eficazes para operar a sua salvação e contribuir com Jesus Cristo para a dos outros; enfim, recebe a vida eterna. E que recebe aquele que comunga indignamente? Ah! Minhas Filhas recebe a sua condenação. É S. Paulo que o diz, e é verdade; pois passará o mundo antes que passe a verdade das palavras pronunciadas pelos servos de Deus, que eram os órgãos do Espírito Santo. Ora, é a Sagrada Escritura não se deve duvidar disso. «O que recebe dignamente o corpo e o sangue de Jesus Cristo no Santissimo Sacramento do altar terá a vida eterna», diz esse grande apóstolo (I cor. 11,29-30) e aquele que o receber indignamente recebe a sua condenação e será condenado eternamente, se não fizer penitência. Portanto quem comunga bem faz acções que não são acções ordinárias, mas acções de Jesus Cristo, e quem comunga mal faz sem dúvida acções que não são de homem, mas de demónio, e piores até que de demónio, se fosse possível. Porventura o demónio poderia conceber alguma coisa mais sacrilega e mais abominável do que o que Judas fez, depois de ter comungado indignamente? Ir contra Deus depois de haver recebido tão assinaladas graças! Parece que só o demónio seria capaz disso. E Judas fê-lo depois de ter comungado. Abominação das abominações! Deixar o partido de Deus ligar-se contra Ele, vendê-Lo e entregá-Lo! Oh! Como as que abandonam a sua vocação têm muito a recear e a fazer aten-

ção que não seja isso o castigo das suas comunhões mal feitas e sem correcção nem reparação ! Não falo de ninguém em particular, mas aviso somente que se tenha cuidado em não abusar da bondade que Deus tem para conosco, neste santo e augustíssimo Sacramento. Não nos castiga das primeiras faltas que cometemos contra Ele ; mas temamos que, por não nos corrigirmos dessas faltas, venhamos a comungar mal e que essa comunhão mal feita atraia sobre nós o castigo de todos os nossos crimes ; pois Judas, (volto a este exemplo) cometera outros crimes contra o Filho de Deus ; concebera em seu coração contra Ele uma inveja que não tinha tido o seu efeito ; assim que comungou, o demónio se apoderou do seu coração e o induziu nas suas abomináveis em- prezas.

Mas, Senhor, dir-me-eis vós, que é uma comunhão mal feita?

Ó minhas queridas Filhas, Deus nos acautele disso. Espero que nenhuma de vós esteja em pecado mortal. Mas há tanto a atender para fazer comunhões com fruto e proveito, que é bom, embora, pela misericórdia de Deus, não tenhamos a consciência em pecado mortal, ver o que poderá impedir o nosso adiantamento, se não há alguma falta de disposição para a comunhão, e ver também o que se deve fazer para bem comungar?

A Irmã respondeu que lhe parecia necessário pedir a Deus essa graça.

— Basta, minha Filha, é por aí que se deve começar. Pois quem poderá fazer uma boa acção, se Deus lhe não conceder essa graça? E quem por si próprio, poderá formar um bom pensamento? Nenhum ser vivo poderá por si próprio minhas Filhas ; é S. Paulo que o diz. Oh ! Quem poderá dispôr-se a fazer uma boa comunhão, se Deus não lhe conceder essa graça? A nossa Irmã teve razão ao encontrar esse meio. É a base e o fundamento de todos os outros ; e Deus não o negará nunca a quem Lho pedir como deve ser. Deus vos abençõe, minha Filha !

E vós, minha Irmã, que outro meio julgais necessário para comungar bem?

A Irmã respondeu que lhe parecia necessário desejá-lo ardentemente.

— Ó minha Filha, tendes muita razão. Reparai, minhas Filhas, no que diz ; é preciso desejá-lo ardentemente ; ardentemente, pois Deus não quer ser desejado friamente, nem tibiamente, mas com toda a força e todo o ardor da vontade tal como Ele próprio deseja comunicar-Se a vós. Quando instituiu o Santíssimo Sacramento disse aos seus Apóstolos : « *Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum* » (S. Luc. 22,15) o que significa : desejei ar-

dentemente comer convosco esta páscoa. Ora se o Filho de Deus, que, na Sagrada Eucarístia, se entrega a si próprio, a desejava tão ardentemente, *desidèrio desideravi*, não será justo que a alma que o deseja receber e de quem Ele é o soberano bem, o deseja de todo o seu coração? O que disse aos seus Apóstolos, podeis ter a certeza, minhas Filhas, o diz ainda a cada uma de vós.

É por isso que deveis procurar excitar o vosso desejo por meio de qualquer bom pensamento. Desejais vir a mim, Senhor; e quem sou eu? Mas, meu Deus, desejo de todo o meu coração ir a Vós, pois sois o meu supremo bem e o meu último fim. O falecido Senhor Bispo de Genebra dizia que celebrava sempre como se fosse a última vez, e comungava como por viático. A prática é excelente, e vo-la aconselho, tanto quanto me é possível, minhas queridas Filhas. Os dias das vossas comunhões são bastante regulares; podê-los-eis saber e dispôr o vosso coração desde a véspera. Receber-Vos-ei amanhã, meu Deus. Ah! Como bem desejar a que fosse com a preparação que a Santíssima Virgem e todos os santos tiveram! Como eu desejaria, meu Deus, ter todo o amor dos serafins para Vo-lo dar. Que farei meu Deus? Que dirá o meu entendimento? Que fará a minha memória? Que Vos dará a minha vontade? Senhor meu Deus, ponde Vós mesmo em mim tudo quanto em mim quizerdes. Que esta comunhão repare os defeitos de todas as outras de que tive a desgraça de não aproveitar, e que possa estar, nem Deus, como quereria estar, se fosse a última da minha vida, e tivesse de morrer imediatamente depois de a ter feito! Podeis, minhas Filhas, depois fazer um acto de contrição de todos os pecados da vossa vida passada, uma nova detestação deles e resolução de os evitar; e desta maneira Deus abençoará a vossa disposição e não deixará de Se comunicar a vós para a vida e para a morte.

E vós minha Irmã, que pensais que seja preciso para comungar bem?

— Penso, Senhor, que é muito necessário para aproveitar bem da sagrada comunhão ter grande cuidado em dar graças a Deus.

— Tendes razão, minha Filha. O que até agora dissémos dizia respeito à preparação; e após a sagrada comunhão é absolutamente necessário dar graças a Deus. Se a esposa fizesse no dia das bodas mau acolhimento ao esposo, que este há tanto tempo desejou e em que espera mais testemunhos de afeição, como ficaria ferido e cheio de dor! Como teria razão para se lamentar do mau procedimento da sua esposa! E se fosse de alta condição, tendo-lhe feito portanto grande honra em desposá-la, como ficaria indignado e ofendido!

Se um amigo, há muito tempo ausente do seu amigo, desejasse

ardentemente tornar a vê-lo, alimentando-se dessa esperança, alegrando-se com a ideia dessa consolação, se, no dia em que o voltasse a ver, em vez do amigo com que contava, encontrasse um inimigo, pronto a enterrar-lhe um punhal no peito e a roubar-lhe a vida, que aconteceria? Este esposo, em vez duma esposa encontrava uma atrevida; e este amigo, em vez dum amigo encontrava um inimigo. Ora assim é Jesus Cristo para as almas que se dão a Ele, minhas Filhas, E esposo mais do que todos os esposos da terra, e duma maneira muito diferente, pois é todo celeste e divino. É um amigo maior que todos os amigos do mundo, pois deu o Seu sangue e a Sua vida pela salvação de cada alma. Que dirá portanto se, tendo desejado tão ardentemente (*desidério desideravi*) unir-Se, a vós, fazer-vos participantes das Suas graças, dos Seus méritos e da Sua glória, que diria se, conservando-vos no silêncio e na ingratidão, O desprezásseis e Lhe voltásseis as costas? Não teria razão para entrar em justa cólera e retirar-vos todas as graças que tão abundantemente vos tinha distribuído? É daí que resultam as perdas da vocação, minhas Filhas, e foi esse o motivo por que Judas foi abandonado ao demónio que o procurava. Teria recebido o remédio contra a tentação se delé se quisesse servir; mas desprezou-o, e sabeis o que lhe aconteceu.

Lembre-me que há seis ou sete anos o falecido rei Luís XIII ficou sete ou oito dias zangado por, ao regressar duma viagem, tendo-se dignado mandar chamar o Senhor delfim, para o ver, este não quis olhar para ele (era uma criança) e voltou-lhe as costas. O rei, zangado, deitou as culpas aos que estavam com o delfim. «Se tivésseis disposto meu filho, disse ele, se lhe tivésseis feito ver como importava ver-me, teria vindo ter comigo, como a isso era obrigado, e teria manifestado alegria pelo meu regresso.»

Ora, minhas Filhas, se um rei da terra se zanga com razão por o seu filho, à sua chegada, lhe voltar as costas, que fará Jesus Cristo, rei do Céu e da terra, em comparação de quem os reis da terra, nada são? Que fará Ele, repito, se houver alguma de vós que, por se não ter preparado pela consideração de quem é Deus e do bem que traz à alma, em vez de se aplicar toda a agradecer-lhe, a dar-lhe o seu coração, e oferecer-lhe a sua alma, a deixar-se a si mesma para ser dEle, permanece fria e inútil? Oh! como a sua divina bondade teria razão para se ofender! Tenhamos cuidado com isso, minhas Filhas, pelo amor do que devemos a Deus, pelo bem que virá para as nossas almas, e pela glória que daremos a Deus, se não nos tornarmos indignos das graças que nos quer conceder. E vós, minha Filha, que é necessário fazer para ter uma boa comunhão?

— Penso, Senhor, que se comungarmos bem uma vez, essa

comunhão servirá de preparação para bem comungar para a outra; e desta maneira atrairemos as graças de Deus sobre nós, para não fazermos más comunhões.

— Está muito bem, minha Irmã. Quereis dizer que, quando nos tivermos preparado bem, comungaremos na resolução de sermos fiéis a Deus, e o procuraremos todos os dias; pois é a isso que devemos chegar, minhas Filhas, é que, para bem comungar, devemos ter o cuidado de dar acções de graças a Deus, servindo essa comunhão de preparação para a seguinte, e esta para uma terceira; e assim atrairemos sempre novas graças de Deus para subirmos a um mais elevado grau de amor e perfeição.

E vós, minha Irmã, tendes algum outro bom meio?

— Senhor, parece-me que uma das coisas necessárias para bem comungar, é conservar-nos retiradas, como fazia a Santíssima Virgem, não fazer visitas inúteis e falar pouco.

— De maneira que, pensais vós, para bem comungar, devemos falar pouco e não fazer visitas na cidade.

— É o meu pensamento, Senhor.

— Oh! Deus vos abençõe, minha Filha, tendes muita razão! Ah! Haverá coisa que dissipe mais o coração que as palavras e que prejudique mais o recolhimento e o adiantamento espiritual que as visitas inúteis? Oh! Se alguma de vós, minhas Filhas, sob qualquer especioso e piedoso pretexto, pois não o faríeis doutra maneira, fosse levada a saídas em que não visse proveito diante de Deus, que se deixe disso. A Santíssima Virgem saía para as necessidades da sua família e para o alívio e a consolação do próximo; mas fazia-o sempre na presença de Deus; e fora disso permanecia sossegada em casa, conversando em espírito com Deus e com os anjos. Pedi-lhe que vos alcance de Deus esse recolhimento interior para vos dispordes para a sagrada comunhão do corpo e do sangue do seu divino Filho, a fim de poderdes dizer: «O meu coração está preparado; meu Deus, o meu coração está preparado!» E vós, minha Irmã, que julgais necessário? Dizei-nos, algum bom meio para comungar bem. A Irmã respondeu que lhe parecia necessário não somente não ter afeição ao pecado mortal, mas também desfazer-se de tudo o vicioso que se possa ter quer nos hábitos, quer na vontade, etc.

— Vêde, minhas Filhas, para comungar muitas vezes não basta não ter afeição ao pecado mortal, mas é ainda necessário desfazer-se de toda a afeição desregrada, pois toda a afeição desregrada, é viciosa. Ora, amar esta Irmã ardentemente e prender-se a ela, é um affecto desordenado; gostar mais de estar neste lugar do que naquele, ou neste emprego do que noutro, é uma afeição desordenada, e devemos desfazer-nos disso para nos tornarmos dignos

de comungar muitas vezes. Vós, minha Irmã tendes algum outro meio? Dizei-nos alguma coisa do que fazeis quando quereis preparar-vos para a sagrada comunhão? A Irmã respondeu que se dava toda a Deus, dizendo com Santa Teresa: «Meu Deus, dai-Vos todo a mim, e eu me dou toda a Vós»; e que, para aproveitar da sagrada comunhão, era necessário mortificar os sentidos e, particularmente a curiosidade de ver e ouvir as coisas inúteis, que nos ocupam o espírito e impedem de nos unirmos a Deus.

— Apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos sobre os dois pontos, perguntou o nosso muito Venerando Pai à Senhora Le Gras?

Em resposta a Senhora Le Gras fez a leitura da sua oração, que havia redigido por escrito nestes termos: No primeiro ponto pareceu-me haver duas razões principais, nas quais estão compreendidas todas as outras, e que são uma o temor e outra o amor. O mandamento da Igreja que nos manda comungar todos os anos sob pena de pecado mortal, faz-nos conhecer que Deus quer absolutamente que comunguemos, e parece que esta ameaça nos avisa que comunguemos mais vezes sob pena de perdermos muitas graças que nos seriam concedidas na sagrada comunhão. Importa ainda muito, para nós, dar-mo-nos a Deus para bem comungar, pois, sem isso, correríamos o perigo de que as ameaças, tanto daquelles que não comungam, como dos que comungam mal, se dirijam a nós para nos castigar. A outra razão que temos de nos oferecermos a Deus para bem comungar, é o reconhecimento que devemos ter pelo grande amor que nos testemunha, dando-Se a nós na sagrada comunhão; e que só poderemos ter manifestando a Nosso Senhor um amor de algum modo reciproco, desejando de todo o coração recebê-Lo, pois de todo o coração se quer dar a nós. O Seu amor pareceu-me ainda maior em que, tendo bastado a Sua incarnação para a nossa Redenção, parece que Se dá a nós na sagrada hóstia, sòmente para santificação nossa, não só pela aplicação dos méritos da sua incarnação e morte, mas ainda pela comunicação que a Sua bondade deseja fazer-nos de todas as acções da sua vida e para nos pôr na prática das Suas virtudes, desejando-nos pelo Seu amor semelhante a Ele.

Sobre o segundo ponto, que trata do que convém fazer para nos darmos a Deus para bem comungar, pareceu-me que devemos ter uma tão grande consideração pela comunhão que nos dê o receio de não termos as disposições precisas para bem comungar e que, como um dos efeitos da sagrada comunhão, e o principal, é unirmo-nos a Deus, devemos, tanto quanto nos for possível, afastar todos os impedimentos desta união. E vendo que o mais perigoso é o pertencermos demasiado a nós mesmas, pelo amor da nossa própria vontade, devemos absolutamente dar-mo-nos a Deus para não termos

senão uma só vontade com Ele, para praticarmos dos frutos da sagrada comunhão; o que desejei fazer depois de Deus me ter tantas vezes feito conhecer que era incapaz de toda a espécie de bem e indigna da sagrada comunhão. O que me pareceu dever fazer, é uma atenção maior sobre as acções do Filho de Deus, para tentar unir as minhas ás Suas, ajudada com a Sua graça. E porque sei que Deus vê tudo, penso que devemos ter sempre recta intenção, para bem comungar, sem mistura de respeito humano, mas pelo amor que devemos ter à santa e divina humanidade de Jesus Cristo; para sermos fiéis em corresponder ao amor que tem por nós neste Santíssimo Sacramento.

O conhecimento que Deus me deu do abuso que tantas vezes na minha vida tenho feito da sagrada comunhão, levando uma vida que dela me tornava indigna, pela violência das minhas paixões, inspirou-me o desejo de procurar mortificá-las para não ter o ódio de Deus, em vez do seu amor, se continuasse a fazer mau uso deste divino alimento.

— Aqui tendes, minhas queridas Filhas, meios suficientes para vos dispordeis a comungar bem e a aproveitar das vossas comunhões. E quando comungardes deste modo e com as disposições que indicastes, pois foi a vós que a bondade de Deus comunicou todas estas verdades, e não fiz senão lembrar. Quando, digo, comungardes deste modo, podeis estar certas de terdes comungado bem. Disséstes que era preciso pedir essa graça a Deus. Nada mais fácil do que pedí-la, e conseguímo-la se a pedirmos como deve ser, isto é, deveras, com o desejo de fazer bom uso dela.

Os meios não faltam: mortificar as paixões, mortificar os sentidos, falar pouco, não fazer visitar inúteis, dispor-se de uma comunhão à outra, e neste tempo, minhas Filhas, adiantar algum grau na virtude e no amor de Deus, e todos os outros meios de que falastes, sobre, os quais não tive vagar de fazer observações. Há um, minhas Filhas, sobre o qual nada disséstes, que é confessar-se; oh! sim, minhas Filhas, é preciso confessar-se. É a preparação próxima e a que repara as faltas que poderia ter havido em todas as outras. Sugere a sua imperfeição e confere a graça que torna as nossas almas tão agradáveis a Deus. Devemos portanto confessar-nos tanto quanto possível; pois nunca estaríamos demasiado puros para nos aproximarmos de Deus; mas é preciso sobretudo ir com a resolução de procurar a nossa emenda.

Um outro meio ainda para obter o perdão de todas as faltas que pudemos ter cometido nas nossas comunhões, vós, minhas Filhas, e eu, miserável pecador, é pedir a Deus misericórdia para o passado e graça para o futuro. Fazei este pedido de todo o vosso coração, cada uma em particular; e eu, como o mais culpado,

fá-lo-ei em voz alta, por vós e por mim, com o coração cheio de confiança de que Deus não olhará para os meus pecados, mas para o vosso desejo. Meu Deus, de todo o meu coração Vos peço misericórdia. Misericórdia, meu Deus, misericórdia, para todos os abusos que fizemos das vossas graças! Para a negligência que tivemos em emendar-nos das faltas que em nós Vos desagradam, misericórdia, meu Deus! Misericórdia, meu Deus, para todas as vezes que tratámos indignamente os Vossos mistérios sagrados! Não Vos lembreis dos nossos pecados. Que sejam riscados esses desgraçados dias e que a Vossa misericórdia os esqueça para sempre! Eu Vo-lo peço, meu Senhor, para toda esta Companhia e para mim, e ao mesmo tempo Vos súplico, meu Deus, Vos dignéis conceder-nos a graça de nunca mais nos aproximarmos dos Vossos santos altares sem a preparação que desejais; para podermos praticar os meios que nos fizestes conhecer, como necessários para esse fim, e para que possamos ser fiéis às Vossas graças e ao Vosso santo amor. Não considereis, meu Deus, a voz do pecador que Vos fala, mas dignai-Vos olhar para os corações dos que Vos imploram essa misericórdia e essa graça; e eu, embora o mais indigno, não deixarei, confiando nas Vossas promessas, meu Deus, de proferir as palavras de benção que conferem o Vosso Espírito e a Vossa graça. Apraza à Vossa bondade, e à medida que as fôr pronunciando, encher com elas os espíritos dos que as recebem da Vossa parte!

Benedictio Dei Patris...

32 — CONFERÊNCIA DE 22 DE SETEMBRO DE 1647

SOBRE A PERSEVERANÇA NA VOCAÇÃO

O assunto da presente conferência é acerca da perseverança na nossa vocação, minhas queridas Filhas. O primeiro ponto trata das razões que cada uma de nós tem para perseverar na sua vocação até à morte, mediante a graça de Deus; e o segundo do que se deve fazer quando nos sentimos vacilar. Minha Filha, apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos acerca deste assunto?

A Irmã entregou-lhe o bilhete que havia mandado escrever, e sua caridade deu-se ao trabalho de o ler. Sobre o assunto da conferência, que trata das razões que temos para perseverar na nossa vocação, pensei que devíamos olhar para o seu fundador que não é outro senão Deus. Em segundo lugar, pensei que esse jovem do

Evangelho que se retirara triste, ouvindo Nosso Senhor dizer-lhe que vendesse tudo o que tinha para O poder seguir, havia caído no esquecimento dos homens. Do mesmo modo, é para temer que uma Filha da caridade, infiel à sua vocação, seja esquecida de Deus e dos homens. O segundo ponto é sobre o que devemos fazer quando nos sentimos abaladas. Pensei que devíamos trazer ao espírito algumas vezes os motivos que nos tinham levado a dar-nos a Deus nesta vocação, e recordar o fervor com que praticávamos o que nos era prescrito quando começámos. Um outro meio é ver Nosso Senhor nos seus sofrimentos, que foram grandes e duraram toda a sua vida até à morte.

— Eis, portanto, duas razões que a nossa Irmã apresenta sobre o primeiro ponto. A primeira, ver quem é o instituidor do género de vida que abraçámos, que não é outro senão Deus. É verdade, minhas Filhas, a razão é muito boa. Pois, quando uma Filha da Caridade que for tentada a deixar a sua vocação vier a considerar que é Deus o autor dessa vocação, não verá que é o domónio que por seu artificio lha quer tirar? A segunda razão que propõe para se manter firme, é o receio de que nos aconteça o que acorteceu a esse mancebo que foi procurar Nosso Senhor para lhe perguntar o que devia fazer para conseguir o reino dos Céus; e dizendo-lhe Nosso Senhor que vendesse tudo o que tinha e que o seguisse, o Evangelho diz que se retirou muito triste, e depois não fala mais dele e não diz nada do que lhe aconteceu.

Ora, a nossa Irmã quer dizer que se dá o mesmo com a pessoa que deixa a sua vocação; retirada do lugar onde Deus a tinha colocado, cai no esquecimento de Deus e dos homens. Esta Irmã que poderia ter feito tanto bem, que tinha talento para servir aos pobres com tanto proveito, que poderia prestar gloria a Deus por meio de tantos empregos bons que teriam feito a sua felicidade se ela se tivesse deixado conduzir, esta Irmã retirou-se, não se fala mais dela, não se procura saber o que faz ou não faz, mas deixam-na tal como é. Sobre o segundo ponto, a nossa Irmã, faz ainda duas reflexões, a primeiras das quais é trazer ao espírito os motivos que nos levaram a fazer escolha da nossa vocação. Oh! Como é um grande meio para se renovar, minhas Filhas! Pois ordinariamente, quando somos tentados, esquecemos tudo, e não achamos razoável senão o que nos leva ainda à tentação.

Oh! Mas não sei se foi Deus que me chamou a este estado de vida. Oh! O que é que vos pôde fazer deixar o que éreis, a não ser Deus? Foi o sangue? Foi a carne? Ah! Pela misericórdia de Deus, não têm tão grande a sua satisfação na Companhia. Oh! Mas dir-me-á alguma, poder-se-á ser tentada a deixar a sua vocação quando vem de Deus? Respondo: Sim, minhas Filhas, pode-se.

Mas, se a tentação durasse um dia, ou oito dias, ou um mês, se durasse seis meses ou anos, minhas Filhas, não seria argumento para fazer crer que a vossa vocação não era de Deus. Mas os santos foram tentados? Oh! Respondo-vos que sim, minhas Filhas, e com tentações muito fortes. O quê! Tanto tempo como eu? Alguns toda a sua vida. E Deus permitiu-o assim para manifestar, a sua glória e o seu poder, mostrando que, embora o demónio faça os seus esforços para afastar os Seus servos, todavia não faltam à fidelidade que Lhe devem. Ora as tentações vêm destas duas maneiras. Algumas vezes da parte de Deus que apresenta os seus servos ao demónio para o envergonhar, como o fez com Job. «Vês tu o meu servo Job, disse Ele, como é um homem fiel à Minha Lei.» E logo o demónio pede licença para o tentar, e Deus concede-lha para fazer ver que o Seu servo seria tão firme na provação como tinha sido na tranquilidade, e mesmo para lhe dar a ocasião de merecer a coroa ganhando a vitória.

O demónio tenta ainda os servos de Deus por inveja do bem que fazem a si mesmos e ao próximo; quer a sua queda para os impedir de continuarem. Eis, por exemplo, uma Filha da Caridade que vai levar uma panela a um doente. Não é grande coisa; não é senão um pouco de caldo. Mas ao levá-la, dirá alguma boa palavra ao doente, e Deus tocar-lhe-á o coração. Oh! É isso que faz encher o demónio de raiva. Tira-lhe esta alma que julgava sua; por vingança, fará todo o possível por perdê-la a si própria, e começará pouco a pouco: primeiro, dando-lhe dificuldades nos seus exercícios; depois, procurando-lhe pequenos desgostos que a tornam de mau humor; em seguida, levando-a a ir frouxamente e à maneira de desobriga. Vem depois a desleixar as práticas da sua regra, em seguida a aborrecer-se delas e por fim a deixar tudo. E qual foi a causa da ter chegado a este ponto? Oh! Foi que não permaneceu firme em crer que o Instituto veio de Deus e que a chamou para conseguir a sua salvação. E por não ter tido um conceito bastante elevado do que era, caiu miseravelmente. Pois, bem! Não façamos juízos; só Deus o sabe.

Mas que acontecerá depois, minhas Filhas? Acontecerá que essa pobre Irmã, por se ter tornado indigna da escolha de Deus, será despojada da graça que lhe tinha concedido, graça suficiente para a santificar. Nós, os sacerdotes, quando somos tão miseráveis que cometemos algum crime que mereça a morte, somos condenados pelos juizes e enviados aos bispos para sermos degredados. Quando o criminoso chega à presença do bispo, revestem-no das vestes sacerdotais, em seguida o bispo faz uma imprecação em latim, dizendo que, por ter desgraçadamente abusado da sua vocação, se tornou indigno da casula; e deste modo tiram-lhe pri-

meiro a casula. Depois o bispo continua e diz que, por ter abusado da sua vocação, se tornou indigno da estola sagrada; e tiram-lhe a estola. Depois são o manipulo, a alva e todas as outras vestes eclesiásticas. Ora, minhas Filhas, dá-se o mesmo da parte de Deus com uma Filha da Caridade que perde a sua vocação. Deus amou-a misericordiosamente; mostrou-lhe o bem que abraçava; e deu-lhe graças para cumprir o que devia fazer. E esta Irmã deixará as suas regras, não terá em conta a obediência, amará a sua vontade propria, desprezará os avisos que lhe são feitos pelos seus superiores

Deus suporta-a por algum tempo, manifesta-lhe o seu estado, permite que as suas faltas sejam conhecidas e que seja avisada a corrigir-se delas. E como despreza tudo, Deus diz: «Tinha-te chamado para gozar as recompensas que prometi aos que me servem, e tu tornaste-te indigna delas; e por isso darei a outra a coroa que te havia preparado»; e chamará uma menina de Touraine, de Saintonge, da Bretanha para vir receber aqui a coroa que destinara a Maria, Francisca, Joana, que sei eu? as quais chamara misericordiosamente e se tornaram indignas. Eis, minhas queridas Filhas, o que Deus faz quando pelas nossas negligências, demos ocasião a que a sua justa colera descarregue sobre nós.

Minha Irmã, quereis dizer-nos os vossos pensamentos?

— Pensei que uma das razões para nos mantermos firmes na nossa vocação, é que Deus é nela glorificado, pelos exercícios de piedade que praticamos todos os dias, tratando dos pobres. A segunda razão é que o começar bem não é tudo, se não perseverarmos para aumentar a glória de Deus...

— Eis portanto duas razões que a nossa Irmã apresenta sobre o primeiro ponto: que Deus, diz ela, e glorificado em nós pelos exercícios de piedade que praticamos, e que não basta começar bem, se não perseverarmos para aumentar a glória de Deus. Como Deus é bom, minhas Filhas, querendo tirar a sua glória das acções de uma pobre menina do campo! Joana, Maria, Francisca, suportarão de bom grado o que lhes disseram ao passar, quando vão tratar dos doentes. Eis uma prática de paciência. Este doente não estará contente, e não deixarão de tentar tirá-lo da sua tristeza, de lhe falar de Deus, de o ensinar a formar um acto de fé; e eis uma prática de caridade. Se o doente lhes disser que é mal servido, pedir-lhe-ão desculpa; e eis uma prática de humildade. Assim encontrarão ocasião de praticar mil virtudes, pelas quais Deus será glorificado. As meninas não olham para os seus interesses e comodidades, vão em todo o tempo do mesmo modo; ah! não é claro que há um Deus por quem trabalham? Mas, quando as vimos aumentar em virtude, e trabalhar até à morte,

oh! mostrarão que O amam verdadeiramente e que nada as poderá separar d'Ele. Oh! Que deverá fazer, minha Filha, uma menina que se sinta vacilante, tentada, levada a deixar tudo?

— Penso que se deve descobrir aos nossos superiores como a pessoas que Deus nos deu para nos conduzir na nossa vocação?

— Julgais, vós, minha Filha, que seja isso um meio para dominar a tentação. Oh! Sim, certamente é um e muito infalível, contanto que se faça sinceramente e na disposição de seguir os avisos que nos foram dados; pois nada derrota os ataques do demónio como dizê-los; logo que se vê descoberto, abandona a partida. É por isso, minhas Filhas, que é bom que aquelas que se vêm tentadas, se dirijam ao Superior e lhe digam franca e verdadeiramente as coisas como são. «Senhor, sinto-me tentada por este ou este motivo; isto dá-me tais pensamentos, e peço-vos que me digais o que devo fazer.» E acreditai no que o superior vos disser, minhas Filhas; pois pedir-lhe conselho não é tudo, se o não seguirem. Quando um doente chama o médico para saber que regime deve seguir, se, em lugar de o escutar, fizer tudo ao contrário, o mal aumentará. Acontece o mesmo com os males do espírito, se vos não conformardes com os conselhos que Deus vos der por intermédio dos vossos Superiores se, em vez de os seguir, fizerdes rodeios: «Oh! Mas disse-me isto; mas não sabe como as coisas vão», podeis estar certas de que o vosso mal, em vez de diminuir, aumentará. Minha Filha, será bom que uma pessoa que se encontre nesse estado o vá contar a outra?

— Senhor, julgo que não, porque a pessoa a quem o dissesse poderia cair em idêntica tentação.

— Não, minha Filha, tendes razão, não o deveis dizer senão às pessoas a quem Deus deu graça para vos ajudar neste ponto.

Uma pobre Irmã trabalha em paz sem pensar noutra coisa, senão no seu ofício, se lhe fordes dizer as vossas mágoas, em vez de vos auxiliar nisso, achar-se-à embaraçada, e perder-vos-eis ambas. E além disso é um mau exemplo; é escandalizar-se a si mesma. Esta Irmã que vos julgava das mais afeiçoadas à vossa vocação, afligir-se-à por determinação de Deus; e, em lugar de vos ajudar, prejudicar-vos-á e perder-se-á talvez convosco?

Um outro meio minha Filha? Não o conheceis?

Ao que a Irmã respondeu que se devia resistir às tentações logo que nos venham, e não lhes dar entrada no nosso coração?

— É o grande e supremo remédio, pois, se fecharmos o coração e os ouvidos à tentação, oh! difficilmente conseguirá o demónio realizar os seus intentos! Para nos ajudar, é bom recorrer a Deus, assim que a sentirmos e dizer: «Meu Deus, bem vêdes de que lado me ataca o inimigo, sabeis como sou fraca; dignai-vos

ajudar-me e amparar-me, para não cair». E seria bom que aquelas a quem Deus concede a graça de se darem mais perfeitamente a Ele, e que Lhe prometeram servi-Lo na Companhia, renovassem os seus votos; oh! sim, seria bom. Isto dá forças e atrai novas graças. As que o podem e estão nessas condições, que tomem esse meio com humildade e com confiança de que Deus as ajudará; as que não estão ainda ligadas por votos, que renovem a sua resolução logo que se sintam tentadas: «Ah! Meu Deus, estou prestes a sucumbir, se não me amparardes; tende piedade da minha fraqueza e não me deixeis perecer». E declarem a sua tentação.

Outra Irmã disse, sobre o primeiro ponto, que a recompensa era uma boa razão para perseverar. Uma outra, é o receio de que Deus nos abandone num estado não conforme com a sua vontade.

— Que sucede, minha Filha, a uma Filha da Caridade que fizer bancarrota na sua vocação.

— Penso que correrá grande risco de se perder.

— Ó meu Deus, disse o Senhor Padre Vicente, juntando as mãos e erguendo os olhos ao Céu, ó meu Deus, ó meu Deus, não devemos ajuizar! Isso pertence a Deus. Devemos pedir por ela e humilhar-nos todavia, sem nada pensar nem dizer daquelas que saíam. Há motivo para crer que as que morreram na Companhia estão agora em lugar de descanso, pela misericórdia de Deus. Pois bem! *In nomine Domini*.

Minha Irmã, quereis dizer-nos os vossos pensamentos?

— Além duma razão particular que me obriga a conservar-me na minha vocação, vi ainda que a primeira vocação vem ordinariamente de Deus; e que as seguintes são antes tentações que vocações. Uma outra razão é que o fim de todas as boas acções coroa a obra; e por consequência, se quisermos ser coroadas, devemos perseverar até à morte, a exemplo de Nosso Senhor que se não contentou com se fazer homem, mas perseverou na obra da nossa redenção até à morte. No segundo ponto, pareceu-me que, quando nos sentirmos vacilar, devemos tentar não dar entrada a estes aborrecimentos, evitar, como veneno da nossa alma, tudo quanto no-los possa causar, recorrer a Deus, dizer o que dizia Pilatos a respeito do título da cruz: «O que está feito está feito», e desprezar todo o pensamento contrário à nossa primeira resolução. Podemos ainda pedir aos nossos Superiores que nos ajudem a resistir à tentação.

— Minhas Filhas, antes de continuar e para ensinar as que não soubessem de que tratámos, devo dizer-vos o que é a vocação. A vocação é o chamamento de Deus para fazer uma determinada coisa. A vocação dos Apóstolos foi um chamamento de Deus para plantar a fé em toda-a terra; a vocação do religioso

é um chamamento de Deus à prática das regras da religião ; a vocação dos casados é um chamamento de Deus para o servirem na direcção duma família e na educação dos filhos ; e a vocação duma Filha da Caridade é o chamamento de Deus, a escolha que a sua bondade fez dela, preferindo-a a tantas outras que se ofereceram a Ele, para O servirem em todos os empregos próprios deste género de vida, em que permitirá que sejam applicadas. De maneira, minhas Filhas, que a vós que estais nas crianças, nos forçados, na casa, nos hospitais, nas aldeias, nas paróquias, Deus vos distingue entre mil milhões e disse, escolhendo-vos uma dum lugar e outra doutro : «Quero que esta alma se santifique servindo-Me em tal emprego».

Eis, minhas Filhas, a vossa vocação. Feita a escolha de Deus, chama-vos muitas vezes por meios que vos são desconhecidos, a maior parte das vezes todavia pelo desejo que vos dá e pela perseverança com que procurais ser recebidas. Depois d'isto, minhas Filhas, não deveis perguntar : «Mas foi Deus que o quis ?» Pois, quando assim raciocinais, é porque o vosso espírito encontra dificuldade na prática da humildade, da submissão e da obediência que vos são necessárias e que o demónio tenta tornar-vos impossíveis. Deus é firme nos seus juizos, minhas Filhas. Quer tanto a salvação das almas que toma todo o cuidado necessário para as colocar na via mais fácil para chegar ao caminho do Céu. Mas devemos procurar não sair dele ; pois, desde que um homem que empreende uma grande viagem deixa o caminho principal, ou se desvia, corre o risco de não encontrar senão atalhos que o afastam do lugar para onde ia. Aquele que transplantasse árvores pouco antes da estação dos frutos, e depois as levantasse ainda para as levar para outro lugar, jamais colheria fruto algum ; as árvores, assim mudadas de lugar e de terreno, correriam até o risco de morrer.

Judas, que Deus tinha chamado ao apostolado e a quem dera tantas graças, julgou fazer melhor procedendo doutra maneira.

Conheceis a sua história e como se perdeu. Mas, pela misericórdia de Deus, o seu lugar não ficou vazio, e Deus chamou S. Paulo do paganismo onde estava mergulhado, para dele fazer um digno vaso de eleição.

Continuemos, *in nomine Domini*. Apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos, minha Irmã ?

— A razão que temos para perseverar até ao fim, é que a perseverança merece a corôa, e que pelo contrário, por falta de perseverança, poderíamos perder o mérito de tudo quanto tivermos feito, e cair num deplorável abandono, em castigo da perda

da nossa vocação ; o que temo tanto que todos os dias peço a Deus que morra de preferência.

Acêrca do segundo ponto, pensei que será bom unir-nos fortemente a Deus, que é inabalável ; excitar-nos à observância das práticas da nossa vocação pela consideração da glória que lhe podemos prestar e pela esperança da recompensa prometida aos que fizerem o que devemos fazer ; sobretudo crer firmemente que fomos chamadas por Deus, e que todo o pensamento contrário vem do demónio ; vigiar para nunca nos collocarmos do lado da tentação, mas manifestá-la amorosamente a Deus, pedir-lhe a sua assistência e recomendar-nos ao aujo da guarda da companhia.

— E vós, minha Irmã, dizei-me, vos peço, porque razão somos nós obrigados a perseverar na nossa vocação ?

— Porque Deus nos collocou nela.

— E haverá perigo, minha Filha, em sair do lugar onde sabeis que Deus vos quis collocar ?

— Penso que seria irritar Deus contra nós e obrigá-Lo a abandonar-nos.

— Ó meu Deus, eis uma grande verdade que acaba de dizer ! Reparai bem nela, minhas Filhas, eu vo-lo peço, «Porque disse ela, Deus aí nos collocou». Ouvistes alguma vez dizer que um soldado collocado pelo seu capitão num posto qualquer jamais tenha desertado dele ? Um soldado posto pelo seu capitão a fazer sentinela aí permanece, quer chova, quer faça vento, ou caia saraiva, quer gele de frio, ou os canhões atirem sobre ele ; não lhe é permitido retirar-se, ainda que tenha de morrer. E se é tão cobarde, que deserte, não há misericórdia para ele ; é atravessado pelas armas, por se não ter conservado no posto onde o seu capitão o collocara.

— Que outra razão tendes ainda, minha Filha ?

— Parece-me, Senhor, que mais valeria nunca ter vindo do que sair, porque ficamos com a alma atormentada, e creio que se não poderia estar descansada.

— Oh ! Respondo-vos a isso, minha Filha, não se poderia estar sosegado. Ah ! Sei de algumas pessoas que andam todos os dias atrás de mim para me pedirem por intermédio de toda a espécie de pessoas para as retomar. Ainda ontem vieram para uma, e há dias para outra, e diziam-me : «Senhor, esta pobre menina nunca mais terá descanso ; definha-se». Ora, minhas Filhas, nem todas assim são, porque há-as que vivem da insensibilidade. Mas a maior parte vivem tão inquietas que não sabem para que lado se hão-de voltar ; e é bem verdade que mais valia que nunca tivessem vindo. Ah ! Não poderiam contar as graças que recusaram. O Mestre das Sentenças considera a perseverança duma

donzela ou duma senhora tão importante que diz que a mulher que sabe resistir às tentações precipita o demónio nos infernos. O demónio está condenado a permanecer eternamente no inferno ; e ainda que saia para tentar, não deixa de trazer consigo o seu inferno. É a mulher que tem a força de lhe resistir confunde-o, de maneira que o precipita no fundo dos infernos para não mais de lá sair. É o Mestre das Sentenças que diz isto, minhas Filhas, o primeiro autor da teologia. Ora, como isto mergulha o demónio numa profunda tristeza, isto dá também alegria a Deus, sim alegria a Deus. Que uma mulher, que uma pobre donzela possa causar alegria a Deus! Oh! Sim, pode. Deus olha e sente prazer em ver a nossa fidelidade no meio das tentações. E é Sua alegria quando, apesar de todas as astúcias do espírito maligno, perseveramos no que empreendemos por seu amor. E vós, minha Filha, que devemos fazer quando nos sentimos tentados? Que meio julgais vós, que nos possa servir para resistir?

A Irmã respondeu que seria bom reler as resoluções tomadas durante os retiros.

— Ó minhas Filhas, que bom meio! Pois são pensamentos que nos vieram de Deus durante o tempo em que mais familiarmente tratámos com Ele; são provisões que nos deu para os casos de necessidade. Por isso é bom recolhê-los para deles nos servirmos quando for preciso. Que as que não sabem ler os mandem ler e que pense: «Não foi Deus que me deu este pensamento? Não foi impelida por um bom motivo que tomei esta resolução?» Oh! Como encontrareis aí, minhas Filhas, um excelente meio para vos pordes de novo a seguir o que tínheis começado! Alguma dirá: «Mas não haverá ninguém que não seja tentado? Pois é um jugo muito difícil. E o meio de conhecer sempre se são tentações?» A isto, minhas Filhas, responder-vos-ei que sim: há pessoas que não são tentadas, e essas pessoas são de duas categorias. As primeiras são as que fazem tudo o que lhes vem à ideia. Assim que sentem um desejo, satisfazem-no. Não sentem a tentação, porque aderem imediatamente a ela: E como não resistem, dizem que não são tentadas. As outras são pessoas espirituais para quem as coisas de Deus são tão doces e tão suaves que nunca sentem desgosto. Mas digo-vos que, geralmente falando, todos os servos de Deus são tentados. É S. Paulo que o disse. Só conheci dois servos de Deus que não tivessem sido tentados. Um tinha-se convertido e fizera-se sacerdote. Depois da sua conversão nunca mais teve qualquer dificuldade, jamais algum desgosto, o mais pequeno pensamento contrário à perfeição, tão satisfeito no seu estado que não mais podia ser. O outro era uma mulher, que se dedicara às boas obras e à devoção, onde fazia grandes progressos. Nunca

sentiu tentação alguma contrária ao bem que fazia. Ora, que aconteceu a estas duas pessoas? Foram tentadas por não serem tentadas. Diziam: «Sei bem que todos os servos de Deus são provados e sujeitos às tentações e que o demónio só deixa em descanso os que lhe pertencem. Portanto porque é que não sou tentado, nem sinto nada em contrário? Certamente Deus não quer saber de mim.» Não ser tentado, era para eles uma tentação mais forte do que se o tivessem sido; isso era para eles a cruz mais penosa que poderiam levar. Dizei-nos por favor, minha Irmã que pensamento tiveste sobre o assunto da conferência?

A Irmã respondeu que, enquanto amássemos as nossas regras, Deus não permitiria que perdéssemos a nossa vocação.

— Oh! Deus seja bendito, minhas Filhas! Eis um grande número de motivos e meios para serdes fiéis à vossa vocação e resistirdes às tentações contrárias, que vos possam vir. O tempo é pouco e não me demorarei a recapitulá-los; mas sobre o último dir-vos-ei: é verdade, minhas Filhas, que, enquanto amardes as vossas regras, não permitirá Deus que percais a vossa vocação. Entre as que vistes sair haveria alguma que fosse exacta nas suas regras? Não encontrareis nenhuma. Uma faltava a um artigo, outra a outro; nenhuma era afeiçoada a tudo. Vêeis pelo seu mau procedimento uma certa negligência em fazer as coisas à maneira de desobriga, e nunca este espírito de fervor e de recolhimento que se deve ter quando procuramos agradar a Deus. Amai portanto as vossas regras, minhas queridas Filhas, e considerai-as como o caminho por onde Deus vos quer conduzir a Ele, e estais certas, digo, de que enquanto as seguirdes, Deus, que vo-las mandou, que vo-las deu e que vos colocou no caminho de as praticar, não permitirá que vos extraveis. Quando Nosso Senhor disse aos Seus Apóstolos tudo quanto tinham a fazer, não lhes prometeu bens neste mundo; não lhes disse: «Estareis em descanso, estareis em paz, não tereis senão que servir-Me, nada vos impedirá»; mas sim: «Tereis que responder perante os reis, etc.» Prometeu-lhes cruzes, dificuldades e sofrimentos e, neles, a todos os que o quisessem seguir. S. Paulo não foi isento de tentações. Teve-as muito penosas e violentas. Não nos admiremos portanto, minhas Filhas, se algumas vezes formos experimentados; mas sirvamo-nos dos meios que Deus nos dá para lhes resistirmos, e sobretudo, peçamos-Lhes para nós e para as nossas Irmãs a graça de morrer mil vezes, se possível fosse, de preferência a de aderir jamais às tentações que o inimigo nos possa apresentar contra a nossa vocação.

É o que vos peço, meu Deus, para mim, para todas as nossas Irmãs aqui presentes e para todas as que não estão. Somos fracas, meu Deus, e capazes de succumbir ao primeiro assalto. Chamas-

te-nos por pura misericórdia ; que a Vossa bondade se digne conservar-nos ; e da nossa parte, ajudadas com a Vossa santa graça, contribuiremos com todas as nossas forças para prestar-vos todos os serviços e toda a fidelidade que esperais de nós.

Dai-nos portanto, meu Deus, dai-nos a graça de perseverar até à morte. É o que vos peço pelos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, confiando em que no-la concedereis. Pronunciarei as palavras de bênção, com as quais vos suplico vos digneis dar a toda a Companhia o espírito que, desde toda a eternidade, quisestes que tivesse.

Benedictio Dei Patris...

23 — CONFERÊNCIA DE 11 DE JULHO ⁽¹⁾ (1646-1649)

SOBRE A PUREZA DE INTENÇÃO

O primeiro ponto desta conferência trata das razões que as Filhas da Caridade têm para fazerem todas as suas acções com espírito de caridade e os olhos em Deus, que quer dizer, minhas Filhas, com a intenção de agradar a Deus ; o segundo, dos meios a tomar para fazer assim todas as suas acções ; e o terceiro, dos males que podem succeder ou do perigo que há em não fazer as suas acções com essa intenção.

Aqui tendes, minhas Irmãs, o assunto da presente instrução. Há muito tempo que não tínhamos uma de tão grande importância pois é a intenção que dá o peso a todas as nossas obras, para as tornar meritórias diante de Deus. Minha Irmã, quereis dizer-nos as razões que pensastes sobre este assunto ? A Irmã respondeu que, se fizéssemos todas as nossas acções com o intuito de agradar a Deus, seria Ele próprio a nossa recompensa. Ter o intuito de agradar a Deus, quer dizer que se não deve procurar a recompensa, mas agir unicamente por Seu amor. Sem esta intenção ser-nos-ia impossível perseverar na nossa vocação.

— Eis o que é belo, minhas Filhas ; não o posso deixar passar sem vo-lo fazer notar. Se as Filhas da Caridade assim procedessem, como dariam glória e prestariam serviço a Deus ; e como Ele próprio teria prazer e complacência nela ! E vós, minha Irmã,

(1) O ano desta conferência não foi notado no manuscrito. Como foi a Irmã Hellot que a escreveu, devemos colocá-la entre 1646 e 1650. Pode até dizer-se entre 1646 e 1649, pois a conferência XVIII foi feita a 14 de Julho de 1650.

porque devem as Filhas da Caridade fazer as suas acções em espírito de caridade ?

— Senhor, porque isso agrada mais Deus.

— E como devemos fazer para ter essa intenção de agradar mais a Deus, minha Filha ?

Devemos, logo de manhã, pedir a Deus a graça de não fazer nada durante todo o dia senão por Seu amor.

— E na falta disto, que acontece à pessoa que se mantém desde manhã atarefada, sem pensar noutra coisa senão em acabar o seu trabalho, sem pôr intenção alguma em Deus ?

A Irmã respondeu que faltando esta intenção, trabalhemos em vão, e o que fizermos não será tido em conta. Uma outra Irmã disse que, para nos obrigar a fazer bem todas as nossas acções, seria bom recordarmos a grandeza de Deus ; outra disse que se devia fazer as nossas acções com uma prontidão moderada e sem precipitação, tanto mais que é o que algumas vezes nos impede de levantar o espírito para Deus. Outra Irmã disse que uma razão para fazermos todas as nossas acções em espírito de caridade, é estarmos muito afastadas desta virtude; que é tão necessária, e sem a qual usaremos indignamente o nome de Filhas da Caridade, pois é para rezear que o sejamos apenas na aparência e não na realidade. Uma razão é que, se não agirmos com os olhos em Deus, agimos para agradar às criaturas, e por consequência recebemos a recompensa já neste mundo e não receberemos a de nosso Pai que está nos céus, pois não trabalhamos por Ele. Uma terceira razão é a advertência que S. Paulo nos faz, que, ainda que fizéssemos toda a espécie de boas obras, se não tivéssemos caridade, que quer dizer o puro amor de Deus, tudo isso de nada nos serviria. Um meio bom, é conservarmo-nos na presença de Deus, a fim de por esse meio nos excitarmos a agradar Aquele que nos vê constantemente, examinarmo-nos muitas vezes para ver se as nossas intenções não serão misturadas doutros fins além do amor de Deus, e procurarmos arrancar-los, se notarmos alguns que sejam impuros. Um outro meio é persuadir-nos a valer de que os pobres são os membros do Filho de Deus e que neles servimos a pessoa de Jesus Cristo. Sobre o terceiro ponto, pensei que, faltando este espírito, poderia dar-se uma grande desunião na Comunidade pois onde falta a caridade falta a união, e por consequência não haverá Comunidade, pois o que a mantém é a união dos corações ; dá mesmo em resultado perderem algumas a vocação ; porque, se as acções que se fazem forem baixas e rastejantes e se não se elevarem com o espírito de caridade e a intenção em Deus com que devemos fazê-las, facilmente nos deixamos persuadir e desalentar pelo espírito do mundo

que não é senão um espírito de soberba e de ambição e que não pode saborear as humilhações de Jesus Cristo.

Tomei a resolução de considerar somente a Deus em todas as minhas acções, a fim de as fazer por Seu amor, mediante a Sua santa graça. Outra Irmã disse, acerca do primeiro ponto, que era justo considerar a suprema majestade de Deus, que o principal fim das nossas acções deve ser agradar-Lhe, e que não lhe poderiam ser agradáveis, se estivessem desprovidas do espírito de caridade. A segunda razão é que, se não fizermos as nossas acções, com este espírito e esta intenção, estão perdidas para nós e não nos poderiam ser meritórias diante de Deus. A terceira razão é que somos chamadas Filhas da Caridade; e vamos contra o que esse nome significa, se nas nossas acções tivermos outro fim além do de agradar a Deus e de as fazer em espírito de caridade.

Para que as nossas acções sejam animadas desse espírito é bom uni-las às acções semelhantes de Jesus Cristo e recorrer à intenção contínua que teve de agradar a Seu eterno Pai, para suprir a que nos falta, e ao espírito de caridade de que eram animadas todas as Suas acções, para esquecer a tibieza das nossas.

Outro meio ainda é levantar todos os dias o nosso espírito a Deus, e, sendo possível, em cada acção principal, para Lhe pedir a graça de a fazer em espírito de caridade e com a intenção de agradar só a Ele. Sobre o terceiro ponto notei três faltas principais contra esta santa prática, a primeira das quais é que se não tivermos a intenção de agradar a Deus, nem o espírito de caridade, não faremos as nossas acções senão com indiferença, em que não haverá mérito algum. A outra falta seria fazê-las para nossa única satisfação, não tendo outro fim senão o nosso próprio contentamento. A terceira e a pior de todas seria fazê-las para agradar a outrém e conquistarmos a sua estima.

— Muito bem! Minhas queridas Irmãs, eis que vai bem, pela misericórdia de Deus. Apresentastes muito boas razões, e, pelo modo como as dissístes, parece que os vossos corações se comoveram com elas e que todas estais resolvidas a entrar na prática de nada fazer de hoje em diante senão com a intenção de agradar a Deus. Foi o que S. Paulo quis dizer com estas palavras: «Quer bebais, quer comais, fazei-o por amor de Deus, (I Cor, 10,31). Se, minhas Irmãs, as acções desta natureza se tornam meritórias e agradáveis a Deus em tudo, sendo feitas por seu amor, o que serão então as acções excelentes por si mesmas, como a oração, a prática das regras, a assistência dos pobres, etc. E todavia fazemo-las muitas vezes sem intenção e sem atenção. Ó meu Deus! Quanto perderemos, minhas Irmãs, por não nós aplicarmos ao que fazemos, e quanto tiramos a Nosso Senhor por

não Lhas darmos! Considerai, minhas Irmãs, o prazer que Deus sente em ver uma alma atenta em Lhe agradar, cuidadosa em oferecer-Lhe tudo quanto procura fazer! Ah! Não é pura imaginação, minhas Irmãs, e houve razão em dizermos que isso daria alegria a Deus. Ah! Sim, é a sua alegria, é o seu prazer, são as suas delícias. Acontece como à criança que tem o cuidado de levar a seu pai tudo o que lhe dão; se alguém lhe dér alguma coisa, não descansa enquanto não encontrar o pai! «Tome papá; eis o que tenho; deram-me isto; fiz aquilo.» E esse pai sente um prazer indizível em ver a docilidade dessa criança e essas pequenas provas do seu amor e da sua dependência. Do mesmo modo se dá com Deus, minhas Filhas, e num grau muito diferente. Quando uma alma lhe diz pela manhã: «Meu Deus, ofereço-Vos tudo quanto me acontecer neste dia,» e que, além disso, nas principais ocasiões que se apresentarem de agir ou sofrer, lança um olhar interior para a Divina Majestade para Lhe dizer numa linguagem muda: «Eis, meu Deus, o que vou fazer por Vosso amor; este acontecimento é para mim desagradável e difícil de suportar, mas por Vosso amor nada é impossível: então, minhas Filhas, Deus aumenta a graça à medida que Sua bondade vê o uso que a alma faz dela, e, se hoje teve força para vencer uma dificuldade, tê-la-á amanhã para passar por cima doutra ou várias, muito maiores e mais custosas.

Muitas outras coisas se disseram, que podiam fazer-vos compreender bem a importância desta prática, a glória que dela provém para Deus, e o bem que dela dimana para as pessoas que a isso se dedicam, e tornar-me-ia muito extenso se vo-las repetisse. Que se deve fazer portanto? Basta vê-lo. Disse-se primeiro que nos devíamos dirigir aos anjos da guarda, e é verdade... (1)

34 — CONFERÊNCIA DE 22 DE JANEIRO DE 1648

SOBRE O BOM USO DOS AVISOS

Primeiro ponto: as razões que temos para aceitar de bom grado que as nossas faltas sejam conhecidas e que sejamos avisados delas. Segundo ponto: os meios de aproveitarmos dos avisos que nos são dados. Há muito tempo, minhas Filhas, que não tratamos um assunto de tão grande importância. Trata-se de mostrar as razões que tornam conveniente e mesmo necessário que as

(1) O resto da conferência, perdeu-se.

nossas faltas sejam conhecidas e que os nossos Superiores ou outros façam a caridade de nos avisar delas. É uma prática que repugna à natureza; mas a graça torná-la-á fácil, se estivermos na verdadeira disposição que Deus pede de nós, no modo de vida que aprouve à Sua bondade escolher para nós. Minha Filha, será bom que os nossos Superiores sejam avisados das nossas faltas?

— Sim, meu pai.

— Porque razão é necessário que as saibam?

— Porque isso nos faz ter mais cuidado em nos vigiarmos.

— E vós, minha Filha, achais bem que, quando tivermos faltado, os superiores o saibam?

— Sim, Senhor, pois algumas vezes cometemos faltas sem as conhecer; e quando os Superiores têm a caridade de nos avisar delas, as ficamos conhecendo e teremos o cuidado de as evitar.

Mas, minha Filha, se fôr uma falta de que nos conhecemos culpados e que queiramos talvez continuar? Creio que isso não se dá na Companhia, e Deus se digne acautelá-nos disso! Mas às vezes pode acontecer. Uma Irmã pode ter algumas pequenas indisposições, em que verá um impedimento para se levantar de manhã, e, com receio de que isso a possa incomodar, ficará na cama. Sabe que isso é contra a regra; mas, porque vê alguma razão para se eximir, julga-se isenta; será conveniente que a Superiora seja avisada disso?

— Sim, meu Pai, porque o aviso da Superiora combaterá a frouxidão que nos impede de fazer o que devemos.

— E as Irmãs, que não estiverem na casa, minha Filha como as das paróquias ou das aldeias ou dos hospitais, será conveniente que, no caso de cometerem algumas faltas, elas as conheçam, ou a Senhora Le Gras, se fôr em lugar onde isso se possa fazer, ou então a Irmã Servente dos lugares onde estiverem?

— Senhor, penso que em qualquer parte onde estivermos, se cometermos faltas, será necessário que sejam conhecidas dos nossos Superiores e também dos outros, porque a confusão que daí provem levar-nos-á a não recommear.

— O quê! Minha Filha, se alguma vez vos imputassem faltas injustamente, que deveríeis fazer? Não seria melhor mostrar que se tinham enganado?

— Penso, Senhor, que seria mais agradável a Deus não dizer nada e aceitar essa calúnia com humildade, porque cometemos muitas outras faltas que ignoram.

— Pelo que vejo, minha Filha, julgais que, se nos repreendessem injustamente de alguma falta, seria mais conveniente sofrer

a correcção sem nada dizer do que justificar-nos. Oh! Certamente, penso como vós, e acho que é mais conveniente proceder assim, a não ser que o silêncio seja pecado ou vá ferir os interesses do próximo. É imitar Nosso Senhor. Quantas pessoas O acusavam, censuravam a Sua vida, criticavam a Sua doutrina e vomitavam execráveis blasfémias contra a Sua pessoa! Nunca todavia o viram desculpar-se. Foi levado de Pilatos a Herodes, e contudo nada disse para Se defender, e por fim deixou-Se crucificar. Não há nada melhor do que seguir o exemplo que nos deu. Minhas queridas Irmãs, a propósito disto, dir-vos-ei que nunca vi que tivesse acontecido algum inconveniente a alguém por se não ter desculpado; nunca. Não é a nós que compete esclarecer; se nos imputarem o que não fizemos, não nos pertence defender-nos. Deus quer, minhas Filhas, que Lhe deixemos o cuidado de esclarecer as coisas. Bem saberá, em devido tempo, fazer conhecer a verdade. Se soubésseis como é bom abandonar-Lhe todos esses cuidados, ah! minhas Filhas, nunca os teríeis para vos justificardes. Deus vê o que nos impõem, e permite-o sem dúvida para experimentar a nossa fidelidade. Conhece a maneira como o recebeis, o fruto que disso tirais, ou o mau uso que fazeis; e se na ocasião permite que permaneçais culpadas, oh! como saberá depois mostrar a verdade! É uma máxima verdadeira e infalível, minhas Filhas, que Deus justifica sempre aqueles que se não querem justificar. Dizei-me uma coisa, minha Filha, faz-se bem em não dizer nada quando nos avisam de alguma falta que não cometemos? Temos algum exemplo disso? Nosso Senhor deu-nos alguma

— Sim, meu Pai.

— Sim, minhas Filhas, temos nEle um exemplo disso, não numa só acção, mas em toda a Sua vida. Será uma boa prática, minha Filha, nestas circunstâncias considerar a Nosso Senhor diante de Pilatos, acusado injustamente pela população sem se defender? A Irmã respondeu que lhe parecia que esta prática era boa e útil, porque ordinariamente os nossos sentimentos levantam-se, e a natureza domina-nos imediatamente, se não nos acatarmos.

— E nesse caso não seria bom ir procurar uma das suas Irmãs, a mais íntima, minha Filha, e contar-lhe o seu desgosto? «Acabo de falar com a Superiora que me disse que tinha cometido tal falta. E todavia não é verdade. É certo que disse isso, mas não no sentido em que o tomou. Não me será permitido justificar-me? Ó meu Deus! Será toda a minha vida assim?» Que vos parece, minha Filha? Poderia haver inconveniente em desabafar desta maneira?

— Sim, Senhor, respondeu a Irmã, pois poderia atrair essa

Irmã para o meu lado, e, em vez de me sentir aliviada com isso, faria mal murmurando e daria à minha Irmã motivo para murmurar noutra ocasião quando alguma coisa a desgostasse.

— Considerais portanto, minha Filha, que seria um mal murmurar ?

— Sim, Senhor.

— Oh! Tendes razão, e é um mal tão grande que na Sagrada Escritura estão mencionados sete pecados a que Deus tem horror, e destes sete pecados diz-se que a murmuração é abominável aos olhos de Deus. Sim, minha Filha, de entre esses sete pecados parece que não há nenhum a que Deus tenha tanto horror como à murmuração; e se, de entre esses sete, estão especificados o assassinio e o roubo, no entanto a murmuração é mais abominável. Todas tendes horror em ouvir falar somente do assassinio; e todavia, se não apertarmos o freio às nossas desgraçadas inclinações, deixar-nos-emos muitas vezes levar à murmuração. Oh! Acautelai-vos disso, minhas Filhas. Que' pensais que seja a murmuração na vossa Comunidade? É uma peste que estraga tudo. Basta uma que murmure e uma que escute, para perder tudo. É a mãe da desunião.

Dizei-me, minha Filha, qual é a causa de nos desculparmos ordinariamente das faltas de que nos acusam termos praticado.

— Creio, Senhor, que é o orgulho que faz isso; e digo-o porque senti muitas vezes em mim mesma e me deixei levar algumas vezes às murmurações contra as minhas Superiores, do que peço perdão a Deus e a vós, meu Pai, e a todas minhas Irmãs.

— Bendito seja Deus, minhas Filhas, por Se ter dignado dar-vos a conhecer a origem desse mal! É verdade que vem do orgulho, que não pode suportar que se diga de nós outra coisa senão bem. E por isso, minhas Filhas, deveis esforçar-vos por arrancar da Companhia este desgraçado e detestável vício; e para conseguir mais facilmente, combinámos com a Senhora Le Gras que seria bom, nas conferências ordinárias das sextas-feiras, em que fazeis as vossas acusações, se alguma não se acusar de uma falta que tenha cometido, que uma das Irmãs que tenha sido testemunha dessa falta se ponha de joelhos e diga: «Minha Irmã, em espírito de caridade aviso-vos que cometestes últimamente tal falta. Sou tão miserável que cometo muitas outras que não conheço; mas, porque a regra me manda, aviso-vos desta; e se alguma notou as minhas, peço-lhe muito humildemente a caridade de me avisar delas.» E beijará em seguida o chão. Eis como julgamos conveniente que se avisassem das faltas, nestes termos, ou noutros semelhantes, mas sempre muito humildes e caridosos. Achais que isto poderá servir, minha Filha ?

O Senhor Padre Vicente teve a caridade de interrogar uma após outra várias Irmãs, mesmo das mais antigas, depois todas em geral; e todas concordaram. A Senhora Le Grás respondeu que considerava esta prática muito necessária, contanto que a Companhia não somente a achasse boa, mas, entrando no conhecimento do bem que dela lhe provinha, a desejasse.

A este respeito o nosso muito Venerando Pai disse :

Vistes, minhas Filhas, a grande cegueira que nos fecha os olhos aos nossos próprios defeitos; vistes o progresso que podemos fazer, se formos avisados como deve ser; aprovastes já o meio que vos propus; desejai-lo, minhas Filhas? Todas affirmaram que o desejavam. A Senhora Le Gras, pediu-lhe que permitisse que algumas das nossas Irmãs lhe fizésse também a caridade de a avisar. Ao que ele replicou: Não seria justo, senhora, que, tendo todas as Irmãs a felicidade de serem avisadas das suas faltas, vós e eu fôssemos os únicos privados deste bem e tão infelizes por não recebermos de ninguém essa caridade. Em todas as Comunidades há uma pessoa particularmente encarregada de avisar a Superiora. É preciso pois que uma Irmã, que será vossa coadjutora e ocupará na vossa ausência o vosso lugar, receba as queixas que tiverem a fazer, e que, depois de as haver escutado, faça a sua oração sobre isso e vo-lo diga. Mas tenho de me lamentar do que tem o cargo de me avisar, porque não tem bastante caridade e deixa passar muitas vezes faltas muito consideráveis. Eis, portanto, minhas Filhas, os meios de que Deus quer que a Companhia se sirva para procurar o seu adiantamento espiritual e a destruição do orgulho. Se houver quem não possa suportar os avisos, oh! é um mau sinal; é indício de que quer dar grande império ao orgulho; e é muito para rezear que não faça progressos, sem uma graça muito especial. Torna-se indigna de aproveitar desse meio, se desde já não procurar fazer uso dele. Se a Irmã que não estiver nesta disposição, for nova, e que depois de ter sido avisada, não mudar, penso que a Companhia a não deve conservar; se fôr antiga, oh! deverá corrigir-se, seja a que preço fôr, pois deve dar o exemplo. Ficai sabendo, minhas Filhas, que não devem ter umas um sentir e outras outro; é preciso que tudo seja uniforme e que todas, com o auxílio de Deus, permaneçais no desejo que acabais de manifestar.

Um Imperador tinha muitos filhos, dez ou doze, não sei. Antes de morrer quis mostrar-lhes como a união é importante para a paz dum Estado e para a felicidade de todos. Mandou que lhe trouxessem para o seu leito um molho de varas e disse ao mais novo: «Vem cá, meu filho, to na este molho de varas e parte-o em dois.» — «Não posso, meu Pai,» respondeu este. Dirigiu-se en-

tão a outro que respondeu o mesmo, depois ao terceiro, ao quarto, ao quinto, ao sexto e a todos os outros, reconhecendo todos a sua impotência. Então o pai disse ao mais velho: «Pega numa parte dele e vê se a consegues partir.» O que o mais velho fez com muita facilidade. O pai acrescentou: «Meus filhos, isto ensina-vos que, enquanto permanecerdes todos unidos e estreitamente ligados, nem todas as potências do mundo poderão alguma coisa contra vós; mas, logo que vos desunirdes, facilmente sereis aniquilados. Digo-vos o mesmo, minhas queridas Irmãs, se tiverdes sempre todas uma mesma vontade, um mesmo sentir, oh! a vossa Companhia, que a bondade de Deus teve o cuidado de formar, manter-se-à com fruto e exemplo, e todas as potências do mundo e do inferno nada poderão contra ela. Mas, desde que haja quem esteja apegado ao seu sentimento particular, adeus pobres Filhas da Caridade, se Deus não lhe deitar a mão.

Oh! praza à Sua bondade que, para sempre, enquanto o mundo existir, esta pobre Companhia, se conserve nos limites que lhe foram marcados, e possa, em humildade, prestar ao próximo o auxílio e a assistência a que se obrigou! Porque já é tarde, minhas Filhas, e a maior parte de vós é de longe, acabaremos noutro dia esta conferência. Todavia pediremos a Deus que Se digne abençoar a resolução que tomastes de quererdes todas, quantas fordes, ser avisadas das vossas faltas por quem e da maneira que o permitir, sem conservar sentimento algum contra a pessoa que as tiver revelado. Apraza a sua divina Majestade ter por agradável a disposição que pareceis ter, e Se digne Ele próprio abençoar este começo, embora, miserável como sou de proferir as palavras:

Benedictio Dei Patris...

Pensamentos da Senhora Le Gras

A primeira razão para aceitar que nos avisem das nossas faltas, é que, se as conhecêssemos bem, teríamos mais temor dos juízos de Deus. A segunda é que, se ficarmos contentes por conhecerem as nossas faltas e que isso nos faça conhecer bem a nossa fraqueza, suportaremos mais facilmente e com mais caridade o nosso próximo. A terceira é que somos cegas nesta matéria, e se, por sermos avisadas dessas faltas, as ficamos conhecendo bem, tiraremos daí grande proveito para o nosso progresso na perfeição que Deus quer e pede de nós, e para nos fazer conhecer as obrigações que temos para com a santa humanidade de Nosso Senhor; o que nos ajudará a aumentar o amor de gratidão que por Ele devemos ter. Um dos meios para tirar proveito dos avisos é testemunhar querer que não somente nos avisem das nossas faltas, mas também que delas avisem os nossos Superiores. Um segundo

meio é mostrar boa cara e affecto à Irmã que nos tiver feito essa caridade. Outro meio ainda, se sentirmos o coração levantar-se pela soberba e querer murmurar contra a que nos tiver feito bem, é pôr-nos de joelhos aos pés da cruz, se fôr possível, ou pgar no nosso cruxifixo e pensar quantas vezes foi Nosso Senhor acusado injustamente, sem que se tivesse queixado, e que pelo contrário disse que, se o tivessem visto proceder mal, o deveriam ter avisado disso. Tomei a resolução de, com a ajuda de Deus, fazer de hoje em diante melhor uso das menores palavras que me disserem para me avisar de alguma falta, do que até agora tenho feito, confessando diante de Deus e de vós, meu Pai, e de todas as minhas Irmãs ter faltado muito a isso pelo meu orgulho.

35 — CONFERÊNCIA DE 15 DE MARÇO DE 1648

SOBRE O BOM USO DOS AVISOS

Esta conferência, minhas Irmãs, é uma continuação da última, que foi acêrca dos avisos, isto é, sobre as razões que temos para aceitarmos de bom grado que sejam conhecidas as nossas faltas, entende-se isto da Superiora e das oficiais, e que delas sejamos avisadas. Achou-se este assunto tão importante para o bem da Companhia em geral e para o adiantamento de cada uma em particular, que se julgou a propósito fazer uma segunda instrução, em que cada uma, ou a maior parte, contará o uso que fez do que se disse na última conferência, nas ocasiões que se apresentaram; se não obstante a resolução tomada com os olhos em Deus e a promessa feita de comum acordo, tivermos mostrado palavras de azedume ou desprezo contra as Irmãs suspeitas de terem contado as faltas; se, em lugar de aproveitar o aviso, tivermos procurado investigar de que parte vinha, e se tivermos tido alguma murmuração. Dizei-nos por favor, minha Irmã, porque é que uma Filha da Caridade deve ficar satisfeita que a sua Superiora seja informada das suas faltas e a corrija delas?

Ao que a Irmã respondeu que era um meio de nos impedir de recair, e que todavia tinha sido tão fraca que tendo sido avisada de alguma coisa, não pôde concordar que tivesse havido falta; obstinava-se em afirmá-lo, tendo faltado nisto à submissão e caído em seguida num mau humor que teria podido, em muitas ocasiões, desedificar a Companhia; do que pediu perdão a Deus,

ao nosso Venerando Pai, à Senhora Le Gras e a todas as nossas Irmãs.

— Reconheceis portanto que isso são faltas, minha Filha?

— Sim, meu Pai, disse a Irmã, faltas que vinham da minha malícia e do meu orgulho.

— Oh! bendito seja Deus! Tendes razão em pensar assim, minha Filha; e agradeço à bondade de Deus, que vo-lo fez conhecer tão bem, que, vendo que era uma infidelidade contra Deus o não ter aceitado de bom grado, como Lhe tínheis prometido, os avisos que vos fossem dados, e que isto vos fez cair no descontentamento, na tristeza, na murmuração e no mau exemplo, de-sejais muito, para o futuro ser avisada.

Dizei-me pois, minhas Filhas, a que tivesse uma mancha bem visível no rosto e, sem que a avisassem assim fosse à rua, não teria razão para se queixar e dizer: «Fizestes com que escarnecessem de mim». E todavia dá-se o mesmo connosco. Não conhecemos as nossas faltas; neste ponto somos cegas. Aqueles a quem Deus encarregou de nos dirigir, e ainda muitos outros, bem o vêem; se não no-la disserem, não teremos razão de nos queixarmos, ou pensarmos que não nos julgam adiantados para podermos aproveitar dos avisos? Sim, decerto.

Se considerardes as vantagens que provêem à alma que é avisada das suas faltas, e a perda daquela que não recebe essa caridade, diríeis: «Oh! Quero ser avisada; é o maior bem e a maior caridade que me podem fazer. O quê! Todas as outras conhecerão as suas faltas, e eu seria como um percevejo na casa! Todos se afastarão de mim por causa das minhas imperfeições e serei como um percevejo que infectarei tudo e não darei por isso!»

Disse-vos esta palavra «percevejo», minhas Irmãs, porque é uma doença ignorada daqueles que a têm. Têm o estômago estragado, um hálito fétido, que infecta todos os outros, e eles próprios não o sentem. Um Imperador estava tão fortemente atacado desta doença que ninguém podia estar junto dele. O cheiro que exalava provocava náuseas a quem dele se aproximava, e não sabia nada. Um dos seus amigos disse-lhe um dia: «Majestade, deveríeis consultar sobre a vossa ozena alguns médicos célebres; dar-vos-iam talvez algum remédio». «O quê, respondeu o Imperador, sou ozénico?» «Soi-lo a tal ponto que ninguém pode permanecer junto de vós.» «Ah! Como mo ocultaram tanto tempo!» «Como é possível que os meus amigos não mo disseram!» «Como é que minha mulher não me avisou!» E foi ter com a Imperatriz: «Como é que, minha amiga, nunca me disseste que era ozénico?» «Ah! Senhor, respondeu ela, não fazia caso, porque julgava que o hálito de todos os outros homens cheirava como o vosso.» Grande

inocência a desta princesa! Mas considerai, eu vo-lo peço, qual é a natureza deste mal!

Ora, há a ozena do pecado que infecta as almas, como a outra infecta o corpo, e ficaríeis todas cheias dela que não pensaríeis sequer que estáveis contaminadas se os que não teem outro interesse senão a glória de Deus e a vossa salvação não vos avisassem disso. Senhora Le Gras, poderia dizer-nos se notastes algum progresso na Companhia desde que foi combinado avisarem-se umas às outras das suas faltas?

— Meu Pai, ainda não entramos a valer nessa prática, e isto talvez porque não pedi ainda à Irmã que vossa caridade designou para me fazer esta caridade. Não o fez ainda porque talvez o meu orgulho não tivesse suportado fãcilmente. Peço-vos muito humildemente perdão, meu Pai, e a todas as nossas Irmãs, desta negligência e de todas as faltas que cometi. Em espírito de humildade é caridade, dir-vos-ei que, desde a última conferência, embora as nossas Irmãs tenham dado o seu consentimento para serem avisadas das suas faltas, aconteceu muitas vezes que algumas não o receberam bem, murmuraram e disseram entre si. «Quem é que foi dizer isso?» Ou alguma coisa semelhante, que mostrava o seu desgosto de que conhecessem as suas faltas.

Algumas também se permitem não comungar nos dias que lhes são prescritos e isto sem pedir que sejam dispensados (1). tem-se introduzido também, meu pai, uma certa liberdade de não se levantar à hora de manhã. Conservam-se na cama até às cinco, e meia e seis, sem pedir licença, nem avisar das suas necessidades. Há ainda outras faltas, de que me não recordo nesta ocasião. Peço perdão a toda a Companhia de não ter avisado quando me lembrava delas.

— Eis portanto principalmente três coisas, minhas Filhas, em que a Companhia se desleixa, segundo nota a Senhora Le Gras; deveis ter cuidado com isso, pois são de grande importância.

A primeira é o levantar da manhã. Desejaria que, para vo-lo facilitar, vos propusésseis, desde à noite, serdes fiéis em responder à voz de Deus que vos chamará no dia seguinte. A voz de Deus, minhas Filhas, é o sino que vos chama para ir adorar a Deus. Pensai que vos diz: «Deus espera por vós vinde todas adorá-Lo. «É costume da Igreja, quando começa Matinas, dizer: «Vinde adorar a Deus, vinde todos». Parece chamar todas as nações, os príncipes e os povos para vir adorar a Deus; e é esse, minhas

(1) Actualmente o Direito Canónico recomenda ao Superior que promova entre os seus inferiores a comunhão frequente e até cotidiana. A disciplina sobre este ponto modificou-se portanto nitidamente desde S. Vicente. Seria o primeiro a recomendar a obediência à Igreja.

Filhas, o pensamento que deveis ter ao levantar-vos: «Vou adorar a Deus; Ele espera por mim para receber a oblação do meu coração». Quanto à comunhão, ó minhas Filhas, sabeis que se deve também pedir dispensa para a não fazer nos dias preceituados, e licença para a fazer nos outros dias. A partir do dia em que entrastes numa Comunidade sob a obediência duma Superiora, não podeis mais dispôr de vós como julgais e entendeis. Conhece-vos muito melhor que vós mesmas; é a ela que compete prescrever-vos o que deveis fazer. A outra falta é o assunto que estamos tratando; dissémos já alguma coisa sobre isso. Dir-vos-ei ainda mais, minhas Filhas, que, embora sintais repugnância em serdes avisadas das vossas faltas, não vos deveis admirar por isso, pois vemos poucas pessoas que ouvem dizer as suas faltas e não se perturbam. A natureza, amante de si mesma, não pode ouvir falar das suas imperfeições, sem dificuldade; mas devemos acostumá-la; e para isso, minhas Filhas, devemos castigá-la quando notarmos que caímos em alguma falta. Minha Irmã avisar-me-á, e, em lugar de me humilhar, procurarei justificar-me e mostrar-lhe que não tem razão; ou então, se não puder, contentar-me-ei em dizer a umas e a outras: «Disseram-me há pouco isto, mas não é nada disso; é que não ouviram bem, ou contaram mal. Quem será que inventa estas histórias? Se soubesse, eu lho diria». Ó minhas Filhas, assim que virmos que chegamos a este ponto devemos castigar-nos, para vencer esta maldita natureza, corrompida pelo pecado, que nos sugere todas essas razões. Deveis ir dizê-lo à Superiora, ou, se fôr uma Irmã: «Minha Irmã, peço-vos perdão, recebi mal o aviso que tivestes a caridade de me dar. Mas procurarei todavia fazer uso dele, e suplico-vos ainda se virdes que o meu amor próprio se revolta, que não deixeis de continuar».

Dir-vos-ei a propósito disto, minhas Filhas, que um santo religioso, grande personagem, sentia grande repugnância em ser avisado; e todavia, passados os primeiros movimentos, pois se encolerizava sempre, caía em si, pedia perdão e pedia que continuassem. Sustentou este combate durante três ou quatro anos, depois conseguiu vencer-se tão bem que não podiam dar-lhe maior prazer do que repreendê-lo, Sentia então com isso mais alegria do que a repugnância que tivera tido, e chegou a esse ponto pela violência que fez em sofrer os avisos e em se humilhar. Diga-nos, minha Irmã, porque é que convêm que nos avisem das nossas faltas?

— Porque é um meio de nos corrigirmos delas e por isso nos faz conservar a nossa vocação.

— Está muito bem; eis dois grandes meios que nos aponta a nossa Irmã: um meio de nos corrigirmos, pois quem é que se não

corrigiria depois dum aviso? E um meio de conservar a sua vocação; nada a pode conservar melhor do que emendar-se, por meio dos avisos, das faltas que no-la poderiam fazer perder, se delas não fossemos avisados. As Filhas de Santa Maria têm uma prática, que acho extremamente útil; quando uma delas avisa outra de alguma falta, a que recebe o aviso põe-se de joelhos e diz: «É verdade, minha Irmã, que cometi essa falta por malícia, por orgulho, ou por qualquer outro motivo; em tal ocasião cometi ainda uma com tal ou tal intenção.» Vêde, minhas Filhas, em vez de se desculparem, confessam as suas faltas, mostram-nas ainda maiores do que pareciam, e, além disso, acrescentam uma outra. Oh! Se aprouver a Deus que isto se introduza na casa e se faça em espírito de humildade, desafio todos os demónios do inferno, ainda que fossem dez vezes mais numerosos do que são, desafio-os, digo, a que consigam derrubá-la. A Irmã que está lá em baixo, parece-vos que seja conveniente avisarem-se das suas faltas?

— Meu Pai, parece-me que é o melhor meio que podemos ter para nos corrigirmos delas. Fui tão orgulhosa há pouco tempo, que, avisada duma falta por uma das minhas Irmãs, a quem eu mesma tinha pedido essa caridade, mostrei-lhe que não achava bem. Peço-vos muito humildemente perdão, e a vós, minha Irmã, que me fizestes essa caridade. A outra pôs-se de joelhos e disse: Minha Irmã, sou eu que vo-lo peço. Não vos dei o aviso a propósito, porque estava gente presente.

— Oh! Eis como vai bem! Uma acusa-se de não ter recebido o aviso, e a outra de não ter feito bem: e assim cada uma pretende atribuir a culpa a si mesma. Perguntava últimamente a um dos nossos Irmãos, que não é da casa daqui. «Como vai a vossa família, meu Irmão? Viveis bem na terra?» — «Ah! Senhor, respondeu ele, nem poderia ser doutra forma, pois andamos a ver quem mais se humilha; se há alguma falta, cada qual se diz culpado dela e a toma para si, de maneira que não temos dificuldades para viver em paz. Somos como as crianças, o que é uma admirável bênção de Deus». Este bom Irmão deu-me com isto uma extrema consolação e fez-me ver que a sua grande paz e união vinha de todos acharem bem que os avisassem das suas faltas e até se considerarem culpados delas; e, por esta santa emulação, andavam a ver quem se humilhava mais. Oh! É a chave da vida espiritual, minhas Filhas, desejar ser avisado, aceitar bem esses avisos e considerar que se nos conhecessem, ainda nos fariam ver muitas outras faltas. Isto humilha-nos em nós mesmos, pois, se olhassemos bem para nós, acharíamos que não há ninguém pior do que nós; e porque deixamos de olhar para nós, por causa da fealdade que em nós descobrimos, os avisos mostram-nos o que

o amor próprio nos esconde; e se os recebermos bem, veremos que isso nos levará pouco a pouco a uma perfeição maior.

Levantai-vos, minhas Filhas, disse às Irmãs que se tinham conservado de joelhos. Mas o santo costume é beijar o chão depois de se dizer a sua culpa... Oh! Como vai bem! Enquanto as Filhas da Caridade procederem desta maneira, isto é, avisando-se umas às outras em espírito de caridade, humilhando-se e permanecendo no conhecimento e confissão das suas faltas, ah! não prevalecerá o inferno contra elas e não conseguirá fazer-lhes mal. Mas também se algum de vós tivesse a má disposição de não querer ser avisada, e que, em vez de se humilhar, se irritasse e comunicasse o seu mau humor às outras, oh! até o mais pequeno dos demónios vos derrubaria com facilidade. Acautelai-vos muito disso, peço. Minha Irmã, apraz-vos dizer-nos por que razão se deve desejar ser avisado das suas faltas?

— Meu Pai, parece-me que isso nos aperfeiçoa cada vez mais e dá ocasião à Irmã que avisa, de praticar um acto de caridade, e à que é avisada um de humildade e submissão.

— Está muito bem. Tendes razão, minha Filha, em dizer que isso nos aperfeiçoa e que a Irmã que avisa pratica um acto de caridade e que a que recebe o aviso outro de submissão; pois que maior facilidade poderá haver para uma pessoa se aperfeiçoar, do que conhecer as suas imperfeições e que maior caridade se poderá fazer a uma pessoa que as não conhece, do que mostrar-lhas! Ah! Quando vemos um pouco de lama na roupa ou nos vestidos de alguma, dizemos imediatamente: «Tenha cuidado, minha Irmã, porque se manchou.» E havíamos de ver nela manchas da alma sem lho dizer! Oh! Seria faltar à caridade se a vissemos cair numa falta notável e que não notasse. Não quer dizer que toda a gente deva avisar, nem em todas as circunstâncias, mas devemos escolher a ocasião para que o aviso aproveite. Minha Irmã, aprás-vos dizer-nos os pensamentos sobre o assunto de que estamos tratando?

— Meu Pai, pareceu-me, na pequena meditação que fiz, que era necessário sermos avisadas para nos tornarmos cuidadosas em nos corrigirmos, conhecendo, por experiência própria, que cometo muitas faltas, que conheço e de que me não corrijo, porque não me dizem nada. Cometi muitas, tanto desde que estou na casa, como depois da última conferência, na prática das minhas regras, em que me não tornei cuidadosa. Pelo contrário, servi-me dos mais ligeiros pretextos para me dispensar do seu cumprimento, principalmente no levantar da manhã. E com isto desedifiquei muito a Irmã com quem estava, que muito bem podia notar que não havia legítimo motivo para o fazer. Faltei também muito a respeito dos avisos, porque me tenho descuidado em me corri-

gir das faltas de que me avisavam com tanta mansidão, para condescender com a minha fraqueza, e não fazia atenção de que eram avisos. Respondi também, por orgulho, à Senhora Le Gras, quando me fez a caridade de me avisar de alguma falta, não concordando em que tivesse sido falta, e querendo justificar-me com demasiada presunção. De tudo isto, meu Pai, peço muito humildemente perdão a Deus, à vossa caridade, à Senhora Le Gras e a todas as minhas Irmãs. Peço-lhes de todo o coração que digam as faltas que acharem em mim, para me corrigir delas.

— Bendito seja Deus, minha Irmã, pela confissão que a Sua bondade permitiu que fizésseis das vossas faltas! E uma grande disposição para vos corrigirdes delas. Quanto ao levantar da manhã, já falámos. Seria para temer que, se cada uma lhe não desse remédio, acabasse por não haver mais observância nisso. Um meio de impedir esta desordem, é não dar ouvidos às pequenas indisposições que queiram reter-nos na cama; pois, se ficardes hoje por umas, amanhã virão outras, e sempre achareis alguma.

Exceptuo as doentes, mas verdadeiramente doentes, e que sofrem por não poderem observar a regra. Fóra disso, não julgo que por ligeiras indisposições que não têm importância se devem dispensar de o fazer. Se vos sentirdes um pouco mal e ficardes hoje na cama e ainda amanhã e isso não passar, não é por falta de descanso, e julgo que para a vossa saúde o melhor será seguir a comunidade. Havia na nossa casa um sacerdote que era muito delicado consigo mesmo. Tinha algumas indisposições e pensava que o levantar cedo contribuía um pouco para isso. Disseram-lhe: «Pois bem Senhor, vamos ver; deixai-vos estar um mês sem vos levantardes cedo e ver-se-á durante esse tempo como vos achareis.» Esteve portanto, a dormir à vontade durante um mês, e no fim desse tempo veio ter comigo. «Ó senhor, disse ele, confesso que tenho de seguir a regra. Há tanto tempo que descanso, e estou ainda pior do que estava. Peço-vos licença para me levantar». Concedemos-lha; e anda muito bem. Tanto é verdade que o levantar cedo não prejudica nada; pelo contrário, dissipa os humores que o dormir demasiado aumenta, e haveis de ver que uma pessoa que se levantar regularmente cedo, terá mais saúde que a que mandriar e se levantar raras vezes cedo e a maior parte das vezes tarde. Nada aumenta mais humores prejudiciais que o dormir demasiado. Isso provoca-vos catarros, fluxões e mil outras indisposições que o exercício dissipa.

Além disso, é o levantar o primeiro acto de fidelidade que prestamos a Deus, quando o sino a isso nos convida; e ordinariamente deste acto depende tudo o resto. Acreditai-me, não se deve regatear com o travesseiro, pois não se ganha nada com isso. Ora

bem, minhas Irmãs, já é tarde; é tempo de que cada uma de vós, e eu em primeiro lugar, mais o necessito, fortificados com a graça de Deus que não nos negará, contanto que Lhe sejamos fiéis, tomemos a boa resolução de amar e estimar com uma ternura muito particular as pessoas que nos fizerem o grande bem de nos avisarem das nossas faltas, considerando que não há melhores testemunhos do que esses.

— Mas, meu Pai, disse uma Irmã, se uma Irmã pedisse a outra que lhe dissesse as suas faltas e esta se desculpassem por ser muito nova, seria bem!

— Ó minha Filha, a que se desculpassem estaria entre duas virtudes: entre a humildade que lhe sugeria ser demasiado nova e a caridade que a obrigaria a avisar a sua Irmã. Ora, como a humildade neste posto não diz respeito senão a si, a caridade, que se refere ao próximo, é mais perfeita, e deve, neste caso, preferir este acto ao da humildade. Ou antes, pratica um e outro; humilha-se, pelo pensamento de que não lhe pertence, como mais nova, avisar sua Irmã; e pratica a caridade aceitando, porque esta virtude assim o requer e a regra o ordena. Vêde, minhas Filhas, o que quereis fazer agora é o que a Igreja fazia no fervor dos primeiros cristãos. Durante quatrocentos anos viveu nesta prática, e não só no que respeita simplesmente ao povo, mas também em relação aos príncipes, reis e imperadores. O diácono, no rolo que tinha, escrevia as faltas de que era avisado; e isto fazia-se para seguir a palavra de Nosso Senhor, que dissera que, se o próximo não se corrigisse ao ser repreendido, em particular primeiramente, depois em presença de duas ou três pessoas, se recorresse à Igreja.

O próprio bispo o fazia também, quando o caso assim o requeria, como fez Santo Ambrósio ao imperador Teodósio. «Fizestes, disse-lhe ele, morrer muita gente, e por isso estais manchado de sangue inocente. Não vos abrirei a porta da Igreja, enquanto não vos tiverdes lavado por meio duma devida penitência, e vos probo de nela entrar.» «— Ah! Meu Pai, disse-lhe o imperador, pequei, confesso-o. Sois o meu Nathan; avisai-me da minha falta e reconheço-o. Ajudai-me a conseguir o perdão de Deus; farei tudo que me ordenardes».

— Seguistes David pecador, disse-lhe o santo, segui-o penitente, e abrir-vos-ei a Igreja. «E mandou-o embora assim, até que tivesse feito penitência. Um rei de França e imperador suportou a disciplina em público por uma falta de que era culpado; e Henrique primeiro, rei de Inglaterra, que mandou matar S. Tomás, bispo de Cantuária, foi condenado pelo Papa à disciplina em público, para satisfazer a sua ofensa. E suportou-a humildemente, pois é verdade que os reis devem reconhecer que dependem de

Deus, que é maior do que eles. Deus nos conceda a todos a graça de reconhecermos, enquanto vivermos, a importância desta prática e quanto pode contribuir para o adiantamento particular de cada um de nós e o adiantamento geral de toda a Companhia! Apraza à sua divina bondade abençoar a resolução que tomámos novamente de aceitar de bom grado e desejar que todas as nossas faltas sejam conhecidas dos nossos Superiores, e Se digne, com a Sua bênção, dar-nos o seu verdadeiro espírito para fazermos bom uso desta prática!

Benedictio Dei Patris...

36 — CONFERÊNCIA DE 1 DE MAIO DE 1648

SOBRE O BOM USO DAS INSTRUÇÕES

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência reduz-se a dois pontos: o primeiro trata das razões que temos para tirar proveito das instruções que nos são feitas nas conferências e noutros lugares pelos nossos Superiores; o segundo dos meios de que nos havemos de servir para pôr em prática as ditas instruções.

A Irmã que está lá adiante, quer dizer-nos o que pensou?

— Senhor, creio que uma das razões para tirarmos proveito das instruções que nos são dadas nas conferências é considerar que tendes junto de nós o lugar de Deus, e, por consequência, que devemos escutar-vos e aproveitar de tudo quanto nos dizeis, como vindo da Sua parte.

— Ah! Minha Filha, sou um miserável pecador e nada mais.

— E vós, minha Irmã, fizestes oração sobre o assunto de que tratamos? Apraz-vos dizer-nos o que pensastes?

— Meu Pai, pensei que, quando nos esquecemos do nosso dever, Deus permite que sejamos avisadas disso nas conferências; e vindo de Deus esse aviso, é para nós uma razão de aproveitarmos dele. E no segundo ponto, que trata dos meios, pensei que escutar estas instruções com humildade, era um bom meio para tirar proveito delas; e foi essa a resolução que tomei.

As duas Irmãs que foram interrogadas a seguir repetiram em resumo o que dissera a primeira.

Uma outra disse que era um meio de adiantarmos na virtude; outra, que era a voz de Deus que nos instrua nas conferências pela boca dos nossos Superiores, e que um meio de tirar proveito delas era persuadir-nos de que os avisos que nelas nos fazem são justos.

A este respeito o nosso Venerando Pai disse: Não sómente os avisos, minha Filha, mas tudo o que se diz, e não só o que diz o Superior, pois, ah! sou apenas um pobre pecador, mas tudo quanto as Irmãs dizem; pois, como vêdes, minhas Filhas, é Deus quem vos instrue por meio de vós mesmas sobre o que deseja que façais. Antes de saberdes o assunto de que havíamos de falar, não tínheis pensado nisso; pusestes-vos na presença de Deus, falou ao vosso coração e fez-vos compreender a razão por que devíeis aproveitar do que se diz nas conferências; ou, se se tratar doutro assunto de conferência, instrue-vos sobre as razões que tendes para praticar a virtude de que se trata e de que meio daí em diante vos servireis para isso. Interrogadas, dizeis-nos os pensamentos que tivestes, e por consequência devemos escutá-los como uma inspiração que Deus vos deu, para vós e para nós.

Minha Irmã, por que razão vos parece que uma Filha da Caridade deve tirar proveito do que se diz nas conferências?

— Senhor, porque Deus é assim glorificado.

— Quereis dizer, minha Irmã, que Deus na Sua bondade, querendo dar à Companhia as virtudes de que necessita, permite que receba essas instruções, e que é glorificado quando somos fiéis à prática do que ordena e que nos foi ensinado. E por que ainda?

— Para nosso adiantamento.

De maneira que, minha Filha, crêdes que os desígnios de Deus, quando manda dar-vos alguma instrução, é ajudar-vos a adiantar na perfeição do vosso estado; e tendes muita razão. E que deverá fazer uma Filha da Caridade a quem Deus deu, na meditação que fez sobre o assunto duma conferência, alguma luz para a conduzir na prática de alguma virtude, ou para se afastar de alguma imperfeição? Não deverá manifestá-lo? Deverá conservá-lo só para si? Oh! Não, deve dizê-lo sincera e humildemente, no conhecimento e no sentimento de que essa luz não vem dela, mas que Deus, que lha deu, quer que faça com que as outras participem também dela, do mesmo modo que todas lhe fazem participar das que receberam. Minha Filha, indicai-me um meio para aproveitar das instruções feitas nas conferências?

Ao que a Irmã respondeu que julgava conveniente para esse fim conservá-las na memória.

— Julgais vós, minha Filha, que uma Filha da Caridade, tenha alguma vantagem em fixar o que é dito nas conferências?

— Sim, meu Pai, porque isso servir-lhe-á nas ocasiões e edificará o próximo.

— Pênsais portanto, minha Irmã, que uma Filha da Caridade que vem à conferência com boas disposições e com os desejos de fazer bom uso das instruções que aí são dadas tanto pela

Superiora como pelo Superior e pelas Irmãs, que a escuta com grande atenção e intenção de agradar a Deus, e que volta com o espírito e o coração cheios das coisas com que Deus a tocou, pensais minha Irmã, digo, que esta menina pode ser útil ao próximo. E como lhe poderá ser útil ?

Oh ! Pela sua modéstia, pelo seu exemplo, pelas suas palavras, cheias do espírito de Deus, que tiver conservado ; ser-lhe-á ainda útil tornando-se pontual em dar-lhe no tempo devido tudo quanto lhe é necessário, levada pelo desejo de agradar a Deus e de Lhe ser útil nos Seus membros, que são os pobres. E julgais, minha Filha, que Deus não Se comunica a uma pobre Filha da Caridade, que, antes de o ser, não tinha senão um pouco de instrução e quase não sabia o que era Deus ; pobre menina, que talvez não tivesse saído do trabalho do campo ? Oh ! Ficai sabendo, minhas Filhas, que é a estas almas que Deus se comunica mais intimamente e com mais eficácia. Desde o dia em que essas almas se abandonaram a Deus e se consagraram a servi-Lo, a amá-Lo e a conhecê-Lo, ah ! essas almas elevaram-se, e a sua divina bondade comunica-lhes um conhecimento maior.

Mas, Senhor, que aprendem e que instruções têm na Companhia ? Sabei, minhas Filhas, que ainda quando não tivésseis outras senão as conferências de tempos a tempos e que fizésseis bom uso delas, isso bastaria para vos fazer atingir um alto grau de virtude e de conhecimento de Deus ; sim, bastaria isso. Há almas, mas almas santas e boas, às quais basta uma palavra para lhes dar profundos conhecimentos de Deus. Temos um exemplo disso entre nós : falo dum pobre lavrador dessas montanhas de Auvergne, que, toda a sua vida, trabalhara com a charrua e guardara cabras, e, neste trabalho, se applicara a Deus de tal maneira e falava d'Ele tão dignamente que não há prelado, teólogo, nem quem quer que seja, que pudesse falar de tal forma ; e não espero tornar a ouvir falar tão bem. E onde se instruiu ele ? Oh ! Instruiu-se em algum sermão, a que prestara toda a sua atenção, e em seguida meditara ; e Deus, que Se compraz nas almas simples e humildes, Se comunicara a ele abundantemente.

Se Deus concedeu esta graça a um pobre aldeão que trabalhava com a charrua e guardava as cabras de seu pai, julgais que a negue a uma Filha da Caridade que se dá e consagra ao serviço dos Seus membros e que, no seu trabalho, colhe, como uma abelha, o mel das palavras sagradas que tiver ouvido numa conferência, num sermão, numa instrução ou aviso que tiver recebido da sua Superiora ou de alguma encarregada de officio. Oh ! Minhas Filhas, não se deve pôr em dúvida que adiantem muito em pouco tempo as que estiverem neste caminho ; se se afastarem, voltarão

e vê-las-eis crescer em virtude, como o romper do dia, que é apenas um ponto ao nascer e que vai crescendo sempre até ao meio dia.

Acreditai-me, minhas Filhas, a baixeza não afasta de nós o Filho de Deus; não precisa de grandeza, é a grandeza por excellência, mas quer corações simples e humildes; e quando os encontra, oh! como é belo ver estabelecer neles a Sua morada! Afirma na Sagrada Escritura que faz as Suas delícias em viver com os pequenos. Sim, minhas Irmãs, o prazer de Deus, a alegria de Deus, o Seu contentamento, se assim se pode dizer, é estar com os humildes e simples que se conservam no conhecimento da sua baixeza. Grande motivo de consolação e de esperança para nós, e grande motivo para nos humilharmos!

E vós, minha Irmã, por que razão pensais estar obrigada às instruções que se dão nas conferências?

— Porque Deus, que no-las mandou fazer, nos pedirá contas, se as não soubermos fazer frutificar.

Ah! Minha Filha, tendes muita razão em temer que Deus vos peça contas disso, porque é a Sua palavra. Com que atenção não escutaríamos um mensageiro que nos viesse da parte do rei ou de algum grande senhor! Ah! Este pensamento e esta palavra que esta Irmã nos diz, é a palavra de Deus, é o pensamento de Deus. Oh! Com que justa razão devemos temer, se não fizermos caso da Sua palavra e se a não considerarmos como merece!

Minha Irmã, poderá dizer-nos ainda alguma coisa a este respeito? Esta Irmã leu o seu bilhete, que continha o seguinte:

A primeira razão que acho para tirar proveito das instruções que nos são dadas nas conferências é que Deus é com isso glorificado e nos instrue para cumprir os actos da nossa vocação com mais virtude e perfeição.

Outra razão, é que nos serve para adiantarmos na virtude, e para instrução nossa e do próximo. Tive ainda outro pensamento: é que as conferências são a escola de Jesus Cristo, à qual nos chama quando os nossos Superiores aqui nos mandam vir. É por isso que nos devemos apresentar com grande desejo de aproveitar; pois, sem esse desejo, nunca aproveitaremos. Outro meio, é escutá-las com muita atenção. Um outro é pensar nisso muitas vezes e falar delas umas com as outras.

Foi interrogada outra Irmã e disse que uma das razões para nos obrigar a tirar proveito das conferências, era que nelas éramos instruídas do que diz respeito às nossas regras. Um outro motivo, é que se não tirarmos fruto delas, será para temer que Nosso Senhor nos abandone a nós mesmas e nos deixe sem instrução, como mandou aos Apóstolos que fizessem nas cidades onde os não qui-

sessem ouvir. Um meio de aproveitar delas, é pôr logo em prática o que ouvimos.

Uma outra Irmã disse que, sendo as conferências sugeridas pelo Espírito Santo, era para crer que nada nelas se trataria que não fosse necessário saber e praticar. Uma outra razão é que, se não aproveitarmos, Deus nos pediu: disse rigorosas contas, como meios que nos deu para irmos até Ele e de que não nos servimos.

Meios para isso: ter em grande consideração as instruções; pedir o auxílio do Espírito Santo antes e depois de as ouvir, a fim de que Se digne imprimir nos nossos corações aquilo que ouvimos; nas ocasiões que se apresentarem para praticarmos a virtude ou fugir do vício de que se tratou, lembrarmo-nos do que nelas foi dito, para nos fortalecermos.

Tendo sido pedido à Senhora Le Gras que mostrasse o que Deus lhe havia inspirado sobre o assunto, disse que uma das razões para aproveitar das instruções dadas nas conferências era que Deus, vendo que não fazíamos caso das instruções dadas por Ele mesmo, pelos bons movimentos e santas inspirações, ou por meio dos nossos bons anjos, permitiria que os nossos Superiores nos avisassem das faltas em que podéssemos cair, ou do caminho que devemos seguir para chegar à perfeição do nosso estado. Se deixarmos esta graça, será para reçar que a Sua bondade no-la tire, e que permaneçamos sem luz; o que seria para nós uma grande desgraça: para cada uma em particular, dado o perigo de perder a vocação; e para toda a Companhia em geral, que estaria perto da sua ruína. E deixaríamos o próximo sem o auxílio que deve esperar de nós; o que nos faria cair na infidelidade às graças de Deus. Para bem nos compenetrarmos disto, devemos pensar que, vindo esta palavra de Deus, a devemos apreciar como a Ele mesmo e não deixar passar alguma sem dela tirar proveito.

Outro meio é vir com grande desejo de se tornar melhor; e para isso pedir ardentemente essa graça ao Espírito Santo antes da instrução, para que com o Seu auxílio, a escutemos com devoção e atenção e dela falemos umas com as outras depois de a ter ouvido, e nisto pensemos com frequência.

Foram interrogadas várias outras Irmãs, que, em termos diferentes, disseram pouco mais ou menos o que se disse acima; razão porque não contamos aqui o que disseram, mas somente o que disse o nosso Venerando Pai.

Minhas Irmãs, dou graças a Deus pelas luzes que Se dignou dar-vos sobre o presente assunto; mas, antes de nos ocuparmos dos pensamentos que tivestes, é conveniente que saibais donde vieram as conferências e desde quando estão em uso.

Sabeis, minhas Irmãs, que as conferências serviram a Nosso

Senhor para o estabelecimento da Sua Igreja. Desde o dia em que reuniu os Seus Apóstolos, as fez; depois, quando a Sua Companhia se tornou maior e teve apóstolos e discípulos, teve algumas vezes reuniões com eles; e foi numa conferência dessas que S. Filipe, cuja festa celebramos hoje, disse a Nosso Senhor: «Senhor, falais-nos do Vosso Pai, mas mostrai-nos o Vosso Pai»; e Nosso Senhor respondeu-lhe: «Quem me vê, vê Meu Pai; Meu Pai e Eu somos um». (S. João 14,8-9).

Os Apóstolos propunham nestas conferências as suas dificuldades, e Nosso Senhor respondia-lhes. Tratava do progresso da Igreja e dos meios de que Deus Se serviria para a fazer florescer.

De maneira que se pode dizer, minhas Irmãs, e é certo, que foi Jesus Cristo que instituiu as conferências e delas Se serviu para o começo, o adiantamento e a perfeição da Sua Igreja; e, depois da Sua morte e da Sua gloriosa Ascensão, os Apóstolos e os sacerdotes não faziam aos fiéis outras instruções senão sob a forma de conferência. Não havia sermões; quando os cristãos estavam reunidos, começava-se a conferência.

Desde os Apóstolos e durante muito tempo continuou a praticar-se o uso das conferências, na primitiva Igreja; mas tendo-se tornado tão grande o número dos cristãos que era impossível conseguir instruí-los desta forma, começou-se a pregar em público; as conferências porém não deixaram de continuar entre os chefes da Igreja: os sacerdotes, os diáconos e os que eram empregados na sua instituição.

Daqui conhecemos quão grande e grandíssimo deve ser o apreço em que devemos ter as conferências, pois foram instituídas pelo próprio Jesus Cristo, que Se serviu delas com os Seus Apóstolos para o estabelecimento desta grande monarquia da Igreja que chegou ao ponto em que A vemos. Permitiu que depois de um longo uso esse costume fosse algum tempo abandonado, e permite que se renove nos nossos dias, dando-nos este meio para nosso adiantamento, como o de que Se serviu para o adiantamento da Sua Igreja. Grande graça, grande misericórdia de Deus, minhas Irmãs, que na Companhia das Filhas da Caridade haja esta bênção, de poderem fazer entre elas o que Nosso Senhor fazia com os Seus Apóstolos!

A segunda coisa a notar, é que Nosso Senhor está no meio de nós quando nos reunimos para Sua glória; e não o podemos pôr em dúvida, pois disse: «Quando Vos reunirdes dois em Meu nome, estarei no meio de vós». (S. Mat. 18,20). Ora, se Deus promete a Sua presença a dois, minhas Irmãs, com tanto mais razão a dará a toda a Companhia, composta dum grande número, que se reúne em Seu nome e por Seu amor e para procurar trabalhar para

Sua glória. Posto isto, é forçoso concluir que esta acção é de grande importância para a glória de Deus e nosso adiantamento, e que é preciso fazê-la com a intenção de agradar a Deus e de receber a instrução que aí nos manda dar para a pôr em prática, a fim de Lhe ser agradável.

Com intenção, pois é a Sua palavra. Diz, falando aos Superiores: «Quem vos ouve, a Mim ouve». (S. Luc. 10,16). Porque não é a palavra do vosso Superior, ah! pobre miserável! oh! não; é a de Deus, que Se digna, por ele, ou pela que falar (pois poderis receber instrução duma Irmã, sim, duma Irmã), que se digna, digo, fazer-vos ouvir por este meio o que deveis fazer.

Com respeito, pois está presente e vos vê e vos ouve e observa de que maneira recebemos o que nos manda dizer. Sabido isto, minhas queridas Irmãs, primeiramente, que as conferências são do tempo de Jesus Cristo; segundo, que, quando nos reunimos para as fazer, está no meio de nós, devemos saber que Nosso Senhor, para nos dar a conhecer e fazer compreender o apreço em que devemos ter a sua santa palavra, a uma boa mulher que lhe dizia: «Feliz o seio que te trouxe e o peito que te amamentou», respondeu: «Mais feliz é aquele que ouve a Minha palavra e a guarda» (S. Luc. 11,27-28).

Vêde, minhas Irmãs, o lugar em que Nosso Senhor coloca a Sua palavra: Confessa Sua mãe bem-aventurada por tê-Lo trazido, uma mãe escolhida por Deus, desde toda a eternidade, para ser a mãe de Seu Filho, uma Mãe bendita entre todas as mulheres, que confessa que Deus operou n'Elas grandes coisas e que todas as gerações a chamarão Bem-aventurada; e Nosso Senhor põe acima duma tal mãe «o que ouvir a Sua palavra e a guardar.»

De maneira que devemos ter, minhas Filhas, uma grande alegria quando sabemos que se apresenta uma ocasião de ouvirmos essa palavra sagrada, palavra de vida eterna. Quando vos mandam o bilhete, que os vossos Superiores vos avisam de que em tal dia se fará uma conferência, oh! grande regozijo deve haver entre vós, minhas Irmãs. A que primeiro ouvir ou receber o bilhete, deve dizer à outra quando a vir: «Ah! Minha Irmã, que boa notícia tenho para vos dar! Teremos amanhã conferência; ouviremos da boca dos nossos Superiores ou das nossas Irmãs a Vossa santa palavra, meu Deus. É a Vossa palavra, meu Deus, pois sois Vós que lha inspirareis.»

Nosso Senhor, para exprimir a diferença que há entre as pessoas que ouvem a Sua palavra, declara no Evangelho que a palavra de Deus é semelhante à semente que o lavrador lança no seu campo. Uma parte, diz Ele, cai no caminho, e os pássaros vêm e a comem, é pisada pelos que passam, e por isso não

produz fruto algum. Uma outra parte cai entre as pedras; dá algumas hastes, mas morre antes de produzir fruto e fica da mesma maneira perdida para o dono, como a primeira. Uma outra parte cai entre espinhos, e, em vez de criar raízes, é logo sufocada e assim fica tão infrutífera como a primeira. A quarta parte cai numa terra bem lavrada, encontra profundidade; oh! essa germinará, criará raízes, crescerá e frutificará de maneira que um grão produzirá cem, ou pelo menos sessenta (S. Mat. 13,1-9).

Nosso Senhor quis com isto mostrar-nos a diferença que há entre as pessoas que assistem às conferências. Todas se deixam levar à verdade, mas é para temer que aconteça como à semente do lavrador. Esta bela semente da palavra de Deus é lançada em todos os corações que a escutam; esta bela palavra, esta santa e vivificante palavra é destinada a servir de alimento a todas as almas. É como o grão que o semeador leva, o qual se tornaria um bom alimento se encontrasse em toda a parte uma terra fértil onde pudesse frutificar.

Há almas que ouvem a palavra de Deus e a recebem, mas as aves do céu, que são as distrações, levam-na imediatamente como a semente que cai no caminho, e nada lá fica, porque não teve ocasião de germinar. Apenas ouvida, logo perdida, porque o primeiro pensamento que se apresentou ao seu espírito as distraiu.

Outras recebem-na no seu coração e falam dela em qualquer circunstância; mas, como a mortificação não preparara o seu coração, era uma terra dura e não lavrada. A semente também germinou e cresceu um pouco, mas morreu logo sem produzir fruto. Outras almas representam a semente que cai entre os espinhos. Recebem, na verdade, essa divina palavra, mas as tristezas, os cuidados e a preocupação de que estão cheias sufocam a palavra que receberam; pois, por terem o espírito demasiadamente inquieto, não se sustentam com este santo alimento.

É verdade, minhas queridas Irmãs, que é preciso ir aos doentes para lhes levar os remédios, que o bairro é comprido e o número dos doentes muito grande; mas é verdade também que isso não deve prejudicar a prática das vossas regras é especialmente a oração, que vos dispõe para receber a palavra de Deus com fruto e proveito. Há entre vós, almas boas, cheias de estima pela palavra de Deus, e convencidas da necessidade que dela têm, humildes, submissas, mortificadas e sem preocupações nem melancolia, numa santa alegria baseada em Deus e tendendo para Deus.

Ah! Minhas Irmãs, essas almas são como uma boa terra bem lavrada e cultivada que recebe a semente, dá-lhe a seiva necessária e a faz abundar no tempo próprio. Oh! Há-as entre vós, graças a Deus, não direi quantas, mas pela misericórdia de Deus,

são muitas. Tende cuidado, minhas Irmãs, em que cada uma de vós seja desse número; fazei de maneira que essa divina palavra encontre profundidade para poder criar raízes.

Postas estas bases, porque, minhas Irmãs, devemos aproveitar das conferências e instruções que nos são feitas? Disséstes: porque Deus fala pela boca das que são interrogadas. Deus prometeu comunicar-se aos pequenos e aos humildes e manifestar-lhe os Seus segredos. Portanto porque não havíamos de crer que o que se diz é de Deus, pois é dito por pequenos e a pequenos? Sim, minhas Irmãs, Deus tem nisso um tal prazer que, podemos dizê-lo, é seu grande prazer dar-se a conhecer aos humildes. Belas palavras de Jesus Cristo, que mostram bem que não é nos palácios nem entre os príncipes que Deus faz as Suas delícias! Di-lo num lugar da Escritura: «Ó meu Pai, louvo-Vos e dou-Vos graças por haverdes escondido estes mistérios aos grandes do mundo e tê-los manifestado aos humildes.» (S. Mat. 11,25). Não quer pompa e ornamento exterior, mas compraz-Se numa alma humilde, numa que é instruída só por Ele e não faz caso da ciência do mundo. Que motivo para vos afeiçoardes às conferências, minhas Irmãs, pois é nelas que Deus vos manifesta os Seus segredos, é nelas que vos descobre os meios do vosso adiantamento!

Se se tratar duma virtude, esta apresentará uma razão, aquela outra; esta um meio, aquela outro; e Deus quer que cada uma seja estimulada por todas as razões que são apresentadas, e instruída por todos os meios que são manifestados.

Mas foi uma menina que achou esta razão e este meio. — Não importa. Foi Deus por ela; foi Deus que lhos comunicou; é d'Ele que vêm, e, porque foi Deus, devem ser preciosos para vós e deveis recebê-los cuidadosamente. A terceira razão, como muito bem se disse, é a utilidade que tiramos das instruções para o nosso procedimento. Uma Filha da Caridade encontrar-se-à em casa duma senhora, dum doente, de alguma outra pessoa, e ali apresentar-se-lhe-à ocasião de praticar a virtude da modéstia ou sofrer alguma coisa que repugne à natureza; que se lembre de alguma boa palavra ouvida, numa conferência; ah! então ficará fortalecida e não terá dificuldade. Terá tido alguma desavença com sua Irmã, e o demónio tentará desviá-la de se humilhar, que se recorde de ter ouvido numa conferência quanto um acto de humilhação é agradável a Deus, oh! então irá lançar-se aos pés da sua Irmã, e ambas tirarão fruto da conferência que tenham ouvido há muito; de tal modo é verdade que as conferências são absolutamente necessárias e de grande fruto.

Se me perguntardes o que é que vos poderá alimentar, minhas queridas Irmãs, a cada uma em particular, dir-vos-ei que é a

oração, pois é o maná cotidiano que desce do céu. Mas, olhai, se me perguntardes o que é que poderá sustentar toda a Companhia, oh! é a conferência. Nada poderá dar mais luzes à Comunidade; nada lhe poderá dar mais instrução; nada poderá erguê-la tão bem das suas quedas e impedir que caia em falta, como as conferências. É por elas que Deus vos fala, é por meio delas que as suas determinações vos são manifestadas e o seus caminhos ensinados. Deveis louvar a Deus, minhas Irmãs, por terdes entrado no uso das conferências, por terdes sido escolhidas para isso, pois, como vos disse, não se usavam mais e fostes formadas para as pôr em uso. Oh! Tende muito cuidado em não abusar dessa graça, minhas Irmãs.

Antes de continuar, dir-vos-ei (pois deveis saber isto) que, se não aproveitardes na oração, não tirareis grande fruto das conferências; pois, olhai, minhas queridas Irmãs, como o jardineiro emprega duas vezes por dia algum tempo para regar as plantas do seu jardim, que, sem esse auxílio, morreriam durante os grandes calores, e que, pelo contrário, graças a essa humidade, tira da terra o seu alimento, pois um certo humor, que nasce dessa rega, sobe pela raiz, corre pelo caule, dá a vida aos ramos e ás folhas e o sabor aos frutos; assim também, minhas queridas Irmãs, somos como esses pobres jardins nos quais a seca faz morrer todas as plantas, se o cuidado e o trabalho dos jardineiros não o impedir; e para isso tendes o santo uso da oração, que, como um doce orvalho, vai refrescando todas as manhãs a vossa alma pela graça que atrai de Deus sobre vós. Estais cansadas dos acontecimentos e das dificuldades, tendes ainda, à tarde, esse salutar refrigerio, que vai dando vigor a todas as vossas acções. Oh! Como a Filha da Caridade colherá fruto em pouco tempo, se for cuidada em se refrescar por meio desta rega sagrada!

Vê-la-eis crescer todos os dias de virtude em virtude, como esse jardineiro que vê crescer todos os dias as suas plantas, e em pouco tempo avançará como a bela aurora que se levanta de manhã e vai crescendo sempre até ao meio dia. Assim, minhas Filhas, crescerá até que tenha atingido o sol de justiça, que é a luz do mundo, e tenha entrado nele, como a aurora que se vai perder no sol.

Por todas estas razões, que dissestes e Deus vos sugeriu, minhas queridas Irmãs, ficastes talvez completamente persuadidas da importância destas instruções.

Passemos ao segundo ponto. Tiveram muita razão em dizer que, para aproveitar, era preciso apreciá-las. O que dissémos no primeiro ponto pôde fazer-nos compreender a estima que devemos ter por esta oração. Que devemos fazer depois? Ah! Também

se disse, disse-se, graças a Deus; acharam-se as razões e os respectivos meios para fazer bom uso das instruções. Disse-se que devíamos invocar a Deus ao principiar. Oh! Excelente meio, minhas Irmãs! Nem podeis fazer ideia como é eficaz. Oferecer a Deus o que se disser, oferecer-se a si mesmo para o ouvir e para aproveitar, oferecer todas as que estiverem presentes e pedir o auxílio do Espírito Santo, dos nossos anjos da guarda e dos que aí estiverem, para o que fôr dito se imprima nos corações pelo ministério do Espírito Santo e que lhe sejamos fiéis pelo ministério dos nossos anjos do guarda; fazer um profundo acto de humildade diante de Deus, reconhecer-se indigna de participar desse benefício pelo abuso que temos feito das graças de Deus, e tomar a resolução de fazer em tudo melhor uso delas.

O segundo meio é escutar bem, com fiel atenção, as sagradas palavras de Deus que saírem da boca daqueles em quem as colocou, e, enquanto escutar, levantar muitas vezes o seu espírito para Deus, para Lhe pedir a graça de aproveitá-las. Meu Deus, ouço o que se diz, mas, se não concederdes essa graça ao meu coração, esta divina semente não germinará nele.

Além disso, minhas queridas Irmãs, deveis edificar-vos com tudo, pois deveis acautelar-vos de julgar e de dizer: «Esta ou aquela disse isto e não o faz», ou então: «esta disse melhor que aquela,» «aquela não disse bem». Ó meu Deus! Minhas queridas Irmãs, fujamos disso como dum veneno que a serpente infernal lançasse na Companhia, acautelemo-nos disso como da morte e do inferno. Devemos escutar tudo com humildade e simplicidade, tomar cada uma para si as instruções que aí nos são feitas, e não fazer como aqueles que vão à pregação sem devoção. Escutam se o pregador fala bem. Se reprende os vícios, em vez de se corrigirem, dizem: «Oh! Como falou bem de fulano!» «Oh! Como mostrou bem a acção a beltrano!» E não tomam nunca nada para si próprios. E assim irão toda a sua vida aos sermões sem se emendarem. E no fim do tempo, se Deus não fizer um milagre, morrerão miseravelmente nos seus pecados.

Um terceiro meio é esforçar-se por guardar bem o que se ouviu. Diz-se da Santíssima Virgem que guardava no Seu coração as palavras de Seu Filho; enchia-se delas e meditava-as depois, de modo que não perdia nada de todas as suas instruções. Ora, vêde, minhas queridas Irmãs, se a Santíssima Virgem, que tinha tanta conversação e comunicação com Deus, a quem eram descobertos os sagrados mistérios e que nunca perdia a presença de Deus, se, digo, com todas as Suas luzes naturais e sobrenaturais, de que era tão soberanamente favorecida acima de todas as criaturas, não deixava de guardar preciosamente as sagradas

palavras de Seu Filho, que não devemos nós fazer para tentar conservar em nossos corações a unção desta santa palavra! O bálsamo, que é um licor extremamente suave e odorífero, conserva sempre o seu perfume, contanto que se conserve num vaso bem fechado; pois, se não estiver assim bem tapado, o perfume evaporar-se-á e não encontrareis lá mais nada.

O quarto meio de aproveitar das conferências, também foi dito, é falar delas; e esse meio é muito proveitoso, pois falando delas umas com as outras, insinuareis docemente em vossos corações o que disserdes, inflamar-vos-eis na sua prática, e aquelas com quem falardes ficarão edificadas, instruir-se-ão e instruirão outras, e assim aproveitareis e fareis com que o próximo aproveite. Nas ocasiões que se apresentarem, lembrai-vos do que ouvistes. «Meu Deus! Lembrai-vos, minha Irmã, que em tal conferência, tal Irmã disse tal coisa a respeito disto?» Quando vos visitardes umas às outras, recordai-vos cada uma de vós do que tiverdes retido. Ó minhas queridas Irmãs, que fruto colhereis disto! É incrível; só experimentando-o. Quando vamos em missão para o campo, encontramos às vezes pais que não sabem nada, outros que sabem mais; e quando perguntamos a estes: «Porque sois mais instruídos do que outros?» Respondem-nos: «É que o meu filho vai à escola, Senhor; aprende lá o catecismo, e, quando volta, no-lo repete; e deste modo sabemos alguma coisa.»

Vêde, minhas Irmãs, os pais aprendem com os seus filhos; ficam muito satisfeitos que seus filhos os ensinem. E porque não haveríamos nós de ficar: contentes por aprender o que não sabemos?

A todos estes meios acrescento um, minhas queridas Irmãs, que é o de executarmos fielmente o que ouvimos, e isto sem demora, pois, se o adiarmos, esquecemo-nos e depois afrouxamos e acabamos por perder tudo. Logo que tivermos formado uma resolução forte e vigorosa de fazer bom uso das instruções que recebemos, mostremos com as nossas obras o proveito que tiramos, e atrairemos as bênçãos do céu para um novo progresso.

Nosso Senhor diz a este respeito: *Habenti dabitur*; Deus concederá àquele que fizer bom uso do que lhe deu. Nada atrai mais as bênçãos de Deus para fazer o bem, minhas queridas Irmãs, do que ser-lhe fiel e pô-lo em prática logo que nos é manifestado; como, pelo contrário, nada traz mais atraso para a alma do que a infidelidade.

Sabeis, minhas Irmãs, como Deus procede para com uma alma que despreza as Suas graças? Retira-as e então cai no endurecimento, depois no tédio, e por fim na impossibilidade de fazer alguma coisa; de forma que perde não só a graça que lhe é oferecida, o que é muito, mas também as virtudes que tinha e fica despida

de tudo o que a adornava, sem saber o que resolver nem para que lado se voltar. Apraza à bondade de Deus preservar a Companhia desse miserável estado, torná-la fiel à prática do bem !

Minhas queridas Irmãs, exorto-vos de todo o meu coração, pelas sagradas entranhas do Filho de Deus, que faz as Suas delícias entre vós, que não veio ao mundo, não trabalhou, suou, orou, velou e morreu senão para nos dar o exemplo do que devemos fazer, exorto-vos, digo, por esse inconcebível amor que tem por vós, a procurar sem demora pôr em prática o que ouvistes; e acreditai que é um dos meios mais eficazes que podereis encontrar para tirar fruto do bem que Deus vos oferece. Acreditai-me, minhas Irmãs, a nossa felicidade depende absolutamente da nossa fidelidade nisto, pois, aproveitando do que já fizemos, atrairemos bênçãos para o que fazemos; e, não perdendo nunca as ocasiões, cresceremos de virtude em virtude, como essa bela aurora que desde manhã vai crescendo sempre até ao meio dia.

Suplico a Nosso Senhor Jesus Cristo, que empregou as conferências para o estabelecimento, progresso e perfeição da sua Igreja, Se digne permitir que as graças de que vos cumular sirvam para o aumento e perfeição da virtude que quer que tenhais, e que a fidelidade que cada uma puser em corresponder a essas graças atraia sempre outras novas para trabalhar cada vez mais no alívio do próximo da forma que exige de vós para sua maior glória.

Benedictio Dei Patris...

37 — CONFERÊNCIA DE 31 DE MAIO 1648

SOBRE A ORAÇÃO

Minhas Irmãs, o assunto desta conferência é acerca da oração. O primeiro ponto é sobre as razões para não deixar de fazer oração todos os dias; o segundo, sobre os pensamentos que Deus vos tiver dado sobre a vinda do Espírito Santo. No primeiro ponto, minhas Filhas, tendes a considerar por que razões é bom e até necessário que uma Filha da Caridade não deixe de fazer todos os dias a sua oração, as vantagens que daí lhe advirão, se a fizer; e os prejuízos que sofrerá se faltar a ela.

Minha Irmã, aprez-vos dizer-nos os vossos pensamentos sobre este assunto?

— No primeiro ponto, pareceu-me que depois da sagrada comunhão é a oração o alimento da alma; e como temos todos os

dias necessidade do alimento espiritual para a conservação da nossa alma.

A segunda razão, é que na oração conhecemos a vontade de Deus, aperfeiçoamo-nos, tomamos novas forças para resistir às tentações e fortalecemo-nos na nossa vocação; enfim é nela que a nossa alma tem a felicidade de falar intimamente com Deus. Pelo contrário, quando não tivermos feito oração, andamos abatidas e não sentimos a presença de Deus no decorrer do dia.

Sobre o segundo ponto, que é sobre a vinda do Espírito Santo, pensei que, para sermos dignas que o Espírito Santo desça sobre nós, devemos ter grande união e não sermos senão um coração, principalmente entre nós, para melhor representar a união que o Espírito Santo tem com o Pai e com o Filho, e esvaziar as potências da nossa alma de todas as afeições desordenadas, para que o Espírito Santo encontre nelas lugar e as encha dos Seus dons e graças. Além disso devemos ter uma grande humildade e paz interior, porque o Deus de paz não habita senão num lugar de paz. Saberemos que O recebemos quando sentirmos mais amor e prontidão na aquisição das virtudes. Reconheci-me muito afastada dessa preparação e tomei a resolução de a procurar com a graça do Espírito Santo.

— Minha Irmã, peço-vos que nos digais os pensamentos que tivestes sobre este assunto.

— Meu Pai, uma das razões para não deixar de fazer todos os dias oração é a necessidade que temos de forças para combater a nossa natural inclinação para o mal e a obrigação que temos de corresponder aos desígnios que Deus tem de nos santificar, cujos meios nos dá na oração.

— E vós, minha Filha, dir-nos-eis o que pensastes?

— No primeitro ponto pensei que Nosso Senhor Se serviu da oração em todo o curso da Sua santa vida e praticou-a desde a sua infância, pois se afastava muitas vezes de Seus pais para ir orar no Templo de Jerusalém. Doutra vez, quando quis fazer eleição dos seus Apóstolos, recorreu à oração e continuou esta prática até à morte da cruz. E visto que o Filho de Deus nos deu o exemplo, devemos imitá-Lo. Uma outra razão é que a oração aproxima-nos particularmente de Deus e une-nos a Ele pela prática das resoluções que nela tomamos. Uma terceira razão é que uma Filha da Caridade que não fizesse todos os dias a sua oração não poderia ser verdadeira Filha da Caridade, pois é na oração que se adquire força para se animar no serviço de Deus e do próximo. Sobre a vinda do Espírito Santo, pensei que, se quisermos receber a graça do Espírito Santo na oração, devemos amar muito este exercício e ser-lhe fiéis todos os dias até à

morte, como ao alimento da nossa alma e ao seu pão cotidiano.

A respeito dos Apóstolos terem ficado transformados e falarem todas as línguas depois de haverem recebido o Espírito Santo, pensei que, também eu, reconheceria ter recebido o Espírito Santo se, nas minhas palavras ou nas minhas acções falasse uma linguagem diferente, abstando-me de dizer tantas palavras inúteis que digo muitas vezes por leviandade de espírito, deixando de dar maus exemplos às minhas Irmãs.

— Minha Irmã, quereis dizer-nos o que Deus vos sugeriu a este respeito?

— No primeiro ponto pensei que Nosso Senhor disse que a Sua casa era casa de oração e que, visto ter-nos concedido a graça de nos chamar ao Seu serviço, devemos dar-nos à oração para não faltarmos ao que se deve fazer na casa de Deus.

2.^o Como a oração é o alimento da alma, se deixarmos de a fazer, a nossa alma corre o perigo de desfalecer, como acontece com o corpo, quando deixa de tomar as suas refeições.

3.^o Fazer oração, é fazer o que os anjos e os santos fazem no céu ; é na oração que a alma se entretém no amor e familiaridade com Deus, que diminuirá infalivelmente se deixar este santo exercício.

4.^o A oração afasta-nos do pecado, pois como seria possível que, comunicando todos os dias com Deus, pudéssemos contrair o hábito do pecado, que Ele soberanamente detesta ! Se nele cairmos, Deus concede-nos a graça de o reconhecer na oração e dá-nos força para nos levantarmos. Portanto, é impossível que a alma fiel e exacta na prática da oração não faça progressos na virtude.

5.^o Deus dá-nos todos os dias na oração graça suficiente para trabalharmos no nosso adiantamento e faz-nos ver o que é conveniente seguirmos, ou o que é necessário evitarmos.

Quanto à oração de hoje ⁽¹⁾, pensei, sobre estas palavras «cumpriram-se os dias de Pentecostes», como Deus é fiel nas Suas promessas sem contudo mudar as ordens da sua presciência, como se vê neste mistério, que só se realizou no tempo que Deus tinha determinado, posto que parecesse necessário que o Espírito Santo descesse sobre os Apóstolos assim que Nosso Senhor subiu ao céu, para não os deixar sem consolação. E todavia viu-se depois que a demora tinha sido muito vantajosa para lhes fazer conhecer, pelos desgostos da privação, o bem que esperavam e dispô-los para isso ; o que me fez tomar a resolução de amar e adorar esta santa Providência, que dispõe todas as coisas para nosso bem, e confiar-me aos seus novos cuidados.

2.^o Pensei na alegria que experimentou a Santíssima Vir-

(1) Esta conferência teve lugar no dia de Pentecostes.

gem ao sentir-se tão cheia do sagrado amor do Pai e do Filho, que havia operado nela o mistério da Incarnação, os actos de adoração que rendeu a Deus, as acções de graças e o oferecimento que novamente fez de si mesma. Pensei também na alegria dos Apóstolos que se sentiam completamente diferentes do que eram antes, a coragem que os animava, pois, desde então, começaram a exercer o seu ministério sem receio algum. Dirigi-me à Santíssima Virgem, como Esposa do Espírito Santo, a fim de me alcançar d'Ele a graça de tomar posse do meu coração e de o abraçar no amor sagrado.

3.º — Considerei esse grande dom que Deus concedeu à Sua Igreja por meio do Espírito Santo, que é amor. Quis que começasse a aparecer publicamente depois de O haver recebido, para nos ensinar a todas que, como verdadeiras filhas da Igreja, devemos estar ligadas umas às outras por um santo e verdadeiro amor. Pedi ao Espírito Santo que me concedesse os Seus dons e os Seus frutos, que operasse em mim os verdadeiros efeitos do Seu amor e destruísse o amor próprio que tem dominado até agora em mim e que estou resclvida a combater, ajudada com a Sua graça e assistência.

Algumas outras Irmãs disseram em substância mais ou menos as mesmas coisas. O que faz que as omitamos. E como o nosso muito Venerando Pai estava com muita pressa, abreviou as perguntas que a sua caridade faz de ordinário à maior parte das Irmãs, e interrogou a Senhora Le Gras, que respondeu :

No primeiro ponto da nossa meditação, vi que uma das razões que temos para não deixar de fazer a oração todos os dias é a sua excelência, pois, fazendo-a, falamos com Deus. E nisto conheci grandes vantagens, Deus fazendo-nos por este meio conhecer a Sua bondade em descer até este ponto e levantar-nos de tal maneira a nós. Outra razão é a recomendação que o Filho de Deus tantas vezes fez de orarmos a Deus Seu Pai com palavras e com exemplos, tanto pela oração vocal que Ele próprio nos ensinou, como pela mental, advertindo-nos que Deus quer ser servido em espírito e verdade.

A terceira razão é que, sendo a oração um dom de Deus, devemos fazer o possível para o atrair sobre nós, não somente pelo grande proveito que daí nos pode advir, mas também pelo apreço que devemos fazer do doador.

O segundo ponto trata dos pensamentos que Deus nos deu na nossa oração de hoje. O meu espírito occupou-se da promessa que o Filho de Deus fez aos que o amarem e guardarem os seus mandamentos; vi como um e outro são justos, e Deus produziu em mim actos de vontade, dando-me grande confusão de ser honrada

com esta liberdade, dada a minha indignidade em todas as maneiras. Considerei que o efeito desta promessa chegou-nos plenamente hoje que o Espírito Santo foi enviado à Igreja, pelo Pai e pelo Filho, indicando-nos isto seguramente que a Santíssima Trindade permanece em nós e é neste dia que os filhos da Igreja se tornavam filhos adoptivos de Deus.

Esta vinda e habitação de Deus em nós é assinalada com plenitude de graças e de dons. Por isso desejei dar consentimento, tomando a resolução de trabalhar mais do que nunca em afastar os impedimentos que os meus sentidos e as minhas paixões. Lhes possam opôr, a fim de participar dessa plenitude que se via existir nos Apóstolos, sendo o seu entendimento iluminado e cheio da ciência necessária à sua vocação, a sua memória completamente provida das palavras e acções do Filho de Deus, a sua vontade toda ardente do amor de Deus e do próximo, por meio do qual o Espírito Santo, agindo poderosamente neles por esta plenitude, lhes faz dizer e ensinar eficazmente a grandeza e o amor de Deus.

Desejei muito glorificar a Deus nas suas maravilhas, dar-me a Ele para que fizesse em mim e por mim a Sua Santíssima vontade, posto que a verdade me faça ver a minha impotência e infidelidade que me fazem ofendê-Lo tanto e contrariar os seus desígnios. É o que mais temo é que tudo isto sirva de impedimento às graças que a bondade de Deus derramaria sobre a Companhia se eu fosse outra, do que lhe peço muito humildemente perdão, e de ter sido há pouco tão atrevida (estava de joelhos) em ter escolhido o assunto da conferência sem ter para isso a vossa inteira aprovação, meu muito Venerando Pai.

O nosso muito Venerando Pai mandou-a levantar e começou assim:

A primeira ou uma das razões que foram ditas sobre a importância e o grande bem que há em fazer oração todos os dias, é que Nosso Senhor a recomendou muito aos seus apóstolos e discípulos, nas instruções que lhes dava a respeito do que tinham a fazer depois da sua morte. «Diriji-vos a meu Pai, disse-lhes Ele, (S. João 14,13) pedi a meu Pai: tudo o que pedirdes em Meu nome vos será concedido.» E o que disse aos Seus discípulos, di-lo a nós, minhas Filhas. Em face desta recomendação do Filho de Deus, tão vantajosa para nós, pois nos dá a liberdade de nos dirigirmos a Deus por meio da oração, não deveremos conceber por ela um alto apreço e dar-nos a Ele para não faltar nunca à sua prática? E deveis ter grande cuidado, minhas Filhas, em fugir de todos os impedimentos que possam então nascer, com os quais a natureza fica às vezes muito satisfeita. Mas, quando isto acontecer e o notardes, oh! animai-vos por meio da recomendação que Jesus

Cristo fez sobre isso. Recomendastes, meu Deus, que orasse, e serei tão negligente que me dispense de o fazer! Oh! Vou fazê-la. Experimentareis todas, minhas Filhas, como esse motivo é poderoso, e os bens que daí vos advirão.

Aquele acrescento um outro: julgou-se conveniente que a fizesseis todos os dias, e as vossas regras dizem-no. Direi mais, minhas Filhas, fazei-a se puderdes a toda a hora, ou não saiais nunca dela, pois a oração é tão excelente que nunca se faz demais; e quanto mais a fizermos, mais a queremos fazer, quando nela se procura a Deus. Portanto, minhas Filhas, porque está escrito nas vossas regras que a deveis fazer, deveis quanto possível, procurar não a deixar nunca. E se esses remédios que tendes de ir levar de manhã, à hora da oração, vos impedirem de a fazer, deveis arranjar outra ocasião e proceder de maneira que vos apresenteis a Deus para isso.

Foi dado como segundo motivo a confiança que deve animar-nos quando fazemos oração, fundada nas promessas do Filho de Deus, de que será recompensada nos seus efeitos. «Pedi, disse Ele, e sereis atendidos.» Há pessoas de temperamento tímido e medroso que não ousam expôr nada com receio de que lhe seja recusado.

Jesus Cristo quis dar a certeza de que seríamos benvindos junto de Seu Pai invocando-O. Não se contentou com fazer uma simples promessa, posto que fosse mais que suficiente, mas disse: «Em verdade vos digo que tudo o que pedirdes em Meu nome vos será concedido.» Nesta confiança, portanto, não deveremos nós, minhas Filhas, empregar toda a espécie de cuidados para não perder as graças que Deus na sua bondade tem intenção de nos distribuir na oração, se a fizermos como deve ser?

Uma das razões que foram ainda alegadas, é que Nosso Senhor era homem de muita oração; e, como foi dito, desde a Sua infância se apartava da Santíssima Virgem e de S. José para invocar a Deus Seu Pai. E em todo o curso da Sua vida laboriosa era muito exacto e pontual em fazê-la. Viam-No ir de propósito a Jerusalém para a fazer, isolava-se dos Seus discípulos para orar, e não era para outra coisa que se retirava para o deserto. Ó meu Deus! Quantas vezes não se prostrou com a face por terra! Com que humildade se apresentava a Deus Seu Pai, carregado com os pecados dos homens! Enfim orou até ficar completamente exausto com o jejum a que Se sujeitava. Mas o Seu principal e contínuo exercício era a oração.

Na noite da Sua paixão, separou-Se ainda dos Seus discípulos para orar, e diz-se que se retirou para o jardim, onde ia muitas vezes fazer oração. E aí fê-la com tal fervor, tal devoção, que o

Seu corpo, pelo esforço que fez, suou sangue e água, como sabeis.

Portanto, minhas Filhas, volto ainda a examinar o que acabei de dizer; mas não farei senão repetir porque estou com muita pressa. Pela primeira razão, vemos que Jesus Cristo nos recomendou que orássemos; pela segunda vemos que nos dá confiança e a isso nos exorta amorosamente; e pela terceira, temos o exemplo que nos deu disso; pois nunca Se contentou com dizer, mas fez; e fez o que queria que fizéssemos, e não quis nunca coisa alguma que não fosse para nosso maior bem.

Por tudo quanto acabo de dizer podereis ver, minhas queridas Irmãs, que importância deve ter a oração, para ter sido recomendada, ensinada e praticada pelo Filho de Deus, e quanto é útil à alma.

Disseram além disso, e com razão, que a oração é para a alma o que o alimento é para o corpo, e que, assim como uma pessoa que se contentasse com tomar alimento apenas de três em três ou de quatro em quatro dias, desfaleceria imediatamente e correria grande risco de morrer, ou, se vivesse, ficaria enfraquecida, incapaz duma função útil, e tornar-se-ia por fim um esqueleto sem força nem vigor; do mesmo modo, dissémos, a alma que se não alimenta com a oração, ou que a faz raramente, tornar-se-á tibia, frouxa, sem força, sem coragem, nem virtude, enfadonha para os outros e insuportável para si mesma.

E alegaram muito bem que é por onde se conserva a vocação, pois é verdade, minhas Filhas, que uma Filha da Caridade não poderá perseverar se não fizer oração. É impossível que persevere. Permanecerá durante algum tempo, mas o mundo a vencerá. Achará o seu emprego demasiadamente rude, porque não toma esse santo refrigério. Tornar-se-á frouxa, aborrecida e por fim deixará tudo. E qual a razão porque tantas têm perdido a sua vocação, minhas Filhas? Oh! É porque deixaram a oração.

Disse-se além disso que a oração é a alma das almas, isto é, que a oração é para a alma o que a alma é para o corpo. Ora a alma dá vida ao corpo, fá-lo mover-se, andar, falar e agir em tudo o que é necessário.

Se o corpo não tivesse alma, seria uma carne infecta que só mereceria a terra. Ora, minhas Filhas, a alma sem oração é quase semelhante a esse corpo sem alma no que diz respeito ao serviço de Deus; não tem sensibilidade nem movimento, e apenas tem desejos baixos das coisas da terra.

Acrescento a isto, minhas Filhas, que a oração é como um espelho no qual a alma vê todas as manchas e fealdades; indica o que a torna desagradável a Deus; vê-se nEle; dispõe-se para em tudo se tornar conforme a Ele. As pessoas do mundo não saiem nunca de casa sem primeiro se terem composto diante do

espelho para ver se não haverá nelas alguma coisa defeituosa, se haverá alguma coisa que fira a decência. Há-as mesmo que são tão vãs que o trazem na cintura, para ver de vez em quando se lhes aconteceu alguma coisa que seja preciso arranjar.

Ora, minhas Filhas, o que as pessoas do mundo fazem para agradar ao mundo, não será justo que as pessoas que servem a Deus o façam para agradar a Deus? Não sairão nunca sem se terem visto ao espelho. Deus quer que os que O servem se vejam, mas que seja na santa oração e que aí, todos os dias e muitas vezes por dia, por meio de exames interiores e aspirações, vejam o que nelas pode desagradar a Deus, pedindo-Lhe perdão e graça para se corrigirem.

Disseram que é na oração que Deus nos faz conhecer o que quer que façamos e o que quer que evitemos; e é verdade, minhas queridas Filhas; pois não há acto na vida que nos faça conhecer melhor a nós mesmos, nem que nos mostre mais claramente a vontade de Deus, do que a oração. Os Santos Padres triunfam quando falam da oração; dizem que é uma fonte de juventude onde a alma rejuvenesce. Os filósofos dizem que existe entre os segredos da natureza uma fonte que chamam da juventude, cuja água faz rejuvenescer os velhos que a beberem. Seja como fôr a respeito dessa fonte, sabemos que há outras cujas águas são optimas para a saúde. Mas a oração rejuvenesce a alma muito mais verdadeiramente do que a fonte da juventude, no dizer dos filósofos, rejuvenesce o corpo.

É nela que a vossa alma, afrouxada pelos maus hábitos, se torna vigorosa; é aí que tendo vivido antes na cegueira, recupera a vista; os seus ouvidos, antes fechados à voz de Deus, abrem-se às boas inspirações, e o seu coração recebe uma nova força e sente-se animado duma coragem que até ali não tinha sentido. Donde se comprehende que uma pobre menina do campo que vem para vossa casa, grosseira, na ignorância das letras, e dos mistérios, se transforma em pouco tempo e se torna modesta, recolhida, cheia de amor de Deus. E o que é que faz tudo isto senão a oração? Foi uma fonte de juventude onde rejuvenesceu; foi aí que hauriu as graças que nela transparecem e que fazem dela o que vêdes. Há duas espécies de oração: a mental e a vocal. A vocal é a que se faz com palavras; a mental, é a que se faz sem palavras, mas com o coração e com o espírito.

Quando Moisés dirigia o povo de Israel numa batalha, enquanto o povo combatia, conservava-se diante de Deus com as mãos erguidas para o céu; e o povo durante esse tempo, vencia os seus inimigos; e, desde que Moisés deixava de erguer as mãos, o povo perdia. Grande força a da oração mental, minhas Filhas,

pois era esse o exercício de Moisés, quando estava assim com as mãos erguidas para o céu sem dizer palavra; e era bastante eficaz para fazer ganhar a batalha àqueles em favor de quem orava.

As Sagradas Escrituras contam ainda que Moisés estava um dia diante de Deus sem dizer palavra. E ouviu a voz de Deus: «Moisés, quebras-me a cabeça; obrigas-me a fazer o que não queria. Este povo é ingrato e rebelde à Minha Lei. Quero perdê-lo, e queres que o salve! Porque Me forças? Retira-te e deixa-me fazer a Minha Vontade. (Ex. 12,9-12)» Vêde, minhas Filhas, como Deus se sente preso pela oração, e pela oração mental, pois Moisés não dizia palavra, e todavia a sua oração era tão bem ouvida que Deus lhe dizia: «Quebras-me a cabeça, queres que faça o que não queria fazer.»

A oração, minhas Filhas, é uma elevação do espírito para Deus, pela qual a alma se desprende de si mesma para ir procurar a Deus. É um colóquio da alma com Deus, uma mútua comunicação em que Deus diz à alma o que quer que ela saiba e faça e em que a alma pede a Deus o que Ele mesmo lhe faz conhecer que deve pedir. Grande excelência que no-la deve fazer estimar e preferir a qualquer outra coisa!

A oração é mental ou vocal. A oração vocal, que se faz por meio de palavras, divide-se em três espécies: oração de obrigação, oração de devoção e oração de sacramento. A oração vocal de obrigação é o ofício que os sacerdotes têm que dizer. A oração de devoção é a que um faz segundo o movimento que Deus lhe inspira: as Horas da Virgem, da Cruz, as Ladainhas, as Vésperas, etc, que se fazem sem obrigação, mas por simples devoção. A oração vocal de sacramento é a que os sacerdotes dizem na santa missa, ordenada pelos sagrados cânones.

Eis o que diz respeito à oração vocal, minhas Filhas. Ainda que se faça com palavras, não deve fazer-se nunca senão com elevação de espírito para Deus, com muita atenção ao que dizemos. O rezar é uma coisa natural, vemo-lo nas crianças, e as suas oraçõesinhas são tão agradáveis a Deus que alguns doutores dizem que tem nelas grande prazer. E um grande personagem, o falecido Senhor de Genebra, considerava-as uma tal bênção que, quando as via, levava-as pela mão e fazia com que lhe dessem a bênção. Digo-vos isto, apenas de passagem, porque o tempo é pouco e não é desta espécie de oração que temos de tratar.

A oração mental faz-se de duas maneiras: uma de entendimento e outra de vontade. A de entendimento, quando, depois de ouvida a leitura, o espírito se põe na presença de Deus e se ocupa em procurar a compreensão do mistério que lhe é propôsto, em ver a instrução que lhe é própria, e em produzir affectos para abra-

çar o bem ou evitar o mal. É posto que a vontade produza estes actos, esta oração todavia chama-se de entendimento, porque a principal função daquela, que é a procura, se faz pelo entendimento. É o que ordinariamente chamamos meditação. Todos a podem fazer, cada um segundo a sua compreensão e as luzes que Deus lhe concede.

A outra espécie de oração chama-se contemplação. É aquela em que a alma, na presença de Deus, não faz outra coisa senão receber o que Ele lhe dá. Está sem acção, e Deus mesmo lhe inspira, sem que tenha trabalho algum, tudo quando poderia procurar, e muito mais. Nunca experimentastes, minhas Filhas, esta espécie de oração? Estou certo que sim muitas vezes nos vossos retiros, em que ficais admiradas de que, sem terdes contribuído da vossa parte, Deus por si próprio enche o vosso espírito e nele imprime conhecimentos que nunca tinheis tido.

Ora, é numa e noutra destas duas formas de oração que Deus comunica aos seus servos tantas e tão excelentes luzes. É então que esclarece o entendimento com tantas verdades incompreensíveis a todos os outros menos aos que se aplicam à oração; é então que inflama a vontade; é enfim então que toma uma inteira posse dos corações e das almas.

Ora deveis saber, minhas queridas Irmãs, que ainda que as pessoas instruídas tenham mais disposição para fazer oração, e que muitos a façam bem e tenham por si mesmos o espírito aberto a muitas luzes, os colóquios de Deus com as pessoas simples são muito diferentes. *Confiteor tibi, Pater*, etc., dizia Nosso Senhor. (S. Luc. 10,21). «Eu vos dou graças, meu Pai, por terdes escondido estas coisas aos sábios do século e tê-las revelado aos pequenos e aos humildes.»

É nos corações que não possuem a ciência do mundo e que procuram a Deus em Si próprios, minhas Filhas, que Se compraz em derramar as mais excelentes luzes e as maiores graças. Descobre a esses corações o que todas as escolas não acharam, e revela-lhes mistérios em que os maiores sábios nada descobrem.

E acreditareis, minhas queridas Irmãs, que temos essa experiência em nossa casa? Creio que já vos disse isto duas vezes, mas repetí-lo-ei ainda: fazemos na nossa casa a repetição de oração, não todos os dias, mas de dois em dois dias ou de três em três, conforme o permite a Providência. Ora, graças a Deus, os sacerdotes fazem-na bem, os clérigos também, uns mais, outros menos, conforme o que Deus lhes concede; mas quanto aos nossos pobres irmãos, oh! neles se verifica a promessa que Deus fez de Se revelar aos pequenos e aos humildes, pois ficamos admirados com as luzes que Deus lhes dá; e bem parece que é só Deus, pois

não têm ciência alguma. Será um pobre sapateiro, um padeiro, um carroceiro, e todavia enchem-nos de admiração. Falamos às vezes entre nós, cheios de confusão, por não sermos tais como os vemos a eles. Dizemos uns aos outros: «Vêde esse pobre Irmão; não reparastes nos belos e bons pensamentos que Deus lhe deu? Isto não é admirável? Pois o que diz, não o diz por o ter aprendido antes; é depois de ter feito oração que o sabe. «Grande e incompreensível bondade de Deus em fazer as Suas delícias em Se comunicar aos simples e aos ignorantes, para nos ensinar que toda a ciência do mundo é apenas ignorância, ao pé da que distribue aos que se aplicam em procurá-lo pela via da santa oração!

Posto isto, minhas queridas Irmãs, é preciso que vós e eu tomemos a resolução de nunca deixarmos de fazer oração todos os dias. «Digo todos os dias», minhas Filhas; mas, se fosse possível, dir-vos-ia: não a deixemos nunca e não deixemos passar tempo algum sem estarmos em oração, isto é, sem termos o nosso espírito elevado para Deus; pois, propriamente falando, a oração é, como dissémos, uma elevação do espírito para Deus. — Mas a oração impede-me de preparar este remédio, de o levar, de ir ver este pobre, esta senhora. — Oh! Não importa, minhas Filhas. A vossa alma não deixará de estar sempre na presença de Deus, e dirigir-Lhe-á sempre alguma aspiração.

Se soubésseis, minhas Filhas, o prazer que Deus tem em ver uma pobre menina da aldeia, uma pobre Filha da Caridade, dirigir-se amorosamente a Ele, oh! iríeis com muito mais confiança do que seria possível aconselhar-vos. Se soubésseis os tesouros e as graças que Deus destinou conceder-vos! Se soubésseis quanta ciência nela ouvis e quanto amor e quantas doçuras nela encontraríeis! Encontrareis tudo, minhas Filhas, pois é a fonte e a nascente de todas as ciências. Donde vem que vêdes pessoas sem instrução falar tão bem de Deus, explicar os mistérios com mais inteligência do que faria um doutor? Um doutor que apenas tem sua doutrina fala de Deus, na verdade, segundo a maneira que a sua ciência lhe sugere; porém uma pessoa de oração fala d'Ele duma maneira absolutamente diferente. E essa diferença entre ambos, minhas Filhas, vem de que um fala de Deus por simples ciência adquirida, e o outro por uma ciência infusa toda cheia de amor; de maneira que o doutor, neste caso, não é o mais sábio. E deve calar-se onde houver uma pessoa de oração, pois ela fala de Deus duma forma muito diferente do que ele poderia fazer.

Vimos o Irmão António, o pobre Irmão António. Conheceste-lo, Senhora Le Gras. Vistes alguma vez uma pessoa falar de Deus como fazia este homem? Quanto a mim nunca vi nada que

se aproximasse, pois dez palavras da sua boca faziam nos corações mais impressão do que nem sei dizer-vos que número de sermões. Era cheio duma unção que comunicava tão docemente aos corações que nos fazia estar de acôrdo. E onde tinha aprendido aquilo? Tinha aprendido em algumas prêgações que ouvira, e depois meditara; e Deus comunicara-se tão abundantemente a ele, que nunca se falou tão bem; e isto por meio da oração.

Dir-me-eis: «Nós compreendemos bem isso, Senhor, mas ensinai-nos. Vemos bem que a oração é uma coisa excelente, que é o que nos une a Deus, nos fortalece na nossa vocação, nos adianta na virtude, e nos desprende de nós mesmas e nos faz amar a Deus e ao próximo; mas não a sabemos fazer. Somos pobres meninas que mal sabemos ler, pelo menos algumas. Estamos na oração, mas não compreendemos nada, e pensamos que mais valia lá não estarmos. Ensinai-nos».

Os discípulos, minhas Filhas, diziam a Nosso Senhor: «Ensinai-nos, dizei-nos como devemos orar.» (S. Luc. 11, 1). E Nosso Senhor respondeu-lhes: «Dizei: *Pater Noster qui es in coelis.*» (S. Mat. 6, 9). E vós, minhas queridas Filhas, perguntais-me como se deve fazer, porque vos parece que nela nada fazeis. Antes de mais nada, tenho a dizer-vos, minhas Irmãs, que não deixeis nunca a oração, por vos parecer que estais ali inutilmente. Não vos admireis, as que sois novas, de ver passar um, dois, três, seis meses sem nada fazerdes; oh! não, não, nem mesmo um ano, dois ou três. Mas não deixeis de ir à oração como se fizésseis muito. Santa Teresa esteve vinte anos sem poder fazer oração. Não compreendia nada.

Ia para o coro e dizia: «Meu Deus, vou porque a regra manda, pois não vou lá fazer nada; mas, visto que o quereis, vou.» E durante todos esses vinte anos, posto que não sentisse senão tédio, não faltou sequer uma vez. E ao cabo de vinte anos, Deus recompensou de tal modo a sua perseverança, que nunca, desde os Apóstolos, alguém conseguiu igualar Santa Teresa. Sabeis, minhas Filhas, se Deus não vos quererá fazer outras santas Teresas? Sabeis que recompensa quererá dar à vossa perseverança?

Julgais que ao ir à oração nada ides fazer, porque não sentis gosto nelas; e deveis saber, minhas Filhas, que todas as virtudes estão nela contidas: em primeiro lugar, a obediência, da qual fazeis um acto nessa hora em que a regra vo-lo ordenou; a humildade, pois, pensando que não ides fazer nada, concebereis assim baixos sentimentos de vós mesmas; a fé, a esperança e a caridade. Enfim, minhas Filhas, nesta acção estão encerradas a maior parte das virtudes que vos são necessárias. E fazeis sempre bastante, contanto que a ela vades por espírito de obediência e humildade.

Por todas as razões, que nos mostram a bênção que Deus concede àqueles que praticam o exercício da santa oração, quer sintam nela gosto ou aridez, devemos agora, vós e eu, dar-nos a Deus para nunca faltarmos a ela haja o que houver. Se vos surgir algum trabalho para fazer, na hora de Comunidade, deveis arranjar outra ocasião, e recuperar aquele tempo de qualquer forma. Se soubésseis, minhas Filhas, como é fácil distinguir uma pessoa que faz oração, doutra que a não faz! Oh! Isto é bem visível. Vêdes uma Irmã modesta nas suas palavras e nas suas acções, prudente, recolhida, afável, alegre, mas santamente; oh! podereis dizer: «Eis uma pessoa de oração». Pelo contrário, a que não vai à oração ou poucas vezes, que fica satisfeita sempre que se apresenta a ocasião de não ir, será um mau exemplo, não terá afabilidade, nem para as Irmãs, nem para os doentes, incorrigível nos seus hábitos. Oh! É muito fácil ver que ela não faz oração. É por isso, minhas Irmãs, que é absolutamente necessário tomar cuidado em não se desleixar, pois, se hoje achardes uma desculpa para não ir, amanhã encontrareis outra; e assim por diante; e acabareis por vos retirardes dela completamente. E depois, será para temer que percais tudo, pois os vossos empregos são muito penosos. Se Deus não vos der com frequência força e graça, não lhes resistireis. A carne e o sangue não encontram neles delícia alguma, e é principalmente na oração que Deus vos dá forças. Aqui tendes portanto, minhas Filhas, um primeiro meio, que é não faltar nunca à oração. Um segundo, é pedir a Deus a graça de poder fazer a oração, e pedir-lha incessantemente. É uma esmola que Lhe pedis. Não é possível que, se perseverardes, vo-la recuse. Invocai a Santíssima Virgem, o vosso santo protector e o vosso anjo da guarda. Pensai que toda a côrte celeste está presente, e que, se Deus vo-la recusar a vós, não a recusará a Ela. E ora fará a Santíssima Virgem a vossa oração, ora o fará o vosso anjo da guarda, ora o vosso padroeiro; e deste modo não ficará a vossa oração por fazer, nem vós sem fruto. Será bom ainda, para se vos tornar mais fácil, ler o vosso ponto à noite e relê-lo ainda no dia seguinte de manhã, mesmo até duas vezes. Fazemos assim em nossa casa. Seria ainda conveniente que tivésseis à mão imagens dos mistérios que tendes de meditar. Ao contemplá-los, pensais. «Que representa isto? Que quer dizer aquilo?» E assim se vos abriria o espírito.

Uma serva de Deus aprendeu a fazer oração desta maneira. Contemplando uma imagem da Santíssima Virgem, dirigia-se aos seus olhos e dizia: «Ó olhar da Santíssima Virgem, que fazíeis vós?» E sentia responderem-lhe interiormente: «Vivia na modéstia e mortificava-me nas coisas que me pudessem trazer deleite.

— «Que fazíeis ainda? — Contemplava Deus nas criaturas e daí passava à admiração da Sua bondade.» E depois recomeçava : O olhar da Santíssima Virgem, que fazíeis mais?» Experimentava grande prazer em contemplar o meu Filho ; e, ao contemplá-Lo, era elevada ao amor de Deus.» — «Que fazíeis, ainda? — «Tinha grande prazer em vêr o próximo, principalmente os pobres.»

E daqui essa boa alma tirava a instrução precisa para tudo quanto tinha a fazer, à imitação da Santíssima Virgem ; pois, depois de acabar a meditação sobre os seus olhos, dirigia-se à boca, ao nariz, aos ouvidos e ao tacto. E deste modo aprendia a regular tão bem os seus sentidos que atingiu um alto grau de oração e de virtude.

Um outro meio ainda é, dirijo-me às que sabem ler, que tenha cada uma o seu livro. É bom que tenhais um cada uma, ou que aquella que fizer a leitura leia por períodos, que se detenha no primeiro período o tempo necessário ; depois passe ao segundo e se detenha ainda, depois ao terceiro ; e assim por diante. Deste modo se passará muito facilmente o tempo da oração. Se não encontrardes de que vos deter no primeiro período, passai ao segundo ou ao outro. A Rainha segue este método. «Não saberia fazer oração» diz ela. E manda ler ao pé dela, e depois faz a meditação sobre o que leram. Vários grandes personagens a imitam e fazem progressos.

Um outro meio, que será para vós um caminho para a oração, é a mortificação. São duas Irmãs que vivem tão estreitamente ligadas que não andam uma sem a outra. A mortificação vai primeiro e a oração segue-a ; de maneira, minhas queridas Filhas, que, se quizerdes vir a ser almas de oração, como vos é necessário, aprendei a mortificar os sentidos exteriores, as paixões, o juízo, a vontade própria, e não ponhais em dúvida que, em pouco tempo, seguindo por esse caminho, venhais a fazer grande progresso na oração. Deus olhará para vós ; considerará a humildade das Suas Servas, pois a mortificação vem da humildade ; e assim vos tornará participantes dos segredos que prometeu descobrir aos pequenos e aos humildes. De todo o meu coração Lhe agradeço ter-nos feito pobres, e da qualidade daqueles que, pela sua inferioridade, podem esperar atingir o conhecimento da sua grandeza e de ter querido que a Companhia das Filhas da Caridade fosse composta de pobres e simples meninas, mas que podem esperar a participação dos seus mais secretos mistérios. Dou-Lhe graças e lhe suplico que se dê graças a Si mesmo, e a Vós, meu Salvador Jesus Cristo, Vos peço que distribuais abundantemente à Companhia o dom da oração a fim de que, pelo Vosso conhecimento, possa adquirir o Vosso amor. Dai-lho, meu Deus, Vós

que fostes durante toda a Vossa vida uma alma de oração, Vós que a fizestes desde tenra idade, e continuastes sempre e finalmente, por meio dela, vos preparastes para afrontar a morte. Concedei-no-lo, esse dom sagrado, a fim de que, por meio dele, possamos defender-nos das tentações e sermos fiéis ao serviço que de nós esperais. Peço esta graça ao Pai, por intermédio do Filho, em nome dos quais, posto que miserável pecador, irei pronunciar as palavras de bênção,

Benedictio Dei Patris...

38 — CONFERÊNCIA DE 28 DE JULHO DE 1648

SOBRE O ESPÍRITO DO MUNDO

Conferência sobre o espírito do mundo, começada pelo Senhor Padre Thibault em 28 de Julho de 1648 e acabada a 25 de Agosto pelo Senhor Padre Vicente.

O assunto da presente conferência, minhas Irmãs, é sobre o espírito do mundo. Divide-se em três pontos. No primeiro, veremos as razões que as Filhas da Caridade têm para se darem a Deus para fugir do espírito do mundo; no segundo, o que é o espírito do mundo e em que consiste; no terceiro, os meios que cada uma deve tomar para evitar o espírito do mundo.

Apraz-vos dizer-nos o que pensastes a este respeito, minha Irmã?

— Uma das razões que temos para fugir do espírito do mundo é que Nosso Senhor não orou pelo mundo. A segunda razão é que S. Paulo disse que, se amássemos o mundo, perderíamos com ele. A terceira razão é que Deus teve desde toda a eternidade o desígnio de nos salvar por caminhos diferentes dos do mundo, os quais, se os seguirmos, nos afastarão de Deus.

No segundo ponto, pensei que o espírito do mundo me parecia ser um espírito libertino e ambicioso, que não tem outro ideal senão o de se satisfazer.

Um meio muito eficaz para fugir do espírito do mundo é a frequência dos sacramentos, que nos une a Deus e por consequência nos desprende do espírito do mundo. Outro meio é considerar o nosso vestuário que é pobre e duma forma absolutamente diferente do do mundo. E por consequência devemos estar afastadas do mundo, se não quisermos ser hipócritas trazendo um

vestuário contrário ao nosso espírito. A nossa comida pobre, é ainda um meio para afastar o nosso espírito do mundo. O trabalho também; ocupando nele o nosso espírito, o distrairá facilmente do espírito do mundo.

— Eis, minha Irmã, boas razões e muito bons meios para combater o espírito do mundo; pois seria verdadeiramente ridículo que, meninas vestidas como vos vestis, alimentadas como vos alimentais e empregadas nos trabalhos baixos e humildes a que vos entregais, conservassem, no meio de tudo isto, princípios, máximas e opiniões do mundo.

E vós, minha Irmã, dir-nos-eis algum outro meio ainda, para combater o espírito do mundo?

— Parece-me, meu Pai, que a prática das regras é um bom meio para nos desfazermos do espírito do mundo.

— Tendes razão, minha Irmã, contanto que lhes sejais fiel, não haverá nada que vos conserve mais em sujeição contra o espírito do mundo, pois são, graças a Deus, redigidas de tal maneira, que o não têm em ponto algum. E para vos tornar mais exacta na sua observância, será bom, minha Irmã, que vós e todas as que estiverem nessas mesmas disposições as leiais ou mandeis ler de tempos a tempos. A leitura das regras leva a alma a praticá-las. Se tivermos sido desleixados no seu cumprimento, sentiremos confusão por isso e resolveremo-nos a sermos-lhes mais fiéis.

Tendes ainda algum outro meio a dizer-nos, minha Irmã?

— Parece-me, Senhor, que o santo exercício da presença de Deus pode servir-nos muito para nos desprendermos do espírito do mundo.

— E vós, minha Irmã, pensastes no assunto da conferência? Dir-nos-eis por que razão deve uma Filha da Caridade dar-se particularmente a Deus para combater o espírito do mundo?

— Porque o espírito do mundo desagrade a Deus, sobretudo nas Comunidades.

— E um meio, minha Irmã, conheceis algum?

— Parece-me, Senhor, que a recordação dos pontos da conferência nos servirá para combater o espírito do mundo.

— E um meio muito bom, minha Irmã, é sobretudo procurar conservar os sentimentos que Deus vos tiver dado na meditação que fizestes sobre este assunto. Ora, para vos facilitar o meio de fazer facilmente essa meditação, dir-vos-ei uma palavra. Julgo que, de ordinário, as vossas conferências são, como as nossas, divididas em dois pontos: um, sobre as razões, o outro sobre os meios. Para entrar no primeiro, devemos ver que bem advirá a uma pessoa em praticar a virtude proposta e, pelo contrário, o mal que haverá em não a praticar, como por exemplo, no assunto

de hoje, ver quanto é conveniente que uma Filha da Caridade, que se deu a Deus para O servir no mais baixo emprego que se pode encontrar, esteja afastada do espírito do mundo e cheia do espírito de Deus; pelo contrário, o mal que haveria para ela e para o próximo, se, tendo-se dado a Deus neste estado de vida, estivesse ainda cheia do espírito do mundo.

Em seguida, se nos reconhecermos manchadas deste desgraçado espírito, consideremos os meios mais próprios para nos livrarmos dele. Se, pela misericórdia de Deus, não estivermos induzidas nesse espírito, veremos de que precauções nos devemos servir para não cairmos nele; e deste modo, minhas Irmãs, achar-vos-eis fornecidas de razões e de meios sobre os assuntos que vos forem propostos.

Minha Irmã, peço-vos que nos digais que pensamentos Deus vos deu sobre o presente assunto.

— Senhor, pareceu-me que um poderoso motivo para nos desprendermos do espírito do mundo, é considerar que Deus nos chamou a uma vocação que Lhe é absolutamente contrária. E como meios, parece-me que a humilde obediência, a prática da oração e o recolhimento interior nos afastarão do espírito do mundo. Mas, ao ter este pensamento, senti um pesar, Senhor, que não fazemos sempre oração, acontecendo muitas vezes que, à hora em que a deveríamos fazer de manhã, temos de ir levar os remédios; e à tarde há sempre também quaisquer medicamentos a levar, de forma que se passam muitos dias sem a fazermos.

— Minha Irmã, ainda que a oração seja extremamente necessária a uma Filha da Caridade, dir-vos-ei todavia que sendo o serviço do próximo a vossa função principal, quando se trata de o socorrer e que seja para reçar que fosse prejudicado se adiásseis, estais obrigadas á deixar a oração. É mais ainda, se não tivésseis outra ocasião para o ajudar senão o tempo da santa missa, deveríeis perdê-la, não só em dia de trabalho, mas digo também em dia de obrigação, antes do que deixá-lo em perigo, tendo sido a caridade estabelecida por Deus mesmo e praticada por Nosso Senhor Jesus Cristo, e sendo a missa apenas uma instituição da Igreja. Estou satisfeito, minhas Irmãs, por vos dizer isto acidentalmente, para que embora, tanto quanto vos fôr possível, vades pontualmente a todos os vossos exercícios, estejais todavia certas de que deveis deixar tudo pelo serviço dos pobres. Mas é preciso, minhas Irmãs, tanto quanto possível, acomodar Marta com Maria e dispôr os vossos afazeres de tal maneira que a acção e a oração se encontrem.

Minha Irmã, dir-nos-eis ainda alguma razão para nos obrigar a fugir do espírito do mundo?

— Senhor, parece-me que o Espírito Santo não se encontra onde existe o espírito do mundo; 2.º que com o espírito do mundo não há modéstia; 3.º que, se não fugirmos do espírito do mundo, correremos grande risco de perder a nossa vocação.

— Não concluirei esta conferência, minhas Irmãs, porque o Senhor Padre Vicente, que tinha desejo de vo-la fazer e não lhe foi possível, ficará muito satisfeito em concluí-la. É por esta razão que pouco mais acrescentaremos ao que dissestes. Além disso, não é a mim, que tenho motivo para recear estar ainda manchado desse espírito, que compete tratar eficazmente dos meios de combatê-lo, pois, para falar bem do espírito do mundo, é preciso estar cheio do espírito de Deus. De resto, não tendo sido avisado para isto, não me tinha preparado. Mas no entanto, não deixarei de vos dizer os pensamentos que me sobrevieram a este respeito enquanto estivestes falando.

O primeiro, extremamente forte e que não sofre objecção, é que sois cristãs, minhas Irmãs, e por consequência obrigadas a fazer guerra ao mundo, pelas promessas que fizestes a Deus na ocasião do vosso baptismo. Quando vos perguntaram: «Renunciais ao demónio, ao mundo e às suas pompas?» Respondestes: «Renuncio». E posto que o não tendeis dito vós mesmas, mas sim pela boca dos vossos padrinhos, estais obrigadas a guardar essa fidelidade a Deus e a satisfazer a promessa que fizeram por vós. Não de-sejaríeis decerto renunciar ao carácter sagrado que recebestes nesse sacramento. Deveis portanto guardar as promessas que fizestes; doutro modo, seríeis cristãs na verdade, pois o carácter não se pode tirar; mas, não praticando as suas obras, sê-lo-feis apenas de nome. Peço-vos que penseis um pouco nisto, minhas Irmãs: «Sou cristã por uma graça muito especial de Deus. Muitas outras serão condenadas por não terem recebido essa graça, e que teriam sido melhores do que eu se Deus lhes tivesse feito essa misericórdia. Quererei renunciar ao que prometi a Deus? Que grande crime seria esse e com que pena não mereceria ser castigada!» Com certeza que se entrardes a valer nestes sentimentos, conservareis o espírito de Deus e destruireis o espírito do mundo.

Deveis saber, minhas Irmãs, que cada um tem o seu espírito particular. Um é o espírito de fidalgo, outro o de homem de justiça, outro o de comerciante, outro o de um marceneiro e de um lavrador. E o espírito de cada um consiste em se aplicar ao que lhe é necessário saber para a sua profissão.

Deus concedeu-nos a graça de nos chamar a uma vocação completamente oposta ao espírito do mundo; e se, em lugar de nos applicarmos a conhecer e procurar o espírito de Deus, que

nos é próprio, nos conservarmos no espírito do mundo, que nos é contrário, seríamos como um homem de Estado que apenas tivesse o espírito dum artífice. Para conseguir bons resultados numa condição, é preciso que se tenha o seu espírito; caso contrário, prejudica-se tudo. Colocai um militar num escritório dum notário, e nada fará aí, porque não é esse o seu espírito. Ponde um padreiro na oficina dum alfaiate, e estragará tudo, porque um é o espírito dum padreiro, e outro o de um alfaiate.

Do mesmo modo, para ser boa Filha da Caridade, deve ter o espírito da sua vocação. Quando uma Filha da Caridade não tem o espírito da sua vocação, não consegue fazer bem, não obtém resultado em nada, não lhe vêdes caridade, nem recolhimento, nem modéstia; é motivo de desedificação para os que a vêem, e lemos na sua frente: esta Irmã não tem o espírito da sua vocação.

Qual é o vosso destino, minhas queridas Irmãs? Perguntá-lo-ia de bom grado e deveríeis perguntá-lo a vós mesmas. Quando vos consagrastes a esta maneira de vida, era para viver segundo o mundo? Se tivésseis esse desejo, não deveríeis sair dele. Se foi para mudar a forma de viver, é preciso mudar de espírito e tomar o que é próprio da condição que abraçastes; de contrário nunca conseguireis nada. O mundo, como já se disse, tem máximas completamente opostas às de Deus; e viver segundo o mundo, é viver como um inimigo de Deus. A Sagrada Escritura está cheia das invectivas que Deus fez pelos seus servos contra o mundo e contra o espírito do mundo; e o Filho de Deus na terra ensinou-nos com o Seu exemplo a combater o espírito do mundo. E de que maneira o ensinou? Ensinou-o pela pobreza, a humildade, a obediência, a penitência, a fome, a sede e finalmente pela morte que lhe foi procurada pelo mundo, e à qual foi condenado pelo mundo e pelas máximas do mundo.

Os que têm o espírito de Deus, minhas Irmãs, fazem obras de Deus. Deus é santo e eles fazem obras santas. Pois bem! Não quereis ser filhas de Deus? Sim, sem dúvida o quereis, e leio-o nos vossos rostos, que são o testemunho dos vossos corações. Sois Filhas da Caridade. Deus é Caridade, diz S. Paulo; e por consequência, sendo Filhas da Caridade, sois filhas de Deus.

E, para serdes verdadeiramente suas filhas, deveis fazer as Suas obras. Não o quereis? Sim, sem dúvida que quereis, e de todo o coração, combater o espírito e as máximas do mundo; pois, visto, seguindo as máximas de Deus, serdes filhas de Deus, e seguindo as máximas do demónio, sois filhas do demónio. E é o que não quereis ser, por isso lhe fazeis guerra com toda a vossa alma. E para lhe fazer guerra a valer é preciso saber, minhas Irmãs, o que é o espírito do mundo.

O espírito do mundo, segundo S. João, consiste na cobiça dos olhos, na concupiscência da carne e na soberba da vida. Estas três coisas são as fontes fatais e funestas donde derivam todos os outros canais que conduzem a alma à sua perda infalível. Para melhor poder considerar a sua enormidade, minhas Irmãs, demorai-vos um pouco a examinar qual foi o espírito de Jesus Cristo. Ah ! Não era rico, como se vê pelo que disse aos que o queriam seguir: «As aves têm os seus ninhos e as raposas os seus covis ; mas eu não tenho pedra onde repousar a minha cabeça.» (S. Mat. 8,20). Sabemos que, enquanto viveu com S. José e a Santíssima Virgem, ganhou a sua vida com o trabalho de suas mãos e que a partir do dia em que começou a pregar, viveu da caridade que lhe prestava Madalena e as outras piedosas mulheres que o seguiam e d'Ele cuidavam e dos Seus apóstolos. Ora, daqui, minhas Irmãs, podeis pensar que, se a riqueza fosse um meio necessário para a salvação, Nosso Senhor não teria vivido nessa pobreza, e concluir que o espírito do mundo que apetece e cobiça a riqueza, conduz à condenação.

Se alguma de entre vós, minhas Irmãs, não tiver amor pela pobreza, que lance os olhos para a do Filho de Deus ; se uma outra amar os aplausos, que percorra a vida de Jesus Cristo e veja de que maneira os recebia. Quando era louvado pela Sua doutrina e pelos Seus milagres, dirigia toda a glória a Seu Pai ; mas Seu Pai e Ele eram apenas um ; e é para nos ensinar que não devemos atribuir nada a nós mesmos.

Os cristãos dos primeiros séculos imitavam tão bem o espírito de Nosso Senhor, que por toda a parte onde iam, eram reconhecidos pela sua pobreza, sua modéstia, suas palavras e suas obras.

É um grande meio para combater o espírito do mundo, minhas Irmãs, considerar aqueles que viveram do espírito de Jesus Cristo. A vida dos santos é toda repleta dele e nunca o teriam sido doutro modo. Não julgueis que seja preciso ser tirado do mundo para o adquirir. Os Apóstolos conservaram-no entre os homens e comunicaram-lho pela sua conversação, pois conversação deriva da «versação», que significa verter dum espírito num outro os sentimentos que temos, por comunicação mútua. De modo que, para conservar o espírito de Jesus Cristo, minhas Irmãs, é necessário evitar as pessoas do mundo, que com os seus artificios tentam dissipá-lo, e entre vós não faleis nunca senão do que vos pode levar ao amor de tudo quanto Nosso Senhor recomendou.

O último meio, o que vos deve ser mais frequente, é pedir esse espírito muitas vezes e confiadamente a Deus, pois não vo-lo negará, minhas Irmãs. Prometeu-o aos que o quisessem seguir. Podereis recordar-lhe algumas vezes as suas promessas, se sen-

tirdes grande desejo delas. O quê! Meu Deus, estou cheia do espírito do mundo, e prometeste uma assistência especial aos que quiséssem seguir-vos; recusar-ma-feis para me livrar dum inimigo que tão audaciosamente combate a Vossa glória e se serve de tantos artifícios para impedir a minha salvação? Oh! Espero, meu Deus, que me dareis o auxílio necessário para o derrotar. Desejo-o e Vo-lo peço de todo o meu coração, que Vos suplico Vos digneis encher das santas máximas que ensinastes aos Vossos Apóstolos e aos que, cheios do Vosso verdadeiro espírito, venceram felizmente o do mundo. É o que convosco, minhas Irmãs, peço encarecidamente a Nosso Senhor, para vós e para mim que muito necessito. E na esperança de o alcançar pronunciarei a bênção.

Benedictio Dei Patris...

39 — CONFERÊNCIA DE 25 DE AGOSTO DE 1648

SOBRE O ESPIRITO DO MUNDO

Esta conferência já foi tratada, minhas Irmãs. E por essa razão, dispondo de pouco tempo, não me deterei quase nada em cada ponto. O primeiro trata das razões que as Filhas da Caridade têm de se darem a Deus para evitar o espírito do mundo. Dizei-me por favor, minha Irmã, quais são as razões que poderão levar uma Filha da Caridade a desfazer-se do espírito do mundo?

— Porque não podemos servir a dois senhores.

— O pensamento é muito bom, como vêdes, minhas Irmãs; pois a nossa Irmã quer dizer que, enquanto uma Filha da Caridade tiver o espírito cheio das vaidades do mundo, encontrar-se-à inclinada a segui-lo; e é infalível esta máxima de Jesus Cristo, que se não pode servir a dois senhores, e de tal maneira que todo aquele que estiver cheio do espírito do mundo está certíssimo de que não pode ter o de Jesus Cristo.

E vós, minha Irmã, dizei-nos uma razão, só uma, pela qual as Filhas da Caridade devem procurar desfazerem-se do espírito do mundo?

— Porque o espírito do mundo impede de nos ocuparmos de Deus.

— E vós, minha Filha, por que razão deveis desfazer-vos do espírito do mundo?

— Porque é absolutamente oposto ao espírito de Jesus Cristo, que disse Ele mesmo que não era do mundo.

Instrução XXXIX.— Caderno escrito pela Irmã Hellot. (Arquivo das Filhas da Caridade).

— E vós, minha Irmã?

— Porque os que são do mundo são deixados por Jesus Cristo, que disse que não rogava pelo mundo.

— E vós, minha Filha?

— Porque não vimos que os que chegaram a Deus na perfeição cristã tivessem tido parte no espírito do mundo.

— E vós, minha Irmã?

— Porque Nosso Senhor, na pessoa dos Seus Apóstolos, ensinou a todos os que O seguiram que o não deviam ter, dizendo-lhes: Não sois do mundo; se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria; mas não sois do mundo; e por isso o mundo vos odeia.» (S. João 15,19).

— E vós, minha Irmã?

Porque o mundo deve ser muito prejudicial à salvação do homem, pois Jesus Cristo, que é amante da paz, mandou aos Seus servos que se divorciassem do mundo.

— Senhora Le Gras, apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos sobre este assunto?

— Meu Pai, o assunto da conferência é sobre a fuga do mundo.

A primeira razão que temos para fugir do espírito do mundo, é porque é absolutamente contrário ao espírito de Jesus Cristo; a segunda, que o espírito do mundo é cheio de trevas e de confusão, que impede o conhecimento do bem e de si mesmo; a terceira é que o espírito do mundo não é senão vaidade e mentira, que tende constantemente a destruir o espírito de Jesus Cristo.

— Eis, graças a Deus, razões suficientes para levarem o espírito a desfazer-se do espírito do mundo. Por isso, visto esta matéria já ter sido tratada, não me demorarei muito.

Vejamos agora em que consiste o espírito do mundo. Minha Filha, em que vos parece que consiste o espírito do Mundo?

— Meu Pai, parece-me que esse espírito é um abismo de toda a espécie de maldades, pois o mundo não é senão uma congregação dos maus, e por conseguinte pode-se bem ser do espírito do mundo, posto que se esteja afastado dele de corpo, desde que se ocupe o espírito do que se passa no mundo e no desejo de estar nele.

— E vós, minha Filha, dir-me-eis em que consiste o espírito do mundo?

— Parece-me, meu Pai, que, para nos figurarmos em que consiste o espírito do mundo, devemos recordar o espírito de Jesus Cristo e de todas as suas máximas, e imaginar o contrário de tudo o que ensina, como, por exemplo, Nosso Senhor incita a vender tudo o que temos, tomar uma cruz e segui-Lo; e o mundo considera isso uma loucura. Nosso Senhor convida-nos a abraçar

os desprezos, as humilhações e os sofrimentos; e o mundo repele tudo isto para procurar as honras e os prazeres.

— E vós, Senhora Le Gras?

— Parece-me que o espírito do mundo consiste em contrariar todos o que fazem o bem, em amar as honras e as riquezas, em fugir de tudo o que desagrada à natureza, conceder-lhe tudo o que deseja pela condescendência constante em tudo quanto os sentidos querem ter, e fugir de toda a espécie de sujeição, de tal maneira que parece levar os que o seguem a ponto de formarem um Deus segundo a sua ideia terrestre e sensual, esquecendo as honras e a obediência que devem ao verdadeiro Deus. Devo dizer esta verdade com grande confusão minha, tendo-a aprendido pelas minhas negligências e a continuação das minhas sensualidades, que não tenho combatido com a coragem que devia ter.

— Ora, que meios vos parece agora, minha Filha, que devemos tomar para evitar o espírito do mundo?

— Parece-me que devemos pedi-lo todos os dias a Deus.

Uma outra Irmã:

Devemos, em todas as nossas acções, ver com que espírito o Filho de Deus fazia as Suas, para procurar fazer as nossas com o mesmo.

Uma outra Irmã:

Parece-me que um bom meio é não falar nunca do que se passa entre as pessoas do mundo, para que o nosso espírito se lhe não afeiçõe; o que poderia causar a nossa perda.

Uma outra Irmã:

Parece-me que é bom conservarmo-nos muito recolhidas e não nos demorarmos em casa dos seculares, senão o tempo necessário para o que temos a tratar com eles.

Uma outra Irmã:

Um meio de evitar o espírito do mundo é pedir humilde e instantemente a Deus a graça de conhecer a sua iniquidade, a fim de conceber por ele grande aversão.

Uma outra Irmã:

Agradecer todos os dias a Nosso Senhor a graça de nos ter colocado no caminho que nos afasta dele, e pedir-Lhe força e auxílio para dele nos desfazermos completamente.

Uma outra Irmã:

Unir-se fortemente ao espírito de Jesus Cristo e procurar proceder de maneira que se não faça nada que lhe não seja conforme.

Falaram várias outras Irmãs sobre todos os pontos e disseram coisas parecidas com as que aqui estão inseridas. Depois disto o nosso muito Venerando Pai começou nestes termos:

Ora bem, bendito seja Deus, bendito e louvado seja Deus para

sempre por, na Sua bondade e infinita misericórdia, Se ter dignado fazer-nos conhecer que aqueles que O devem servir em espírito e verdade têm de estar afastados do espírito do mundo.

Mas, minhas queridas Irmãs, quando dizemos espírito do mundo, devemos saber o que é o mundo e qual o seu espírito. O mundo, pròpriamente falando, pode-se entender por esta grande máquina que compõe o universo; e o seu espírito, pelo espírito que a move e guia. O mundo pode ainda ser considerado pelo conjunto de todos os homens, e o seu espírito o de todos os homens em geral. O mundo consiste em todos os homens mundanos, os homens dados ao prazer, à vaidade e à avareza; e o espírito que anima essas pessoas, um espírito de perdição e condenação, que se liga contra Deus e conduz a alma à sua ruína total. É por isso o Filho de Deus não orou por essas pessoas. Ele que veio à terra só para salvar os homens, que deu o Seu sangue e a Sua vida para os resgatar, encontrou homens possuídos dum tão desgraçado espírito que O obrigaram a não orar por eles.

Aqui temos uma grande razão, minhas Filhas. O que! Eu, Filha da Caridade, que tive a intenção de me dar a Deus para O servir e alcançar a minha salvação, hei-de encontrar-me num estado em que Deus me abandone e não ore por mim! E a quem me dirigiria para me proteger, se estivesse abandonada do meu Senhor Jesus Cristo? E como ousaria dirigir-me ao Eterno Pai, estando abandonada pelo Seu Filho? E no entanto, minhas Filhas, isto tornar-se-á muito verdadeiro, se tiverdes alguma parte no espírito do mundo, de que não fizerdes esforços para vos desembaraçardes.

Mas, Senhor, dir-me-eis vós, em que é que uma Filha da Caridade poderá participar do espírito do mundo? Oh! Vou dizer-vos-lo. Em primeiro lugar, o mundo, ou o espírito do mundo, não é outra coisa senão a cobiça dos olhos, pela qual se entende o amor das riquezas e o desejo de possuir o que se vê nos outros; a concupiscência da carne, que é a afeição ao prazer, quer seja do ouvido, da vista, do gosto, do olfacto, do tacto e enfim tudo quanto satisfaz os sentidos: e a soberba da vida, que é a afeição às honras, à estima, a que se pense bem de nós, que o digam, que se creia que fazemos bem neste hospital, nesta paróquia, no campo, enfim em qualquer parte onde estivermos colocadas.

Mas, Senhor, será possível que uma pessoa, vestida pobremente, que tem seu trabalho tão regulado que muitas vezes nem tem todo o tempo de que necessita, possa aplicar o espírito no que acabais de dizer? — Oh! minhas Filhas, responder-vos-ei que o mundo, se repararmos bem, quer ter a sua parte em tudo. É o que fez dizer a S. Paulo: «Façamos bem, para que o mundo nos não seduza». (Gal. 6, 9).

Uma Filha da Caridade, que deveria imitar a santa pobreza de Jesus Cristo, terá uma afeição desregrada e forte a que nada falte ao seu bem estar; desejará estar bem alojada, bem mobilada, ter uma boa cama; eis uma afeição aos bens, que procede do espírito do mundo e vem da cobiça dos olhos.

Depois disto, segue-se a afeição às honras. Fulana não se preocupará de estar tão bem instalada; mas gostará da reputação, ficará satisfeita em estar no bom conceito das senhoras, entre as Irmãs gostará de passar na opinião da sua Superiora por cuidadosa nos seus trabalhos, caridosa com os doentes, pontual às suas regras. Eis a soberba da vida.

Uma Irmã que sinta pena em ter um vestuário ordinário, de não ter o seu peitilho bem arranjado, ou bastante bom, inquietar-se-á com isso e não irá tão livremente ao que tiver que fazer, ou que queira ter sapatos bem feitos, sentirá pena em tê-los rasos ou desengraçadamente consertados. Espírito do mundo, tudo isso, minhas Filhas! Tende cuidado, eu vo-lo peço.

Uma Filha da Caridade que se compraz em dizer bonitas palavras, em mostrar que fala bem, e que, se houver alguma palavra nova e em moda, procura a ocasião de a dizer a propósito; espírito do mundo!

Não julgueis, minhas queridas Filhas, que, ao mostrar-vos todas estas afeições que procedem do espírito do mundo tenha por fim fazer-vos cair em tudo quanto é oposto, e que o honesto arranjo dum quarto deva dar lugar à desordem; ao amor das honras se suceda um procedimento tal, que o próximo fique desedificado com isso; a um peitilho bem arranjado, um outro sujo e desengraçado; a essas palavras muito rebuscadas que a língua francesa encontra de tempos a tempos, e de que não tendes necessidade para vos fazerdes comprehender, pois muitas vezes nem significam nada, se sucedam outras triviais e grosseiras; oh! não; devemos evitar sempre os extremos. Podeis ter o vosso quarto limpo, isto é, sempre bem; mas, se não for muito bonito, se os móveis forem pobres, não tendes pena. Deveis fazer todo o possível para que não falte nada aos vossos pobres, mas que não seja pelo desejo de que o pároco e as senhoras o saibam e vos louvem por isso. Deveis ser exactas às vossas regras, mas pensando que, seguindo-as, agradais a Deus, e não para serdes mais apreciadas pela vossa Superiora e pelas vossas Irmãs.

Deveis ser muito asseadas nos vossos pobres hábitos e na vossa roupa; mas se o peitilho estiver estragado, ou se a Providência não tiver permitido que esteja muito bem arranjado, não penseis nisso e ide como se estivesse bem.

É ainda espírito do mundo, minhas Filhas, ter qualquer coisa em particular, ou de reserva; ou fazer economias para qualquer falta, qualquer comodidade que não há na casa, e que não seria permitida se a pedísseis. Oh! espírito do mundo abominável e diabólico. Graças a Deus, não sei quem o tenha. Mas se o houvesse, meu Deus; como seria contrário ao espírito e às santas máximas do Filho de Deus!

É ainda espírito do mundo sentirmos desgosto em ter parentes pobres, querer que nos julguem dum meio melhor e mais abastado, ou ter vergonha de dizer de quem descendemos.

Espírito do mundo ainda é querer estarmos bem alojadas, termos o quarto bem arejado, uma boa casa e bons cômodos.

É ainda espírito do mundo, não querer para companheiras estas ou aquelas, não se adaptar aos seus feitios ou achá-las demasiado grosseiras.

Ah! Minhas Filhas, não sabemos o que queremos e muitas vezes temos tesouros e não o sabemos. Mas tudo isso se descobre. Depois da morte das pessoas é que cada uma vem a saber tudo quanto nelas havia de bom. Meu Deus! Não estais lembradas, minhas Irmãs, daquela bela conferência sobre a nossa Irmã Luisa, onde se viram coisas admiráveis, e em que nunca tínhamos pensado? Conheço entre vós Irmãs que graças a Deus não têm nenhum indício do espírito do mundo, e quero esperar da misericórdia de Deus que, se não são todas, será assim a maior parte. Não o sei bem, porque não vos vejo muito, devido aos meus afazeres; mas isso seria para mim uma das maiores e mais sensíveis consolações. Mas enfim, sei que as há, que a nada querem tanto como encontrar alguma ocasião de se mortificarem; sei que trabalham corajosamente em se desfazerem das aversões naturais que possam sentir contra outras que lhes são contrárias e não se queixam nunca das suas companheiras.

Mas sei também que há algumas que gostam das suas satisfações, desejam estar bem instaladas, com as suas comodidades, e terem por companheira uma Irmã bem perfeita. Mas espero que essas se hão-de corrigir com a ajuda de Deus.

É ainda espírito do mundo preocuparem-se com o paladar, querer que a comida seja boa, que não falte nada ao tempêro e que não seja sempre da carne mais ordinária. Queixar-se que a comida não está bem feita, é também espírito do mundo. «Este pão não é bom, não se pode comer. Que péssima carne, mais valia morrer de fome ao pé dela!» Oh! Espírito do mundo, minhas Filhas! Espírito de sensualidade!

Queixar-se por causa da saúde, é também espírito do mundo. «Não há cuidado com as doentes; deixam-nos sem tratamento!»

não têm mimos ; faltam-lhes os remédios.» Ah ! Minhas Filhas, se estas coisas se derem, é o espírito do mundo que as inspira ; porque sei que, graças a Deus, nenhuma comunidade está, como a vossa, no que respeita à habitação, e que, devido à sábia direcção daquela que vos governa, a casa pode atender às necessidades das sãs e das doentes. Se não há o superfluo, deveis louvar a Deus por isso, pois é abusar do bem que nos concede, empregá-lo além das necessidades e da utilidade.

Estou certo, minhas Filhas, que agora, depois de ter dito isto, não há nenhuma de entre vós que não diga consigo mesma: «Estou agarrada ; estou presa ; estou cheia de espírito do mundo.» Nisto devemos notar que há grande diferença entre sentir a tentação e consentir na tentação.

Ora não há ninguém que não sinta a repugnância natural pela falta de comodidades. Mas, se a Irmã que as sente se domina e não se deixa vencer, está longe de que isso lhe seja imputado como 'pecado ; pelo contrário, tem uma ocasião de mérito. Esses sentimentos podeis muito bem tê-los, minhas Filhas, mas se lhes resistirdes, não os consentirdes e não murmurardes, tudo isso é uma prova da vossa fidelidade para com Deus.

É ainda espírito do mundo querer ser Irmã Servente, ter a direcção das outras, considerar-se mais apta para este cargo e julgar que nele faria melhor do que qualquer outra. Espírito do mundo, de que Deus Se digne preservar-nos !

Aqui temos portanto em que consiste o segundo ponto. Precisamos agora de tratar dos remédios. Dir-me-eis vós : «Mas, Senhor, qual é o meio de estar constantemente de sobreaviso, para combater esse espírito que me domina ? Prefiro desistir de tudo, corram as coisas como correrem, visto que nada conseguirei. É uma raiz que tem muitos rebentos.»

Oh ! não devemos proceder assim, minha Filha. Há remédios para tudo. Os médicos curam os males com os seus contrários. Esforçam-se por conhecer a causa duma doença ; e se ela proceder do calor, curam-na com medicamentos refrigerantes ; se procede do frio, curam-na com remédios quentes.

Por exemplo, uma Irmã gosta de ter bens, fica contente por ter sempre alguma coisa guardada, para a usar em caso de necessidade ; deverá curar isso com alguma prática de pobreza, como ficar contente por lhe faltar qualquer coisa, não fazer imediatamente a diligência para ter o que lhe é necessário para os seus arranjos. Convém ter que pedir as coisas.

Mas se nos sentimos muito inclinadas a pedir aquilo de que nos podemos privar, devemos mortificar-nos nisso ; e pouco a pouco, hoje numa coisa, amanhã noutra, adquiriremos, com a

ajuda de Deus e o trabalho que nisso empregarmos, o hábito da virtude contrária a esse vício.

Dissémos que temos alguma inclinação para as honras. Não é, talvez, que se pense nisso, ou que isso se procure, mas sente-se satisfação em ser considerada, porque assim, algumas vezes, teremos ensejos para fazer maior bem e proporcionar ao próximo alívios que doutra forma não teriam.

O remédio para isto, minhas Filhas, é amar as pequenas humilhações que a Providência vos enviar ou as que encontrardes nos lugares onde estiverdes colocadas. Afeiçoai-vos a isto, minhas queridas Filhas, e tende por certo, que não há verdadeira glória, senão na prática da verdadeira virtude que nos vem de Deus. É a Ele, por consequência, que devemos atribuir toda a glória. Desconfiemos sempre das nossas próprias forças e convençamo-nos de que, se Deus não nos amparasse constantemente, daríamos quedas irremediáveis.

Quanto à outra característica do espírito do mundo, que é o prazer, devemos combatê-lo pela mortificação dos sentidos. — «Oh! Senhor, mas sinto uma inclinação constante para olhar para aquilo que me satisfaz e ouvir o que me contenta. Qual é o meio de poder vencer esta inclinação natural que está enraizada por longo hábito? — Oh! Minhas queridas Filhas, tende cuidado em vos desembaraçardes desse inimigo. Não deixeis passar ocasião alguma de o combater. Sinto-me inclinada a olhar para tal coisa que me dá prazer; não olharei. Sinto satisfação em falar a tal pessoa que me agrada, que fala tão bem, que apresenta tão boas razões e que diz coisas tão bonitas; mas, não é necessário para o meu adiantamento, pois não é esse o motivo que me induz; procuro apenas a minha satisfação; devo e quero mortificar-me nisso.

Tenho prazer no paladar ou no tacto; ó minhas Filhas, destruí esses monstros, abstevedes-vos de todos os contactos, mesmo honestos. Mortificai o tacto tanto como o gosto; e, contra este sentido, vesti roupa grosseira, ordinária e não lhes dei satisfação alguma.

Oh! Minhas queridas Filhas, tornei-me insensivelmente mais extenso do que contava. Aqui temos, parece-me, uma parte das desordens que o espírito do mundo pode causar entre vós. Peça a Nosso Senhor Jesus Cristo, que veio ao mundo para destruir este espírito, que vos faça conhecer todas as circunstâncias em que tiverdes necessidade de o combater, que Ele próprio se digne encher-vos do Seu espírito, que é um grande espírito de caridade, de pobreza e de humildade, oposto ao espírito de soberba e de avareza; que se digne dá-lo a toda a Companhia em geral, e a

cada uma de vós em particular. E com esta confiança pronunciarei as palavras de bênção que trazem consigo o espírito de Deus.

Benedictio Dei Patris...

40 — CONFERÊNCIA DE 25 DE DEZEMBRO DE 1648

SOBRE O AMOR DA VOCAÇÃO

O nosso muito Venerando Pai leu o bilhete, e em seguida começou pouco mais ou menos nestes termos :

Minhas Irmãs, o assunto desta instrução é acêrca do amor que devemos ter pela nossa vocação. Este assunto divide-se em três pontos.

O primeiro trata das razões que temos para nos afeiçoarmos cada vez mais à nossa vocação, o segundo, do que nos esfria ou impede de nos afeiçoarmos a ela cada vez mais. Assunto de máxima importância, minhas Filhas, pois do amor que tivermos pela nossa vocação depende o progresso que fizermos na virtude.

Apraz-vos, minha Irmã, dizer-nos o que pensastes sobre o primeiro ponto e as razões que encontrastes?

— Pareceu-me, como primeira razão, que é impossível conservarmos-nos sempre no mesmo estado. E por consequência, se não adiantarmos no amor da nossa vocação, esfriaremos e recuaremos. A segunda razão, é que não poderemos permanecer muito tempo na nossa vocação se não nos firmarmos neste amor, por causa das dificuldades que nela encontramos diariamente, se o amor não exceder as dificuldades. A terceira razão, é que sem esse amor não poderemos resistir às tentações que o mundo, o demónio e a carne nos apresentam constantemente.

Uma razão, apresentada por outra Irmã, é que a nossa vocação atrai as bênçãos de Deus sobre todas as nossas acções e durante toda a vida.

Outra razão tira-se das graças que Deus concede a cada uma de nós em particular, graças que nunca saberemos apreciar demasiado, se pensarmos em de que perigos salvou umas, de que dificuldades a outras, e onde nos foi buscar para nos trazer a este lugar onde trabalhamos na nossa salvação.

Outra Irmã alegou que a nossa vocação é conforme com a vida que o Filho de Deus teve na terra e com os santos conselhos que nos deixou.

Outra razão: — Embora a nossa vocação seja humilde e desprezível aos olhos dos homens, é contudo muito sublime aos olhos de Deus, pois o seu único cuidado é agradar-Lhe em tudo quanto empreende.

Outra razão: — Foi o próprio Deus que nos chamou à nossa vocação; e devemos preferir toda a espécie de prejuízos, antes do que consentir seja no que for que faça diminuir o amor que lhe devemos.

Outra razão: — O cuidado que Deus tem pela nossa Companhia deve dar-nos a confiança de que, enquanto tivermos a felicidade de nela permanecermos, não permitirá que pereçamos.

Outra razão é que pela graça de Deus podemos verificar a emenda da nossa vida e transformação dos nossos costumes. Não vimos ainda morrer nenhuma das nossas Irmãs que, embora virtuosas antes de estarem na Companhia, não tivessem feito grandes progressos na perfeição.

A Senhora Le Gras, nossa muito Veneranda Superiora, observou que devemos amar a nossa vocação, porque é um cargo dado por Deus.

Outra razão: — Este cargo é todo para o exercício da caridade espiritual e corporal; e isto deve-nos conservar em Deus duma maneira tão pura que nos una ao seu santo amor.

Outra razão: — Se não amarmos a nossa vocação, será para temer que Deus no-la deixe perder completamente; se isto acontecesse grande perigo correria a nossa salvação, a qual depende, muitas vezes, da nossa vocação.

Outra razão: — Se não formos afeiçoadas à nossa vocação, nada faremos que possa merecer o amor de Deus ou agradar-Lhe; serviremos muitas vezes de escândalo e de mau exemplo ao próximo; e, no que respeita ao nosso particular, não vivendo nunca satisfeitas, não quereria dizer senão que Deus nos havia abandonado e entregueado ao endurecimento.

Sobre o segundo ponto, que trata daquilo que nos pode afastar da afeição que devemos ter pela nossa vocação, a Irmã que apresentou as primeiras razões sobre o primeiro ponto disse o que se segue:

O que nos afasta do amor da nossa vocação é o consentimento nas tentações de que falei. A primeira, que se refere ao mundo, é absolutamente perigosa e capaz de nos fazer perder toda a afeição que nós podemos ter pela nossa vocação; essa tentação produz-se quando ouvimos falar Irmãs que não têm affecto pela vocação.

A segunda tentação vem da carne, que se queixa sem cessar e deseja todas as suas satisfações; devemos evitá-la na nossa vocação.

Pelas tentações que nos sugere, o demónio induz-nos, constantemente, a projectos de soberba e de vanglória; e isto, entrando no espírito duma Filha da Caridade, tira-lhe toda a afeição à vocação que manda amar a humildade e a abjecção.

Outro obstáculo ao amor da nossa vocação é o espírito do mundo, o desejo de saber o que se passa e o receio de não ser estimada.

Podemos ainda perder o amor à nossa vocação por falta do apreço que devemos ter por tudo quanto lhe é próprio, o que nos faz cair na negligência, depois, no desánimo e finalmente num tal estado, que corremos o risco de a perder, se Deus nos não assistir com uma graça muito particular.

Outro impedimento é não nos prendermos bastante à ideia de que é nela que Deus nos quer e de que nela devemos viver e morrer. O que nos leva muitas vezes a conservar o desejo doutra vantagem, embora imaginária, e nos dá disposições para aceitar as primeiras propostas que nos sejam feitas doutra parte; deste modo acontece cairmos na perturbação à menor circunstância contrária aos nossos sentimentos.

Outro impedimento alegado pela Senhora Le Gras é não apreciar a nossa vocação, não a considerar como uma graça muito particular de Deus.

Outro motivo é não nos acautelarmos contra os primeiros tédios que sentimos; e isto aplica-se tanto às novas como às mais antigas, que depois de se terem levantado da sua primeira queda, entram, graças a Deus, no seu primeiro fervor.

Outro impedimento é a falta voluntária às regras até nos exercícios mais simples.

O maior obstáculo é não manifestar aos Superiores os primeiros aborrecimentos na nossa vocação e os motivos que os originam.

Sobre o terceiro ponto, que trata dos meios que ajudam a aumentar em nós o amor da vocação, foi dito o seguinte:

O primeiro meio, é pedir todos os dias a Deus essa graça e protestar muitas vezes que não queremos consentir nas tentações, venham donde vierem.

Outro meio, é pensar no que disse Nosso Senhor, que considerava como feito a Si mesmo tudo quanto fizéssemos ao mais pequeno dos seus, e lembrarmo-nos que, no dia do juizo, Deus só recompensará ou condenará os homens pelas obras de misericórdia que tiverem praticado ou omitido. Isto bastará para nos afeiçoarmos à nossa vocação.

Outro meio, é amar os pobres como membros de Jesus Cristo, como Ele próprio nos recomendou.

Outro meio, é lançarmo-nos aos pés do crucifixo quando começarmos a sentir alguma tentação contra a nossa vocação e pedir ardentemente a Deus, pelos méritos de Seu Filho, a santa perseverança.

Outro meio, é desconfiarmos de nós mesmas; o que nos fará recorrer muitas vezes a Deus e pedir-Lhe a santa perseverança.

Outro meio, é servirmo-nos das razões enumeradas mais acima que nos levam ao amor da nossa vocação e a evitar o que Deus nos mostrou como contrário ou prejudicial a esse amor.

Outro meio, apresentado pela Senhora Le Gras, é pedir instantemente a Deus essa graça.

Outro meio é pedir ao nosso bom anjo que nos obtenha esse amor e nos ajude, com os seus sábios conselhos e santa direcção, a fazer ou não fazer o que foi indicado, para dominar e vencer as nossas paixões e mortificar os sentidos.

O nosso Venerando Pai, depois de ter ouvido as nossas Irmãs, com grande caridade e paciência, começou o seu discurso da seguinte maneira:

Minhas Irmãs, dou graças a Deus por tudo quanto acabo de ouvir: os motivos que vos devem levar a amar cada vez mais a vossa santa vocação, os obstáculos que sobrevêm e arrefecem esse amor, e os meios que nos levam a aumentá-lo cada vez mais.

A todas estas razões, que são muito suficientes, acrescentarei uma que é, minhas Filhas, a santidade da vossa vocação; pois não foi instituída pelos homens, mas é de instituição divina. Santo Agostinho dá-nos um sinal para conhecermos se uma obra vem de Deus. As boas obras, cujo autor não se pode encontrar, vêm seguramente de Deus, afirma este grande doutor. Ora que esta obra é boa, ninguém o põe em dúvida, porque é tão bela, que não vejo nada de maior na Igreja de Deus; nem vejo nada mais sublime para meninas. Dedicar-se constantemente ao serviço do próximo, ó meu Deus, o que isto representa! E haverá nada de maior do que colaborar com Deus na salvação das almas, o que procurais conseguir, ao mesmo tempo que lhes ministras os remédios!

Que foi Deus que vos instituiu, não pode haver dúvidas. Não foi a Senhora Le Gras; nunca pensou em tal. Quanto a mim, ah! nem nisso sonhava. A primeira que exerceu este emprego, era uma boa menina do campo. Guardava vacas e aprendera a ler por si mesma enquanto as guardava, interrogando as pessoas que passavam e tinham aparência de quem sabia ler. Estudava depois sòzinha, o que essas pessoas lhe ensinavam, e tão bem, que, com a ajuda de Deus, consegui aprender.

Quando já sabia, sentiu desejos de ensinar os outros e veio

procurar-me em....., (1) onde estava então em missão. «Senhor, disse-me ela, aprendi a ler desta maneira. Tenho agora grande desejo de ensinar às outras meninas do campo que não sabem. Acha bem?» «Certamente, minha Filha, respondi, eu vo-lo aconselho.» E foi morar para Villepreux onde ensinou a ler durante algum tempo.

As Senhoras de Saint-Sauveur tiveram a confraria na sua paróquia; elas mesmas serviam aos pobres, levavam a panela, os remédios e tudo o mais. Como a maior parte eram de condição, com marido e família, muitas vezes se aborreciam com essa panela, de forma que isso as fazias desanimar, e pensaram então em procurar algumas criadas para fazerem este serviço em seu lugar. Essa boa menina, ouvindo falar deste projecto, mostrou desejo de se ocupar nesse emprego e foi recebida pelas senhoras. As senhoras das outras paróquias desejaram a mesma coisa e pediram-me para as arranjar se fosse possível. A Senhora Le Gras, a quem Deus deu o zêlo que em toda a vida tem tido pela Sua glória, foi instada a tomar essas meninas sob a sua direcção para as instruir na devoção e na maneira de servir os pobres. E arranjou-se-lhes uma casa.

Eis como isto se fez, sem que ninguém tivésse tido essa intenção, porque a menina que a começou, não pensava em nada disso. De maneira que, minhas Filhas, o próprio Deus vos reuniu duma maneira cheia de mistérios e tão excelente, que ninguém no mundo nunca encontrou que dizer. Está para aparecer ainda um homem que diga: «Isto não está bem». Quem poderá portanto duvidar de que seja Deus o autor da vossa Companhia? S. Paulo diz que todo o bem vem de Deus; Santo Agostinho diz que toda a obra que não tem autor, quer dizer, que não se pode encontrar quem a projectou, nem quem fosse o primeiro a pô-la em prática, vem infallivelmente de Deus. Quem me poderá assegurar que a vossa tem outro autor a não ser o próprio Deus? Não foi S. Francisco, não foi S. Domingos, nem S. Bento, nem S. Bernardo, nem nenhum de todos os outros grandes patriarcas que vos instituiu, minhas Filhas; foi o próprio Deus.

Encontro-me numa Companhia instituida pelo próprio Deus e não a hei-de amar! Que motivo então preciso para atrair os meus affectos, se este não é bastante poderoso! Oh! Sê-lo-á sem dúvida, minhas Filhas, se o pesardes bem. Quando sentimos tédio, arrefecimento, e todas essas desagradáveis disposições com que Deus prova a fidelidade dos seus servos e servas, pensemos:

(1) O nome da localidade não está indicado.

«O que! Deixo-me arrefecer, sabendo que estou numa vocação, estabelecida pelo próprio Deus! Que posso duvidar!» Entre vós minhas queridas Irmãs, há-as que amam tanto a sua vocação, que se deixariam crucificar, despedaçar e cortar em mil bocados, antes do que suportar qualquer coisa que lhe fosse oposta; e há um grande número delas pela misericórdia de Deus. Mas isto nem a todas é dado; e pode haver outras para quem a vocação não seja tão suave, que sintam mais dificuldades nas suas práticas, que não sejam tão submissas e a obediência pareça um jugo penoso e difícil de suportar. Estas estão sujeitas a se sentirem com frequência desanimadas e a desanimarem outras. Não é que existam, graças a Deus; mas poderiam existir. Quando isso se der, minhas queridas Irmãs, reflecti um pouco: «De que me hei-de queixar? Não estou eu numa Companhia que Deus mesmo compôs e fez com a Sua mão omnipotente? E havia de ser tão infiel que a não amasse!

E que podereis amar, minhas Filhas, se não amardes a vossa vocação ao fazer esta consideração! Ireis amar os vossos parentes dos quais Deus vos tirou para vos colocar no Seu santo serviço? Ireis amar os vossos amigos, os vossos apegos, as vossas satisfações próprias e a vós mesmas? Oh! Não, minhas Filhas, não há nada para vós tão digno de ser amado, como a vossa vocação, pela razão de que foi o próprio Deus o seu autor, como acabo de dizer.

A segunda razão, como foi dito, é que Deus, por uma graça muito particular, vos tirou dos lugares onde vivíeis para vos trazer para aqui; graça tão grande e tão assinalada, que nunca a sabereis agradecer bastante. David cheio de profunda lembrança e gratidão dizia: «Deus me tirou da casa de meu pai para me chamar a Si. (Salmo LXXVII, 70). «Devemos admitir que foi a bondade de Deus que vos atraiu; porque, dizei-me, eu vo-lo peço, foram estas Irmãs que vos foram buscar? Talvez as tivésseis visto; mas insistiram convosco para que viésseis com elas? De modo nenhum. Foram as criaturas que insistiram convosco? Tão pouco. Talvez vos tivéssem dito o que isto era; mas foi preciso que Deus vos tocasse o coração e vos desse o desejo e a coragem de vir. Que é que teria podido fazer-vos deixar a vossa terra, vossos pais, e, a algumas, os seus bens; as pretensões às alegrias e prazeres do mundo? É preciso que fosse um poder divino. Os homens não o podiam conseguir; a natureza sente repugnância e tudo se opõe a isto. Portanto, devia ser Deus. De forma que, minhas Irmãs, é esta uma razão muito poderosa e cuja lembrança pode e deve derrubar todos os obstáculos que se opõem ao amor da vossa vocação.

O que! Deixo-me entibiar, não sinto já o meu primeiro fervor e deixo-me abater! Já não penso que foi Deus que me trouxe, e que sentia então por isso tanta alegria e consolação! Oh! Minhas Filhas, fazei muita atenção, e se sentirdes afrouxar os vossos primeiros fervores, procurai reanimar-vos com a consideração destas razões.

Temos agora a terceira razão, ou o terceiro motivo que nos leva a adiantar no amor da nossa vocação. A sua excelência e a sua grandeza, são tais que não conheço outra maior em toda a Igreja. Fazeis profissão de dar a vida pelo serviço do próximo, e por amor de Deus! Haverá algum acto de amor que ultrapasse este? Não, porque é indubitável que o maior testemunho de amor é dar a vida pelo que se ama; e vós dais toda a vossa vida pelo exercício da caridade; portanto, vós a dais por Deus. Daqui se segue, que não há emprego no mundo, no que diz respeito ao serviço de Deus, maior que o vosso.

Exceptuo as religiosas do Hospital Geral que têm a mesma profissão e trabalham dia e noite pelo serviço de Deus na pessoa dos pobres. De maneira que, minhas Filhas, não vejo quem vos iguale, a não ser as que fazem o que vós fazeis. Depois disto, amareis outra coisa, além da vossa vocação, que vai embaciar a sua beleza! Oh! Muito longe disso, espero, minhas Filhas, que ireis crescendo no amor que já lhe tendes; aquelas que o não sintam esforçar-se-ão por adquiri-lo; porque, acreditai-me, minhas Filhas, daqui depende toda a nossa perfeição. Se um religioso, uma religiosa, um Cartuxo, um Capuchinho ou um Missionário não tiver o espírito da sua vocação, tudo o que fizer, nada é, tudo estraga; é diferente o espírito dum Capuchinho, ou dum Cartuxo, ou dum missionário, como o duma religiosa e o duma Filha da Caridade. Para o bem realizar é necessário que cada qual se aplique de tal maneira à aquisição do seu espírito que não seja capaz de lhe misturar outro, embora bom e santo, mas que, para aqueles que o professam, seria prejudicial e contrário àquele ou aquela que deve possuir outro diferente.

Sei que muitas de entre vós, têm esse espírito tão formado, que nada no mundo lhes faria omitir a menor circunstância e esta graça foi tão grande na maior parte das nossas Irmãs falecidas, que se tivessem vivido no tempo de S. Jerónimo, ele teria escrito a sua vida tão proveitosamente, que seriam a nossa admiração. Quem fez tudo isto nelas? Oh! Foi o amor da sua vocação cujo espírito adquiriram tão fortemente que se tornaram fiéis até nas práticas mais simples.

Aqui tendes, minhas Filhas, os três motivos que, com os que dissestes, poderão excitar-vos ao amor da vossa vocação: Deus é

o vosso instituidor, Ele próprio vos chamou; a vossa vocação é a maior que existe na Igreja de Deus; porque sois mártires; aquele que dá a sua vida por Deus, é reputado mártir; e é verdade que a vossa vida é abreviada por causa do trabalho que tendes; por consequência, sois mártires.

Vejam agora o que nos pode afastar dela. Disseram-se belas coisas a este respeito. Acrescento que é preciso, em primeiro lugar, considerar que todo o pecado mortal nos separa de Deus e sucessivamente tira-nos o amor da nossa vocação. Tendes em primeiro lugar o orgulho que nos leva a queremos ter um lugar eminente, a sermos considerados e a impedir que nos julguem de pouca importância. Dizei-me, eu vo-lo peço, como poderia permanecer entre as pobres Filhas da Caridade, uma menina inchada de presunção? Sentir-se-á desprezada, repelida, sem pretensão de honra, nem esperança de a ter jámais no meio do mundo; não encontrará honrarias na casa. «Que aquele de entre vós, disse Nosso Senhor aos seus discípulos, que quiser ser o maior, seja o mais pequeno.» (S. Luc. 9,48). De forma que, esse maldito pecado que fez cair os anjos do céu, impedirá de permanecer muito tempo na Companhia da Caridade, aquelas que têm ambição.

Tendes ainda a avareza que é oposta à santa pobreza. Se uma Filha da Caridade estiver contaminada por ela, adeus vocação; nem se fale mais nisso; acabou-se tudo. O desejo de ter alguma coisa em particular para o caso de necessidade, de ter não sei quê de reserva, é uma desconfiança no cuidado e na providência de Deus, minhas Filhas. Desde que a avareza se apodera de uma alma, adeus toda a virtude! Judas, que teve a graça de ser chamado ao apostolado, que recebeu o dom dos milagres e estava destinado, como os outros, a uma grande santidade, tornou-se um demónio por meio da avareza. Vêde como esse maldito pecado teve poder de transformar um apóstolo num demónio! De maneira que podeis fazer ideia do que acontecerá, se alguma vez ele entrar no coração duma Filha da Caridade.

O terceiro motivo que faz diminuir o amor da nossa vocação é—não digo, a impureza, oh! não, nunca se ouviu falar nisso, graças a Deus,—mas uma certa liberdade que não é própria da modéstia. Gostam de encontrar homens na rua, não se importam quando lhe dirigem alguma palavra, respondem e mantêm conversas com eles, mesmo com os confessores fóra da confissão, passam o tempo a falar de coisas que não são urgentes, nem necessárias, mas como passatempo. Oh! Acautelai-vos disso, minhas Irmãs.

Repito, mesmo com os confessores. Não é que, por misericórdia de Deus eu saiba de alguma que o faça, oh! não; mas como

são coisas que podem acontecer e seriam muito prejudiciais, é bom acautelar-se contra isso.

Ter maus pensamentos e não os manifestar ao confessor nem à superiora é muito prejudicial; se não fizerdes atenção a isso, se por ventura os tiverdes, correreis grande risco de perder a vocação.

O que prejudica ainda o amor da vocação, minhas queridas Irmãs, é a sensualidade no comer e no beber; quer comer bons bocados, e sentir satisfação em coisa diferente do que a Comunidade tem. Este pecado atrai nem sei quantos outros. Não é que não tenhais de vos alimentar, minhas Filhas, oh! sim, é preciso viver, e para isso é preciso que a alimentação seja boa; mas não deve haver nada de supérfluo nem favorecer a sensualidade na comida.

A inveja afasta-nos também da nossa vocação. Este pecado é uma peste perigosíssima. Invejar é ter pena de que uma Irmã faça melhor que nós, que as senhoras a considerem, que os pobres se sintam satisfeitos com ela, e até por ser fiel à sua regra. O seu exemplo enche-nos de vergonha se não somos exactas, nem tão afeiçoadas ao cumprimento da regra e por isso tem-se-lhe inveja pela sua assiduidade que condena a nossa negligência.

A nossa perseverança é também combatida, minhas queridas Irmãs, por outro pecado, não digo mortal, a não ser em certos casos, mas que provém do mortal e degenera em venial; é a cólera. Uma Irmã pode estar de tão mau humor que tudo a fere. Se é acusada, discute; se não lhe respondem logo, talvez porque a não tenham ouvido, zanga-se; se lhe esclarecem uma dúvida, não gosta; se lhe não explicam, encontra nisso motivo de descontentamento. É muito perigoso este vício, minhas Irmãs, e peço-vos que vos acauteleis dele, tanto mais que muitas vezes essa disposição passa a hábito, muito mau para qualquer pessoa, mas sobretudo para uma serva de Deus e uma Filha da Caridade, que deve ser suave e amável. É muito certo que aquela que se conservar sujeita a este vício não permanecerá na Companhia, porque há-de encontrar sempre um motivo para se despeitar, e esse despeito chegará um dia a tal ponto que, deixa a Companhia.

Outro grande obstáculo, é a preguiça; o amor do próprio corpo que tanto mal faz. A preguiça é por vezes origem de desinteligências entre as Irmãs, porque aquela que estiver contaminada, há-de poupar-se tanto quanto possível, não deitará a mão a trabalhos pesados, gostará de sair só quando estiver bom tempo, deixará muitas vezes tudo por fazer e apressará de tal modo a sua companheira, que esta não poderá mais e ver-se-á constrangida a dizer-lho, o que lhe dará motivo para ficar de

mau humor. Não se levantará cedo, principalmente durante os frios. Ouvindo dar horas, embrulha-se na roupa mais um quarto de hora, depois meia hora, e, finalmente, vai passando algumas vezes até às seis horas. Gostaria de se não mexer do pé do calor, a não ser para se afastar quase nada. Deus meu, quantos males derivam desta fonte, minhas Filhas! Tende por certo que aquela que estiver corrompida por este defeito não amará a sua vocação.

Aqui tendes, portanto, minhas Irmãs, todas as espécies de pecado que contribuem para diminuir e destruir em nós o amor da nossa vocação.

Há ainda as más conversas duma companheira descontente ou pouco afeiçoada à sua vocação. Acautelai-vos, minhas Filhas, porque é um dos maiores obstáculos ao amor da vocação; é uma das pestes mais perigosas que podem infectar as Comunidades e tanto mais para temer quanto menos atenção se lhe prestar.

Uma Irmã descontente com a sua vocação, irrita-se com a mais pequena circunstância desagradável. Se a Superiora ou a Irmã Servente a avisar por caridade de qualquer falta que tenha cometido, está tudo perdido; ei-la zangada. Que não dirá então? Ora uma pobre Irmã, nova ou antiga, que acredite facilmente em tudo, que receba com facilidade qualquer impressão e que preste ouvidos a tudo quanto a Irmã de mau humor lhe quiser contar, correrá grande perigo se não fôr assistida duma graça especial.

Ora bem, minhas queridas Irmãs, é bastante por hoje. Tenho pena de vos ter retido tanto tempo, pobres Filhas, que tanto trabalho tivestes para vir aqui e que tanto tereis para regressar. Meu Deus, quantos anjos estarão agora a contar os passos que destes. Os que já destes para vir, já estão contados, e os que haveis de dar, sê-lo-ão ainda, porque diz um santo: «São contados todos os passos que os servos de Deus dão por Seu amor.»

Vou acabar em duas palavras. Voltaremos a tratar este assunto outra vez, com mais vagar, se Deus quiser, e penso que será útil fazê-lo com mais frequência do que temos feito. Por isso, dar-vos-ei por hoje dois ou três meios e muito sucintamente.

O primeiro será a santa humildade, virtude contrária ao orgulho, que concorre, como notámos, para a perda da vocação da maior parte das Irmãs... (1)

(1) Falta a Continuação.

41 — CONFERÊNCIA DE 19 DE SETEMBRO DE 1649

SOBRE O AMOR DE DEUS

Minhas Irmãs, o assunto da presente conferência será o amor de Deus, assunto que se encontra no evangelho de hoje, em que Nosso Senhor, interrogado por um doutor da lei sobre qual era o maior de todos os mandamentos, responde: «Amarás ao teu Deus, com toda a tua alma, com todo o teu coração e com todo o teu entendimento, etc.» (S. Mat. 22,37). Nosso Senhor permitiu que lhe perguntassem isto, para ter ocasião de nos dar a instrução contida no evangelho de hoje, em conformidade com a qual a Senhora Le Gras achou conveniente que a tomássemos para o nosso assunto e que se divide em três pontos.

No primeiro ponto veremos as razões pelas quais as Filhas da Caridade, como todos os cristãos, mas mais particularmente, são obrigadas a amar a Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento, etc. No segundo ponto veremos como podemos conhecer que amamos a Deus. No terceiro ponto trataremos dos meios para adquirirmos este amor e o aumentar em nós; porque não basta tê-lo, é preciso que vá aumentando sempre. Ora bem, bendito seja Deus! Bendito seja Deus eternamente!

Dizei-me, minha Irmã, quais são as razões que obrigam uma Filha da Caridade a amar a Deus com todo o coração.

— Porque é infinitamente bom.

— Bem, minha Filha, vai bem. Vêde, minhas Irmãs, a vossa Irmã diz que devemos amar a Deus, porque é infinitamente bom; é um motivo poderoso, pois sendo infinitamente bom, deve ser infinitamente amado.

Mas, porque é que uma Filha da Caridade o deve amar mais que toda a gente?

Por mim, Senhor, é exactamente por esta qualidade que me sinto infinitamente obrigada a amá-Lo considerando que a Sua bondade me tirou da massa corrompida do mundo para me colocar num lugar tão santo, onde todas as obras que fazemos são santas. Sinto-me cheia de confusão por ter aproveitado tão mal até agora. Pedi a Nosso Senhor a graça de ser mais atenta a essa obrigação e tomei a resolução de a ela me aplicar cada vez mais.

Oh! Ouvistes, minhas Irmãs, o segundo motivo de amar a Deus que a nossa Irmã apresenta? O primeiro é que Deus é infinitamente bom; este motivo é geral e comum a todos os ho-

mens que sentem, cada um em particular, os efeitos da sua bondade. Mas um dos motivos que notou em si, é Deus a ter tirado da massa corrompida do século e a ter escolhido de entre tantas que lá deixou, para a trazer para um lugar tão santo. De maneira que o motivo do seu amor, como Filha da Caridade, é considerar a obrigação que deve a Deus pelo bem que lhe fez chamando-a para a Companhia, isto é, pela sua vocação.

E como poderá uma Filha da Caridade conhecer que ama muito a Deus, minha Filha?

Parece-me, meu Pai, que o conhecerá se sentir um grande desejo de Lhe agradar.

Ah! isso é realmente uma grande prova, minha Filha, porque se tiver um grande desejo de Lhe agradar, terá o cuidado de não O ofender; longe disso, terá o cuidado de fazer tudo quanto sabe que é conforme à Sua vontade ou aos Seus desejos. Uma pessoa que deseja agradar a outra procura conhecer os seus sentimentos, conformar-se com eles, antecipar-se a eles e não deixa passar ocasião alguma de lhe testemunhar a sua submissão e condescendência, com alegria e suavidade.

Nisto sente e conhece que ama. Do mesmo modo, a alma que sente em si essa intenção de agradar a Deus e reconhece sua fidelidade em não descuidar nada do que pode dar-Lhe glória, pode provavelmente crer que ama a Deus. Mas os outros, como o poderão conhecer? Porque, muitas vezes, essa intenção interior de agradar a Deus é conhecida só da alma que a sente e passa-se entre Deus e ela.

Como podemos conhecer se uma Filha da Caridade ama muito a Deus, minha Filha?

— Meu Pai, parece-me que é se guardar os seus mandamentos.

— Ah! tendes razão, minha Filha; é mesmo essa a prova que Nosso Senhor indicava, quando dizia. «Se alguém Me ama, guardará os Meus mandamentos.» (S. João, 14,15). Um dos sinais mais verdadeiros de que amamos uma pessoa, é a submissão às suas ordens. Se virdes uma pessoa exacta e cuidadosa em nada omitir dos mandamentos de Deus, podeis dizer: «Esta Irmã ama muito a Deus.»

E vós, minha Irmã, por que razão vos parece que uma Filha da Caridade é obrigada a amar a Deus?

Depois de ter ouvido pacientemente todas as razões que a Irmã apresentou, o Senhor Padre Vicente repetiu-as desta maneira:

A nossa Irmã diz que encontrou muitas razões, mas o benefício que recebeu de Deus pela sua vocação a comoveu particularmente, considerando que, neste género de vida, não só guarda os

mandamentos da lei de Deus, mas até observa os seus conselhos, e que é uma vocação onde faz profissão de amar a Deus e ao próximo. É muito tocante, minhas queridas Filhas, e a nossa Irmã tem muita razão em ver nisto um poderoso motivo para a levar a amar a Deus.

E como podemos conhecer se uma Filha da Caridade ama a Deus, minha Filha?

Depois da Irmã acabar, o Senhor Padre Vicente acrescentou :

— A nossa Irmã acaba de nos apresentar um grande sinal para conhecermos se uma Irmã ama a Deus : é, diz ela, se tiver o cuidado de guardar as suas regras. Oh ! grande prova, na verdade ! Foi o que levou um Papa a dizer. — e vi esse Papa, era Clemente oitavo : « Apresentem-me um religioso que tenha observado as suas regras e não precisarei de milagres para o canonizar ; se me provarem que ele as guardou, é o bastante para o inscrever no catálogo dos Santos. » Tanto esse santo papa apreciava uma coisa tão sublime e excelente, como é observar as regras ! De maneira que, minhas Filhas, a nossa Irmã teve muita razão em dizer que conheceremos que uma Irmã ama a Deus, se a virmos observar cuidadosamente as suas regras, não só as da casa, mas mesmo as do exterior, isto é, as do cuidado dos doentes.

E quem poderá duvidar que esta Irmã ama a Deus, se a virem levantar-se de manhã cedo, fazer bem a oração, estar atenta para que os seus doentes tenham os remédios precisos, que o caldo esteja pronto, que tudo siga como deve ser, e que, se por fraqueza ou até mesmo por aparente necessidade, tiver violado a sua regra, se acusar logo e pedir penitência, oh ! Minhas Irmãs, fícai certas de que, procedendo assim, ama a Deus.

Dizei-me, minha Filha, que deve fazer a Irmã que possui já o amor de Deus, para o aperfeiçoar e aumentar ?

Depois da Irmã ter respondido, o Senhor Padre Vicente acrescentou :

A nossa Irmã quer dizer que o meio para fazer aperfeiçoar o amor de Deus é ser submissa a Deus e aos Superiores ; e falou verdade. Ser submissa a Deus, é excelente meio para crescer no Seu amor ! Que me mudem ou me voltem, é Deus que o permite. Recebo-o da sua mão e quero-o assim por Seu amor. Que o Superior faça de mim tudo o que quiser, sei que é o espírito de Deus que o conduz ; e porque amo a Deus, submeto-me a tudo quanto Ele exige de mim. Ah ! minhas Filhas, bela e excelente prática do amor de Deus ! A nossa Irmã disse bem, é o meio para se aperfeiçoar e crescer nesse amor.

A alma que vive nestas disposições faz contínuos actos de amor. É próprio do coração amar alguma coisa. Se não ama o

mundo, tem de amar a Deus necessariamente; porque não pode estar sem amor. Amar o mundo, ah! meu Deus que desgraça! Renunciámos a ele, por graça de Deus, desde o baptismo, e quando, por Sua infinita misericórdia, nos chamou ao seu serviço, de maneira que é natural amarmos a Deus. E para o amar, só temos a fazer o que a nossa Irmã acaba de dizer. Ao que eu acrescentarei, minhas Irmãs, que não há no mundo lugar algum onde se possa conseguir tão bem a salvação, como na vossa Companhia; não, não há, contanto que façais o que vos compete e da maneira que Deus vos pede. Dizei-me, eu vo-lo peço, se é possível atingir um mais alto grau de virtude, que o que conseguiram as nossas Irmãs que foram para Deus e que tanto nos edificaram, deixando-nos tão bom perfume e tão grande exemplo da sua santa vida? Ah! não sei se há lugar onde possam dar mais a Deus, onde possam gastar-se mais por seu amor, ter maiores meios de crescer e de se aperfeiçoar nesse amor, do que entre vós, contanto que façam o que devem fazer.

A Irmã que falou em seguida apresentou quatro razões das quais algumas já tinham sido ouvidas.

— Quando tiverdes de repetir o que outras disseram antes, observou o Senhor Padre Vicente, basta dizer: «Pensei a mesma coisa que a Irmã fulana.» Dizeis portanto, minha Irmã, que sois obrigada a amar a Deus, porque é infinitamente bom, e disto já falámos; porque é amável; ora, bom e amável, minha Filha, ligam-se um com o outro e fazem uma só coisa; de forma que quem diz, bom, diz amável, e quem diz que Deus é amável presuppõe que é bom. Acrescentastes que éreis obrigada a amá-Lo porque vos ouviu e resgatou. São dois motivos poderosos que reduziremos a um só, que é o ter-vos criado, e pela Sua infinita bondade vos ter tirado do nada para vos tornar uma criatura racional, capaz de O conhecer, amar e possuir eternamente na Sua glória. Oh! aqui tendes um poderoso motivo: «Amarei a Deus, sim, amá-Lo-ei; a isso sou de direito obrigada, pois sou criatura Sua e Ele é o meu criador e redemptor.

O Senhor Padre Vicente interrogou a Irmã sobre os sinais e, depois dela ter falado, disse:

A nossa Irmã disse que podemos reconhecer que uma Filha da Caridade ama a Deus, se ela fizer todas as acções para lhe agradar, isto é, se não se preocupar com o que dirá o mundo; porque haverá sempre, minhas Filhas, quem condene as acções dos servos de Deus. Mas, pouco importa às almas santas o falar do mundo, contanto que as suas acções sejam agradáveis à Sua divina Majestade. Que fazeis, minhas Filhas, quando levais pelas ruas o alimento dos pobres? Oh! alegrais muita gente com essa

panela ; dais alegria às pessoas de bem que vos vêem trabalhar por Deus ; alegrais os pobres que esperam o seu alimento ; mas alegrais ainda mais a Deus que vos vê e conhece o desejo que tendes de Lhe agradar fazendo a sua obra.

Um pai que tem um filho já homem e de boa aparência, compraz-se em observar, pela janela que dá para a rua, a sua elegante maneira de andar e sente nisso uma alegria que se não pode imaginar. Do mesmo modo Deus vos vê, minhas Filhas, não por uma janela, mas por toda a parte, em qualquer lugar que estejais, considera a maneira como prestais serviço aos seus membros pobres, e sente uma alegria indizível quando vos vê ir com o único desejo de lhe prestar serviço. Ah ! isso é o seu maior prazer, é a sua alegria, são as suas delícias. Que felicidade, minhas queridas Filhas, poder dar alegria ao nosso criador !

Depois de ter interrogado sobre os meios de amarmos a Deus devidamente, o Senhor Padre Vicente retomou a palavra :

A nossa Irmã apresenta-nos um meio para amarmos a Deus que é quase infalível ; é, diz ela, andar sempre na Sua presença ; é bem verdade, quanto mais se contempla alguém muito perfeito, mais o amamos. Ora se imaginarmos com frequência que vemos a Deus, que é a própria beleza e perfeição, sem dúvida alguma, que quanto mais O virmos, mais O amaremos.

Uma outra Irmã interrogada sobre as razões de amarmos a Deus, respondeu que tinha pensado em várias razões já mencionadas, mas que se sentia particularmente obrigada para com Deus, por a ter chamado tão nova. O que o nosso muito Venerando Pai notou e repetiu muitas vezes.

A Irmã acrescentou que conhecíamos que uma Irmã ama a Deus, se ela guardar os Seus mandamentos, e que um meio de adquirir este amor, era abster-se de O ofender.

Outra Irmã disse sobre o primeiro ponto :

A primeira razão que nos obriga particularmente a amar a Deus, é que esse amor é a mais excelente de todas as virtudes, a que dá peso e valor a todas as outras, e ter-nos Deus, na Sua bondade, escolhido para O amarmos, chamando-nos a ser Filhas da Caridade.

A segunda razão é que, se nos não applicarmos a esse amor tão santo, passaremos inutilmente a vida, e as nossas obras serão contadas por nada.

A terceira é que muito difficilmente poderemos perseverar na nossa vocação, cumprir as obrigações que impõem as nossas regras e socorrer os doentes como devemos, se não tivermos o amor de Deus.

No segundo ponto pareceu-me que poderemos reconhecer que

amamos a Deus se, por seu amor, vencermos as dificuldades que encontramos em tudo quanto é contrário aos nossos sentidos, à nossa razão e à nossa vontade, se tivermos um grande cuidado em agradar a Deus e grande receio de O ofender.

No terceiro ponto, vi que um meio para adquirirmos o amor de Deus, é desejá-lo de todo o coração e pedi-lo com instância e perseverança; e um meio para o aumentar, é fazer muitas vezes actos desse mesmo amor, porque fazemos com maior perfeição as coisas às quais mais nos aplicamos.

Depois de ter dito várias razões já mencionadas por outras, uma Irmã acrescentou que reconhecemos que amamos a Deus, se tivermos grande pena de O ofender, se nos comprazermos em falar d'Ele e, finalmente, se nas nossas acções não tivermos outra intenção senão a de Lhe agradar, principalmente no que respeita ao serviço que devemos prestar ao próximo, que é a Sua imagem.

No terceiro ponto notou que, um meio de adquirir e mesmo de aumentar esse amor, é a recepção dos santos sacramentos, principalmente a Sagrada Eucaristia. É impossível aproximarmos do fogo sem ardermos, contanto que se faça com as devidas disposições, isto é, com o desejo de nos darmos inteiramente a Deus e pedir-Lhe ardentemente o seu amor.

Minhas queridas Irmãs, de todo o coração dou graças a Deus pelas luzes que vos concedeu sobre o presente assunto. São tantas, que difficilmente os doutores poderiam dizer mais. Diriam talvez coisas mais belas, mas não melhores.

Entre as razões que enumerastes, que são todas de peso, todas grandes, poderosas e fortes, detenho-me somente numa, que me parece mais tocante; é que Deus no-lo ordenou. Não teria sido bastante que Ele o permitisse? Não, permiti-lo não era bastante para o Seu amor, era preciso obrigar-nos a isso por um mandamento absoluto, cometendo peccado mortal os que o transgredirem.

Se um camponês fosse chamado por um rei para ser o seu favorito, e o rei lhe impusesse que o amasse, como se sentiria ele obrigado a isso! Diria sem dúvida: Ah! Magestade, não sou digno de que olheis para mim. Sou apenas um pobre trabalhador. — «Não importa, quero que me ames.» Como a bondade desse rei obrigaria aquele pobre homem a amá-lo, e a amá-lo com todo o coração! Não teria outra coisa presente no seu espírito senão a graça que o rei lhe havia feito.

Ora, Deus, que é infinitamente maior que todos os reis da terra, e em relação ao qual, somos menos que átomos, tem contudo em tanto apreço o nosso amor que o quer só e inteiramente para Ele. «Amarás, diz ele, o Senhor teu Deus com toda a tua

alma, com todas as tuas forças, com todo o teu entendimento, toda a tua vontade.» Olhai, minhas Filhas, Ele não reserva nada. Devemos notar que este mandamento não é uma violência nem um constrangimento, mas todo doçura e amor. Compreendereis isto, pela seguinte consideração: Se a rainha mandasse chamar uma de vós e dissésse: «Vinde, Irmã fulana. Ouvi falar de vós. Disseram-me que sois boa e, por isso, mandei-vos chamar, para vos dizer que quero que me ameis, mas que me ameis muito. Não falteis a isso.» Dizei-me, minhas Filhas, que não faríeis para testemunhar à rainha o vosso reconhecimento por este favor?

Pois bem, tendes a certeza de que Deus quer que O ameis: manifestou-o por meio do seu próprio mandamento, e também, como se disse, pela escolha que fez de vós para serdes Filhas da Caridade, que quer dizer, Filhas do amor de Deus, ou escolhidas e chamadas para amar a Deus.

Outro motivo é, como dissestes, que Deus fulmina com maldição quem O não ama; «sejam anatematizados, diz S. Paulo, os que não amarem a Deus.» (1.^a Epístola aos Coríntios, 16, 22). Maldição àquela que não amar a Deus! Sim, minhas Filhas, Deus tem em tanto apreço e estima e amor dos homens, que quis absolutamente que O amassem, e por falta deste amor, fossem malditos. Vêde que ameaças!

Aqui tendes portanto, minhas queridas Irmãs, dois motivos que ponho em primeiro lugar para não repetir todos os que já dissestes: um, o mandamento de Deus para O amarmos; e outro, a maldição com que ameaça os que o não cumprirem.

Mas, dirá alguma: muito bem; estamos convencidas de que temos de amar a Deus; mas o que é amar? Como é que faremos para amar?

—Minhas queridas Filhas, responderei que amar é querer bem a alguém, desejar que conheçam os seus méritos, que os apreciem, proporcionar toda a honra e satisfação que de nós dependem, desejar que todos façam o mesmo, e que a pessoa amada não seja atingida por desgraça alguma. Quanto mais perfeito é o amor, mais sublime e elevado é o bem que queremos à pessoa amada. Ora, se nada é mais perfeito do que Deus, conclui-se que o amor que se Lhe deve é um amor santo, que quer a sua maior glória e tudo quanto redunde em sua honra.

Para bem compreender isto, minhas Irmãs, é preciso saber que há duas espécies de amor: um que se chama afectivo e o outro effectivo.

O amor affectivo procede do coração. A pessoa que ama, está cheia de affecto e de ternura, vê constantemente Deus presente, encontra a sua satisfação em pensar n'Ele e passa insensível-

mente a sua vida nesta contemplação. Graças a esse mesmo amor, desempenha, sem dificuldade e mesmo com prazer, as coisas mais difíceis e torna-se cuidadosa e diligente em tudo quanto a pode tornar agradável a Deus; enfim, embebe-se nesse amor divino e não sente satisfação noutro pensamento.

Há o amor efectivo, que é agir por Deus sem sentir as Suas consolações. Este amor não é perceptível à alma; não o sente; mas não deixa de produzir o seu efeito e realizar o seu acto. Conhece-se esta diferença, dizia o Bem-aventurado Bispo de Genebra, no exemplo dum pai que tem dois filhos. Um é ainda pequenino. O pai acaricia-o, distrai-se em fazê-lo brincar, compraz-se em o ouvir gaguejar, pensa nele quando o não vê e sente sensivelmente as suas pequenas dores. Quando sai, esta criança permanece no seu pensamento, e ao voltar para casa, vai, em primeiro lugar, vê-la, e ama-a como Jacob ao seu pequenino Benjamim. O outro filho é um homem já dos seus vinte e cinco ou trinta anos, já senhor da sua vontade que vai onde lhe apraz e regressa quando quer, mas trata, contudo, dos negócios da casa; parece que o pai não tem ternura alguma por ele e não o ama. Se há qualquer aflicção, é o filho que a sofre; se o pai é lavrador, o filho terá cuidado de tudo o que depende da faina dos campos e põe mãos à obra; se o pai é comerciante, o filho é empregado no negócio; se o pai é homem de justiça, esse filho dirigirá a clientela, no entanto, não parece que seu pai o ama.

Mas quando se trata de o dotar, ah! o pai mostra bem que o ama mais do que ao mais pequenino, que o extremece, porque o favorece com a melhor parte dos seus bens e lhe faz grandes concessões. Vemos, segundo o costume de certos países, que os mais velhos levam a melhor parte dos bens da casa, e os mais novos têm apenas uma pequena parte legítima. Deste modo vemos que esse pai, embora tenha um amor mais sensível, mais terno pelo filho mais novinho, tem-no, contudo, mais efectivo pelo mais velho.

Ora vêde, minhas queridas Irmãs, como o Bem-aventurado Bispo de Genebra explica estes dois amores. Há-as que entre vós amam muito a Deus, sentem as suas consolações na oração, grande suavidade em todos os exercícios, grande consolação na frequência dos sacramentos, não sofrem contradição em si mesmas, porque o amor que têm a Deus faz-lhes aceitar com alegria e submissão tudo quanto vem da sua mão.

Há outras que não sentem a Deus. Nunca o sentiram, não sabem o que é ter gosto na oração, não têm devoção, segundo lhes parece; mas não deixam de fazer oração, de praticar as regras, a virtude e de trabalhar muito, embora com repugnância.

Deixam elas, por ventura, de amar a Deus? Não, sem dúvida, porque fazem tudo quanto as outras fazem, e com um amor tanto mais forte, quanto menos o sentem. É o amor efectivo, que não deixa de operar, embora não se manifeste.

Há pobres Irmãs que desanimam. Ouvem dizer que fulana sente tanta ternura, faz tão bem oração, tem tanto amor de Deus. E, como não sentem nada disto, pensam que está tudo perdido, que não fazem como as outras e que mais vale saírem, visto que não têm amor de Deus.

Ora, minhas queridas Irmãs, é um erro. Se fazeis as coisas da vossa vocação, podeis estar certas de que amais a Deus e que O amais, sem comparação, mais perfeitamente do que as que o sentem muito e não fazem o que fazeis. Reparai, minhas Irmãs, no que digo: se fazeis as coisas da vossa vocação.

Algumas dirão: Quanto a mim, Senhor, não faço nada, não adianto; nada do que fazem ou dizem me comove. Vejo as minhas Irmãs tão recolhidas na oração, e eu estou sempre distraída, se fazem uma leitura, elas experimentam um grande prazer e eu aborreço-me. Parece-me que é uma prova de que Deus não me quer aqui, pois não me dá o espírito da vocação como dá às outras. Só sirvo de mau exemplo. «Minhas queridas Irmãs, isto é uma sedução do espírito maligno, que procura esconder o bem que fazeis, fazendo o melhor possível, embora não sintais consolação.»

Há algumas que se afligem ao ver algumas deixarem a vocação.

«Aquela saiu; que tenho a fazer aqui mais tempo? Nada faço também aqui. Se ela consegue bem a sua salvação noutra parte, também eu a conseguirei.» No entanto, embora sejam agitadas por estas inquietações, não deixam de fazer tudo quanto delas depende. Minhas Irmãs, não vos aflijais. Deus quer-vos assim. Não deixais de O amar, visto que procedeis bem; é essa uma das maiores provas que Lhe podeis dar.

O mandamento que Deus deu, de O amarmos com todo o coração, com toda a alma e com todo o entendimento, etc., não quer dizer que Ele queira que o coração e a alma sintam sempre esse amor. É uma graça que concede a quem Lhe apraz. Mas quer que, por um acto de vontade, todas as nossas acções sejam feitas por seu amor. Ao entrardes na Companhia vistes quais eram essas obrigações; destes-vos a Deus para as cumprirdes todas com amor, e todos os dias tendes feito um acto desse amor. Ficai certas, minhas Irmãs, que, embora sem a consolação de sentir a doçura desse amor, não deixais de o ter, fazendo por esse mesmo amor tudo quanto fizerdes.

Mas, Senhor, qual é o meio para vivermos num perpétuo acto de amor ?

— Ficai sabendo, minhas Irmãs, que o podeis fazer muito facilmente servindo-vos de quatro meios, que vou indicar.

O primeiro é viver em constante acto de amor de Deus, é não consentir em maus pensamentos, ter o espírito limpo de tudo isso, pois desagrada a Deus, que é todo puro e santo. Se sobrevier algum, expulsai-o logo que dele vos aperceberdes, pensando que o vosso coração é de Deus, que não quer nada manchado, nem contaminado. Tendes um meio fácil para isso. Quando o relógio der horas, lembrai-vos que Deus vos chama e vos diz : «Minha Filha, ama-me ; minha Filha, o tempo passa e a eternidade aproxima-se ; dá-me o teu coração.» Isto, minhas Filhas, por meio dum olhar interior e simples, põe-vos na presença de Deus, purifica o vosso coração e faz-vos produzir um acto de amor.

O segundo acto, pois trata-se de assentar que as Filhas da Caridade devem amar todas a Deus e sempre a Deus, o segundo meio, digo, é não dizer jamais coisa alguma que seja mal, nunca se queixar, nunca murmurar, não se divertir à custa de outrém, nem dos externos, nem dos da casa ; falar bem de Deus e do próximo, e deste modo o nosso coração se manterá no amor de Deus.

Mas, Senhor, tenho que falar sempre de Deus ?

— Não. Mas quando falardes d'Ele, seja com respeito e devoção. Quando estiverdes juntas em lugar onde se possa conversar, falai do bem que vistes nuns e noutros, dizei como Deus é bom, como é bom amá-Lo e servi-Lo sempre, para edificar aqueles que vos escutam e até para vossa própria edificação ; se vos ouvirem falar assim, não se permitirão falar fora de propósito.

O outro meio de amar a Deus, é seguir fielmente a prática das Santas Regras, que são contínuos actos de amor de Deus : ao levantar dar o seu coração a Deus para cumprir a Regra e a Sua santa vontade no cumprimento desta ; vestir-se com este pensamento ; ir para a oração com este desejo e este mesmo sentimento ; se estiver fora de casa, servir os pobres da maneira que a regra ordena. Tende a certeza, minhas Filhas, de que, se não faltardes ao seu cumprimento, amais a Deus e viveis num constante acto de amor.

O último meio de amar a Deus, constantemente e para sempre, é sofrer ; sofrer as doenças, se Deus no-las enviar ; sofrer a calúnia, se dela formos atacados ; sofrer em nós mesmos as penas que Ele nos envia para experimentar a nossa fidelidade.

O bom Irmão António, (1) um santo homem e grande servo de Deus, tinha essa prática. Quando adoecia dizia imediatamente: «Sêde bemvinda, minha irmã doença, pois vindes da parte de Deus.» Se lhe diziam: «Irmão António, dizem que sois um hipócrita, que vos fazeis valer, que não fazeis nada do que dizeis.» — «Sêde bemvida, irmã detracção.» Vinham-lhe dizer: «Irmão António, há quem esteja descontente convosco; dizem que sois um aliciador, que enganais toda a gente,» etc. — «Sêde bemvida, irmã detracção.» Foi o homem mais santo que temos visto nos nossos tempos. Todos os motivos de aflicção que lhe sucediam, considerava-os como enviados por Deus. Do mesmo modo, minhas Filhas, quando vos contarem que estão descontentes convosco, que vos atribuem falsamente uma palavra ou uma acção, dizei: «Sêde bemvinda da parte de Deus.» Se estiverdes doentes, e por essa razão impedidas de fazer os vossos exercícios como desejaríeis, oh! louvai a Deus, que assim o permite. E que o mesmo se dê com tudo o que possa succeder de contrário ou difficil, lembrando-vos, minhas Irmãs, que não podereis oferecer a Deus um sacrificio que Lhe seja tão agradável, como oferecer-vos a Ele para sofrer o que Lhe aprouver enviar-vos.

Aqui temos portanto quatro meios pelos quais as Filhas da Caridade viverão, se os puserem em pratica, num contínuo acto de amor de Deus.

O primeiro é, como já o dissémos, e repito ainda, habituar o nosso coração a formar bons pensamentos; não permitir que seja distraído por mil fantasias vãs e inúteis, ou por pensamentos impuros. Graças a Deus, não sois atacadas por estes, mas por outros muitos pensamentos de inveja, de murmuração, de secretos descontentamentos. Oh! Como isso vos afasta do amor de Deus, sugerindo-vos pensamentos de deixar a vocação e de abandonar a Deus! Ah! Minhas queridas Filhas, acautelai-vos deles, porque

(1) António Flandin-Maillet, nasceu em Saint-Geoire (Isère) em 1590, morreu em odor de santidade em Montluel (Ain) a 16 de Fevereiro de 1629. «As converções que se devem às orações do Irmão António, as curas obtidas pela imposição das suas mãos, os seus combates com o demónio, as suas relações com os anjos, os seus conselhos esclarecidos por luzes sobrenaturais. formaram à volta dele uma auréola cujo prestigio não se impunha só aos pequenos e aos pobres, mas até aos príncipes e aos poderosos.» (Irmão António, por A. M. de Francileu, Grenoble, 1864, 11-12). A rainha chamou-o a Paris em 1628, para conversar com ele, o ignorante que não sabia ler nem escrever, mas de cuja santidade todos falavam. Foi nessa altura que S. Vicente, Luísa de Marillac e o Padre Portail tiveram a felicidade de o conhecer. O retrato do Irmão António guarnece uma das salas de S. Lázaro.

são perigosos. Se os sentirdes, procurai expulsá-los e abstende-vos de os consentir.

Outra maneira de testemunhar a Deus que O amamos é sofrer as injúrias, as calúnias, as penas, às vezes bastante desagradáveis, que se encontram na nossa vocação e que Deus dulcificará. A propósito disto, minhas Filhas, quando ouvirdes dizer (a estas palavras o Senhor Padre Vicente mudou de voz e vieram-lhe as lágrimas aos olhos), quando ouvirdes dizer que uma Irmã saiu, mal agradecida pelas graças que Deus lhe fez, não vos admireis, chorai a sua perda, lamentai o deplorável estado em que puder estar mergulhada e firmai-vos por este exemplo.

Oh! meu Deus! Mas era uma Irmã que fazia tanto bem! Esperava-se tanto dela! Deve haver culpa da companhia e dos Superiores! Ah! — Acautelai-vos de falar assim, minhas Irmãs.

Mas ainda vou mais longe, porque penso que poderia talvez sair também como ela; não sou melhor, sou mesmo mais imperfeita; não poderei perseverar. — Abstende-vos de ter essa linguagem, minhas Filhas, aconteça o que acontecer. É negociar com Deus, é negociar com vós mesmas. Se tuço isso se desse ou ainda pior, não se devem afligir, nem falar nisso com outras, nem considerar quais as razões que têm as que saiem, porque nunca deixa de as haver, mas sim fazer uma renovação de amor de Deus, dizendo no seu coração: «Meu Deus, é pois verdade que esta Irmã, que chamastes tão misericordiosamente, deixou o Vosso serviço. Ah! no que nos tornamos quando nos abandonais! Se não me amparásseis, meu Deus, já teria feito outro tanto; mas espero que não me abandonareis; e da minha parte empregarei, daqui em diante, todo o cuidado para Vos ser fiel. Evitarei para o futuro essas convivências e inteligências particulares que tanto me têm prejudicado, e tratarei com aquelas que tornastes mais firmes, a fim de que os seus bons exemplos e as suas instruções me aproveitem.» É assim, minhas Filhas, que se deve proceder.

Sabeis o que se faz, quando um príncipe se revolta contra o rei, quando arranja um partido, se subleva e toma as armas? Logo que isso se dá, os outros príncipes, que não pertencem ao partido, vão procurar o rei e dizem-lhe: Magestade, soubémos que fulano faltou à fidelidade que vos devia; nós viemos para vos declarar que não tomamos parte na sua revolta e que, pelo contrário, estamos prontos a expôr a vida pelo vosso serviço.» É deste modo, cada um renova os protestos da sua fidelidade. Os que estão longe e não podem vir, enviam alguém.

Do mesmo modo, minhas Filhas, se virdes que alguma, como vos acabei de dizer, vem a faltar à sua vocação, incitai ainda mais o vosso coração à fidelidade; dizei: «Não, meu Deus, ainda

que todas faltassem, eu, ajudada com a Vossa graça «quero conservar-me Vossa.»

Aqui tendes bastante por agora ; o tempo urge, e eu não me deterei mais tempo a explicar-vos os outros meios, na esperança de que a bondade de Deus, que vo-los sugeriu, vos concederá a graça de vos servirdes deles todas as vezes que forem necessários. No entanto, suplico-lhe de todo o coração, que anime todas com o Seu santo e verdadeiro amor e nos conceda a graça de nele crescermos cada vez mais a fim de que, ajudadas com esta graça, possamos começar neste mundo o que faremos eternamente no outro, aonde nos conduzem o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

42 — CONFERÊNCIA DE 28 DE DEZEMBRO DE 1649

SOBRE O AMOR AO TRABALHO

Minhas Filhas, o assunto desta conferência refere-se à vantagem que têm as Filhas da Caridade em trabalharem nas horas livres entre o serviço dos pobres, ou o cuidado das alunas, nos lugares onde não estiverem muito ocupadas. O primeiro ponto trata das razões que têm para ganharem uma parte da sua vida ; o segundo, do género de trabalho em que se devem ocupar ; o terceiro, do que elas devem fazer para que o seu trabalho agrade tanto a Deus, como a assistência prestada aos doentes ou as suas outras funções.

Eis, minhas Irmãs, os três pontos sobre os quais vamos falar. Vejamos por que razões as Filhas da Caridade se devem ocupar nos lugares em que o podem fazer, sem prejudicar o serviço dos pobres doentes ou a instrução das crianças, como nas aldeias ou em algumas paróquias de Paris.

Minhas Irmãs, dissei-nos quais são as razões porque uma Filha da Caridade deve trabalhar, para ganhar uma parte da sua vida.

— Meu Pai, no primeiro ponto, pareceu-me que nos devíamos ocupar, porque Nosso Senhor nos recomendou o bom emprego do tempo ; em segundo lugar porque somos pobres ; e em terceiro lugar porque a ociosidade provoca maus pensamentos, leva a ocupações inúteis e muitas vezes destroi em nós o que a graça produziu e que teríamos conservado se estivéssemos ocupadas. No segundo ponto pensei que o trabalho em que nos poderíamos ocupar seria coser e fiar, e outros trabalhos comuns, que não

faltam. No terceiro ponto pensei que um bom meio para tornar o trabalho agradável a Deus era afeiçoar-nos a ele.

Outra Irmã disse :

Meu Pai, parece-me que devemos trabalhar a exemplo de Nosso Senhor que trabalhou enquanto esteve no mundo. No segundo ponto pensei que o trabalho de coser ou de fiar, como disse a nossa Irmã, era o mais conveniente para nós. E quanto aos meios, creio que o cuidado e a diligência nos serão úteis, pensando que temos sempre que trabalhar, e sempre como se tivéssemos muita pressa, porque quando se trabalha lentamente, não se adianta nada, e quando se julga que se tem pouco que fazer, não se pensa em ir depressa.

Outra Irmã disse :

Meu Pai, parece-me que uma razão para nos levar a não perder o tempo, é o exemplo da Santíssima Virgem que nunca esteve ociosa. Quanto aos trabalhos não vejo outros além dos que já foram indicados pelas nossas Irmãs, a não ser para as que estão na casa e que têm empregos e officios particulares. Para conseguir que Deus tenha o nosso trabalho por agradável será bom meio ter o nosso espírito ocupado com alguma coisa boa, enquanto se trabalha, e não consentir nunca em pensamentos inúteis.

E vós, minha Irmã ?

Uma razão pela qual devemos trabalhar para ganhar uma parte da nossa vida, é que a nossa vocação tem a honra de imitar a vida gloriosa do Filho de Deus e por consequência, visto que Ele trabalhou com S. José e com Sua Santa Mãe para ganhar a sua vida, devemos nós também fazer o mesmo. Uma segunda razão, é que não trazemos para casa bens com que viver, e por conseguinte temos que ganhar a vida por meio do nosso trabalho. A terceira razão é que a maior parte dentre nós estariam obrigadas a ganhar a sua vida, se estivessem no mundo. A quarta razão é que pode ser um meio para bem estabelecer a nossa Companhia na virtude, particularmente na humildade que Nosso Senhor tanto recomendou aos que o quiséssem seguir, e tanto a apreciava, que Ele mesmo a praticou toda a sua vida.

Outra Irmã disse :

Meu Pai, pensei que uma das razões, para nos ocuparmos em ganhar uma parte da nossa vida, é que assim imitamos Nosso Senhor, Sua Santa Mãe e S. José que trabalharam durante toda a sua vida.

Além disso, a nossa Companhia faz profissão de pobreza. A terceira razão é que, se se introduzisse na Companhia a convicção de que não temos de trabalhar para ganhar a vida, depressa

cairíamos na preguiça e a Companhia cairia em ruina. Finalmente nada é tão prejudicial aos bons costumes, como a ociosidade.

No segundo ponto acerca dos trabalhos em que nos devemos ocupar durante o tempo em que o cuidado dos doentes e das crianças ou a observância das nossas regras nos derem algum descanso, pareceu-me que cada uma poderia, segundo o seu alcance, ocupar-se em trabalhos necessários, como coser, fiar, e outros que sejam de utilidade para a casa, ou para os pobres, e não em coisas que nos ocupem muito o espírito e nos apaixonem demasiado. Examinando como deveríamos proceder para que o nosso trabalho fosse agradável a Deus e à assistência dos pobres, pareceu-me que, ao começá-lo, deveria ter a intenção de agradar a Deus, honrando o trabalho que Nosso Senhor fez enquanto esteve na terra; em segundo lugar, não empreender nada sem licença, e estar na disposição de largar o trabalho quando ordenarem ou quando o serviço dos pobres a isso me obrigar.

Depois do nosso Venerando Pai ter ouvido, com a sua caridade e paciência habituais, o que cada uma das Irmãs que ele interrogava tinha a dizer sobre este assunto, começou o seu discurso nestes termos:

Dou graças a Deus, minhas Irmãs, pelos pensamentos, que na sua bondade vos concedeu sobre o presente assunto, e que são todos bons, consideráveis, úteis e práticos, e sobre os quais não me deterei, por dispormos de pouco tempo.

Acrescentarei, minhas Irmãs, somente duas coisas que me vieram ao espírito; uma das quais é o mandamento expresso que Deus deu ao homem de ganhar a sua vida com o suor do seu rosto, «*In sudore vultus tui vesceris pane*», disse o Senhor, (Gen. 3, 19); ganharás o teu pão com o suor do teu rosto, isto é, minhas Irmãs, por meio dum trabalho custoso e laborioso; mandamento tão expresso, que não há homem que se possa eximir a ele, e um trabalho tal, que graças a Deus, nos serve para fazer penitência, devido à pena que ele causa ao corpo. Deus não disse apenas: «Trabalharás com a indústria do teu espírito para ganhares o teu pão», mas sim: «Trabalharás com o suor do teu rosto.» Trabalharás não só com a tua inteligência, mas também com as tuas mãos, os teus braços e todo o teu corpo, e trabalharás com tanta actividade que o suor correrá da tua frente. Eis, minhas queridas Irmãs, como se deve compreender este mandamento de Deus, ao qual todo o homem é obrigado a obedecer.

O lavrador que vemos a guiar a charrua para cultivar a terra e dela fazer sair o grão para o alimento dos homens, satisfaz a este mandamento, porque o seu corpo, nesse trabalho, sofre e esforça-se de tal maneira que o suor lhe corre muitas vezes da frente.

A Filha da Caridade que vai de manhã e à tarde, quer faça calor ou frio, carregada com a panela, e isto não para ela, mas para levar o alimento a esse pobre que não pode ir procurá-lo e desfaleceria de miséria se ela lho não levasse, oh! essa, minhas Irmãs, satisfaz a este mandamento.

A segunda razão, minhas Irmãs, é que Deus, falando ao justo, disse-lhe que viveria do trabalho das suas mãos, como 'se nos quisesse dar a entender que a maior obrigação do homem, depois do serviço que deve prestar a Deus, é trabalhar para ganhar a sua vida, e que abençoará de tal forma o sofrimento que nisso tiver, que o não verão em necessidade, que não será pesado a ninguém, do seu trabalho viverá e sustentará a sua família, e tudo lhe correrá bem. Deus mesmo promete trabalhar com ele, e ele, enquanto trabalha, bendirá a Deus.

O justo vive desta maneira, minhas queridas Irmãs; vive, segundo o mandamento de Deus, do trabalho das suas mãos e não é pesado a ninguém. Mas o injusto rão procede assim; por se não dar ao incómodo de trabalhar, será pesado a outrem; ele pedirá o seu pão ou tirá-lo-á. Oh! Vêde a diferença; um é agradável a Deus e ao mundo; vive na prática dos mandamentos de Deus e tem com suficiência as coisas necessárias à vida; o outro é odioso a Deus, insuportável às pessoas de bem e sofre em si mesmo pela miséria a que o reduz a preguiça.

Não é que eu queira dizer com isto, minhas Irmãs, que todos os que vivem na abastança são justos; nem que todos os que sofrem necessidade sejam injustos, porque vemos muitas que, por permissão de Deus, os maus prosperam e os bons nada conseguem; mas dir-vos-ei, que nunca se viu um homem a quem Deus não tivesse dado meios suficientes de viver, desde que ele tenha querido dar-se ao trabalho de os conseguir.

Ao contrário das bênçãos que Deus deu aos justos, há as maldições com que fulmina os preguiçosos na Sagrada Escritura, Ele manda aos preguiçosos que contemplem as formigas: «Vai preguiçoso, diz ele, aprende da formiga o que deves fazer» (Prov. 6, 6).

A formiga, minhas queridas Irmãs, é um animalzinho a quem Deus deu uma tal providência, que leva para a comunidade tudo quanto, durante o verão e o tempo da ceifa, pode juntar para o inverno. Vêde, minhas queridas Irmãs, mas leva-o para as outras, guardando-o no pequenino armazém da comunidade. As abelhas fazem o mesmo durante o estio. Fazem a sua provisão de mel que recolhem das flores, para viverem durante o inverno e levam-no, como as formigas, para a comunidade. São apenas uns animaizinhos dos mais pequeninos que existem na

terra e Deus imprimiu-lhe esse instinto do trabalho, de maneira que nos manda aprender deles o seu exemplo de trabalhar por providência.

A terceira razão que tempos, já se disse, meu Deus! Já se disse; e dissestes tão belas coisas a esse respeito! É que Deus mesmo trabalha incessantemente, e incessantemente trabalhou e trabalhará. Trabalha desde toda a eternidade em si mesmo pela geração eterna de seu Filho, que jamais deixará de gerar. O Pai e o Filho jamais deixaram de se amar um ao outro; e este amor mútuo produz eternamente o Espírito Santo, pelo qual foram, são e serão distribuídas aos homens todas as graças.

Deus trabalha ainda, fora de Si mesmo, na produção e conservação deste grande universo, nos movimentos dos Céus, nas influências dos astros, nas produções da terra e do mar, na moderação do ar, no regulamento das estações e em toda esta bela ordem que vemos na natureza, que seria destruída e voltaria ao nada se Deus não a sustentasse constantemente.

Além deste trabalho geral, trabalha ainda com cada indivíduo, em particular, trabalha com o artífice na sua oficina, com a mulher na sua casa, com a formiga e com a abelha nas suas colheitas, e isto incessantemente e sem interrupção. E porque trabalha Ele? Pelo homem, minhas queridas Irmãs, só pelo homem, para lhe conservar a vida e para prover a todas as suas necessidades. O quê? Se um Deus, soberano de todo o mundo, não esteve jamais um momento sem agir em Si mesmo e no exterior, desde que o mundo é mundo, e até nas mais humildes produções da terra, com a qual Ele coopera, quanto mais justo não será que nós, que somos suas criaturas, trabalhemos, como Ele disse, com o suor do nosso rosto! Um Deus trabalha constantemente, e uma Filha da Caridade havia de se conservar ociosa! Persuadir-se-ia que está só para servir os doentes! E, quando tem pouco ou nada que fazer junto deles, permaneceria inútil! Ó minhas queridas Irmãs, acautelemo-nos disto a valer, fujamos da ociosidade como da morte, que digo eu? Fujamos dela como do inferno!

Mas, Senhor, estamos ocupadas desde a manhã até à noite; mal temos tempo para tomar as nossas refeições, e, muitas vezes, nem às horas devidas o fazemos. — Ainda bem, minhas queridas Irmãs; louvo a Deus por isso, de todo o meu coração. Desejaria que aprovesse à Sua bondade que todas assim fôsseis. Sei que em Paris há muito trabalho, que muitas vezes três não seriam demais para fazer o que duas têm de fazer e que, se os dias tivessem quarenta e oito horas, teríeis sempre em que as empregar; mas também sei que nos campos, não se está sempre ocupado da mesma forma, que não há em toda a parte bastantes doentes para

ocupar todo o tempo, e que em Paris mesmo há paróquias em que os afazeres não são tão grandes; não há muitas na verdade, mas sempre há algumas; e é desses lugares que quero principalmente falar, minhas queridas Irmãs, ainda que em nenhum lugar se deva perder tempo.

Se soubésseis bem, minhas queridas Irmãs, a desgraça que a ociosidade traz consigo, fugiríeis dela como do inferno!

Foi dito aqui que causa os maus pensamentos e as más conversas. Ah! É demasiadamente verdade, minhas Irmãs; é a sua ama.

Que farão juntas duas pessoas que não têm nada que fazer, senão falar primeiramente de coisas inúteis e perigosas! Em seguida continuarão até chegar a dizer coisas perniciosas e condenáveis, a terem maledicências, forjar mentiras, murmurar contra os Superiores, criticar as regras, falar delas com desprezo, formar castelos no ar. Sei lá as extravagâncias que podem passar por um espírito ocioso! Terão mil pensamentos maus, mil imaginações a respeito deste ou daquela, deste rapaz que tiverem encontrado, ainda que, por misericórdia de Deus, não me conste que exista disso entre vós, minhas queridas Irmãs, e que a Sua bondade se digne preservar-vos duma maneira particular dessas desordens. Sim, podemos dizê-lo, para glória de Deus. Tem um cuidado muito particular em conservar a vossa pureza, mas não se deve abusar.

A ociosidade causa ainda pequenos rancores, aborrecimentos, ciúmes. Muitas vezes é uma simples imaginação sem fundamento algum. Uma pessoa ociosa fará mil reflexões opostas ao respeito que deve a Deus; destruirá a paz que deve reinar na sua alma e fará juízos opostos à caridade que deve ao seu próximo.

Minhas queridas Irmãs, que fez Nosso Senhor enquanto esteve na terra? Já se disse; pouco ou quase nada tenho a acrescentar. Direi somente que levou duas vidas na terra. Uma desde o Seu nascimento até aos trinta anos, durante a qual trabalhou com o suor do Seu divino rosto, para ganhar a Sua vida. O Seu officio foi o de carpinteiro; levou a alfofa, serviu de servente e ajudante de pedreiro. Trabalhou desde a Sua juventude de manhã até à noite, e assim continuou até à morte. O céu e a terra córam de vergonha à vista dum tal espectáculo.

Aqui tendes, minhas queridas Irmãs, o proceder de Deus, soberano de todo o mundo, a quem todas as criaturas devem um respeito infinito. Vêmo-Lo viver do trabalho das Suas mãos e no mais baixo e penoso emprêgo do mundo; e nós, insignificantes e miseráveis, havíamos de ser uns inúteis! E uma Filha da Caridade havia de querer poupar-se!

O outro estado da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra foi desde a idade de trinta anos até à sua morte. Durante esses três anos, que não fez Ele de dia e de noite, prégando ora no Templo, ora numa povoação, sem interrupção, para converter o mundo e ganhar almas para Deus Seu Pai? Durante esse tempo, de que pensais que viveu, minhas queridas Irmãs? Não possuía nada no mundo, nem mesmo uma pedra para descansar a Sua divina cabeça, onde habitava a eterna sabedoria. Vivia então de esmolas que lhe davam Madalena e as outras piedosas mulheres que O seguiam para ouvir os Seus sermões. Ia a casa daqueles que O convidavam e não deixava de trabalhar de dia e de noite, a toda a hora, indo, ora ao lugar onde sabia que havia almas para conquistar, ora a casa dum doente para lhe dar a cura do corpo e depois a da alma. Com isto quis ensinar às Filhas da Caridade que servem os doentes dois empregos do tempo: um, durante o qual devem prover as suas necessidades temporais; outro, enquanto os servem, ou depois de os ter servido, em que lhes devem dizer alguma boa palavra para os levar a fazer uma boa confissão, a dispô-los a bem morrer ou a tomar boas resoluções de viver melhor, no caso que Deus lhes restitua a saúde. Agir assim, minhas queridas Irmãs, é imitar o procedimento que Nosso Senhor teve na terra; e ganhar a sua vida desta maneira, sem perda de tempo, é ganhá-la, como Nosso Senhor ganhava a Sua.

S. Paulo, esse grande apóstolo, esse homem todo divino, esse vaso de eleição, ganhou a sua vida com o trabalho dos seus grandes encargos; das suas constantes pregações arranjava tempo, de dia ou de noite, para acudir à sua própria subsistência e não pedir a ninguém. Diz num dos seus discursos: «Sabeis que nada vos tenho exigido, e que o pão que como para sustentar o meu corpo tem sido ganho por estas mãos». (Seg. Epíst. Tes. 3, 8). Quem não há-de córar de confusão por um tal exemplo? Não era qualquer menina que falava, não era um homem vulgar, era um homem de boa condição pelo seu nascimento, pela sua ciência e pela sua virtude; e este homem tinha em tal consideração a santa pobreza ensinada por Jesus Cristo, que fazia escrúpulo em comer um bocado de pão que não fosse ganho por ele. Se os seus grandes encargos não lhe permitiam trabalhar de dia, faziam-o durante a noite no tempo reservado ao descanso. Havia então na Igreja um santo costume: que cada um trabalhasse. Os religiosos a princípio ganhavam a sua vida. Depois de haverem assistido ao officio divino ocupavam-se em fazer esteiras e cestos de junco, que depois vendiam. E isto praticava-se ainda no tempo de S. Bernardo; os seus religiosos, e ele próprio, trabalhavam há quatrocentos anos. E, como tudo vai afrouxando com o tempo,

esse santo costume desapareceu. E não foi sem graves consequências, porque a disciplina doméstica deixou então de permanecer naquela austeridade em que se achava quando os religiosos estavam sujeitos ao trabalho.

Ora, vêdes, minhas queridas Irmãs, o valor da vossa obra, vós que não sois pesadas para os lugares onde sois chamadas? Isto é uma grande coisa, porque, sendo assim, podereis prestar sempre serviço a Deus e até com aplauso, ainda que não seja isso o que deveis procurar. Não sereis obrigadas a pedir mais do que o que vos puderem dar. E se chegardes a ter mais do que o necessário, sabeis bem que o que sobra é empregado na formação de outras Irmãs, que um dia, como vós, prestarão serviço a Deus, servirão o próximo e pelas quais Deus será glorificado. Os religiosos prestam serviço a Deus e são o sustentáculo da Igreja; mas a maior parte ou pelo menos os mendicantes, tornam-se pesados. É verdade que não fazem mal, porque é essa a sua regra. Temos, por exemplo, os religiosos de S. Francisco, que praticam uma estreita pobreza; oh! isso é grande diante de Deus, mas, não possuindo bens, vivendo na indigência e na pobreza, e não estando estabelecidos, tornam-se pesados.

Mas podeis ganhar suficientemente a vossa vida, servindo o próximo; não sois pesadas a ninguém; atendeis às vossas próprias necessidades, bastais-vos a vós mesmas. Prouvera a Deus que eu pudesse fazer também o mesmo, eu, indigno do pão que como, e que, ganhando licitamente a minha vida, pudesse servir o próximo sem nada possuir e sem sobrecarregar ninguém! Prouvera a Deus que os nossos padres o pudessem fazer e fôssemos obrigados a deixar o que temos! Deus sabe que seria de boa vontade. Mas não o podemos fazer, e temos que nos humilhar por isso.

Se aprouvésse a Deus, minhas queridas Irmãs, conceder-vos esta graça, de poderdes um dia ganhar a vossa vida e chegar a poder servir as aldeias que não têm meios para vos sustentar, isso seria belo! O quê! Irmãs trabalhando para os outros, estando num lugar onde servissem os pobres, instruissem as crianças, sem que ninguém contribuisse para isso, e isto graças ao trabalho das Irmãs que estivessem noutros lugares, graças também ao trabalho que elas próprias fizessem nos seus momentos livres! Que bem tão grande, minhas Irmãs, e que bênção de Deus, se vós, que já estais nas aldeias ou nas paróquias, que servis os pobres e ensinai as crianças, contribuísseis com o vosso trabalho para que outras fizessem o mesmo, trazendo para a Comunidade o que vos sobra! Se as abelhas o fazem, porque é que vós, que deveis ser como abelhas celestes, não o havéis de fazer? Ó minhas Irmãs,

se aprouvesse a Deus conceder esta graça à Companhia, de que por vosso meio os pobres fossem servidos, a juventude instruída e esta casa posta em condições de subsistir e poder receber e instruir as donzelas que se apresentassem com o desígnio de servir a Deus, as quais a seu tempo irão prestar-Lhe os serviços que vós lhes prestais, não será isto uma grande felicidade para vós? Minhas queridas Irmãs, vós a isso estais obrigadas, tanto quanto vos fôr possível; pelo menos nada deveis omitir para isso. Dizei convosco mesmas: «É a casa onde fui instruída; fizeram-me a caridade de lá me receberem e acolherem; é justo que eu contribua para as suas despezas, para que se possa continuar a fazer a mesma caridade àquelas que vierem depois de nós e que a Companhia não acabe nunca, nem interrompa o bem que começou».

Isto é muito importante e de grande alcance, minhas queridas Irmãs, maior ainda do que podereis pensar e do que poderei dizer-vos. Eis, por exemplo, duas Irmãs que estão numa paróquia; o que não fazem elas? O que não ouvimos nós dizer da sua maneira de viver? É uma vida toda divina, uma vida tal como Jesus Cristo teve na terra; Deus trabalha constantemente com elas, e bem precisam, minhas queridas Irmãs, porque sem Ele não poderiam fazer o que fazem.

Tenho presente no meu espírito duas das nossas Irmãs que estão num lugar onde não têm muito que fazer, e têm suficientemente o que lhes é preciso, e receio que isso seja uma ocasião de negligência no trabalho e venham a cair na preguiça. Preferia que se não tivesse feito a fundação, porque, minhas queridas Irmãs, a ruína da vossa Companhia só poderá vir por esse meio. Quando as nossas Irmãs se virem bem estabelecidas e sem terem bastante em que se ocupar, descurarão o trabalho e não se preocuparão em ir ver os pobres. Ah! Então será preciso dizer adeus à Caridade; já não existe a Caridade; está sepultada; terão então que fazer os funerais da Caridade. Se Deus não lhe estender a mão, será assim. Não o verei porque já não existirei, mas aquelas de entre vós a quem Deus der vida vê-lo-ão. Entregai-vos portanto a Deus para trabalhar seriamente, à imitação da Sua divina Majestade que trabalha incessantemente, embora não tenha necessidade de nada, para, como as abelhas, trazerdes à Comunidade o que vos sobrar, para se poderem formar outras Irmãs depois, é claro; de terdes provido as vossas necessidades. Mas em que trabalhos poderemos ocupar-nos? Não será preciso um trabalho muito apurado; e depois nós não sabemos fazer tudo quanto nos quiserem dar. A isto, minhas Filhas, responderei que, coser e fiar, são os trabalhos mais convenientes, pois tereis sempre nisso em que vos ocupar, seja para vosso uso, seja

para os pobres ou crianças, seja para outrem; não vos faltará que fazer.

Mas como se há-de fazer para que esse trabalho agrade a Nosso Senhor? Já se disse, minhas queridas Irmãs, e mencionaram-se belas coisas sobre esse assunto.

Deveis trabalhar em primeiro lugar para agradar a Deus, que faz a sua alegria e as suas delícias em vos ver ocupadas para um bom fim. Ora, tendes a certeza de que a vossa ocupação Lhe agrada. Deste modo, tende a certeza de que fazeis uma coisa que Lhe é agradável.

Em segundo lugar o vosso trabalho deve ter por fim honrar o trabalho penoso e laborioso que Nosso Senhor fez enquanto esteve na terra, o qual obrigou o Seu divino corpo aos mais pesados trabalhos, sem Se poupar.

Em terceiro lugar deveis fazê-lo, pensando que trabalhais para o serviço do próximo, que é tão caro a Deus, que considera como feito a Si mesmo tudo quanto se fizer para alívio dos outros.

Em quarto lugar é preciso banir o espírito da avareza. Dissestes esta bela frase, que se não devia ter em vista o ganho. Ó, meu Deus! Não, isso seria estragar tudo. Se uma Filha da Caridade se propusesse, ao trabalhar, acumular escudos sobre escudos, para ter dinheiro diante de si, ou para se alimentar melhor, isso seria muito desagradável a Deus e de má edificação para as pessoas de bem.

Dizia-me ontem um homem do mundo: «Senhor, há oito anos que me dei a Deus para não tirar proveito dos meus bens. Uma vez alimentado, e vestido, dou aos pobres tudo quanto sobra. Bem sei que não poderei dar emprego ao meu filho, mas não posso proceder doutra forma». Minhas Filhas, este é um homem do mundo, que não está sem fazer nada e que tem filhos; e tudo quanto reune, depois de ter provido simplesmente ao necessário, é para os pobres; chega mesmo a vender e a comprometer os seus bens.

Ah! Devíamos vender-nos a nós mesmos para tirar os nossos irmãos da miséria; e uma Filha da Caridade havia de ser tão infeliz que fizesse alguma reserva para si e dissesse: «Sei o que poderá acontecer? Talvez não esteja sempre na Companhia; e se viesse a sair teria tudo isto.» Ah! Malditos, que digo, condenáveis pensamentos, pensamentos sugeridos pelo demónio para serem uma ocasião de ruína para as que os escutassem! Não é que eu saiba que haja entre vós quem esteja nesta disposição; sei que todas estais bem intencionadas e afeiçoadas à casa.

Peço a Deus, que desde toda a eternidade trabalhou no interior de Si mesmo, peço a Nosso Senhor Jesus Cristo que trabalhou enquanto esteve no mundo, peço ao Espírito Santo por quem Ele

nos anima ao trabalho, peço a S. Paulo que ganhava com o seu próprio trabalho o pão de que se alimentava, peço a todos os antigos religiosos que viveram no trabalho manual e chegaram à santidade, que Deus na Sua bondade Se digne perdoar-nos o tempo que tantas vezes temos perdido e particularmente eu que sou o mais indigno do pão que como e que Deus me dá, peço, dizia eu, a Nosso Senhor Jesus Cristo que nos conceda a graça de trabalharmos a Seu exemplo, peço à Santíssima Virgem e a todos os santos, nos alcancem esta graça da Santíssima Trindade, em nome da qual, e confiando na Sua infinita bondade, pronunciarei as palavras de bênção.

Benedictio Dei Patris...

43 — CONFERÊNCIA DE 19 DE ABRIL DE 1650

SOBRE A DIRECÇÃO A TOMAR NAS DIFICULDADES LONGE DA CASA MÃE

Minhas queridas Irmãs, o assunto da presente conferência é acerca do que as Filhas da Caridade devem fazer quando estão fóra da Casa Mãe, particularmente nos campos ou nos lugares mais afastados, quando tiverem qualquer dificuldade tanto espi-ritual como temporal, como, por exemplo, quando estão em dúvida ou em qualquer pena interior a respeito das suas regras; porque há por vezes algumas que se contradizem nos seus empregos, imperfeições, indisposições ou práticas de devoção, e principalmente na confissão e comunhão, mortificações corporais e comunicações interiores.

O assunto, minhas Filhas, divide-se em três pontos: o primeiro trata das razões que temos para saber como devemos proceder quando sobrevier alguma destas dificuldades fora da casa; o segundo trata do que se deve fazer em tais ocorrências; o terceiro do que cada uma fez, quando se encontrou em idênticas dificuldades e das resoluções que deve tomar para o futuro a respeito desta matéria.

Esta instrução, minhas Filhas, não diz respeito às Irmãs daqui, nem às que estão em Paris, porque tanto umas como outras estão junto da fonte dos remédios, mas somente àquelas que estão nos campos, especialmente nos lugares muito afastados, onde possam estar talvez destituídas de toda a consolação, e não podem ter as decisões dos seus Superiores, por ser o assunto muito

urgente e o caminho muito longo. Mas porque todas, quantas existirdes, estareis prontas a partir para qualquer parte para onde fordes enviadas, será bom que cada uma saiba o que tem a fazer num lugar onde tiver uma necessidade deste género.

Dirigindo-se a uma Irmã, o Senhor Padre Vicente disse-lhe :

Não será conveniente, minha Filha, que saibamos como devemos conduzir-nos quando estamos longe da Casa e nos sobrevier alguma dificuldade, para a qual tivermos necessidade de conselho?

— Senhor, parece-me que uma das razões para desejarmos ser instruídas sobre o que temos a fazer nessas necessidades, é que, sabendo-o, isso nos trará sossego de espírito.

— E que faríeis, minha Filha, se estivésseis longe, e vos sobreviesse qualquer dificuldade ou tentação, e não soubésseis a quem pedir conselho?

— Senhor, creio que seria conveniente, como não vamos sós, falar disso à Irmã com quem estivesse.

— Sim, minha Filha, tendes razão, mas devia ser feito com discrição e segundo a natureza do caso. Se se tratar, por exemplo, do serviço dos doentes ou da instrução das crianças pode-se e deve-se dizê-lo. «Meu Deus! Ando preocupada, minha Irmã, parece-me que o serviço dos doentes não vai tão bem aqui como noutra parte; há este ou aquele abuso. Que vos parece? Não se lhe poderia dar remédio?» E do mesmo modo a respeito da escola.

— Mas se a pena fosse de tal natureza, que a vossa Irmã lhe não pudesse dar alívio algum ou que até fosse prudente ocultar-lha, podia-lhe dizer: «Minha Irmã, peço-vos que vos não inquieteis se me virdes um pouco triste; tenho uma preocupação de espírito. Pedi a Deus por mim. Espero da Sua bondade que isto passará, mas sou tão fraca que não posso evitar que transpareça».

Dissestes ainda, minha Irmã, que devíeis ter confiança na pessoa que vos fosse dada para a direcção da vossa consciência; isso é com efeito um grande meio para conservar o espírito sossegado. Se tendes qualquer dificuldade para a qual julgais ter necessidade de conselho, diri-gi-vos a ela com confiança. Deus não permitirá que vos diga alguma coisa que não seja para vosso bem.

Outra Irmã disse que era preciso ficar sossegada e procurar ter paciência.

Ao que o Senhor Padre Vicente acrescentou :

A nossa Irmã diz, e com razão, que quando se julgar ter feito o necessário neste ponto, se depois de contar a dificuldade à companheira esta não lhe achar remédio, ou, no caso de ser coisa que não se possa dizer-lhe sem a inquietar, a tivermos comunicado ao confessor que nos é dado pelos Superiores, não ficarmos ainda em

sosego, deve-se pensar que Deus assim o permite, adorar a Sua vontade, praticar a paciência e trabalhar em conservar a tranquillidade de espírito no meio da inquietação.

Outra Irmã disse que não tinha experimentado melhor meio do que lançar-se aos pés do crucifixo e apresentar a sua pena a Nosso Senhor com confiança e submissão, resignando-se com a Sua santa vontade.

— Tendes muita razão, minha Filha, e é bem um dos melhores meios que se podem encontrar para fazer a vontade de Deus e encontrar a paz. Foi esta a prática de quase todos os santos. Recordo-me que a falecida Senhora General ⁽¹⁾ costumava fazer assim.

Tendo o seu confessor ⁽²⁾ saído para uma viagem a cincoenta léguas do lugar onde se encontrava, disse-lhe: «Ah! Senhor, ides-vos embora, a quem hei-de recorrer nas minhas penas?» E respondeu-lhe: «Minha Senhora, Deus proverá. Podereis dirigir-vos aos Senhores tal e tal, es e para as confissões ordinárias, e o outro para vossa direcção, se aquele vos não satisfizer; e, se nem um nem outro derem a paz ao vosso espírito, aconselho-vos, Senhora, que a procureis aos pés da cruz. Ali descobrireis amorosamente as vossas penas ao Filho de Deus, fareis actos de confiança, e resignação na Sua santa vontade, honrando o abandono em que Ele mesmo se encontrou desprezado por aqueles que mais lhe deviam, e privado de toda a consolação sensível até se julgar abandonado pelo Seu eterno Pai. Estudareis ali, Senhora, o uso que Ele fez dos Seus sofrimentos, e tirareis, com o auxlílio da Sua graça, um resultado mais feliz que nem posso explicar-vos.

Esta boa Senhora, procedeu assim, minhas Filhas, e alguns dias depois escrevia ao seu confessor: «Senhor, experimentei os meios que me destes para acalmar o meu espírito nas suas penas; mas não achei nenhum tão bom como o de me lançar aos pés do crucifixo. O que os homens me disseram não era o que eu procurava; encontrei-o ali com todas as consolações que as criaturas não poderiam dar-me».

É este o único remédio, minhas Filhas, e, se alguma vez já vos servistes dele, estou certo, que não achareis nenhum mais eficaz. Fostes bem inspirada, minha Irmã, e peço a Deus que vos abençoe.

Minha Irmã que estais aí ao lado, dizei-nos o que deverá fazer uma Irmã que, encontrando-se numa terra afastada, tenha preocupações de espírito e não saiba a quem dirigir-se para tomar conselho.

— Senhor, creio que o mais prático è pôr-se nas mãos de Deus

(1) Senhora de Gondi.

(2) S. Vicente de Paulo.

e confiar na Sua bondade. Além disso, parece-me que, se estiver com uma Irmã em quem tenha confiança, pode-se-lhe pedir licença para escrever aos Superiores.

— Deus seja bendito! A nossa Irmã confirma o que a outra acabou de dizer e acrescenta que seria bom escrever. Ora, é preciso que saibais, minhas Irmãs, que, quando se quer escrever a um parente, a uma amiga ou a qualquer outra pessoa, se deve para isso pedir licença à Irmã Servente, e, uma vez escrita a carta, entregar-lha para que a mande ou retenha, se julgar conveniente. Isto faz-se em todas as Comunidades bem regulares e pratica-se também entre nós. Nenhum dos nossos Padres ou dos nossos Irmãos escreve a quem quer que seja, que não venha primeiro pedir licença para escrever, e depois trazer-me a carta, que eu vejo; e, segundo o que fôr, envio-a ou guardo-a. Se não estou, dirigem-se aos Superiores que fazem a mesma coisa.

Mas, Senhor, isso é muito duro. O quê! Escrevo (isto não me acontece muitas vezes) e é necessário que as minhas cartas sejam vistas e estejam à mercê de serem ou não enviadas, se as não acharem bem! — Sim, minhas Irmãs, tem de ser assim; doutra forma não haveria ordem: uma escrevia à sua moda; outra faria o mesmo. É o costume de todas as casas bem regulares.

Porém, quando se trata de escrever aos Superiores ou à Directora, oh! Então não é preciso pedir licença, nem mostrar as cartas. Sois absolutamente livres para lhes escrever, deveis fazê-lo todas as vezes que tiverdes necessidade disso, mesmo sem que seja preciso pedir licença à Irmã Servente; e ela não tem nada que dizer, porque é esta a ordem que se deve observar.

O mesmo se dá com as cartas que chegam: quando se recebem, não se devem ler sem que a Irmã Servente as tenha visto antes, e as entregue ou mande à Irmã a quem são dirigidas. Isto faz-se em toda a parte. Julgais que em nossa casa se entrega alguma carta a alguém que não seja a mim? Trazem-me todas as que vêm para os particulares, e, depois de as ler, entrego-as ou guardo-as como julgo conveniente.

Mas quando se recebe uma carta dos Superiores ou da Superiora, oh! A Irmã Servente não tem o direito de a ler; deve entregá-la fechada, imediatamente assim que a receba; e se a Irmã lhe dissésse: «Minha Irmã, quereis vê-la?» Não o deve fazer, mas dizer: «Oh! Minha Irmã, não o farei; isso pertence-vos; não lhe devo tocar.»

O Senhor Padre Vicente foi nesta ocasião chamado para qualquer assunto urgente; deixou o Senhor Padre Portail, que tomou a palavra no seu lugar.

Ficareis bastante contristadas por vos ter deixado o Senhor

Padre Vicente, quando estáveis em tão bom caminho. Tínheis começado a saborear a doçura da sua linguagem, e de repente ficastes privadas dela. Fiquei eu, que sou o contrário dele. Mas a obediência assim o exige. Talvez que ainda possa vir para concluir. Se assim fôr, ficareis muito contentes. Enquanto se espera, visto que assim determinou, não deixaremos de dizer alguma coisa do que Deus nos inspirou sobre o assunto começado.

Minha Irmã, apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos ?

— Senhor, a primeira razão que achei para procurar saber como nos devemos conduzir nas dificuldades que nos sobrevenham, estando em lugares afastados, é que, não o sabendo, estaríamos em risco de desagradar a Deus, fazendo coisas contrárias ao que deveríamos fazer, por não estarmos devidamente informadas, e isto nos causar grandes perturbações interiores, tirando-nos a paz com Deus, com o próximo e com nós mesmas, e afastando-nos, por consequência, de Deus, que só habita onde há paz.

Em segundo lugar correremos o perigo de perder a nossa vocação, porque, não sabendo como proceder nas nossas dificuldades, fãcilmente nos deixaríamos levar a preguntá-lo a pessoas que, não tendo o espírito da casa, nos aconselhariam o contrário do que deveríamos fazer, e isso seria causa da nossa perda total. Quando, pelo contrário, estamos devidamente instruídas sobre a direcção a seguir nestes casos, isso nos conserva no espírito da Companhia, em qualquer parte onde estejamos.

No segundo ponto pensei que, para as coisas temporais, se estivermos perto da casa, deveremos vir dizer aos nossos Superiores o que nos preocupa, com desejo de seguir os seus conselhos ; mas se estivermos tão afastadas que não possamos vir, devemos pôr-nos na presença de Deus, e, depois de ter pedido a Sua assistência, fazer o que a Sua bondade se dignar inspirar-nos e o que julgarmos ser permitido pelos nossos Superiores. Porém, quanto às coisas espirituais e penas interiores, creio que se deve procurar a consolação só em Deus, aceitar de boa vontade essas penas por Seu amor, sem nos inquietarmos com elas e sofrê-las enquanto Lhe aprouver, sem deixar transparecer nada às nossas Irmãs, nem mostrar mau humor. E, para permanecer nestas condições, creio que se deve pedir instantemente essa graça a Deus ; foi essa a resolução que tomei, ajudada com a sua santa graça.

— A nossa Irmã apresentou um motivo muito forte e muito importante, e precisamos de examiná-lo um pouco. Por não sabermos o que deveríamos fazer, correríamos o risco de perder a nossa vocação, diz ela. Oh ! Isto é talvez de maior consequência do que pensais, minhas Irmãs, porque não digais ; «Se não estiver aqui, estarei noutro lado, onde poderei também conseguir a minha sal-

vação; em qualquer lado podemos-nos salvar.» É preciso que saibais, minhas Irmãs, que a Filha da Caridade que deixa a sua vocação é como peixe fóra da água.

O peixe não pode viver muito tempo fóra da água; morre imediatamente. Porque? Porque a água é o seu elemento. Do mesmo modo, a Comunidade é o elemento das Filhas da Caridade que foram chamadas. Enquanto aí permanecerem viverão e terão graça para conseguirem a sua salvação; mas, uma vez fora dela, não sabem que fazer, e a maior parte daquelas que deixam a sua vocação condenam-se, a não ser que Deus as livre por uma misericórdia muito extraordinária; e não me refiro só às que saíam daqui, mas, em geral, a todos aqueles e aquelas que deixam a sua vocação, seja qual for a Comunidade a que tenham sido chamados, porque todas são infiéis a Deus e Lhe fazem injúria desprezando as graças que lhes concedeu e não fazendo delas o uso que deviam.

A propósito disto devo contar-vos um facto, ainda que com dor, porque se trata dum que foi dos nossos; mas não importa; isto vos fará ver como é perigoso perder a vocação. Um mancebo de boa família, que se tinha entregado à libertinagem e às vaidades do mundo, foi posto em nossa casa por seu pai, que receava o seu mau procedimento. Esteve mais de um ano encerrado num quarto onde ninguém o visitava, a não ser algum da casa para lhe indicar os seus deveres. Estava ali como um prisioneiro. Ao cabo dum ano, inspirado por Deus, sentiu o desejo ardente de não só não voltar às suas libertinagens, mas até de fazer penitência, retirar-se completamente do mundo e servir a Deus na Missão. Passado algum tempo de perseverança neste desejo, foi recebido. Portou-se muito bem e toda a gente estava edificada. Viam-no sempre humilhar-se, e procurar as coisas mais baixas e humildes. Quando repetia a sua oração, parecia-nos um anjo. Era um fervor e uma devoção sem igual.

Isto durou cerca de dois anos. Depois começou a desleixar-se, a fazer tudo com negligência e a vacilar. A convivência com alguns maus espíritos que não eram muito afeiçoados à casa, perdeu-o. Safu sob o pretexto de fazer mais noutro lado. Conservou a batina e parecia na disposição de ser Padre, mas retomou imediatamente o aspecto livre do mundo. Andava a cavalo e não procedia como um eclesiástico. Era um eclesiástico cortesão. De novo tropeçou, pois ontem vi-o já sem a batina; estava vestido de cavaleiro e ia partir para o exército.

Ora, dizei-me, não é verdade que a sua salvação está em perigo? Talvez o matem, e sabe Deus em que estado estará, pois já não vive nos sentimentos de piedade que manifestava

outrora. Fala agora como libertino e ateu; tem dúvidas e não tem grande fé, diz ele. Aqui tendes o estado dum homem que perdeu a vocação, e que parecia um anjo.

Por isso, minha boa Irmã, tivestes razão em dizer que, por não saber o que se deve fazer, há perigo de perder a vocação, e que isso era uma grande desgraça; pois é sem dúvida a maior que pode succeder a uma alma chamada por Deus para O servir num determinado estado, chegar a abandoná-Lo. Não se cai nesta situação quando se guardam as boas práticas que as regras e os Superiores nos ensinam. Notei que nos dez ou doze anos que tenho a honra de servir a Companhia, a maior parte das Irmãs que têm saído, fizeram-no por não terem comunicado as suas penas. Umase desejavam outro officio, outras uma outra companheira. Sentem-se aversões e não se manifestam. Isto introduz-se no coração. Tem-se difficuldade numa regra que se não sabe conciliar com outra; pois há por vezes algumas regras que se contradizem, e por não se procurar esclarecer cai-se no abuso e tédio. Vai-se à confissão e não se diz palavra a este respeito. Entretanto o espirito continua ferido. Sobrevêm então alguma occasião imprevista e deixam-se cair as armas. Alonguei-me um pouco neste ponto, porque é de grande importância.

Uma outra Irmã disse que lhe parecia que um bom meio, quando se está destituida de auxilio, seria oferecer uma comunhão a Deus para que se dignasse resolver a nossa difficuldade ou inquietação.

O Senhor Padre Portail respondeu;

Tendes razão, minha boa Irmã; é bom começar por aí. A oração é muito boa; é muito bom prostrar-se diante dum crucifixo, mas é melhor ainda unir-se a Deus pela sagrada comunhão. Os outros meios são apenas accessórios; este é o principal. Depois, se a difficuldade continuar, ter-se-á mais força para a suportar e a oração que se fizer terá mais efficácia. Se tivermos difficuldade em dizer o que a causa, isso o facilitará; se estivermos em lugar onde não tivermos ninguém, Deus nos inspirará; mas, enquanto estiverdes na Casa, confiai-vos, minhas Irmãs, à vossa Superiora ou à vossa Directora; têm o espirito de Deus para vos dirigir, e obtê-lo-ão para aquellas que vos derem, em qualquer parte para onde fordes, e deveis ter por certo que seguindo os seus conselhos, nunca sereis enganadas. Devemos ter mais confiança nos Superiores que Deus nos deu, do que num anjo do céu, porque é por eles que Deus nos faz saber o que quer des nós. Ele próprio disse: «Quem vos ouve, a Mim ouve. (S. Luc. 10,16)». Se vísseis dum lado um anjo que vos ordenasse qualquer coisa, e do outro lado Nosso Senhor que vos dissésse outra diferente,

estardeis obrigadas a deixar o que o anjo pudesse dizer-vos, para ir fazer o que Nosso Senhor vos indicava.

Mas, minhas boas Irmãs, para aproveitar do que dizem os Superiores é preciso ir a eles com recta intenção, para se emendar, não por despeito ou vingança, nem para se aliviar, ou manifestar os seus ressentimentos, as suas aversões ou por qualquer outro género de jactância. As que fossem aos Superiores sem boa intenção, longe de deixar ali as suas inquietações, ainda trariam mais. É preciso ir procurá-los com rectidão, com a intenção de seguir pontualmente tudo quanto vos fôr ordenado, considerando o vosso Superior como Deus, ouvindo-o como se fosse Deus, e obedecendo-lhe como a Deus. Desta maneira podeis estar certas de que Deus abençoará a vossa submissão e vos dará a tranquilidade e a paz que procurais.

A outra pergunta era para saber se, quando se está em lugares afastados e as pessoas que fizeram a fundação ou para ela tenham contribuído, precisarem da nossa assistência, lha devemos prestar, com prejuizo do serviço dos pobres. O que foi discutido de modos diferentes. A Senhora Le Gras alegou o artigo da regra pelo qual é proibido prestar serviços às pessoas ricas que têm meio de se fazerem servir por outros.

A respeito disto o Senhor Padre Portail deu por conselho desculpar-se delicadamente, alegando o perigo em que poderiam cair os pobres, por falta de remédios e alimentos às horas devidas. Acrescentou que, se o serviço pedido fôsse fora do tempo consagrado aos pobres, e fosse simplesmente a assistência de doentes, como fazer alguns caldos ou medicamentos, poderiam prestá-los, contanto que fosse raras vezes, com pouca duração e não prejudicasse os cirurgiões do lugar.

Foi depois interrogada uma Irmã que respondeu :

A primeira razão porque devemos estar instruídas sobre a maneira como devemos proceder nas dificuldades que nos sobrevêm nos lugares afastados é nada fazer que não seja conveniente ou possa prejudicar a Companhia, o próximo ou nós mesmas !

Uma outra razão é que isto nos torna conformes ao espírito e à maneira de agir da Companhia ; pois, se me sobreviesse alguma dificuldade, pensaria diante de Deus o que seria para Sua maior glória, e procuraria lembrar-me o que tivesse ouvido aos meus Superiores em conjecturas semelhantes, para daí ajuizar o que poderia fazer em conformidade com as suas intenções.

Se o caso fosse de natureza a podê-lo dizer à Irmã com quem estivesse, conferenciaria com ela na esperança de que Deus nisso poria o Seu espírito ; se fosse coisa que dissesse respeito à minha consciência, confessar-me-ia do pecado que nisso pudesse

reconhecer, com resolução de me emendar, e procuraria ficar em sossego.

A minha resolução foi de, com a ajuda de Deus, adquirir o mais que me fôr possível o espírito e as máximas da Companhia, durante o tempo que tiver a felicidade de estar na Casa, para me servir dele quando Deus permitir que esteja longe.

Eis, disse o Senhor Padre Portail, uma razão que ainda não tinha sido dita, que é a uniformidade. Tendes de vos conformar com o espírito da casa, de maneira que não só o vosso hábito e o toucado vos façam reconhecer, mas ainda a vossa maneira de agir. Isto é muito necessário; deveis ter muito cuidado nisto, minhas boas Irmãs.

E por esta razão deveis exercitar-vos neste ponto. Os soldados que vão para a guerra exercitam-se antes de partir, e ainda que estejam em tempo de paz não deixam de recordar muitas vezes os exercícios da guerra. E para quê tudo isto, senão para estarem muito experimentados quando fôr preciso entrar em combate? Pois se não tivessem feito exercício antes, seria para temer que se encontrassem sem experiência no momento de partir.

Ora as Filhas da Caridade fazem guerra ao demónio por meio das instruções que dirigem aos pobres doentes quando os vão visitar, fazendo-lhes conhecer a Deus e os principaes mistérios da nossa religião; o que faz com que eles pensem na sua salvação e evitem o pecado que os colocaria na posse do demónio. Fazem-lhe ainda guerra pela instrução que dão às meninas a quem ensinam o temor de Deus e o desejo da virtude. Fazem sobretudo guerra pelo bom exemplo que dão, pela sua caridade em socorrer o próximo, pela sua modéstia, humildade e todas as virtudes que praticam.

44 — CONFERÊNCIA DE 7 DE AGOSTO DE 1650

SOBRE A OBEDIÊNCIA

Minhas Irmãs, o assunto desta conferência é sobre a obediência. O primeiro ponto trata das razões que há para termos essa obediência; o segundo trata das condições necessárias a uma verdadeira obediência; e o terceiro, dos meios para adquirirmos essa com todas as suas condições.

Aqui tendes pois, minhas Irmãs, o assunto que trata da santa

Instrução XLIV. — Caderno escrito pela Irmã Hellot. — (Arq. das Filhas da Caridade).

obediência; grande virtude e grande assunto de que nos temos de ocupar; grande, grande virtude! Minha Irmã, apraz-vos dizer-nos o que pensastes sobre este assunto?

Depois da resposta da Irmã, o nosso muito Venerando Pai, replicou:

De maneira que vos resolvestes a adquirir a virtude da obediência; oh! está muito bem! Deus seja sempre bendito e louvado!

E vós, minha Irmã?

— A respeito do primeiro ponto, que trata das razões para termos a virtude da obediência, pensei em primeiro lugar que era para agradar a Deus; em segundo lugar, para imitar o seu Filho, que nos deu esse exemplo enquanto esteve no mundo. E como não teve outra intenção senão agradar a Deus, devemos proceder do mesmo modo em todas as nossas obras.

No segundo ponto, que trata das condições necessárias para uma verdadeira obediência, pensei que a primeira era obedecer voluntariamente e não por constrangimento, simplesmente, sem procurar saber porque ordenaram tal ou tal coisa.

No terceiro ponto, que trata dos meios para adquirir essa obediência com todas as suas condições, pensei, que se devia obedecer humildemente, sem réplica, e com perseverança, sem indagar os motivos. E sobre isto, tomei a resolução de me submeter a tudo o que aprouver a Deus exigir de mim por intermédio dos meus Superiores.

Outra Irmã recordou o exemplo que Jesus Cristo deu de obediência voluntária, e acrescentou que esta virtude devia ser cega.

Nosso digno Pai, dirigindo-se a outra Irmã, disse-lhe:

Vós, minha Filha, dissei-me quais as razões pelas quais as Filhas da Caridade devem trabalhar em adquirir a virtude da obediência.

— Senhor, porque as religiosas têm claustros, mas nós não temos, e, se a obediência não nos prendesse, correríamos o risco de cometer muitas faltas.

— Meu Deus, muito bem! Ah! Muito bem! Portanto, minha Filha, entendeis que a obediência vos deve guardar como o claustro guarda as religiosas?

Ao que a Irmã respondeu que sim, e que, embora não estivéssemos enclausuradas, não estávamos menos obrigadas a guardar a obediência do que as religiosas.

— De maneira que, minhas Filhas, a obediência serve de muralha. Está muito bem. Uma Irmã que serve os doentes numa paróquia, se dispusesse de si mesma, não faria dificuldade em ir ora aqui ora ali, a casa duma senhora do seu conhecimento,

*expropi.
entendi.*

duma sua parenta, ou em demorar-se nos lugares onde as suas occupações a chamam mais do que exige a necessidade dos assuntos a tratar. A santa obediência, porém, preserva-a de tudo isto; vai simplesmente onde o trabalho o exige, e não perde tempo em visitas inúteis. Não foi isto, minha Filha, o que pensastes quando dissestes que as religiosas têm claustros, mas que as Filhas da Caridade têm apenas a obediência? Ah! Pensais que uma Filha da Caridade que observa bem a obediência proceda tão bem como uma religiosa no seu mosteiro?

Ao que tendo a Irmã respondido que sim, o Senhor Padre Vicente replicou:

Sim, minhas Filhas, tende a certeza disso. Se há coisa digna de louvor, agradável a Deus e admirável aos anjos e aos homens, se há espectáculo digno de admiração, é ver donzelas viver em particular num quarto, à sua vontade, na aparência, e segundo o critério daqueles que as não conhecem, mas na realidade tão submissas que se pode dizer que jamais fazem a sua própria vontade, porque nada fazem senão pela santa obediência.

Oh! Não, tende a certeza, minhas queridas Irmãs, que as religiosas, que estão toda a vida encerradas nos seus claustros, não fazem nada a mais do que vós, se viverdes na obediência; e o que vós fazeis, por meio dessa virtude, é tão grande, que difficilmente se encontraria coisa maior.

A que meio julgais vós se deva recorrer para adquirir essa virtude, minha Filha?

A Irmã respondeu que se devia obedecer aos Superiores como se fosse a Deus; e o nosso muito Venerando Pai replicou:

O quê, minha Filha! Entendeis que, quando uma Irmã nos diz qualquer coisa, é Deus que no-la diz por ela?

A Irmã respondeu que sim.

— E se fôr a Irmã Servente que mande, e tenhamos repugnância em obedecer, por parecer que faríamos melhor doutra maneira, devemos deixar de obedecer? A Irmã respondeu que não.

— Mas, se a Irmã Servente tiver menos idade e for mais nova de vocação, não será preferível seguir o conhecimento e a experiência que tendes, do que fazer como vos aconselha?

A Irmã respondeu que lhe parecia de maior mérito escutar a Irmã Servente.

— Ah! Tendes muita razão, minha Filha, e não o deveis pôr em dúvida; acreditai o que Deus vos ordenar por intermédio dos vossos Superiores por Seu amor, não deixará nunca de contribuir para a Sua maior glória.

E vós, minha Irmã, entendeis que seja necessário a uma Filha da Caridade ter obediência?

- Sim, é necessário.
 — E por que razão vos parece isso, minha Filha ?
 — Porque o Filho de Deus nos deu exemplo.
 — E quando no-lo deu, minha Filha ?
 — Quando veio ao mundo.
 — E até quando obedeceu Ele ?
 — Até à morte.

— Dizeis bem. Ah ! Sim, obedeceu até à morte, e morte de cruz, que não era uma morte comum e vulgar, mas a mais ignominiosa, a mais dolorosa que existia. Porque outra razão vos parece ainda que uma Filha da Caridade deve obedecer ?

— Porque Deus o ordena.

— Aqui tendes uma boa razão, Deus manda que se obedeça, e, se há pessoas que devam fazer o que Deus manda, são as Filhas da Caridade.

Deveis, minhas Irmãs, para bem compreender a importância que há em obedecer, considerar que há dois méritos na obediência. Um é o mérito da obra que se faz, boa em si mesma, o outro é o mérito da obediência pela qual fazeis essa obra. Por exemplo, estais no serviço dos doentes ; o que é por si mesma uma boa obra e de grande mérito. Se não estivésseis obrigadas a isso pela obediência, teríeis apenas o mérito da obra ; se os servis por obediência, tendes dois méritos, o da obra e o da obediência. Devíamos desejar, se fosse possível, agir sempre por obediência. Pensai, minhas Irmãs, que acontece com as obras feitas por obediência o mesmo que com um quadro, que pode valer dez escudos, pelo que é em si mesmo, mas porque é da mão dum excelente mestre, como Miguel Angelo, ou qualquer outro de igual merecimento, o seu preço duplica ; e, em vez de dez escudos, passa a valer vinte. São também como os paramentos que servem na missa ; vêdes uma roupa muito branca, muito bem dobrada e com bom cheiro. É bonita. Mas porque essa roupa deve servir para a santa missa, oh ! tem ainda muito mais valor. Do mesmo modo, se fizermos uma obra, boa em si mesma, merecemos pelo valor da obra ; mas, se a fizermos por obediência, teremos dobrado mérito. As acções indiferentes em si mesmas, por si não têm valor algum, tornam-se meritórias pela obediência.

Oh ! Se uma Irmã soubesse o que é a obediência, não faria nada sem perguntar primeiro à Irmã Servente : « Minha Irmã, achais bem que faça tal coisa ? » Não falo só das coisas importantes, mas também das outras. A própria Irmã Servente não faria coisa alguma sem tomar parecer com a sua companheira : « Minha Irmã, acharíeis bem que fizéssemos isto ? »

Eis como deveis agir umas com as outras, minhas queridas

Irmãs, e creio que fazeis assim, pela misericórdia de Deus; pois, sem dúvida, a Irmã companheira não empreende nada sem licença da Irmã Servente, e a Irmã Servente abster-se-á de ordenar coisa alguma à sua Irmã, dizendo por exemplo: «Ide alí; fazei isto.» Oh! Jesus! Não deve ser assim, porque seria falar como senhoras às suas criadas. Mas, quando tem alguma coisa a pedir, deve dizer: «Minha Irmã, peço-vos o favor de fazer isto.» Nunca uma ordem imperiosa. Fixai bem isto, eu vo-lo peço, minhas Irmãs; e que entre vós nunca se fale senão com mansidão e suavidade.

Minha Irmã, podeis dizer-nos as razões pelas quais as Filhas da Caridade devem praticar a obediência?

A Irmã respondeu que uma Comunidade não poderia subsistir sem a obediência.

— Eis uma boa razão, minhas Irmãs. Diz a nossa Irmã que uma Comunidade não poderia subsistir se nela se não praticasse a obediência. Oh! Como isso é verdade! Ah! Que desolação não seria? Nem podeis fazer ideia. Todas quereriam mandar e nem uma se daria ao trabalho de obedecer. Para compreender isto, pensai no que seria um corpo no qual os braços e as pernas, que são os principais membros de acção, não quisessem estar ligados. Não haveria nada mais ridículo; deixariam o corpo estropiado, e eles mesmos apressariam, talvez, a sua putrefacção, pois, desligados do corpo, não serviriam senão para serem enterrados. O mesmo aconteceria com uma Comunidade onde a obediência não fosse observada. A Superiora que não tivesse a virtude da obediência no grau e da maneira como deve ter, e as Irmãs que a não praticassem, desligar-se-iam umas das outras. Adeus pobre Comunidade onde não exista a obediência; nada se pode manter. E por isso a nossa Irmã teve muita razão, ou antes, foi bem inspirada, pois foi Deus sem dúvida que vos sugeriu o que acabastes de dizer.

Por que razão ainda, minhas Filhas, entendeis que se deve obedecer?

— Para imitar o Filho de Deus.

— Até quando obedeceu, minha Filha?

— Até à morte.

— Portanto, minha Filha, entendeis que aquelas que O quiserem seguir devem obedecer até à morte?

— Sim, meu Pai.

— Para as novas não há nada melhor; mas uma Irmã antiga não estará dispensada da obediência? Não bastará que tenha obedecido enquanto estava submetida? Agora que é Irmã Servente, estará ainda sujeita à obediência?

A Irmã respondeu que sim.

Uma Irmã antiga que se encontra com uma Irmã mais nova

doct.

e menos experimentada do que ela, não deverá pensar que era a ela que lhe competia ser Irmã Servente?

A resposta foi negativa e o nosso muito Venerando Pai prosseguiu :

Oh! Não, minhas queridas Irmãs, por serdes antigas não penseis que podeis ter pretensões. Nunca, nunca, minhas Irmãs; destruí essa ideia, eu vo-lo peço; não pretendais nunca coisa alguma pela vossa antiguidade. O quê? Por serdes antigas e esardes há muito tempo na Companhia, por terdes mais conhecimentos do que se deve fazer nos hospitais, nas paróquias ou nos campos, havíeis de estar dispensadas da santa obediência, dispensadas de observar a virtude mais sòlidamente! Oh! Não, minhas Irmãs, isso seria um abuso. Em lugar de dar bom exemplo de virtude às outras as antigas seriam um motivo de desedificação.

Dizei-me, minha Irmã, entendeis que uma Irmã deve obedecer tanto na doença como na saúde? Sim, minhas Filhas, deve, e não deveis pensar que haja tempo algum em que esteja dispensada de obedecer. E deverá obedecer também ao médico?

A Irmã respondeu que sim.

— Sim, minha Filha, deve obedecer ao médico e obedecer-lhe em tudo e não escolher, entre os remédios que lhe são receitados, os que lhe agradam, e deixar os que lhe repugnam. Mas se a Irmã Servente estiver doente e a Irmã companheira lhe disser como se deve tratar, deverá obedecer-lhe, mesmo que julgasse conveniente fazer doutra maneira? Lembro-me de ter visto outrora um conselheiro que não fazia nada sem pedir conselho ao seu laçao. Se queria ir a qualquer parte, chamava-o. «Vinde cá, meu irmão; dai-me o vosso conselho: vamos a tal parte, ou fazemos tal coisa?» E o rapaz às vezes não sabia o que devia responder, e dizia: «Senhor, não sei nada disso.» — «Mas quero que me digais sim ou não.» Então o criado dava o seu parecer e o amo seguia-o. Este homem, não duvido, fazia a vontade de Deus, fazendo a do seu criado por amor de Deus, e tinha o mérito da obediência, a divina virtude que diviniza os espíritos. É uma luz que espalha a sua claridade sobre as almas dispostas a recebê-la, que deslumbra com o seu esplendor os olhos de todos os que a vêem e imediatamente se enchem de admiração pela sua beleza.

Se vos derdes a valer, e como deve ser, à prática desta virtude, sereis mais brilhantes que a luz do sol; e sucederá com a vossa Companhia o mesmo que com os quadros dos santos. Não tendes visto algumas vezes quadros em que os santos são apresentados numa luz brilhante como os raios do Sol? Isto deslumbra, e, antes de considerar o que é, logo se diz que é um santo, porque se

viu a luz que projecta. Do mesmo modo, transparecendo em vós a virtude da obediência, minhas Filhas, imediatamente os que vos considerarem dirão que sois servas de Deus; e isto é verdade na medida em que a virtude se manifesta. E não somente os cristãos, mas até os pagãos a acharam tão bela que dela ficaram enamorados e procuraram adquiri-la com esforços maiores do que nós poderíamos empregar para adquirir as virtudes cristãs (era então a única virtude moral do seu conhecimento). Não a estimemos menos do que os pagãos. Demo-nos portanto a Deus, minhas queridas Irmãs, não digo amanhã, mas desde este momento; e não digo somente vós, mas falo de mim próprio, como tendo tanta ou mais necessidade do que vós. Demo-nos a Deus, repito, e de todo o coração, para trabalhar seriamente na aquisição desta bela e amável virtude, muito amada de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dissestes uma coisa acertada, minha Filha, que uma Comunidade sem obediência se arruinaria. Não há nada mais verdadeiro, e mesmo agora o acabámos de dizer. Também não há Comunidade bem regular onde essa virtude não seja estritamente observada. E não se encontra só nas Comunidades religiosas, mas também no exército. Quando o capitão manda um soldado que seja o primeiro a entrar na brecha, ou que vá servir de sentinela em tal passagem onde corre grande perigo de ser visto pelo inimigo e de não ser o mais forte, nunca recusará! Seja quem for da sua companhia a quem o capitão dê uma ordem, é logo obedecido sem demora. Ainda se não viu que um soldado se tenha recusado, ainda que muitas vezes o perigo fosse evidente. Não, nunca um sequer se recusou. É admirável. Às vezes pergunto-lhes: «Mas quando vêdes o perigo inevitável não recuseis de lá ir?» — «Oh! Não, Senhor, respondem-me eles, isso nunca se viu.» Se a desobediência se introduzisse no exército, adeus todo o regulamento da guerra; nunca mais o haveria. Aconteceria o mesmo com as companhias consagradas ao serviço de Deus, minhas Filhas: uma vez tirada a obediência, adeus todo o resto da ordem; nem é bom falar mais nisso.

Dizei-me agora, minha Filha, o que é a virtude da obediência?

— É fazer o que nos é ordenado.

— É isso, na verdade, minha Filha; mas, quando vos perguntarem o que é a virtude da obediência, deveis dizer que é uma virtude, pela qual submetemos o nosso juízo e a nossa vontade ao juízo e vontade do nosso Superior para achar bem e fazer tudo quanto julgar conveniente ordenar-nos, sem ter que replicar.

Uma Irmã que está numa paróquia, no caso de ocorrer al-

guma festa que não tenha previsto, poderá comungar, ainda que o não tenha pedido? (1)

A Irmã não soube que responder.

— Oh! Não, minha Filha, não deve; não se deve nunca comungar sem licença.

Uma Irmã obedece de boa vontade, mas só quando é mandada pela Senhora Le Gras, ou outra que ela queira, e não pela sua Irmã Servente; esta Irmã será obediente, minha Filha? Oh! Não, sem dúvida, porque a verdadeira obediência não faz excepção de pessoas.

E a que obedecesse numa coisa que lhe agradasse, mas não quando lhe repugnasse, teria a virtude da obediência? Não, também não obedeceria e não teria mérito algum.

Mas, se uma Irmã, para não contradizer a sua Superiora, nem faltar ao respeito que lhe deve, se mostrasse pronta a fazer o que lhe manda e o não fizesse, desobedeceria? Sim, minhas Irmãs, desobedeceria e duma maneira muito prejudicial para a Companhia, fazendo ver que prefere o seu juízo ao da Superiora.

E se a Superiora ordenasse alguma coisa que fosse pecado, devia-a fazer? Não, minha Filha, porque os nossos Superiores não podem obrigar-nos a pecar.

E se o que ela mandasse fosse contra a regra, que se deveria fazer?

— Penso, Senhor, que se lhe deveria dizer, e, se insistisse, se deveria executar a sua ordem.

— Está muito bem pensado, minha Filha, porque os Superiores podem às vezes, por justas razões, mudar alguma circunstância, sem todavia mudar completamente a regra; e neste caso é bom, pelo zelo que cada uma deve ter pela observância das regras, lembrar, simples e humildemente, que a coisa de que se trata é contrária a este ponto. E então compete à Superiora ver se o caso é necessário. Deve-se ser extremamente reservado nesse ponto. Há duas espécies de obediência: uma às regras e outra aos Superiores. A obediência às regras deve ocupar sempre o primeiro lugar; deve ser preferida. Se os Superiores dessem uma ordem directamente contrária às regras, não deveriam ser obedecidos e tornar-se-iam repreensíveis. Cada uma deve ser exacta nesta obediência e não suportar atraso. Se o sino toca para um exercício, oh! É preciso deixar tudo. Desta obediência às regras depende o nosso adiantamento espiritual. A obediência aos Superiores deve ser tão fiel e tão inteira que, mesmo tendo a certeza que, fazendo o contrário do que eles tinham dito, as coisas da-

(1) — Ver a nota da página 252.

riam melhor resultado, e que eles mesmos não achariam mal, seria preciso abandonar esses pensamentos, que são pensamentos diabólicos, sugeridos pelo espírito de orgulho e de presunção.

Portanto, minha Irmã, quantas espécies há de obediência?

— Há duas: uma às regras e a outra aos superiores.

— Pois bem, minha Filha, uma Irmã que vai à missa depois de ter pedido licença tem duplo mérito: o mérito de assistir ao santo sacrificio da missa, que é a obra mais excelente que há no cristianismo; e o da obediência, obediência habitual à regra que assim o ordena e obediência actual à Superiora a quem pediu licença para ir.

E uma Irmã que se põe de joelhos antes de sair, a quem obedece?

— Obedece à regra.

— E se não obedecesse, pecaria?

— Não, Senhor, mas privar-se-ia do mérito que há em obedecer.

— Portanto, minha Filha, entendeis que há mérito em obedecer?

— Sim, Senhor.

— Oh! Sim, minhas Filhas, há, e tão grande, que se vós e eu o pudéssemos conhecer bem, não quereríamos, durante toda a nossa vida, fazer qualquer acção, por pequena que fosse, senão por obediência. Ó minhas Filhas, tendes esse poder. E a que ponto de virtude podereis chegar, se vos derdes, como deve ser, a essa prática? Eu vos afirmo, minhas Filhas, que, se a Companhia continuar como Deus lhe concedeu a graça de começar, nenhuma religiosa no mundo fará melhor do que vós. Tal como sois podeis prestar mais glória a Deus, maior serviço ao próximo e trabalhar melhor na vossa própria perfeição do que qualquer religiosa do mundo.

Minha Irmã, peço-vos que nos digais o que Deus vos inspirou.

— A primeira razão é que, quando entramos na Companhia, nos colocamos voluntariamente sob a direcção duma Superiora, e desde então somos obrigadas a viver sob a obediência. A segunda razão é que sem essa virtude seria impossível persistir na Companhia; viríamos a descurar pouco a pouco os nossos exercícos, sentiríamos tédio pelas ordens dos nossos Superiores e seríamos o escândalo de todas as nossas Irmãs; o que obrigaria os nossos Superiores a mandar-nos embora, ou nos levaria a nós mesmas a retirar-nos, pois não poderíamos suportar os nossos próprios defeitos, imaginaríamos que todos olham para nós, que lhes somos pesadas, e mil outros pensamentos semelhantes. E por

obex- fim, teríamos de deixar tudo. Outra razão é que, não tendo a Companhia outro modelo, a não ser o Filho de Deus, somos obrigadas a trabalhar na aquisição das virtudes que mais brilharam na Sua vida; e, entre todas, a obediência ocupa o primeiro lugar, pois começou a obedecer desde a sua incarnation até a morte da cruz.

No segundo ponto, que trata das condições necessárias a uma verdadeira obediência, parece-me que deve ser humilde, paciente, pronta, alegre e perseverante, que tenhamos uma mesma vontade e um mesmo juizo com os que nos mandam e com todas as pessoas, sem olhar a quem nos submetemos, reconhecendo em todos o direito de nos mandar.

No terceiro ponto, que trata dos meios para adquirir esta virtude com todas as suas condições, pensei que o primeiro é pedi-la a Deus com frequência; o segundo, ver sempre a Deus na pessoa daqueles a quem nos submetemos; o terceiro, tomar à nossa conta esta virtude, até que Deus nos conceda a graça de a adquirirmos, fazer muitas vezes actos interiores de submissão do nosso juizo e vontade; prever logo de manhã as ocasiões, fazer o nosso exame particular sobre este ponto, e, se cairmos, impôr-nos alguma penitência, renovando as nossas resoluções e confiando em Deus. Reconheci ter grande necessidade desta virtude. E por isso fiquei resolvida a servir-me destes meios, com a graça de Deus; e contudo tenho sido tão cobarde, que depois do dia em que tomei esta resolução faltei ainda à submissão numa ocasião que se apresentou; do que vos peço muito humildemente perdão, meu Pai, assim como à Senhora Le Gras e a todas as nossas Irmãs.

— Levantai-vos, minha Irmã, levantai-vos.

Bendito seja Deus pelos pensamentos que vos deu e pelas resoluções que vos fez tomar! Dissestes muito bem, minha Filha, que seria impossível persistir na Companhia sem a obediência. Isso já tem sido dito muitas vezes, mas creio que nunca o consideraríamos demais.

E vós, minha Filha, dizei-me, qual foi a virtude mais brilhante do Filho de Deus?

— Meu Pai, parece-me que foi a obediência.

— Sim, minha Filha, a santa obediência. Teve todas as virtudes em elevado grau, mas amou sobretudo a obediência.

A quem devemos nós obedecer, minha Filha? A quem devem as Filhas da Caridade obedecer?

— Senhor, parece-me que devem obedecer em primeiro lugar a Deus, às suas regras, aos seus Superiores e às senhoras officiais das paróquias onde estiverem.

— Dissestes bem. Vêde, minhas Irmãs, é preciso obedecer às

Senhoras em tudo o que se relaciona com o serviço dos doentes, contanto que não nos ordenem nada contra as regras. Deveis obedecer com todo o respeito e submissão. São elas que vos empregam e vos dão o meio de prestardes os serviços que prestais a Deus. Se vos pedirem o que as regras proíbem, então deveis escusar-vos abertamente e de maneira que se não possam zangar ; e não se zangarão, estou certo, se lhe falardes com humildade e mansidão.

E quando uma Irmã da paróquia tiver a devoção de comungar e não tiver licença, que deverá fazer, minha Filha?

— Creio, meu Pai, que se deverá abster de o fazer, como já foi dito.

— Sim, minha Filha. Não se deve nunca comungar sem licença. ⁽¹⁾ Sem dúvida que, quando se está longe, não se pode vir cada vez pedir licença, mas deve-se pedir de antemão para todo o tempo que se estiver longe. Se sobrevier qualquer festa de devoção particular em que sabeis que a Comunidade não comunga, não se deve comungar. Se, entre nós, um padre recitasse outro officio que não fosse o officio mandado pela Igreja, estaria mal. Que se tenha devoção de rezar o officio de tal santo, da Santissima Virgem, da Cruz, etc., pouco importa, deverá sujeitar-se ao que a Igreja ordena e nada mudar de qualquer forma. Também não é permitido acrescentar qualquer coisa ao officio. Digo-vos isto, minhas Filhas, para vos fazer compreender a importância que há em se conformar com o costume da Comunidade.

Não haveria nada mais belo no mundo, minha Filha, do que a Companhia das Filhas da Caridade, se tivesse uma tal uniformidade, que, em toda a parte onde estivesse estabelecida, nada se fizesse que não fosse conforme ao que se pratica nesta Casa, se em toda a parte a obediência estivesse em vigor e a Irmã Servente fosse a primeira a obedecer, a pedir conselho e a submeter-se. Não, minhas Irmãs, posso afirmar-vo-lo, não creio que houvesse coisa alguma no mundo mais bela e de maior edificação.

E vós, minha Irmã, dei-nos alguns dos vossos pensamentos.

— Meu Pai, no primeiro ponto pensei que a primeira razão para termos a virtude da obediência é que o primeiro homem perdeu todas as outras virtudes pelo pecado da desobediência e que todos os cristãos são obrigados a praticar esta virtude para conseguirem a sua salvação ; o que se manifesta no facto de Deus nos ter dado mandamentos aos quais se tem de obedecer se não nos quisermos condenar. A segunda razão é que Nosso Senhor nos deu o exemplo, pois veio à terra, realizou a nossa redenção e

(1) Ver a nota da pág. 249.

apacou a cólera de Deus obedecendo. A terceira é que, além da obediência que Deus exige de todos os cristãos, pede-a, mais expressa e particularmente àqueles que chamou ao Seu serviço, sem a qual não nos poderíamos salvar. A quarta razão é que, na condição em que estamos, não poderíamos ter paz interior sem a obediência.

— Eis duas razões muito fortes que a nossa Irmã apresentou, vêde, minhas Filhas, e eu vo-las repito para que as retenhais no vosso espírito. Uma é que o Filho de Deus apacou a ira de Deus seu Pai por meio da obediência e por esse mesmo meio realizou a obra da nossa redenção. Isto é belo, meu Deus, e quem poderá recusar-se a obedecer, se pensar nestas verdades? A outra razão comovedora, além de todas as outras que a nossa Irmã disse, é que a Irmã que não praticasse a obediência não teria paz interior. Não, minhas Filhas, nunca a teria; jamais haverá paz onde não haja obediência; não se pode contar com ela; é uma inquietação constante, que torna as pessoas desconfiadas e insuportáveis a si próprias.

Continuai, minha Irmã, por favor.

— No segundo ponto, pensei que a principal condição necessária a uma verdadeira obediência é a submissão do juízo e da vontade; a segunda condição é a perseverança, à imitação do Filho de Deus, que obedeceu até à morte da cruz.

O primeiro meio para adquirir esta virtude é pedí-la instantemente a Jesus Cristo, tal como Ele a teve, tanto para com Deus seu Pai, em tudo quanto dizia respeito à nossa salvação, como para com Sua Santa Mãe e S. José, no que dizia respeito à direcção da Sua vida, enquanto lhes estava submisso.

O segundo meio é praticá-la em todas as ocasiões que se apresentarem, pois nada a torna mais fácil do que praticar frequentes actos dela.

Aqui tendes, minhas queridas Irmãs, o único meio: pedir esta virtude a Jesus Cristo. Ele é a fonte. Jamais, minhas queridas Irmãs, jamais alcançareis a obediência, a não ser por este meio.

Mas, a que chamais *actos*, minha Filha?

Foi dito há pouco que se deviam fazer actos interiores de obediência. É isso que quereis dizer, ou referis-vos mesmo às obras?

Ao que a Irmã respondeu que os actos interiores eram o desejo de executar a virtude quando tivermos ocasião para isso, e que por actos entendia obedecer sempre que se apresentasse ocasião, sem deixar passar nenhuma.

O nosso muito Venerando Pai interrogou ainda outra Irmã que repetiu o que as outras tinham dito, e depois interrogou a Senhora Le Gras, que respondeu o seguinte:

A primeira razão que me veio ao espírito é que Deus, na criação do mundo, submeteu todas as criaturas à obediência, de tal maneira que parece que só a criatura racional infringiu esta lei; o que muito nos obriga a amar e praticar a obediência.

Outra razão é que a desobediência foi sempre desagradável a Deus e tão desagradável, que tendo começado pelo homem, foi preciso que, para reparar a sua falta, uma das três pessoas da Santíssima Trindade se fizesse homem, não somente para nos fazer ver, com os seus actos de obediência, quanto é justo que obedeçamos, mas também para que a nossa obediência imperfeita tenha os méritos da do Filho de Deus, estando unida à d'Ele; o que é uma forte razão para adquirir e praticar a virtude da obediência.

Uma terceira razão é que, sem a obediência, seria uma constante desordem em todas as famílias, particularmente nas Comunidades, e muito maior na das Filhas da Caridade que em qualquer outra, tanto devido à liberdade que o seu exercício lhes dá de irem a diversas partes, como pela desordem interior e exterior que a desobediência lhes causaria.

Um dos meios que pensei que me poderia ajudar a adquirir a virtude da obediência, tal como Deus a exige, é, creio eu, apreciá-la muito, considerando muitas vezes a do Filho de Deus em coisas muito penosas e difíceis para nós, e pensar que o fim que teve, querendo que a obediência fosse por Ele observada até à morte, foi servir-nos de exemplo e de incitamento.

Outro meio de que espero poder servir-me, é procurar as ocasiões de praticar a obediência. Se não tenho a sorte de a poder praticar nas minhas acções quotidianas, pensei ter em vista, quando mandar ou aconselhar as pessoas às quais estou obrigada a mandar pelo meu cargo, ser assim imposto pela vontade de Deus por meio dos meus Superiores.

E, quanto ás pequenas coisas indiferentes, procurarei, mediante a graça de Deus, deferir e condescender mais humildemente com as pessoas que desejem qualquer coisa de mim, contanto que seja sem ofender a Deus.

E, porque a obediência pode ser observada de diversos modos, pareceu-me que, para ser tal como Deus no-la exige, será necessário obedecer com grande simplicidade e humildade.

Em segundo lugar, devemos obedecer às pessoas que têm o direito de nos mandar, sem diferença alguma, como se fosse Deus que nos mandasse, pois é por Seu amor e para fazer a Sua santa vontade que devemos obedecer.

A terceira condição da verdadeira obediência é não obrigar os nossos superiores a condescenderem e a mandarem só o que

desejamos, mas procurar que nos mandem aquilo que sabem que Deus quer de nós.

Em quarto lugar, parece-me que a obediência deve ser pronta e sem discernimento algum, mas com abandono do próprio juízo e fidelidade à prática do que nos tiver sido ordenado. O que nos ajudará muito, segundo o meu parecer, é acostumar-nos a não sermos inflexíveis nas nossas próprias opiniões, e a condescender com todas as pessoas, mesmo nas pequenas coisas.

Senti grande confusão, reconhecendo que tenho faltado muitas vezes a todas estas práticas pela minha soberba e obstinação, do que me arrependo e peço perdão a todas as nossas Irmãs que o possam ter notado.

— Oh ! Muito bem ! Minhas queridas Irmãs, parece-me que estais repletas de apreço por esta virtude ; estais todas convencidas de que a vossa Companhia, que é tão agradável a Deus pelo seu objecto e exercício a que se aplica, receberá ainda um acréscimo de mérito que se não pode conceber nem dizer, se o fizer na virtude e no amor da santa obediência. Portanto creio que estais todas cheias do desejo de vos applicardes a isso e de vos dardes agora a Deus para nunca mais fazerdes nada que transgrida esta virtude. Louvo e agradeço de todo o coração a sua divina bondade tudo o que Se dignou inspirar-vos : as condições que devem acompanhar a verdadeira obediência, os meios e resoluções para a praticar.

Suplico a Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem são concedidas todas as graças, Se digne alcançar-nos do Eterno Pai a obediência, tal como Ele próprio a teve, supra pelos infinitos méritos da Sua as faltas que se encontram na nossa, tenha por agradável que todas aqui presentes sejais fiéis e exactas à prática das inspições que Ele mesmo vos há-de enviar pelo Espírito Santo, torne frutuosa a graça que vos concedeu, a comunique por vosso intermédio às nossas Irmãs afastadas, e, por vós e por elas, às que vierem depois, de maneira que, ouvindo falar da obediência que tem havido na Companhia, se sintam obrigadas a continuá-la. Peço esta graça ao meu Senhor Jesus Cristo, suplico-a à Santíssima Trindade, em nome da qual não deixarei, embora miserável pecador, mas apoiado na Sua infinita misericórdia, de pronunciar as palavras de bênção.

Benedictio Dei Patris...

45. — INSTRUÇÃO DE 22 DE OUTUBRO DE 1650

FEITA ÀS IRMÃS ENVIADAS PARA A PROVÍNCIA

Minhas queridas Irmãs, uma das principais virtudes que deveis possuir é a humildade; sim, minhas Irmãs, conservai-vos numa grande humildade. Considerai-vos as últimas de todas; lembrai-vos que sois as servas dos pobres; considerai-os vossos senhores e servi-os com grande doçura e humildade.

A segunda coisa que deveis ter, minhas Irmãs, é a caridade; grande caridade para com todos.

A terceira coisa que deveis ter, minhas Irmãs, eu vo-la recomendo sobretudo, é o suporte mútuo; sim, minhas Irmãs, um grande suporte. Nunca vos desgosteis umas às outras, minhas queridas Irmãs, nunca; e para isso cedei sempre e pedi conselho umas às outras. A Irmã Servente deve pedir o parecer da sua Irmã: «Minha Irmã, vamos a tal parte? Vamos fazer isto?» E se a Irmã responder: «Minha Irmã, parece-me que seria bom fazermos assim», fazei-o.

Mas, direis então, a Irmã Servente tem de pedir conselho e ceder à sua Irmã? Sem dúvida que deve; sem dúvida que deve fazê-lo; deve ceder em tudo e ser a mais humilde; mas deve conservar-se firme, se a Irmã quiser alguma coisa contra Deus e contra as Regras. A Irmã companheira também não deve fazer nada sem o dizer à Irmã Servente, e respeitá-la muito.

Suportai-vos pois, minhas queridas Irmãs, quando se der alguma coisa entre vós; pois isso acontece. Dai-vos desde já a Deus para isso, pois não há ninguém que não cometa faltas. Mas o que parecer falta na nossa Irmã nem sempre o será. Muitas vezes somos nós que estamos na disposição de não aceitar o que a nossa Irmã faz. Se as coisas não são como pretendemos, zangamo-nos. Minhas Irmãs, não nos admiremos por sentir dificuldade em suportar os outros, pois nem sabemos suportar-nos a nós mesmos. O que hoje nos agrada, desagrada-nos amanhã; nunca estamos nas mesmas disposições; queremos e depois já não queremos. Somos desagradáveis a nós mesmos. Ah! Minhas Irmãs, se houver entre vós algum motivo de aborrecimento, des-

INSTRUÇÃO XLV — Caderno escrito com a letra da Irmã Juliana Loret. (Arq. das Filhas da Caridade) A Irmã Juliana acrescenta esta nota: «Estas instruções foram feitas às nossas Irmãs Ana Ardemont e Genoveva Doinel que iam para a casa de Hennebont; e às Irmãs Joana Baptista e Nicolina Haran que iam para a casa de Montmirail; e às Irmãs Marta (Dau-teuil) e Francisca Ménage e Luisa Michel, que iam ter com as Irmãs de Nantes.»

culpai-vos e pensai : «Sou eu que não estou de bom humor. Não foi a minha Irmã que fez mal, eu é que não sou bastante humilde e nem sequer sei suportar-me a mim mesma.» Enfim, minhas Irmãs, se derdes motivo de descontentamento, pedi mutuamente perdão ; e ambas de joelhos, dizei : «Meu Deus ! Dei-vos motivo de descontentamento, minha Irmã ; peço-vos perdão.» E a Irmã deve responder : «Ah ! Minha Irmã, eu é que vo-lo peço.» E, procedendo assim, conservareis a união entre vós. Não falteis a esta prática, eu vo-lo peço, minhas Filhas.

Tende, pois, grande cuidado na instrução dessa pobre gente ; ensinai-os a bem morrer. Que consolação ajudar aquela boa gente a ir para o Céu ! Sem dúvida que os conduzireis ao céu. Quanto às alunas, ensinai-as a bem servir a Deus ! Ah ! Minhas Irmãs, se fordes fiéis a Deus, fareis grandes coisas. E, a propósito disto, devo dizer-vos que a boa senhora Goussault, grande serva de Deus (é uma santa, minhas Irmãs, e amava muito a vossa Companhia), disse-me na noite que precedeu a sua morte : «Ah ! Senhor, estive esta noite muito ocupada com Deus, e vi diante de Deus uma Filha da Caridade. Ah ! Senhor, que grandes coisas farão as Minhas Irmãs, como sereis felizes, se Deus for glorificado nas vossas acções. Sim, sem dúvida que será glorificado, se trabalhades por Seu amor.

Não procureis agradar às pessoas de condição por meio de cumprimentos aduladores. Ó meu Deus ! De modo nenhum, minhas Irmãs, não procureis isso ; tudo estaria perdido, minhas Filhas. Ó meu Deus ! Evitai semelhante coisa.

Ireis portanto, minhas Irmãs, procurar estas e aquelas pessoas, e, se vos levarem ao Senhor Bispo dessa região, pedi-lhe a sua bênção ; dizei-lhe que quereis viver inteiramente sob a sua obediência, e que vos ofereceis para o serviço dos pobres, para o qual fostes enviadas.

Se vos perguntar quem sois, se sois religiosas, dizei-lhe que não, graças a Deus, não por não apreciardes muito as religiosas, mas porque, se o fôsseis, teríeis de estar encerradas e que, por consequência, teríeis de dizer : «Adeus serviço dos pobres». Dizei-lhe que sois pobres Filhas da Caridade, que vos destes a Deus para o serviço dos pobres, e que vos é permitido sair e vos podem mandar embora.

Se vos perguntar : «Fazeis voto de religião?» Respondei-lhe : Oh ! Não, Senhor, consagramo-nos a Deus para viver na pobreza, castidade e obediência, umas para sempre, outras por um ano».

Enfim, minhas queridas Irmãs, entregai-vos devidamente a Deus para fazerdes bem o que ides fazer. Pedi-Lhe o espírito de

Seu Filho, a fim de fazerdes as vossas acções como Ele fez as Suas; pois tendes, minhas Filhas, a felicidade de imitar a vida que o Filho de Deus teve no mundo com os seus apóstolos. Eu Lhe suplico, minhas Filhas, que se digne encher-vos do Seu espírito, concedendo-vos as virtudes que vos são necessárias para serdes verdadeiras Filhas da Caridade. É o que eu Lhe suplico de todo o meu coração, e, da sua parte, pronunciarei as palavras de bênção.

Benedictio Dei Patris...

Uma Irmã Servente pediu em seguida:

Meu Pai, peço-vos o favor de mandar a minha Irmã avisar-me das minhas faltas quando cair nalguma.

— Sim, minha Filha, com todo o gosto, mas não se deve estar a avisar constantemente; pois o que julgamos ser falta pode talvez não o ser. Deve-se primeiro fazer oração sobre isso e pensar: «O que a minha Irmã fez, será falta de consequência?» E se vimos que não, não se deve dizer nada. Isto não é grande coisa, não desedifica ninguém; e deve-se passar adiante.

Mas, se Deus nos mostrar na oração que a falta é de consequência, oh! É preciso avisar; mas sabeis como deveis fazer? Deveis pôr-vos de joelhos e dizer: «Minha Irmã, creio que desejas que vos avise desta falta, para fazerdes atenção.» Procedereis portanto assim, minhas queridas Irmãs.

Recomendo-me às vossas orações.

46 — CONFERÊNCIA DE 9 DE DEZEMBRO DE ..¹

SOBRE AS VIRTUDES DAS IRMÃS ANA DE GENNES, MARIA LULLEN, MARGARIDA BOSSU E CECÍLIA DELAITRE

A primeira das nossas Irmãs de quem falaremos nesta conferência é a Irmã Ana de Gennes, que, sendo de condição nobre, deixou tudo para se consagrar a Deus na Companhia das pobres Filhas da Caridade, onde teve a felicidade de perseverar até à morte.

Uma das Irmãs que havia estado com ela disse que a Irmã Gennes manifestava pesar quando lhe falavam da sua nobreza; que isso a mortificava e que o não podia suportar.

— Ah! Minhas Irmãs, disse o Senhor Padre Vicente, que vir-

(¹) Não se sabe ao certo o ano. Maria Lullen vivia ainda a 23 de Julho de 1649. A Conferência é talvez o mais tardar de 9 de Dezembro de 1649.

tude não procurar a estima e não querer que se fale da sua família! Esta boa Irmã escondia o que os outros manifestam, e humilhava-se com o que daria a outros motivo para se elevarem. Haverá aqui alguma que tivesse estado com a Irmã Ana?

Uma Irmã respondeu:

Meu Pai, eu estive algum tempo com ela.

— Pois bem! Minha Filha, que virtudes lhe notastes?

— Meu Pai, era muito paciente nos seus sofrimentos, nunca se queixava e nunca se cansava de sofrer. Todavia algumas vezes tinha receio de ser pesada e sentia pena de não poder trabalhar como as outras. Notei também que era muito humilde: convencencia-se sempre de que o seu trabalho não valia nada e que o que faziam as outras era muito melhor.

O Senhor Padre Vicente a isto replicou:

É muito bom ter pena de não poder trabalhar, mas é uma tentação, minhas Irmãs, pensar que se é pesada às outras e perturbar-se nestas ocasiões. É preciso resignar-se com a vontade de Deus quanto às doenças que nos envia, e pensar que as vossas Irmãs estão satisfeitas por praticarem a caridade nos serviços que vos prestam.

Outra Irmã disse;

Meu Pai, notei que a Irmã Ana falava muitas vezes com as suas companheiras dos bons pensamentos que Deus lhe dava na oração. Tinha o grande cuidado de que os doentes que servia recebessem os sacramentos a tempo. Não saía nunca do quarto dum doente sem lhe ter dito alguma palavra de edificação. Servia os pobres como teria servido Nosso Senhor, e dizia que sentia mais satisfação quando ia ver os seus pobres do que se recebesse a visita dos seus parentes.

— Ah! Minhas Irmãs, disse o Senhor Padre Vicente, que virtude! Ah! Esta boa Irmã gostava mais de ver os pobres do que ver os seus parentes e via sempre neles a pessoa de Jesus Cristo! Que Deus seja sempre bendito, minhas Irmãs! Isto deve excitar em nós o desejo de nos darmos completamente a Nosso Senhor para imitar as virtudes que notámos nesta boa Irmã, que, como acabámos de ouvir, foi humilde, paciente, caridosa. Imitemos sobretudo a sua humildade, desejando ser ignoradas e consideradas como um nada; pensemos que, se manifestássemos o pouco bem que fazemos, perderíamos todo o mérito diante de Deus.

— E vós, Senhora Le Gras, notastes alguma coisa?

— Meu Pai, notei na Irmã Ana um grande amor pela sua vocação, vencendo corajosamente todas as dificuldades que encontrou, que para ela foram maiores do que para qualquer outra, pois tinha uma saúde muito delicada. Todavia não se queixava

e nunca lhe ouvi dizer que não podia fazer o que lhe mandava. O amor pela sua vocação manifestou-se ainda na última doença, tendo pedido com instância que a trouxessem para Casa, porque desejava morrer aqui. Mostrou uma grande paciência nos seus sofrimentos; e, estando já no leito de morte, lhe disseram: «Sofreis muito», respondeu: «O que sofro nada é em comparação do que Nosso Senhor sofreu por mim.»

Foi submissa e obediente até ao fim. Uns momentos antes da sua morte, tendo-a a Irmã da enfermaria obrigado a tomar qualquer coisa, embora sentisse grande repugnância nisso, por causa das violentas dores de estômago que tudo o que tomasse lhe ocasionava, contudo tomou-o dando a entender que era para obedecer; e pouco depois expirou.

— Minhas Irmãs, disse o Senhor Padre Vicente, temos toda a razão para crer que está junto de Deus.

Vejamos agora o que notaram na Irmã Maria Lullen, natural de Mans. Aquelas que viveram com ela digam-nos muito simplesmente o que viram de edificante no seu procedimento.

Uma Irmã disse:

— Meu Pai, notei que esta querida Irmã tinha uma grande caridade para com as crianças que estava encarregada de instruir. Enquanto esteve em Nanterre, onde a conheci antes de ter a felicidade de estar na Companhia, via-a algumas vezes beijar os pézinhos delas, dizendo que pensava estar beijando os pés do Menino Jesus.

— Bendito seja Deus! Disse o Senhor Padre Vicente. Esta boa Irmã tinha razão em julgar que beijava os pés do Menino Jesus. Oh! Como esta simplicidade lhe havia de ser agradável.

Outra Irmã disse:

Meu Pai, encontrei um dia a Irmã Maria quando levava as suas crianças à missa, e admirei a sua caridade para com um pobre homem que encontrou no caminho. Falou-lhe de Deus; e como não tivesse ouvido missa nem mostrasse desejo de a ouvir, tanto fez com as suas observações que o decidiu a ir ouvi-la.

Uma outra Irmã disse:

Notei que era humilde e parecia contente quando a repreendiam. Como um dia a tivessem mortificado um pouco, vendo-lhe um aspecto satisfeito, manifestei-lhe a minha surpresa; então respondeu-me: «Minha Irmã, é preciso que me aniquile, para que Jesus viva em mim.»

— Oh! Que boa expressão! Disse o Senhor Padre Vicente: é preciso que me aniquile! E alegrava-se quando a repreendiam; Deus seja bendito e glorificado! Não me admiro que o Reverendo pároco de Nanterre a tivesse louvado muito, embora não dê fá-

cilmente louvores. Mas parece-me que esta querida filha tinha uma virtude acima do comum.

Outra Irmã disse :

Conheci a Irmã Maria Lullen quando estava ainda em Mans, antes de vir para aqui e lembro-me que ela e outra menina deixaram os vestidos do mundo e tomaram um vestido cinzento ; o que lhes ocasionou muitas troças e escárneos da parte dos que desaprovavam esta mudança. Começaram a servir os pobres no hospital de Mans. Puseram uma grande ordem nesta casa, onde até então não tinha havido muita. Muitas pessoas acharam que dizer, e elas foram perseguidas por causa disto, mas sofreram tudo corajosamente. Finalmente a nossa boa Irmã, querendo dar-se inteiramente a Deus, resolveu deixar a família, muito abastada e onde podia ter todas as satisfações, mas o seu amor por Deus fez-lhe deixar corajosamente tudo para vir para Paris, para a nossa Comunidade.

— Minhas Irmãs, disse o Senhor Padre Vicente, Deus tinha sem dúvida grandes desígnios sobre esta alma. Não vos parece, Senhor Padre Portail, que há qualquer coisa nisto? Quanto a mim, estou encantado com o que acabo de ouvir. Não sinto consolação maior do que quando oiço a narração das virtudes das nossas Irmãs, porque é visivelmente a obra de Deus. Que Ele seja para sempre bendito!

Se alguma observou ainda alguma coisa, que o diga ; pois, vêde, minhas Irmãs, publica-se a glória de Deus falando das virtudes das nossas Irmãs. Ele lhes havia dado essas virtudes para se santificarem e quer que tiremos também proveito delas, imitando-as. Senhora Le Gras, quereis dizer-nos o que sabeis?

— Meu Pai, esta boa Irmã era toda de Nosso Senhor que a tinha escolhido. Era uma alma privilegiada. Afeiçãoou-se particularmente à prática das virtudes escondidas ; era muito humilde. Notei também a sua submissão quando estava doente, tomando as pequenas coisas que lhe apresentavam sem mostrar aborrecimento ; nunca manifestava pesar quando lhe não davam o que pedia.

— Oh ! Minhas Irmãs, disse o Senhor Padre Vicente, é assim que se deve proceder quando se está doente, e não dizer : «Este remédio não está bem feito, não o posso tomar.» Falar desta maneira é manifestar os seus gostos, é sinal de grande imperfeição. Se alguma procurar satisfação no comer e no beber, se procurar o gosto das carnes, oh ! Meu Deus ! Que essa pessoa tome cuidado consigo, porque assim nunca é virtuosa. Oh ! Como sereis culpadas, minhas Filhas, se não aproveitardes dos bons exemplos das nossas Irmãs, de quem nos disseram coisas tão belas!

Vejamos a terceira de quem temos de falar. Quem conviveu com a Irmã Margarida Bossu?

Uma Irmã disse :

Estive com ela algum tempo. Notei que tinha um grande amor pelos pobres e também que, quando a reprendiam de alguma coisa, aceitava bem a advertência e não dizia nada para se desculpar.

Ela era, acrescentou o Senhor Padre Vicente, muito mansa e muito submissa. Sr.^a Le Gras, quereis dizer-nos alguma coisa dela?

— Meu Pai, notei nela um grande affecto pela vocação, tendo vencido todas as dificuldades feitas pelos seus parentes que, com muito custo, se decidiram a deixá-la vir; mas deixou-os corajosamente; quando foi recebida estava tão cheia de alegria, que não queria, por todos os bens do mundo, deixar a Comunidade. Não viveu senão um ano, mas o seu fervor tornou-a digna de receber o seu salário, como os operários que vieram na última hora e que receberam tanto como os que tinham trabalhado todo o dia. Deste modo, penso que Nosso Senhor há-de estar contente com o serviço que lhe prestou esta boa Filha, como se ela O tivesse servido durante muitos anos, porque tinha efectivamente o desejo de O servir e honrar toda a sua vida, por longa que fosse. A Irmã Margarida era muito mansa e fazia tudo o que lhe diziam, sem nunca ter que dizer. Era muito obediente, amava muito a Comunidade; e mostrou bem quando, doente, a Irmã que estava com ela lhe disse que tinha de ir para a Casa; embora muito doente, levantou-se logo e mostrou grande prazer em vir para cá.

— Ah! Que boa menina! Disse o Senhor Padre Vicente. Aqui tendes o que é gostar muito de vir para a Comunidade! Mostrou bem que só amava a Deus, pois tinha um tão grande despreendimento de tudo. Deixou sem custo a casa onde estava tão bem, para fazer a vontade de Deus. É assim que se deve fazer, minhas Irmãs, e nunca procurar pretextos para vos dispensardes de fazer o que vos é mardado.

Outra Irmã disse :

Meu Pai, reparei que a Irmã Margarida tinha muito zêlo em aprender o que somos obrigadas a saber, e também um grande recato nas suas palavras; jamais, particularmente durante o tempo do grande silêncio, disse alguma palavra sem necessidade; o que me deu grande confusão por ver a sua virtude e ver-me a mim tão afastada dessa prática. Ocupava-se sempre em alguma coisa edificante, particularmente falando da felicidade da sua vocação.

— Deus seja sempre bendito! Que boas práticas! Senhor Padre Portail, não vos comove a narração de tão belas virtudes?

Temos ainda que falar do que notamos na nossa Irmã Delaître. Quem conviveu com ela?

— Meu Pai, respondeu a Senhora Le Gras, essa querida Irmã não saiu da Casa. Estava aqui apenas há quatro meses, empregada no serviço dos pobres de S. Lourenço.

— Muito bem! Então que notastes nela, Senhora Le Gras?

— Notei uma grande doçura, muito cuidado com os doentes, mas sem precipitação nem inquietação. Era activa e laboriosa, e não se fazia valer pelo trabalho que fazia. Tinha uma grande disposição para o bem, desejo de se aperfeiçoar e grande suporte com as Irmãs; era muito obediente aos Superiores; e durante a sua doença sofreu com muita paciência. Todo o seu pesar era não ter servido muito tempo os pobres.

— Oh! Boa Irmã! Embora jovem na Companhia, era contudo antiga na virtude. No pouco tempo que aqui permaneceu, realizou o que se poderia fazer em seis ou mesmo em dez ou doze anos. Óh! Minhas Irmãs, que felicidade estar entre plantas que produzem tais frutos! Mas também; que confusão viver na vaidade de espírito, no desejo das suas satisfações! Se houvesse entre vós alguma que desejasse ser vista, ser conhecida e procurasse ser notada; se houvesse assim alguma, repito, teria que se humilhar diante de Deus e dizer: Ó meu Deus! Que direi, que farei, que responderei eu no dia do juizo, quando me censurarem por ter vivido com as esposas de Jesus Cristo, com pessoas tão cheias de virtude e não ter seguido os seus exemplos! Oh! Se houvesse algumas que procurassem a estima das criaturas, que quisessem ser aplaudidas, oh! Que desgraça! Não seria preciso mais para atraír a maldição de Deus sobre toda a Companhia. Oh! Quero crer que estais na disposição de serdes completamente de Deus. Não me quereis prometer, minhas Filhas, resolver-vos a trabalhar na vossa perfeição, a não formar mais boa opinião de vós mesmas? Pois, logo que uma pessoa forma boa opinião de si mesma, afasta-se de Deus. Resolvi-vos pois a renunciar à vossa vontade para não queredes senão o cumprimento da Santíssima vontade de Deus.

Todas as Irmãs responderam :

Sim, meu Pai, é esse todo o nosso desejo.

— Assim o espero, com a graça de Deus, replicou o Senhor Padre Vicente, e pronunciarei da Sua parte as palavras de bênção, pedindo-lhe que, ao mesmo tempo que as disser, Se digne encher os nossos corações, a vós e a mim, do desejo de adquirir todas as virtudes cuja narração acabamos de ouvir.

Benedictio Dei Patris...

47 — CONFERÊNCIA DE 5 DE MARÇO DE 1651

SOBRE A CONFISSÃO

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência é a confissão. Divide-se em três pontos. O primeiro trata das razões que obrigam as Filhas da Caridade a saberem confessar-se bem; o segundo trata das faltas que podem cometer nas suas confissões; e o terceiro, dos meios de fazerem boas confissões. É um grande assunto, minhas Irmãs, e muito importante; por não nos confessarmos bem corremos o perigo de cometer muitas vezes sacrilégios.

Minha Irmã,izei-nos os vossos pensamentos, por favor.

— Senhor, sobre o primeiro ponto pensei que uma das razões que nos obrigam a saber confessar-nos bem, é que não poderemos ensinar os doentes a bem se confessarem se primeiramente o não soubermos fazer.

Outra razão é que este sacramento é como um segundo baptismo, porque nos restitue a graça; é isto que nos obriga a aproximarmo-nos dele com grande preparação.

As faltas que na confissão se podem cometer são: não ter a pureza de intenção de irmos apenas para nos pormos em estado de agradar a Deus; e procurar demasiado a nossa própria satisfação.

Os meios de fazer uma boa confissão são: uma grande humildade e o pensamento da enormidade do pecado, etc.

— Está muito bem, minha Filha. Deus vos abençõe!

E vós, minha Filha, dizei-me os vossos pensamentos.

— Meu Pai, parece-me que, se não fizéssemos uma boa confissão, estaríamos em perigo de cometer um sacrilégio.

— A nossa Irmã põe como primeira razão que, se a confissão não for bem feita, cometemos um sacrilégio e aumentamos o número dos nossos pecados, e, em lugar de dez que tivéssemos, ficaríamos com onze; e, se morrêssemos com eles, minhas queridas Irmãs, éramos condenados.

E que faltas se podem cometer ao confessar-se?

— Meu Pai, parece-me que é não se examinar bem, dissimular o pecado e não o dar a conhecer tal qual é.

— Ah! Sim, minhas Irmãs, atenuar a sua falta e fazer com que a não conheçam tal qual é, é uma grande falta. Quanta gente se haverá condenado por isso!

— Meu Pai, parece-me que é a vaidade que leva a desculpar-

Instrução XLVII. — Caderno escrito pela Irmã Jullana Loret. (Arq. das Filhas da Caridade).

-nos e a desejarmos que não vejamos as nossas faltas tão grandes como são.

— Sim, sem dúvida, é espírito de vaidade, é espírito do demónio, quando, em lugar de acusar as faltas, as desculpamos. Ah! Minhas Filhas, dar a conhecer as suas faltas não desacredita uma Irmã. Oh! Não, pelo contrário, quando se acusa e diz: «Fiz isto e isto; sou tão miserável que fiz isto!» Vemos então que é o espírito de Deus que a faz falar.

— E vós, minha Filha, por que razões vos parece que as Filhas da Caridade devem saber confessar-se bem?

— Meu Pai, parece-me que a nossa predestinação depende duma boa confissão, e que devemos pensar que pode ser essa a última vez que Deus nos concederá a graça de nos confessarmos.

— Sim, sem dúvida, minhas queridas Irmãs, a nossa predestinação pode depender talvez deste acto. A propósito disto, dir-vos-ei que, numa assembleia, alguns prelados confessaram-me que tinham tomado a resolução de, todas as vezes que se confessassem ou celebrassem, pensariam que seria talvez aquela a última vez que o faziam. Vêde, minhas Irmãs, são prelados que nos dão este exemplo!

— Pareceu-me também que, se Deus me concedesse a graça de voltar outra vez à confissão, poderia ir mais bem disposta para uma outra.

— A nossa Irmã disse que podíamos fazer uma boa confissão para nos prepararmos para a seguinte. Isto pode ser, porque confessar-se bem a fim de se confessar melhor outra vez, é muito bom; e, com efeito, o bom uso das graças que Deus nos concede não é só meritório para a acção presente, mas também para a próxima e para todas as outras.

Mas que faltas podemos cometer na confissão?

— Podemos descuidar as faltas, pensando que não é grande coisa e que para a outra vez se fará melhor, ou então diminuí-las com receio de que nos deixem de estimar.

— A nossa Irmã diz que, se se deixar passar as faltas por qualquer motivo, que poderá acontecer? Ah! Minhas Irmãs, grandes desgraças. O espírito maligno tornar-se-á o senhor. Enfim, aquela que não se confessar bem cai em grandes faltas só e acompanhada.

Mas quando, pelo contrário, fazemos uma boa confissão, logo nos é restituída a graça de Deus, todas as boas obras que tínhamos feito voltam, com um aumento de fé, esperança, caridade, e amor de Deus, temperança, humildade, enfim tudo o mais.

E vós, minha Irmã, que razões têm as Filhas da Caridade para se confessarem bem?

— Meu Pai, creio que é para adquirir a graça de Deus.

— Muito bem: para adquirir a graça de Deus. Deveríamos ficar contentes que todos conhecessem as nossas faltas; um santo disse que devíamos estar prontos a dizer os nossos pecados em plena praça.

— As faltas que cometemos em confissão vêm do respeito humano, da vaidade, ou até por hábito; e da falta de contrição; o que é tanto mais para temer quanto mais as nossas faltas parecem leves. Parece-me que será bom dizer alguma falta grande da vida passada e mesmo várias.

— Sim, é um grande meio, para se excitar à contrição, dizer alguns pecados grandes da vida passada: «Ah! Meu Deus! Fiz isto e isto na minha juventude»; é pois para reccar que não se tenha bastante pesar pelas faltas ordinárias.

Mas dizei-me, minha Irmã, se uma Irmã fôr à confissão sem mostrar arrependimento pelas suas faltas, a confissão será boa?

— Não, porque o principal é a contrição.

— Mas, minha Irmã, será bom acusar-se sempre das mesmas faltas?

— Não, porque é preciso trabalhar para nos corrigirmos; mas, se acontecer cairmos nas mesmas faltas, devemos dizê-lo.

— Olhai, minhas Irmãs, devo dizer-vos, por causa de algumas almas escrupulosas, que há certas faltas em que se não pode deixar de cair. Até os santos, no dizer do Espírito Santo, caem sete vezes ao dia; são divagações de espírito, pensamentos levianos, mesmo na oração, e outras faltas semelhantes. No entanto, isto pode causar aflicção a uma pobre Irmã. Oh! Que deve fazer então? Quando recair sempre nas mesmas faltas, deve humilhar-se diante de Deus, desejar unir-se a Ele e dizer: «Ah! Meu Deus, como tenho motivo para me humilhar diante de Vós e desejar ver-Vos!» E depois, com paciência, fazer actos de esperança e humildade, dar-se a Deus, excitar-se à contrição e ao propósito de emenda.

Mas, dizei-me, minha Irmã, uma Irmã que não recebesse bem as advertências que lhe fizessem, faria uma boa confissão?

— Não, meu Pai.

— Será um defeito a escolha dos confessores, minha Irmã?

— Sim, meu Pai.

— Que pensais duma Irmã que quer um confessor e não outro?

— Meu Pai, uma Irmã que quer um confessor e não outro tem um apego demasiado e procura-se a si mesma.

— Oh! Mas direis, é que este conhece-me melhor e o que me diz toca-me mais.

— Não é isso, minhas Irmãs; é um apego, para não dizer affecto, que se tornaria mau com a continuação.

Acreditai-me, minhas queridas Irmãs, isso é uma inclinação

por temperamento ; numa palavra, é uma ligação do coração, a qual, se não se lhe dá pronto remédio, pode fazer que a confissão seja nula. Peço a Deus, que Se digne conceder às nossas Irmãs a graça de se não apegarem a nenhum confessor, nem a uma paróquia, e de todo o meu coração faço este pedido a Deus, por Jesus Cristo, Nosso Senhor, para todas vós, e que o confessor se não prenda também, porque isso o perderia. Se Deus quiser, direi, não amanhã, mas na quarta-feira, a santa missa por esta intenção, minhas Irmãs.

Haverá falta em dizer que o confessor é muito brusco, ou muito manso, ou queixar-se que ele não diz nada?

— Sim, meu Pai.

— Será um mal dizer : «E se ele fosse repetir os pecados que se lhe disse !» E será ainda um mal, manifestar o que ele vos disse?

— Sim, meu Pai.

— Sim, sem dúvida, minhas queridas Irmãs, é um mal e muito grande, porque o penitente é tão obrigado ao segredo como o confessor ; e uma pessoa que fosse dizer : «Ele disse-me isto ou aquilo», pecaria muito.

E se ele a levar ao mal, se lhe disser alguma palavra de lisonja, como por exemplo : «Nenhuma me tem agradado tanto e dado tanta satisfação na direcção, como vós», ou qualquer outra palavra que testemunhe afeição, ah ! Minhas Irmãs, cuidado com isso ! Ah ! Meu Deus ! Como isso é perigoso. Ela deve dizê-lo. Mas, a quem ? Aos seus Superiores, e não a outros.

E vós, minha Irmã, dissei-me, uma Irmã que discute por causa da penitência ou mesmo recusa as que lhe são impostas e não quer confessar-se a um tal, porque dá penitências que não são segundo a sua vontade, fará mal?

— Sim, meu Pai, parece-me que é uma grande falta.

— Grande falta, sem dúvida, minhas Irmãs ; recorde-me, a propósito disto, duma bela palavra de Santo Agostinho : «Uma pessoa que recusa a penitência, recusa o perdão.»

— Cometerá alguma falta uma pessoa que fôr à confissão sem examinar a consciência, sem contrição, ou sem desejos de aceitar a penitência ou restituir os bens doutrem que tiver em seu poder?

— Sim, meu Pai.

— Nunca o pecado lhe será perdoado sem a restituição.

Poupar o dinheiro dos pobres, em qualquer paróquia onde estiver, para se apropriar dele, será um pecado?

— Sim, Meu Pai.

— Ah ! Meu Deus ! É um sacrilégio, minhas Irmãs ; porque é tirar a Deus alguma coisa que é de Deus e applicá-la em si mesma ;

não creio que haja alguma de entre vós que caia neste pecado ; não, não há, graças a Deus ; porque, minhas Irmãs, esse pecado jamais seria perdoado sem a restituição, e não só quanto aos bens, como também quanto à honra.

Nunca se deve falar doutrem, mesmo em confissão ; se não pudéssemos esconder o mal doutrem, mais valia calar o vosso próprio pecado. Mas será tirar a honra a uma Irmã contar as faltas à Superiora para que esta lhe dê remédio? Ah! De modo nenhum, deve-se mesmo dizer ; mas nunca a outros ; porque tirar os bens, nada é, mas tirar a honra, é perder tudo. Ah! Minhas Irmãs, se isto já vos aconteceu alguma vez, não recomeceis, eu vo-lo peço.

É vós, minha Irmã, dizei-nos os vossos pensamentos.

— Meu Pai, a primeira razão que temos para aprender a confessar-nos bem, é que, sem isso, correríamos muitas vezes o perigo de cometer sacrilégios. A segunda razão, é que não o poderíamos ensinar aos pobres e às alunas nas escolas, se nós próprias o não soubéssemos fazer bem.

— Eis, uma boa razão, minhas Irmãs, porque tendes pobres aqui e principalmente crianças a quem deveis ensinar a fazer boas confissões.

É por isso o Senhor Padre (Vicente¹), dirigindo-se ao padre que o acompanhava, disse-lhe.

Peço-vos o favor de redigir um memorial de tudo quanto se deve ensinar às crianças das escolas a este respeito : a Irmã encarregada das que vêm de novo, ensinar-lho-á, porque é muito importante ; e todos os anos, enquanto vivermos, havemos de fazer uma instrução sobre este assunto ; Senhor, Senhora Le Gras, e vós, minha Irmã, peço-vos o favor de me lembrar isto.

Continuai, minha Irmã.

— Meu Pai, entre as numerosas faltas que se podem cometer na confissão, notei três principais : Em primeiro lugar, falar muito. Isto acontece quando se dizem faltas que se não cometeram, quando se fala do próximo, e finalmente quando se fala de coisas que não pertencem à confissão.

Em segundo lugar, falar pouco demais ; por exemplo, quando se não diz o número, nem as circunstâncias dos pecados mais consideráveis, quando se esconde qualquer pecado com receio de que o confessor o repita, o que nunca se deve recear, ou por qualquer outro motivo.

(1) O manuscrito diz Portail. A distração do copista é manifesta. É sem dúvida S. Vicente que fala. O padre que o acompanhava devia ser o Senhor Padre Portail.

Em terceiro lugar, não falar como deve ser, quer dizer disfarçar os seus pecados para que não pareçam o que são, ou exprimir-se como se tivesse dúvidas: «Se fiz isto ou aquilo, peço perdão a Deus», quando se não está na dúvida, ou desculpar-se, ou esconder um pecado para o dizer a outro confessor. Parece-me que todas estas coisas são grandes faltas.

Quanto aos meios para fazer uma boa confissão, parece-me que basta, com a graça de Deus, observar os cinco pontos.

— Está muito bem, minha Irmã, Deus vos abençõe!

Senhora Le Gras, apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos?

— Meu Pai, permitis que vos faça uma pergunta a respeito do que já se disse?

— Sim, com todo o gosto.

— Se o confessor formar a intenção de dar a absolvição apenas no caso que o penitente cumpra a penitência que impuser, aquele que não cumprir a penitência recebe a absolvição?

— Não, minhas Irmãs; o confessor só dá a absolvição com a condição de que cumprireis a penitência que vos impõe, e não a recebeis, se não cumprirdes a penitência.

A Senhora Le Gras continuou:

Pensei, por primeira razão, que o sacramento da penitência bem recebido ajuda muito as almas a glorificar a Deus, collocando-as nesse estado pela reconciliação que se faz com a Sua bondade, que lhes perdoa todos os seus pecados.

Uma segunda razão é que, se não fizermos o possível por receber bem esse sacramento, desprezamos, por assim dizer, a graça que Deus nos oferece neste sacramento, pelo qual nos é aplicado o mérito da morte do Filho de Deus.

E, por terceira razão, é que nos podemos pôr no perigo de morrer impenitentes e fóra da graça de Deus; o que merecíamos tendo-a recusado.

Quanto ao segundo ponto, são numerosas as faltas que se podem cometer na preparação para a confissão; mas há três ou quatro principais. Uma é não ter o desejo de se corrigir, estando numa disposição que impede de conhecer as nossas faltas, ou de as confessar; o que impede de as declarar.

Outra falta é não se excitar à dor sensível, ou simplesmente dor da vontade, por ter ofendido a Deus; o que facilmente poderíamos conseguir, applicando-nos a considerar a bondade de Deus, o amor que nos tem e a nossa malícia em O termos ofendido.

A terceira falta é o receio de fazer conhecer os nossos pecados ao confessor, tais como eles são. É uma grande e grave falta não fazer atenção a cada uma ou a todas em geral, não trabalhar em nos corrigirmos e não pedir a Deus a graça para isso.

No terceiro ponto, que trata dos meios de nos dispormos a fazer bem as nossas confissões, a primeira coisa que devemos fazer, é ter em grande apreço esse sacramento e um grande desejo de o receber, e para isso instruir-nos.

Em segundo lugar, irmos ao confessionário na convicção de que somos criminosas; pensar que é a Deus que vamos falar, sem considerar a pessoa do padre que nos escuta; acusar-nos da maneira mais humilhante e inteligível que pudermos, sem dizer que foram outros a causa de termos ofendido a Deus, e sobretudo, abstendo-nos de descobrir a pessoa cúmplice do nosso mal, sem absoluta necessidade; e não deixar nada. Em último lugar, depois de termos feito a nossa acusação, devemos ficar cheias da confusão pelos pecados cometidos, ouvir com respeito e humildade as advertências do nosso confessor, receber a penitência, admiradas de que Deus permitisse que no-la tivessem dado tão pequena, renovar o nosso pesar por ter ofendido a Deus, e da sua misericórdia receber a santa absolvição, pensando que nessa ocasião os méritos do sangue do Filho de Deus, derramado sobre as nossas almas, apaga os nossos pecados. Deste modo somos de novo restituídos à graça e tornamo-nos agradáveis à Santíssima Trindade.

— Louvado seja Deus, minhas Irmãs! Estou muito edificado com tudo o que se disse. Creio que vos confessais bem, e posso dizer-vos, para consolação de muitas, que, sempre que vos tenho confessado, tenho sentido grande consolação; a maior parte fazia-o muito bem, e quero crer que fazeis ainda melhor e que não tendes caído, pelo contrário, que fazeis cada vez melhor. Coragem pois, minhas queridas Irmãs! Como sereis felizes se fizerdes as vossas confissões com as circunstâncias que se disseram, dum bom exame, contrição, firme propósito de emenda, uma confissão inteira e uma satisfação perfeita! Bendito seja Deus, minhas Irmãs! Porque isto é a base da perfeição, e quero crer que, se assim fizerdes, Deus vos cumulará de graças. É o que Lhe suplico de todo o meu coração, embora muito indigno; e da Sua parte pronunciarei sobre vós as palavras de bênção.

Benedictio Dei Patris...

48 — CONFERÊNCIA DE 14 DE JULHO DE (1650¹)

SOBRE A INDIFERENÇA

Minhas Filhas, eis o assunto da presente instrução que trata

(¹) Esta conferência foi recolhida pela Irmã Hellot que morreu entre

Instrução XLVIII. — Caderno escrito pela Irmã Hellot. (Arquivo das Filhas da Caridade).

da disposição na qual uma Filha da Caridade deve estar para ir para toda a parte, para onde seja enviada ou chamada, com qualquer Irmã que seja, e dos meios de impedir a entrada às fraquezas que lhe poderiam causar o desejo de sair.

Minha Filha, quereis dizer-nos os vossos pensamento sobre isto?

— Relativamente às razões que temos de ir para qualquer parte, pareceu-me que deve ser para obedecer à vontade de Deus, para cumprirmos o que prometemos ao entrar na Companhia, quando nos disseram que teríamos de ir para onde nos enviassem, e para imitar os apóstolos que iam para qualquer lado, sem repugnância alguma. Quanto às Irmãs, creio que se não deve ter preferência, mas submeter-nos a todas de boa vontade, attribuindo-nos a culpa das dificuldades que se podem encontrar.

Outra Irmã, disse sobre o mesmo ponto :

A primeira razão que temos de ir para onde nos enviam e aceitar a Irmã que encontramos, é que somos obrigadas a viver sob a obediência e assim temos a certeza de fazermos a vontade de Deus e trabalharmos na nossa salvação. Além disso, é pela mudança de lugar que imitamos a vida dos apóstolos ; assim como eles iam para prègar a Jesus crucificado, assim nós devemos ir para vários pontos, e pelo nosso bom exemplo mostrar que há um Deus pelo qual trabalhamos. Quanto às Irmãs, devemos ter todas o mesmo espirito e assim não teremos dificuldade em estar com uma ou com outra.

Observações doutra Irmã :

Sobre as razões que temos de ir para onde os nossos Superiores entenderem, pareceu-me que nos dispomos a isso arranjando uma grande provisão de caridade e de submissão para suportar aquelas que não forem segundo o nosso espirito.

Outra Irmã disse, acerca do mesmo assunto, que a isso obriga a virtude da obediência, o bom exemplo que devemos dar e a participação nos méritos da Comunidade.

Pensamentos doutra Irmã :

Outra razão de estarmos sempre dispostas a ir não importa para onde, e com qualquer Irmã, é pensar que nos démos a Deus para isso, e para onde formos encontraremos a Deus e O glorificaremos, se formos fiéis ao que Ele pede de nós. Um outro motivo é que, embora estejamos afastadas da Casa e das nossas Irmãs, estamos sempre unidas a elas e participamos de todo o

7 de Agosto de 1650 e 13 de Abril de 1651. Nela se fez alusão a uma passagem duma carta escrita pelo Senhor Padre Nacquart a 9 de Fevereiro de 1650 e chegada a Paris no mesmo ano pelo mês de Setembro; não poderá portanto ser senão de 1650.

bem que aí se faz. A terceira razão é que, qualquer que seja a Irmã que encontramos, foi Deus que nos ligou a ela, e por conseguinte para nosso adiantamento. Se tiver um génio que nos pareça incompatível com o nosso, poderemos pensar que Deus o permitiu, para nos dar ocasião de praticar alguma virtude, especialmente a doçura e a paciência, e que os santos ficaram muito contentes por encontrarem semelhantes motivos de se exercitarem, pois sabemos que se obrigavam voluntariamente a viver com pessoas de feitio desagradável, a fim de glorificarem a Deus pela submissão que lhes prestavam.

A Senhora Le Gras, instada pelo nosso muito Venerando Pai a dizer as luzes que Deus lhe havia dado sobre este tema, disse :

A primeira das razões para estarmos sempre e a todo o tempo dispostas a ir para toda a parte e com qualquer das nossas Irmãs, é que esta disposição tinha necessariamente de estar ligada aos desígnios de Deus, ao estabelecer a Companhia, que não poderia sem isso render-Lhe a glória que dela espera, nem tão pouco prestar aos pobres os serviços a que têm direito.

A segunda razão é que com esta disposição testemunharemos a verdade da qualidade que Deus Se atribuiu. Um Deus cioso, que quer o nosso coração inteiramente, estando nós dispostas a fazê-lo sem reserva, cumprindo a Sua santa vontade, manifestada infalivelmente por meio da dos nossos Superiores.

A terceira razão é que uma Filha da Caridade, sem esta disposição, não pode ser considerada verdadeiramente da Companhia, porque o seu exemplo, se fosse seguido, seria suficiente para trazer grandes obstáculos e desordens a todas ; seria até para temer que fosse o começo da ruína total da Companhia.

O segundo ponto consistia no que as Filhas da Caridade devem fazer para impedir a entrada no seu espírito de fraquezas e leviandades que as poderiam levar a quererem separar-se da Irmã com quem estiverem.

Sobre isto disse uma Irmã :

Pensei que o que podíamos fazer para pôr remédio a tais fraquezas e leviandades, seria colocar-nos aos pés da cruz e nas dificuldades que se nos apresentem pensarmos nos sofrimentos do Filho de Deus.

Observações doutra Irmã :

Pareceu-me que o meio de remediar essas fraquezas e leviandades de espírito seria arrependêr-nos mal delas nos apercebêrmos, sem fazer reflexão alguma a esse respeito.

Outra Irmã disse :

Pareceu-me que um bom meio, para impedir o efeito dessas fraquezas e leviandades, será não descobrirmos as nossas peque-

nas dificuldades aos seculares, porque nos poderiam dar remédios contrários ao nosso mal, mas sim dizê-las aos nossos Superiores.

Uma outra Irmã disse ainda que não via remédio mais excelente contra o mal que essas fraquezas e leviandades podiam causar, do que um grande desejo de sofrer. Esse desejo desvaneceria todas as nossas repugnâncias e impedir-nos-ia de as comunicarmos a qualquer pessoa, a não ser aos nossos Superiores.

Outra Irmã disse que, quando nos viessem esses pensamentos, seria bom pensar que era essa a vontade de Deus, adorá-Lo, tomar por tentação todas as razões que nos pudessem persuadir do contrário e pedir a Deus o socorro para não succumbir.

A Senhora Le Gras disse acerca deste ponto :

Um dos meios para impedir de ter disposições contrárias é dar-nos muitas vezes a Deus sem reserva alguma nas nossas orações e na sagrada comunhão. Um outro meio será, apenas notemos qualquer espécie de aversão ou aborrecimento pelo lugar ou pessoas com quem estivermos, até pela nossa Irmã, ou pelas nossas Irmãs, se formos várias, não deixar que essa paixão tome raízes, mas sim fazer actos contrários, logo no princípio. Comungarmos por essa intenção, e, se sentirmos que isto não nos dá forças, examinar cuidadosamente donde nos pode vir o mal, pedir perdão a Deus e renovar-nos no pensamento do primeiro fervor que nos levou a dar-nos a Deus ; se isto continuasse durante algum tempo, manifestarmos as nossas tentações e queixarmo-nos de nós aos nossos Superiores, seguindo exactamente os conselhos que Deus permitir que eles nos dêem, pedindo-Lhe humildemente essa graça, pedindo para isso a intercessão da Santíssima Virgem e do nosso bom anjo.

Depois de terem falado todas as Irmãs que foram interrogadas (não as mencionamos todas, porque muitas tiveram os mesmos pensamentos), o nosso muito Venerando Pai começou nestes termos :

Antes de qualquer outra coisa, minhas Filhas, vou dizer-vos a maneira como deveis dar conta da vossa oração. As que escrevem devem pôr no seu bilhete : a conferência é sobre tal assunto ; o primeiro ponto é sobre tal coisa ; a respeito da qual, a primeira razão me parece ser tal coisa ; a segunda, tal outra ; e assim por diante. A seguir, será o segundo ponto, que trata dos meios ; dizer o primeiro meio, o segundo, o terceiro e o quarto, distinguindo o segundo do primeiro e o terceiro do segundo, a fim de se fazer compreender. Penso, minhas Filhas, que seria bom fazermos uma conferência de propósito ; a qual não preparareis, a fim de terdes de procurar as razões na própria ocasião. Não é, minhas queridas Irmãs, que, pela misericórdia de Deus, não tivésseis feito escolha

de motivos e meios muito próprios para o assunto. Oh! Isso vê-se, graças a Deus, e agradeço-Lhe com todo o meu coração, e peço à Sua divina Vontade Se digne gravar no coração de cada uma o que foi dito e se há-de dizer na presente conferência.

Há algumas de entre vós que apresentaram fortes razões, tão bem compreendidas e tão bem deduzidas, que um orador não teria feito mais, e isto se pode dizer de todas. Sim, minhas Filhas, todas dissestes razões e meios suficientes, tanto as que escreveram como as que falaram. Podemos dizer que Deus vos iluminou a todas e que todas achastes o segredo de combater os vossos inimigos, a não ser aquelas que não foram avisadas a tempo de poder fazer oração sobre o assunto; é culpa minha, porque devia ter mandado dizer mais cedo.

Uma de vós disse ser vontade de Deus que as Filhas da Caridade fossem para onde as enviassem, e disse muito bem. Que Deus se digne abençoá-la! É a vontade de Deus que as Filhas da Caridade vão e venham para tal paróquia, para tal aldeia, para tal hospital, sem se preocupar nem afligir se é com esta ou com aquela, por muito ou por pouco tempo. Ó minhas Filhas, não se pode duvidar ser a vontade de Deus; e de tal modo o é, que, como muito bem disseram, foi o que pediu à Companhia desde o momento em que, por Sua infinita bondade, lhe deu começo. E visto que é a vontade de Deus e a conhecemos pela bênção que dá aos empregos para os quais permite que sejais chamadas, porque motivo se havia de encontrar quem a não quisesse cumprir, ou a não cumprisse com prazer? Que se há-de fazer no mundo senão a santíssima vontade de Deus?

Como foi dito, Nosso Senhor não veio a este mundo senão para a fazer. Ó meu Deus! Que magnífica observação! Que Deus seja bendito por ter concedido este pensamento a uma das nossas Irmãs, e que a abençoe por ela no-lo ter dito! Não me recordo bem de tudo o que disse, mas, fosse o que fosse, Deus Se digne abençoá-la!

Jesus Cristo não veio ao mundo senão para fazer a vontade de Seu Pai, o que fez durante toda a Sua vida; uma Filha da Caridade, que se propõe imitar Nosso Senhor Jesus Cristo, ousaria fazer outra coisa?

— Senhor, dir-me-à alguma, para que serve fazer a vontade de Deus? — Ó minha Filha, para que serve! Se uma alma pudesse sabê-lo já neste mudo, nada lhe pareceria difícil, não acharia nada penoso, não encontraria bastante que sofrer, de tal maneira queria cumprir tudo generosamente por amor de Deus.

O prestar a submissão que uma criatura deve ao seu Criador, dá glória a Deus, minhas queridas Irmãs; e, além disto, dá-lhe,

alegria e prazer; sim, minhas Filhas, dá alegria a Deus; é nisto que recebe prazer. É uma verdade autorizada pela Sagrada Escritura; de tal maneira, minhas Filhas, que, quando, considerando a vontade de Deus, ouvis da boca do vosso Superior que deveis ir para tal parte e que, adorando essa mesma vontade, ides alegremente para onde vos disseram, sem fazerdes reflexões, se estiverdes longe da Casa, se tiverdes de deixar os vossos parentes, se talvez os não voltardes a ver, se fordes com tal Irmã por quem não tendes grande inclinação; quando vencerdes tudo isto, pelo desejo de cumprirdes a vontade de Deus, ó minhas Filhas, dareis alegria a Deus; em vós Se compraz e faz as Suas delícias; dais alegria aos anjos, pois regozijam-se com a glória que Deus tira da obediência que uma pobre criatura presta à Sua vontade; dareis alegria aos Santos que participam da alegria de Deus. Reparai até que ponto isto vai, minhas Filhas: dar alegria a Deus, aos anjos e aos santos!

Esta verdade baseia-se na Sagrada Escritura que diz que os anjos se regozijam no céu por um pecador que faz penitência na terra. Que maior penitência poderá haver do que estar a todo o momento pronta a partir e a deixar tudo, para ir para onde nunca esteve, com pessoas desconhecidas, deixando aqui outras com quem se dava tão bem! Oh! Não duvideis que os anjos e os santos se regozijem.

Se Deus, os anjos e os santos têm alegria, os demónios e as almas condenadas têm, pelo contrário, tristeza, como se pode provar pela Sagrada Escritura. Deus mostra-vos ao demónio: «Olha, desgraçado, tu não quiseste obedecer, tu, que eu tinha criado com tantas vantagens e tinha feito participar da minha glória; aí tens uma simples menina que tem tanta coragem que, para obedecer, não faz caso de todas as dificuldades que se lhe opõem, nem de todas as repugnâncias que a natureza lhe sugere. Vê, miserável, que este exemplo sirva ainda para te confundir e aumentar as tuas penas eternas!»

Não vemos nós em Jó como Deus se compraz nas almas que escolheu e como as mostra a Santanás para aumentar a sua vergonha? «Não vês, disse-lhe, o meu servo Jó, como é obediente à minha lei e sempre ansioso por Me agradar?»

Se os demónios sofrem com isto um aumento de tormentos, minhas Filhas, as almas condenadas também. Que censuras não dirigiria Deus a uma Filha da Caridade se, por ter sido infiel à sua vocação, sofresse agora as penas do purgatório para satisfazer à divina justiça, ou talvez as do inferno!

Que Deus não o permita! Mas se tivesse sucedido a algumas essa desgraça, não ponhais dúvidas em que Deus fizesse conhe-

cer a essas almas o bem que fazeis. Diz-lhes interiormente: «Se tu não tivesses saído de lá, se tivesses sido fiel à tua vocação, serias agora tão agradável a Deus como esta e aquela, que vieram muito tempo depois de ti. Seriam tuas filhas. Ei-las, umas num lado, outras noutro; cada uma delas glorifica a Deus no emprego que lhe foi indicado; uma nas paróquias, outra nos campos, esta num hospital, aquela nas crianças expostas; e tu, desgraçada, estarás eternamente aqui, por não teres querido seguir as inspirações de Deus para fazeres obras semelhantes! Ah! Desgraçada alma!» A vossa submissão à vontade de Deus, minhas Filhas, causa um aumento de penas a essas almas, que sofrem em castigo das suas infidelidades.

E não vemos aquelas que saíram da vossa Companhia definharem imediatamente? Definham, minhas Irmãs, definham, sei-ode certeza. Deus permite que tenham conhecimento do bem que por Sua misericórdia se faz e que o vejam agora de modo diferente do que viam quando davam ouvidos à tentação, que lhes sugeria que sássem; o que as leva a fazerem diligências incriveis para entram novamente. Empregam o senhor fulano, a senhora fulana, o padre tal e todos os conhecimentos que podem encontrar. Informam-se sempre às escondidas do que se passa na casa e das Irmãs conhecidas; perguntam onde está esta, aquela e aquela outra, e sabem que uma está em Nantes, outra em Angers e outra em Nanteuil; e dizem então consigo: «Ah! Se ainda lá estivesse, estaria talvez agora em Angers, em Nantes ou em Nanteuil»; e o que fazeis causa-lhes remorsos, tiraniza-as e roe-as de desgosto. Sei de algumas que não tem haveres nem alegria, e a maioria está nestas condições. As que assim não sofrem estão bem em perigo de serem insensíveis aos movimentos da graça.

Isto deve animar-vos muito, minhas queridas Filhas, a conservar as disposições que Deus vos deu, porque, graças a Deus, não me consta que tivesse aparecido nenhuma de vós que se tivesse recusado a ir para onde a tenham enviado. Não me consta. Pela misericórdia de Deus, não veio ainda ao meu conhecimento que nem sequer uma de vós tivesse caído nessa recusa de obedecer. O que dizemos é apenas por precaução e para vos mostrar quanto é importante continuar o que Deus estabeleceu entre vós desde o princípio. E como também foi referido, seria muito para reear que isso fosse o começo da ruína da vossa Companhia. E por que? Minhas Filhas, por parecer no princípio que Deus queria isto de vós, porque quer ser glorificado deste modo, e porque o próximo é assim socorrido.

Qual seria o meio de prestar aos pobres o serviço que, pela misericórdia de Deus, lhes prestais, se permanecerdes no mesmo

lugar! Quem havia de ir a esses pobres forçados? Quem serviria os doentes nas aldeias? Quem havia de ir visitar os que estão nesses quartos e nesses sótãos, sem assistência? A bênção que Deus concede a todos esses empregos não indica bem como Lhe são agradáveis? Que aconteceria se alguma se recusasse a obedecer? Não me consta que isso tenha ainda acontecido, graças a Deus. Mas nada poderia atrair mais a ira de Deus sobre vós. Se alguma dissesse: «Oh! Mas, para que terra vou? Não conheço ninguém; seria escarnecida», aconteceria como ao profeta Jonas. «Vai a Nínive, disse-lhe o Altíssimo, e diz ao povo que faça penitência ou, dentro de três dias, Nínive será destruída.» Jonas começou a pensar: «Há lá um rei que me pode maltratar; não serei bem recebido por ir lá pregar a penitência; poderei talvez perder a vida.» Que faz ele? Embarca para ir para outro lado. Imediatamente sobrevém mau tempo; levanta-se a tempestade. Os marinheiros resolvem lançar Jonas ao mar para alívio do navio. Está ali uma baleia que o engole e o conserva três dias, no fim dos quais o lançou à terra cheio de vida. Oh! Nesse momento, minhas Filhas, Jonas reconheceu bem a sua desobediência, pediu perdão a Deus com grande dor e, cheio de ardor e de fé, foi para Nínive pregar.

Pelo exemplo deste profeta podeis, minhas Filhas, fazer ideia como Deus se irrita contra as almas que escolheu para fazer as Suas obras, quando deixam de obedecer. Mas quem poderá esperar a graça que Deus concedeu a Jonas de se levantar da sua queda? Ah! Minhas Filhas, não se deve estar a contar com ela, pois é bem para recear que aquelas a quem sucedesse essa desgraça caissem como ele no fundo do mar, no ventre duma baleia, quero dizer, no mal e na impossibilidade de se levantarem, a não ser por um assinalado milagre. Deus não o faz todos os dias. Oh! Apraza à bondade de Deus guardar-nos dessas faltas!

Eu sei, minhas Filhas, que vos pedem de seiscentas léguas daqui, tenho cartas com esses pedidos; sim, pensam em vós a uma distância mais de seiscentas léguas; e se aí são rainhas que vos pedem, ⁽¹⁾ sei também doutras pessoas que vos pedem para além dos mares ⁽²⁾. Que conceito elevado, minhas Filhas, não devem essas rainhas e outras pessoas ter de vós, para vos chamarem de longe. Oh! É para vós ainda uma nova obrigação o trabalhades e sobretudo em adquirirdes esse desprendimento com que deveis ir.

Mas, parece-me, minhas queridas Filhas, que vos vejo já bastante persuadidas pelas razões acima ditas, em vista da santa

(1) A rainha da Polónia.

(2) Em Madagascar.

vontade de Deus, da santa obediência e do exemplo que Jesus Cristo vos deu, sendo obediente até à morte da cruz. Podia ter tido milhões de anjos para O defender da raiva dos Seus inimigos, poderia tê-lo feito por Si, pois vêdes que uma só palavra Sua os fez cair por terra; todavia não quis usar desse poder, minhas Filhas, tanto gosta de obedecer à santíssima vontade de Seu Pai; fica mais satisfeito por morrer na cruz para cumprir a vontade de Deus, do que se tudo tivesse vindo em Sua defeza.

Minhas Filhas, parece-me ler nos vossos corações o desejo que tendes de O imitar. Mas hei-de ir para seiscentas léguas daqui? Irei para além mar? Oh! Vejo bem que quereis ir para aí, minhas Filhas, quando a obediência vo-lo disser, e que, ainda que soubésseis que não voltaríeis mais, nem por um só momento quereríeis retardar a vossa partida. Tenho a certeza de que não há uma sequer de entre vós que não tenha feito já esse acto de abandono em seu coração. Há algumas que já o fizeram mais de seis vezes. Oh! Sim, graças a Deus, vejo-vos todas bem dispostas a fazer tudo quando aprouver à divina bondade exigir de vós, e parece-me que vos ouço dizer: «Sim, meu Senhor Jesus Cristo, dou-me inteiramente a Vós, com todo o affecto do meu coração, com toda a força da minha alma, para viver e morrer na obediência, como Vós quisestes viver e morrer, quer seja enviada para um lugar, quer seja chamada para ser colocada noutro. Tudo me será igual, meu Deus, seja por pouco tempo, seja por muito, quer seja para viver ou para morrer aí. Contentar-me-ei com tudo o que succeder e não me preocuparei com o que possa acontecer, contanto que Vos digneis, meu Deus, conceder-me a graça de obedecer toda a minha vida por Vosso amor».

A resolução que agora tomais todas, minhas queridas Filhas, a tomo também e espero da bondade de Deus que me concederá a graça de prestar a obediência que devo aos meus Superiores. Conto com essa graça, se aprouver a Deus conceder-ma. Miséravel como sou, tenho bastante razão para me arrepende de lhe ter faltado. Ora bem! Bendito seja Deus!

Resta agora, minhas Filhas, achar os meios de impedir que essas fraquezas e leviandades que se podem dar até nas pessoas mais virtuosas, vos não levem a querer separar-vos da Irmã com quem Deus permitir que estejais, sob pretexto de que tem um feitiço pouco conciliável com o vosso, ou porque não é exacta em seguir as Regras; ou ainda a querer mudar de lugar, por não terdes aí as vossas satisfações (esta senhora, este confessor!). Ó meu Deus! Não deis ouvidos a isso, minhas queridas Filhas, porque isso seria a perturbação da vossa paz. Oh! Nunca lhe deis ouvidos!

Não procurarei outros meios senão aqueles que vós próprias me fornecestes, minhas Filhas, porque, graças a Deus, não vejo outros mais eficazes.

O primeiro, é pedir essa graça a Deus; pois, minhas Filhas, quem poderia comprometer-se a dar um passo sequer na virtude, se o próprio Deus não nos conduzir a esse caminho e nele nos não colocar? É uma verdade afirmada no Evangelho. Nosso Senhor diz: «Ninguém vem a mim se o Pai o não atrair» (S. João 6, 44). Minhas Filhas, para alcançar da bondade de Deus esta graça, é justo que a peçamos. Será portanto este um dos principais meios de que vos deveis servir; e se acreditardes no que vos digo, não deixareis de o fazer nem um só dia. Pedi-Lha com interesse; com instância, com humildade, pedi-a sobretudo com um grande desejo de a alcançar, reconhecendo e confessando que sem ela não dareis jamais um passo no caminho da virtude. Enganamo-nos a nós, se pensamos poder fazer alguma coisa por nós. Demasiado no-lo ensina a experiência. Sentimos a natureza que recalcitra, sentimos repugnância por isto, aversão por aquilo, e muitas vezes, tédio por tudo. Ah! Se Deus não pusesse em tudo a Sua mão, que poderíamos fazer! Nunca vos recomendaria demasiado esta prática, minhas Filhas. Mas espero, visto ter-vos Deus feito conhecer a sua utilidade, que vos concederá a graça de entrardes nessa prática.

Um outro meio, fostes vós que o mencionastes, é julgarmos que somos nós que temos a culpa nos pequenos incidentes que por vezes perturbam o nosso coração. Se não estiverdes satisfeitas com a vossa Irmã, olhai para o vosso procedimento: Não serei eu que lhe dou ocasião de estar com mau humor? Colocai-vos no seu lugar e vêde. Se me tivessem dado aquela resposta brusca que lhe dei, não ficaria com ressentimento? Podeis crer-me, minhas Filhas, foi Deus que vos fez conhecer esse meio, como um dos mais eficazes para conservar a caridade entre vós, pois, se olhardes para o vosso próximo com os mesmos olhos com que quereis que olhem para vós, nunca achareis que tem culpa; pelo contrário, parecer-vos-á que tem sempre razão.

Mas, Senhor, que se deve fazer, quando se trata duma pessoa tão desagradável, que tudo quanto fizermos lhe causa aborrecimento? — Ó minha Filha, vêde primeiro se não sois para ela motivo de desgosto e se lhe não dais ocasião de sofrer mais por vossa culpa que vós por causa dela, e dizei: «Ah! Esta Irmã deve ser muito boa, para Nosso Senhor a exercitar desta maneira; sem dúvida que a quer santificar pela paciência.» Nunca digais: «Esta Irmã é desagradável; é tão carrancuda! Tudo quanto se lhe faz nada lhe agrada;» assim arruínareis primeiro a caridade entre vós, não

havendo coisa que a faça mais arrefecer do que as palavras de desprezo.

Não produziríeis, nos lugares onde estivésseis, o fruto que Deus queria que aí produzísseis. Desde o momento em que deixa de haver o espírito de caridade, já não há mais boas obras. Perderíeis a reputação que tendes de Filhas de Deus, porque a caridade não é outra coisa senão Deus. Quem diz Filhas da Caridade, diz filhas de Deus. Que diria essa multidão que espera de vós socorro, que diriam as rainhas que vos esperam, se não existisse mais em vós o espírito de Deus? Conservai-o minhas Filhas, esse espírito de Deus, esse espírito de caridade e de suporte que vos levará sempre a lançar a culpa de tudo sobre vós, e não sobre a vossa Irmã. Amai-vos mutuamente com um amor cordial; e, visto serdes todas um mesmo espírito, sede todas um só coração. Não quero dizer, minhas queridas Filhas, que vos ameis com esse amor dos sentidos que consiste em não sei que satisfação; não falo desse mau amor com que os maus se amam entre si, mas deste amor que Deus quer que tenhamos uns pelos outros e que tem o seu princípio em Deus.

Não é, minhas Filhas, por se sentir na natureza qualquer repugnância em ir para longe, em estar com tal pessoa em vez de outra, que não se esteja por esse motivo nas disposições exigidas, contanto que se sinta mas não se consinta, e se se sentir, procure-se o remédio imediatamente, que é lançar-se aos pés do crucifixo e dirigir amorosamente a sua queixa a Nosso Senhor: «Meu Deus, bem vêdes quanto sou fraca e como tenho pouco domínio sobre mim e sobre as minhas paixões. Dignai-Vos ajudar-me para que não faça nada contrário ao que quereis; meu Deus, dai-me força para não succumbir.»

Tende cuidado, minhas Filhas, em não manifestar à vossa Irmã o desgosto que tendes dela. Vivei sempre em paz. Mas, se esse pesar se não acalmar, minhas Filhas, podeis dizer as vossas penas aos Superiores, com submissão, prontas a fazer o que vos disserem, como vindo da parte de Deus. Podeis dizer-lhes: «Aborreço-me ir para determinado lugar, tal coisa custa-me; mas não deixarei de ir, se assim o entenderdes.» E acreditai-me, minhas Filhas, deixai-vos conduzir. Experimentareis as bênçãos que Deus dá à submissão. Mas, se isso durasse um mês ou dois, ou mesmo três ou quatro, não vos deveríeis afligir com isso, desde que os vossos Superiores o soubessem, porque as almas recebem a obediência de modos diferentes; umas recebem-na com alegria, estão cheias de Deus, sentem as dificuldades mas fazem delas as suas delícias. São as almas serenas, em quem Deus pôs, com o Seu espírito, uma plena paz para recompensa das dificuldades que

tenham vencido antes. Essas almas, minhas Filhas, digo, longe de sentirem repugnância, acham-se cheias de consolações no meio das contrariedades e recebem com alegria as mais difíceis propostas que lhes possam ser feitas. Os incômodos, o afastamento, qualquer companhia que seja, até a morte, se vier, tudo lhes é igual, com os olhos em Deus, porque estão cheias do Seu espírito.

Outras almas recebem ainda com prazer a notícia da sua partida; mas é por um motivo muito diferente do daquelas, pois é porque ficam longe de tal pessoa que lhes desagrade, porque terão mais liberdade do que na Casa, ou porque serão tidas em boa opinião; falarão disso, dirão: «Fulana foi para ali, para tal estabelecimento. Oh! Farão grande menção disto». Acautelemo-nos desse perigoso veneno, minhas Filhas, expulsemos para bem longe esses pensamentos, que nos perderiam a todos.

Há quinze ou dezasseis anos, um grande senhor da corte foi condenado a ser decapitado, e pensaram num santo personagem para lhe assistir na morte. Era o Geral dos padres do Oratório, o padre de Condren, homem que tinha o espírito de Deus. Vieram-lhe dizer que aquele fidalgo era a pessoa mais resoluta e mais bem preparada para a morte, o homem mais generoso, mais ousado e mais corajoso do mundo, que ia para a morte tão alegremente como para o combate. Este santo homem, que tinha uma grande experiência e um grande discernimento, receou que aquele senhor agisse apenas por um mau princípio, por vaidade, para não parecer covarde nessa passagem e fazer com que se falasse da sua coragem após a sua morte. Foi vê-lo e, encontrando-o tão resoluto, começou a assaltá-lo com o receio da morte. «Sabeis bem, Senhor, disse-lhe, que ireis morrer dentro de duas horas, que tereis de comparecer diante de Deus, e dar-Lhe contas de tantas almas que enviastes para o inferno? Quinze ou vinte homens que matastes em duelo e cuja maior parte morreu sem confissão, clamam a Deus justiça. E sabeis se sereis condenado eternamente com eles? Ó senhor, é com Deus que ides tratar; pensai bem nisto; falta pouco tempo; é preciso empregá-lo bem.»

Estas palavras e outras que aquele bom sacerdote disse a este pobre senhor, encheram-no de temor. Ei-lo desarmado. Já não sabe o que há-de fazer. Deplora de todo o coração o mal que fizera. Teme o juízo de Deus. Quando o santo homem o viu naquelas disposições, animou-o com estas palavras: «Senhor, é verdade que nunca teríeis demasiada dor pelo que fizestes, mas asseguro-vos da parte de Deus que, se vos arreponderdes verdadeiramente, se aceitardes a morte como uma satisfação dos vossos pecados, esses pecados serão perdoados.» Ei-lo portanto sossegado e cheio de confiança. O bom padre levou-o então a con-

fessar que a sua coragem não tinha outra causa, senão a vaidade e o desejo de adquirir reputação.

Ora não permita Deus que procedais por semelhante motivo, minhas Filhas. Espero da bondade de Deus que Se dignará preservar-vos disso. Suplico-Lhe com todo o coração Se digne dar-nos as disposições necessárias para cumprirmos em toda a nossa vida a Sua santa vontade em todas as ocasiões, em qualquer lugar e seja com quem for, se digne, pela Sua infinita misericórdia, perdoar-nos todas as faltas que cometermos contra a santa obediência e aceitar a resolução que tomamos de viver e de morrer sob a obediência por seu amor. É essa resolução que tomo para mim em particular e espero com a graça de Deus ser-lhe fiel, obedecendo cuidadosamente aos meus Superiores; é a que, minhas Irmãs, tomais agora, e com todo o coração peço a Deus que a aceite com agrado. Com esta confiança pronunciarei sobre vós as palavras de bênção. Apraza a Deus, enquanto eu as pronuncio, enviar-vos a força do Seu Espírito pela virtude da palavra!

Benedictio Dei Patris...

49 — CONFERÊNCIA DE 25 DE ABRIL, DE 1652

SOBRE O BOM USO DAS ADVERTÊNCIAS

Minhas queridas Irmãs, esta conferência divide-se em três pontos: O primeiro trata das razões que temos para aproveitar das advertências que nos fazem; o segundo, das faltas que podemos cometer quando nos avisam dos nossos defeitos; e o terceiro, dos meios para aproveitarmos dos avisos que recebemos.

Como o Senhor Padre Vivente se demorasse por qualquer motivo, o Senhor Padre Portail começou a interrogar as Irmãs.

A primeira Irmã disse que uma das razões pelas quais devíamos aproveitar das advertências que nos fazem, era a caridade que os nossos Superiores têm por nós. Assim como é caridade, da sua parte, suportar-nos nos nossos defeitos e imperfeições, é também caridade maior avisar-nos e desejar que nos corrijamos.

Outra razão é que, não sendo advertidas dos nossos defeitos, continuaríamos sempre na mesma.

Dirigindo-se a outra Irmã, o Senhor Padre Portail disse-lhe: Que falta se pode cometer quando nos advertem dos nossos defeitos?

— Senhor, acho que a maior falta que se pode cometer, é não receber a advertência da parte de Deus, que nos avisa por meio dos Superiores, e em seguida murmurar e queixar-se a outra Irmã.

— Achais, portanto, que o meio de aproveitar dos avisos é crer que é Deus que fala pela boca dos Superiores.

Outra Irmã disse :

O que nos obriga a ficarmos contentes por nos avisarem dos nossos defeitos, é que isto é um meio de fazer morrer o amor próprio, que esconde sempre, tanto quanto pode, as nossas faltas. Se temos dificuldade em suportar a caridade que nos fazem, com maior razão teríamos dificuldade em reconhecer por nós próprios as nossas faltas.

Um dos meios para aproveitar dos avisos, é a própria pessoa dizer os seus defeitos aos Superiores quando os conhece. Outro meio, é pensar muitas vezes nos defeitos de que nos advertem, para deles nos corrigirmos. Não há meio mais seguro do que pedir esta graça a Deus, tendo em vista a nossa fraqueza.

— Tendes razão em dizer que devemos recorrer a Deus, minha Irmã, pois propomos muitas vezes receber o bem que nos fazem ; mas quando chega a ocasião, as nossas resoluções ficam sem efeito.

Dizia outra Irmã que Deus nos pedirá contas dos avisos que os Superiores e mesmo os nossos iguais tiverem a caridade de nos dar, quando, nesse momento, chegou o nosso muito Venerando Pai. Pôs-se de joelhos, segundo o seu costume, perguntou ao senhor Padre Portail se a conferência já tinha começado e, como a resposta fosse afirmativa, acrescentou : Bendito seja Deus ! Bendito seja Deus, minhas Irmãs !

E dirigindo-se à Irmã que falava :

Minha Filha, dissei-nos os vossos pensamentos acerca do assunto da conferência.

— Meu Pai, pensei que o que nos obriga a aproveitar dos avisos que nos dão, é primeiramente que não nos conhecemos ; e por conseguinte temos necessidade de que nos avisem.

— Tendes razão, minha Filha ; somos cegos, não nos conhecemos a nós próprios. Um cego nunca vê o sol ; nós não vemos o nosso rosto. Eis, minhas Irmãs, um bom pensamento que teve a nossa Irmã ; fixai-o bem. Continuai a dizer-nos o que pensastes, minha Filha.

— Meu Pai, pensei que Deus nos pedirá um dia contas rígoras dos avisos que nos tiverem sido dados.

— Deus vos abençõe, minha Irmã ! Olhai, minhas Irmãs, isto é verdade certíssima, ensinada na Sagrada Escritura, que Deus nos pedirá contas das advertências que nos tiverem sido feitas ; e se não fizermos bom uso delas, haverá grande motivo para temer que, estando cheia a medida das nossas ingratidões, Deus acabe por nos abandonar ; porque uma Irmã que se deixa levar pelos sentimentos da natureza, ainda mesmo que a repreendam

dos seus defeitos, cai depois num endurecimento do coração que nada a comove. Quanto menos aprova o que lhe possam dizer para seu bem, mais tem que dizer de tudo quanto se faz. Impõe-se qualquer regulamento para a boa ordem da casa, murmura ; vê uma Irmã fiel ao seu dever, despreza-a e chama-lhe hipócrita ; não tem senão tentações contra a sua vocação e perturbações de alma, e isto por não ter aproveitado das advertências, nem resistido aos movimentos da natureza corrompida.

Vêde, minhas Irmãs, Judas descurou resistir à sua cobiça ; foi por isso que se perdeu. Se uma Filha da Caridade procedesse desta maneira, em breve sairia, embora Deus não deixe de continuar a proporcionar-lhe as suas graças ; pois as não retirou a Judas, se bem que conhecesse o seu vício. O sol tanto ilumina um cego como uma pessoa que vê bem ; mas será em vão, porque o cego não vê.

E vós, minha Irmã, que pensastes sobre a matéria da conferência ?

— Meu Pai, pensei que, como dissetes, não aproveitar das advertências, é entrar no endurecimento. Pensei ainda que nós não nos devíamos contentar com as advertências dos nossos Superiores, mas pedirmos também às Irmãs que estão connosco a caridade de nos avisarem dos nossos defeitos. Meu Pai, pedi este serviço às minhas Irmãs e prometi rezar por sua intenção três vezes o Pai Nosso e a Avê Maria todas as vezes que mo prestarem e lembrar-me delas na sagrada comunhão.

— Deus vos abençoe, minha Filha ! Oh ! Que Deus vos abençoe por tão bela prática ! Ó minhas queridas Irmãs, como desejo esta prática entre vós. Pedi umas às outras que vos avisem das vossas faltas, e particularmente às vossas Irmãs Serventes, a fim de dar mais liberdade às Irmãs que estão convosco de vos dizerem o mal que notarem em vós ! Quando uma Irmã vos pedir que a aviseis, deveis fazê-lo com grande respeito e humildade, e, depois de lhe pedirdes desculpa, dizei-lhe : «É verdade, minha Irmã, conheci isto em vós ; mas talvez nem tenhais reparado».

É necessário avisar tanto as Irmãs Serventes como as outras, porque os próprios santos têm necessidade de ser avisados. Era para praticar a caridade fraterna que os discípulos eram enviados dois a dois, como a Igreja no-lo ensina hoje.

Ora, há duas espécies de avisos, minhas Irmãs : os avisos gerais e os particulares. Os primeiros são os que se fazem nas conferências para todas.

Avisar uma Irmã que é vaidosa na sua maneira de andar, ou que fala com os homens, é um aviso particular. Se não aproveitar dele, servirá para a sua condenação.

Dirigindo-se a outra Irmã o Senhor Padre Vicente perguntou-lhe:

— Que falta podemos cometer quando nos avisam dos nossos defeitos, minha Filhas?

— Meu Pai, uma falta grande é deixar-nos levar pela tristeza e pela paixão, e depois manifestá-lo às Irmãs, que scandalizamos com isso. Nisto tenho faltado muito.

— E pedistes perdão àquela diante de quem o tendes manifestado?

— Meu Pai, tenho-o feito algumas vezes.

— Reparai, minhas Irmãs, deveis pedir mutuamente perdão quando desedificardes ou desgostardes as vossas Irmãs, a fim de curar por esse meio a chaga que possais ter causado.

O Senhor Nosso Muito Venerando Pai mostrou-nos, a propósito disto, a sua profunda humildade, dizendo-nos uma coisa que não sabíamos. Contou-nos que havia cometido uma falta para com um Irmão encarregado de certa ocupação.

Falei-lhe com calor, disse ele, e até outros o ouviram. Julgo que o Senhor Padre Portail estava lá.

E repetiu a mesma frase duas ou três vezes, para dar ao Senhor Padre Portail ocasião de afirmar que estava presente; mas o Senhor Padre Portail não respondeu palavra. No dia seguinte, acrescentou o Senhor padre Vicente, tratando o mesmo Irmão comigo, ainda lhe falei com aspereza. Reconheci a minha falta ao fazer o meu exame, e, em pleno capítulo, pus-me de joelhos e disse: «Meu Irmão, peço-vos perdão por ter falado com viveza», e pedi-lhe que rogasse a Deus que me perdoasse.

Minhas Irmãs, é o que devemos fazer quando caímos. A Senhora Geral das Galés era inclinada a uma grande impetuosidade; logo que se apercebia de qualquer impaciência, punha-se de joelhos diante da sua criada de quarto e pedia-lhe perdão. Fazei assim, minhas Irmãs, é o único meio de haver união; porque se falais ou repreendeis com paixão, feris a vossa Irmã. Concebe aversão contra vós, achará mal tudo quanto disserdes ou fizerdes; pensa que não faz nada à vossa vontade; causais-lhe horror. Mas pedi-lhe perdão, mostrai-lhe pesar pela vossa falta, é o meio de afastardes a amargura do seu coração.

Quando nos avisam dos nossos defeitos, ou quando avisamos nós, não há mal algum, senão quando o fazemos com calor. Os Superiores devem avisar-nos; embora vejam que uma Irmã murmura e que recebe mal os avisos, contudo não devem deixar de avisar; porque mais tarde ou mais cedo aproveitará. Não vos admireis se estiver triste ou abatida, porque a advertência é um remédio e uma sangria para expulsar o mau humor. Quando vos

dão um remédio muito amargo, tendes-lhe horror, fazeis caretas, discutis antes de o tomar ; no entanto, acabais por tomá-lo, porque sabeis que vos curará.

A que é avisada deve-se vigiar para vencer a perturbação e emoção da natureza, e aproveitar bem do aviso, quando mesmo não conhecesse aquilo de que fora avisada, e recorrer a Deus, no seu pequeno oratório ou diante do Santíssimo Sacramento, e no íntimo do seu coração dizer : «Ah ! Meu Deus ! Estou sofrendo violência ; eis que me repreendem duma falta que não conheço. Pois bem ! Meu Deus ! É porque outros a conhecem, sêde para sempre bendito !»

Minhas queridas Irmãs, uma Irmã que assim proceder, tirará proveito das advertências, fazendo bom uso dos avisos que lhe dão aqueles que a repreendem. Isto será adornar a Companhia, doirá-la e enfeitá-la com pedras preciosas. Recomendo-vos sobretudo, minhas Irmãs, a prática desta nossa Irmã, que disse que pedia às suas Irmãs que a advertissem dos seus defeitos.

Quando é que se deve fazê-lo? Começar desde esta tarde, se se apresentar ocasião para isso. E continuar quando? Amanhã e sempre, minhas Irmãs. Sempre, porque se estabelecerdes bem esta prática na Companhia e fizerdes bom uso dos avisos que vos forem dados, podeis crer-me, minhas Irmãs, a vossa Companhia será uma das mais santas da Igreja de Deus. Se o não fizerdes, causareis a sua ruina ; perguntarão : «Mas, onde está essa bela Sião, de quem todos diziam tanto bem, essa bela Companhia das Filhas da Caridade? Onde estão a modéstia e a ordem ; o cuidado e a vigilância dos pobres? Onde está aquele recato de não falar aos homens, nem os deixar entrar nos seus aposentos? Onde estão as Irmãs mortas como santas?» Nunca mais se verá nada disso.

Minhas Irmãs, trata-se de fazer alguma coisa para firmar a vossa Companhia. Procurarei ver os meios a tomar para remediar um defeito de que me advertiram.

Minhas Irmãs, se por culpa da Senhora Le Gras, se pela do Senhor Padre Portail, se pela duma Irmã Servente, ou por minha própria culpa, vós não adiantardes na virtude, teremos que responder por isso diante de Deus, e Ele nos pedirá contas.

Vemos por aqui como o Senhor Padre Vicente, nosso muito Venerando Pai, desejava a nossa perfeição ; com que cuidado a procurava, e também a necessidade de nos convenceremos bem, apesar das repugnâncias da natureza, que os nossos Superiores têm a obrigação de velar por nós, pois disto terão de dar estreitas contas.

O Senhor Padre Vicente continuou :

Esqueço-me de qualquer coisa... ; não me recordo ; Senhor

Padre Portail, peço-lhe que me avise, ou antes que nos diga algum pensamento proveitoso para a Companhia.

— Senhor, creio que um ponto muito necessário é ficar contente quando avisam os Superiores dos nossos defeitos.

— Ah! Senhor, muito bem; eis uma bela ideia! Deus vos abençõe! Sim, minhas Irmãs, devemos ficar contentes quando nos avisam dos nossos defeitos. Quando estamos doentes, ficamos muito contentes que o mandem dizer ao nosso Pai, que o digam ao médico e que lhe expliquem bem a nossa doença. E porque é isto, minhas Irmãs, senão para receber alívio e sermos lamentados, tanto mais que nos sentimos aliviados quando no lastimam? É justo desejar isto.

Nosso Senhor, quando estava para morrer, desejou muito esta satisfação, e foi para Ele um extremo pesar não ser lamentado na cruz. Ora, minhas queridas Irmãs, o pecado faz adoecer a nossa alma com uma doença mortal; fiquemos portanto muito satisfeitos que avisem disso o médico, isto é, aqueles que lhe podem dar remédio.

Ó minhas Filhas, porque não havéis vós de fazer o que se pratica numa casa religiosa que eu conheço? Quando a Superiora, avisada de que uma Irmã cometeu uma falta, lhe diz: «Minha Filha, cometestes tal falta; avisaram-me disso»; a religiosa põe-se de joelhos e responde: «Minha mãe, não só cometi a falta de que falais, mas tal e tal circunstância tornam-na ainda maior do que vo-lo disseram.»

Vêde, minhas boas Irmãs, a virtude dessas boas religiosas. Ainda que alguma sinta repugnância em receber a correção das suas faltas, vence-se e promete com alegria emendar-se e corrigir-se.

Eis, minhas Irmãs, o que se deve fazer: não se deixar levar pela paixão, vencer e repelir essa tristeza e essa perturbação que querem apoderar-se do coração.

Senhora Le Gras, tende a bondade de nos dizer os vossos pensamentos sobre a necessidade que temos de sermos advertidas dos nossos defeitos.

— Meu Pai, devemos achar bem que nos advirtam, por causa daquelas palavras que Nosso Senhor dirigiu áquele que lhe deu uma bofetada para o castigar por ter dito a verdade: «Se falei mal, aponta-me em quê». (S. João. 18, 23).

As faltas que se podem cometer são: zangar-se, murmurar e procurar desculpar-se.

Um meio de aproveitar das advertências é crer que nos fazem uma grande caridade avisando-nos.

Está muito bem! Deus vos abençõe, Senhora Le Gras! Vêde,

minhas Irmãs, como Nosso Senhor, sendo a própria inocência, quis ser repreendido, e submeteu-se a isso.

Minhas Irmãs, estabelecei-vos bem nestas práticas a fim de que a Companhia se firme na virtude; e, como as graças de Deus operam segundo as disposições que encontram nos indivíduos, dispõe-vos a receber a bênção que vos vai ser dada pelo mais miserável e maior pecador de todos os homens, que a Ele se oferece para Lhe pedir a graça de aproveitarmos bem do que se disse e fazermos sempre a Sua santa vontade. É o que de todo o meu coração desejo, minhas queridas Irmãs.

Benedictio Dei Patris...

50 — CONFERÊNCIA DE 2 DE FEVEREIRO DE 1653

SOBRE O ESPÍRITO DA COMPANHIA

Depois de ter dito o *Veni Sancte Spiritus*, conforme o seu costume, o nosso Venerando Pai começou nestes termos:

Minhas Filhas, esta conferência divide-se em três pontos: o primeiro consta das razões que nos obrigam a saber bem em que consiste o espírito da Companhia das Filhas da Caridade; o segundo, do que é esse espírito; o terceiro, dos meios de se estabelecer bem nele.

Minha Irmã, fizestes oração sobre este assunto? Que vos parece? Porque é que as Filhas da Caridade devem saber qual é o espírito da Sua Companhia?

— Senhor, eu não me apliquei muito, mas pareceu-me que devíamos fazer as nossas acções em espírito de caridade, à imitação de Jesus Cristo.

— Dissestes bem, minha Filha. Mas, antes de continuarmos deveis saber, minhas Irmãs, que Deus deu a todas as Companhias que formou para seu serviço um espírito particular, assim como a estima e a prática da virtude ligada a esse espírito; é como a alma dessa Companhia, aquilo que a faz viver. Os animais mortos, separados do seu espírito, não prestam senão para serem lançados ao monturo; o corpo já não tem acção. Para vos fazer compreender, minhas Irmãs, como Deus tem procedido a respeito das Companhias, dir-vos-ei que deu aos Capuchinhos o espírito de pobreza, por meio do qual devem ir a Deus, vivendo desprendidos de todos os cuidados e de todas as coisas particulares. Aos Cartuxos deu o espírito da solidão; estão quase sempre sós; o seu nome mesmo indica este espírito, porque as prisões outrora não

tinha o nome de prisões, mas sim de cárceres; o seu espírito torna-os constantemente prisioneiros de Nosso Senhor. Aos Jesuitas deu Deus um espírito de ciência, para que a comuniquem aos outros. O espírito das carmelitas é austero; o de Santa Maria, que ama muito a Deus, é de mansidão e de humildade.

Vêde, portanto, minhas Irmãs; Deus dá o Seu espírito a uns e a outros diferentemente, e de tal maneira que o espírito de uns não é o espírito de outros.

Quando Deus fez a Companhia das Filhas da Caridade, deu-lhe o seu espírito particular. O espírito é que anima o corpo. Importa que as Filhas da Caridade saibam em que consiste este espírito, tanto quanto importa a uma pessoa que quer fazer uma viagem saber o caminho que a deve levar ao lugar para onde quer ir. Se as Filhas da Caridade não conhecessem o seu espírito, a que se applicariam particularmente?

Dizei-me, minha Irmã, devem as Filhas da Caridade saber em que consiste o seu espírito?

— Sim, Senhor.

— E por quê?

— Porque, se o não soubessem, fariam uma coisa muito diferente daquilo que deveriam fazer.

— E vós, minha Irmã, por que razão deve uma Filha da Caridade saber qual é o seu espírito?

— Senhor, parece-me que uma Filha da Caridade que não conhecesse o seu espírito se assemelharia a uma pessoa que, não sabendo um officio, o quisesse executar; procederia dum modo muito diferente ao que devia; tem que o aprender bem antes de o desempenhar.

— Dizeis bem, minha Irmã; se uma religiosa de Santa Maria levasse a vida de uma carmelita, não faria o que Deus pede dela.

Ora bem, Irmã Antonieta, por que razão entendeis vós que as Filhas da Caridade devem saber qual é o seu espírito?

— Meu Pai, é necessário que todas conheçam o seu espírito; se alguma por devoção quisesse viver como uma religiosa, desagradaria às suas companheiras e faltaria muito ao serviço dos pobres.

— Dissestes bem, minha Filha. Se as Filhas da Caridade conhecessem os desígnios de Deus sobre elas, e quanto por esse meio quer ser glorificado, sentir-se-iam felizes na sua condição e julgá-la-iam acima das religiosas. Não é que não devam considerar-se muito inferiores a elas; mas não conheço nenhuma Companhia religiosa mais útil à Igreja do que a das Filhas da Caridade, se entrarem bem no seu espírito, pelo serviço que poderão prestar ao próximo,

a não ser as religiosas do Hospital Geral e as da Praça Real ⁽¹⁾, que são Filhas da Caridade e religiosas ao mesmo tempo, porque se applicam ao serviço dos doentes, todavia com a diferença que os servem em sua casa e não tratam senão os que lhes levam, enquanto que vós ides procurá-los a casa deles e assistis aos que morrem sem socorros, por não ousarem pedi-los. Vós fazeis o que Nosso Senhor fazia. Ele não tinha casa sua, ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia e curava todos os que encontrava. Pois bem, isto não mostra bem a grandeza da vossa vocação? E já pensastes bem nisto alguma vez? O quê! Fazer o que um Deus fez no mundo! Não será preciso serem anjos incarnados? Oh! Pedi a Deus a graça de conhecer bem a grandeza da vossa missão e a santidade das vossas acções.

Deixai lá a grandeza das religiosas; apreciái-as muito mas não procureis a sua convivência, não porque não seja boa e muito excelente, mas a comunicação do seu espírito particular não vos é conveniente. E isto tanto com os religiosos como com as religiosas.

Não deveis nunca dirigir-vos nem a uns nem a outros nas vossas necessidades, de tal modo deveis recear participar doutro espírito que não seja o que Deus deu à vossa Companhia. E como poderíeis receber conselhos duma pessoa religiosa, cuja vida é tão diferente da vossa e que ordinariamente não poderá aconselhar senão segundo as suas máximas e o seu espírito? E por isso, minhas Irmãs, em nome de Deus, não tenhais convivência com elas. Além disso não o poderíeis fazer sem prejudicar o serviço dos pobres ou das crianças que têm constantemente necessidade dos vossos serviços, quer tenhais que os ir procurar às suas casas, quer prepareis na vossa o que lhes é necessário.

A propósito disto, devo louvar duas Irmãs. Tendo sabido que eu presidiria à profissão duma Religiosa da Visitação, foram para assistir à cerimónia, e procurando-me, pediram-me licença para isso. Eu, posto que sentisse no espírito dificuldades em lha conceder, não deixei de me inclinar aos seus desejos. E uma delas disse-me:

— Meu Pai, há tempos a Senhora Le Gras disse-nos que não tivéssemos esta curiosidade e que não frequentássemos as religiosas.

— Como, minha Irmã! Não teríeis pena de não ir?

— Quanto a mim, meu Pai, é-me indiferente, respondeu ela; farei tudo o que me ordenardes.

— Ide pois, minha Irmã, mortificai-vos nisto. Devo, minhas

(1) As Hospitaleiras da Caridade de Nossa Senhora. Serviam, desde 1629, um hospital para mulheres doentes.

Irmãs, louvar esta acção que é verdadeiramente louvável. Enquanto procederdes bem, louvar-vos-ei a todas; mas, se fizerdes mal, censurar-vos-ei.

Este caso pode servir-vos de exemplo, minhas Irmãs, porque, se a nossa Irmã tivesse pedido conselho a uma religiosa, é de crer que a não teria impedido de ir ver essa cerimónia, e isto por um motivo bom, seguindo o seu espírito; e as nossas Irmãs teriam perdido o mérito da renúncia à sua vontade própria e da pequena mortificação que puderam fazer neste caso.

As Filhas da Caridade devem notar a humildade e a deferência do nosso muito Venerando Pai à resposta da nossa Irmã.

Aqui tendes, minhas Irmãs, como importa que não vos aconselheis senão com pessoas que vos possam aconselhar e às quais Deus tenha comunicado o vosso espírito. O nosso Bem-aventurado Pai, o bispo de Genebra, diz isto muito bem na sua *Introdução*: «Se um bispo quisesse seguir o espírito dum cartuxo e viver como ele, não viveria do espírito que Deus dera ao seu cargo e deste modo não cumpriria o seu dever.» Importa pois, minhas queridas Irmãs, que não tenhais comunicação com pessoas religiosas. Mas reparai, que se não lhes deve dizer isso; pois poderiam talvez pensar que era por desprezo; Oh! De modo nenhum; pelo contrário; o conceito que deveis fazer delas, coloca-vos muito abaixo delas. Não será portanto conveniente dizer-lhes que vos está proibida essa comunicação; pois o que poderiam elas pensar, ignorando as razões que temos para vos dar este aviso? Oh! Como é necessário que vos deis a Deus, para conhecer o vosso espírito, minhas Filhas! Uma coisa que vos poderá ajudar muito é pensardes nas virtudes das Irmãs falecidas, que foram grandes; e não duvido que haja entre elas várias santas. Nelas encontrareis o verdadeiro espírito das Filhas da Caridade. Considerai o que elas eram, o que fizeram, e excitai-vos a imitá-las

Irmã Francisca, em que consiste o espírito das Filhas da Caridade?

— Meu Pai, parece-me que é principalmente na obediência aos Superiores e na observância das Regras. Com isto julgo que terão o espírito que Deus quer que tenham.

— Temos portanto dois sinais para conhecer se se tem o espírito duma Filha da Caridade: foi dito que uma prova era a paciência nos sofrimentos, à imitação de Nosso Senhor; e vós acrescentais uma segunda, que é a submissão aos Superiores.

E que outra prova tendes vós, minha Irmã, do espírito da Filha da Caridade?

— Meu Pai, é a exactidão à observância das Regras, o suporte mútuo e a condescendência.

— Ora muito bem, aqui temos a terceira característica das Filhas da Caridade, e todas três é preciso praticar para imitar Nosso Senhor: não é bastante trabalhar no serviço dos pobres, é necessário ter suporte e condescendência umas com as outras. Quem é que não tem necessidade de suporte? Vêde um marido; seja qual for o amor que tenha por sua esposa, tem ainda que a suportar. Não se pense que seja sempre como no dia do casamento, ou que será no segundo ano como no primeiro, ou no terceiro como no segundo; ela mudará de disposição e ele terá de a suportar. Do mesmo modo, a mulher tem de o suportar, e pensar que não haverá um dia em que não mude de disposição; e que, à tarde, não terá a mesma alegria que tinha de manhã.

Assim acontece connosco, minhas Irmãs. Estamos às vezes numa tal melancolia e com tão má disposição que temos dificuldade em nos suportarmos; acontece-nos estar tão descontentes connosco mesmos, que nos arrependemos à tarde daquilo que fizemos de manhã. Esta experiência que temos de nós mesmos, não nos deverá ajudar a suportar-nos uns aos outros?

Estão juntas duas Filhas da Caridade. Por bastante virtude que tenham, não estão sempre na mesma disposição, e todavia é preciso que sejam unidas e cordiais uma com a outra. Uma pode estar triste e a outra alegre; uma satisfeita e a outra desgostosa. Se fizermos atenção, vereis que não estamos uma hora na mesma disposição. E que temos a fazer nestas circunstâncias, minhas Irmãs, senão suportar-nos uns aos outros e praticar essa virtude da condescendência tão necessária?

Lembrai-vos desta prática, eu vo-lo peço, porque se a ela faltásseis não seríeis Filhas da Caridade, mas filhas da discórdia e da confusão, o que seria de mau exemplo para o próximo e o escandalizaria muito. Tende cuidado em não julgardes a vossa Irmã de mau humor. Oh! Não, não é ela, sois vós. É por isso que deveis suportar a mágoa que sentis. E se não puderdes libertar-vos da ideia de que ela está de mau humor, sede condescendentes no que ela desejar, contanto que não seja coisa que vá contra a vontade de Deus. Se assim fizerdes desempenhareis as vossas obrigações, dareis satisfação a Deus e Ele será glorificado em vós. Mas, se por desgraça, acontecesse que as Filhas da Caridade descurassem o suporte mútuo e a condescendência, o próximo offender-se-ia com isso e diria: «Não são Filhas da Caridade, são pequenos demónios que se despedaçam um ao outro. «Evitai esta desordem entre vós, minhas Irmãs, vêde bem quanto o suporte mútuo é necessário.

Mas poderá alguma perguntar-me: «Senhor, quantas vezes durante o dia devemos suportar-nos?». Responder-vos-ei, minhas Ir-

mãs: Tantas vezes quantas se apresentar a ocasião. Se vos supor-tardes duas, quatro vezes, ainda bem; serão outros tantos diamantes e pedras preciosas que juntareis à vossa corôa, e será isso o que mais vos poderá ajudar a formar em vós o espírito da Caridade. Dai-vos portanto a Deus, minhas Irmãs, para uma coisa tão importante. Se entrardes nesta prática, atraireis muitas graças sobre vós e sobre a Companhia, da qual Deus se quer servir. A boa Senhora Presidente de Goussault compreendia bem esta verdade. Dizia-me ela um dia, no seu leito de morte, a respeito deste estabelecimento que ela amava ternamente: «Tende a certeza, Senhor, que esta Companhia será muito útil ao próximo e produzirá grandes frutos.» Minhas queridas Irmãs, estas advertências não devem ser vãs, e para isso deveis dar-vos bem a Deus, a fim de que se realizem em vós os Seus desígnios.

Faz-se tarde; é preciso terminar. Recomendo às vossa orações as nossas Irmãs da Polónia que tão boas provas estão dando de que têm o espírito das verdadeiras Filhas da Caridade. Conheceis a sua chegada à Polónia e como foram bem recebidas pela Rainha. Esta, depois de as ter deixado por algum tempo tomar o ar do país e aprender um pouco a língua, disse-lhes: «Ora bem, minhas Irmãs, é tempo de começar a trabalhar. Sois três; eu quero conservar uma junto de mim, e sereis vós, Irmã Margarida; as outras duas irão para Cracóvia servir os pobres.» A Irmã Margarida respondeu: «Ah! Senhora, que dizeis? Somos apenas três para servir os pobres, e vós tendes no vosso reino tantas outras pessoas muito mais capazes do que nós para servir Vossa Majestade. Permitti-nos, Senhora, que façamos aqui o que Deus pede de nós, como fazíamos noutras partes.»

— «O quê! Minha Irmã, vós não me quereis servir!» — «Perdoai-me, Senhora, mas é que Deus chamou-nos para os pobres». Isto não será belo, minhas Irmãs?

Ó Salvador da minha alma, Deus permitiu este exemplo para vos animar. O quê, minhas Irmãs, calcar aos pés a realeza! Ah! Que virtude é preciso ter, minhas Irmãs! Não será preciso ter realmente o espírito que Deus deu à Companhia? Ah! Como sois felizes por terdes sido chamadas! E que felizes sereis se perseverardes nisto! Mas também que desgraça para uma alma que, por não ter querido sujeitar-se às regras da Companhia, tenha sido infiel a Deus, se veja privada das Suas graças, de modo que, diminuindo o seu fervor pouco a pouco, estivesse disposta a deixar a Companhia, sob qualquer vão pretexto que a tentação lhe apresentasse! Que vergonha não deveria sentir uma tal pessoa! Mas creio que não há destas pessoas na Companhia! Se houvesse alguma e que não ficasse tocada com este exemplo, que seria pre-

ciso para a comover? Não é que não possa estar cada uma sujeita à tentação, mas deve resistir corajosamente e então esta torna-se uma prova da verdadeira e sólida virtude.

Esquecia-me de dizer-vos que a Rainha da Polónia, falando às nossas Irmãs acerca das crianças expostas de Paris, tinha acrescentado que essas crianças, uma vez educadas, poderiam ser admitidas na Companhia, e que a Irmã Margarida respondeu sem demasiada reflexão: «Perdão, Senhora, a nossa Companhia não é fornecida nem composta por essa espécie de pessoas. Não se recebem senão virgens.» Foi Deus que a fez falar desta maneira, minhas Filhas, para nos advertir que na Companhia não deve haver senão pessoas puras e castas. É por essa razão que vos tenho recomendado tantas vezes para que fujais da convivência dos homens, ainda mesmo que sejam uns santos. Oh! Quanto importa que tenhais em singular apreço esta virtude! Eu vo-lo digo novamente, não consentais homens nos vossos quartos, nem mesmo os vossos confessores ainda que fosse o Senhor Padre Portail. Recordai-lhe o que vos é recomendado, a não ser em caso de doença.

Ainda vos não disse, minhas Irmãs, que as nossas pobres Irmãs da Polónia estão numa cidade onde morre muita gente com a peste; e ainda que se tenham tomado todas as precauções possíveis, não deixam de estar em perigo. Recomendo-as às vossas orações. E quereis saber o que fez o Senhor Padre Lambert à Irmã Margarida, ao enviá-la, para o serviço dos pobres, ao lugar que lhe foi destinado? Colocou-a sob a direcção da Irmã Madalena Drugeon; o que ela recebeu muito bem. Demos graças a Deus.

Então o nosso muito Venerando Pai, pondo-se de joelhos, disse:

— Sêde bendito, meu Deus, pelas graças que concedeis aos membros desta pequena Companhia. Dignai-Vos continuar a conceder-lhas, meu Deus, e não permitais que elas abusem dessas graças e se vangloriem; mas concedei-lhes antes a graça de se humilharem à medida que Vós as elevais, admirando o Vosso poder de operar tantas maravilhas em tão humildes súbditos.

E quando a Irmã Servente lhe pediu a sua bênção para toda a Companhia, Sua Caridade disse com grande humildade:

O quê! Eu, meu Deus, tão miserável pecador como sou, dar a bênção a almas santas e Vossas servas! Mas visto que o desejais, pronunciarei as palavras de bênção.

Benedictio Dei Patris...

SOBRE O ESPÍRITO DA COMPANHIA

Minhas Irmãs, o assunto desta conferência é a continuação do que tratámos no domingo, sobre o espírito da Companhia das Filhas da Caridade. Divide-se em três pontos. O primeiro trata das razões que vos obrigam a saber qual é o vosso espírito; o segundo, em que consiste; o terceiro, dos meios de se fundar neste espírito.

Tratámos no domingo do primeiro ponto, e perguntei em que é que uma Irmã pode mostrar que é verdadeiramente Filha da Caridade. Muitas de vós foram interrogadas e fizeram ver quanto importa conhecer esse espírito.

Hoje convém tratar do segundo ponto. Não interrogarei niu-guém, porque seria difícil encontrar quem me pudesse responder, a não ser a Senhora Le Gras; pois, se vos perguntasse qual é esse espírito, dir-me-feis: «Senhor, já no-lo dissestes alguma vez? Ensinaí-no-lo e responder-vos-emos.»

Ora, minhas queridas Irmãs, para o poder fazer compreender bem, deveis saber a diferença que há entre a vossa Companhia e muitas outras que fazem profissão de assistir aos pobres como vós, mas não da maneira usada entre vós. O espírito da Companhia consiste em se dar a Deus para amar Nosso Senhor e servi-Lo na pessoa dos pobres, corporal e espiritualmente, nas suas casas ou noutros lugares, para instruir as meninas pobres, as crianças e dum modo geral todos aqueles que a Providência vos enviar. Vêdes, minhas queridas Irmãs, esta Companhia das Filhas da Caridade é composta na maior parte de meninas pobres. Ah! Como esta qualidade é excelente; pobres no seu vestuário e pobres no seu alimento. Chamam-vos precisamente pobres Filhas da Caridade; e deveis ter este título em grande honra, porque o próprio Papa tem em grande honra o ser chamado *Servo dos servos de Deus*. Esta qualidade de *pobres* distingue-vos das que são ricas. Deixastes a vossa terra, família e bens; e para que? Para amar Nosso Senhor e as Suas máximas. Sois Suas filhas e Ele é vosso Pai; gerou-vos e deu-vos o Seu espírito; pois quem visse a vida de Jesus Cristo veria coisa semelhante na Filha da Caridade.

Ah! Que veio fazer? Veio para ensinar e iluminar. É o que fazeis. Continuais o que começou; sois suas filhas e podeis dizer: «Sou filha de Nosso Senhor»; e tendes de vos parecer com Ele.

Qual é portanto o espírito das Filhas da Caridade? É, minhas

Irmãs, o amor de Nosso Senhor. Não é natural que as filhas amem o Pai? E, para poderem compreender o que é este amor, deveis saber que se pratica de duas maneiras: uma affectiva e outra efectiva. O amor affectivo é a ternura no amor. Deveis amar Nosso Senhor terna e affectuosamente, como uma criança que não pode separar-se da sua mãe e exclama «Mamã» assim que se quer afastar. Do mesmo modo um coração que ama Nosso Senhor não pode suportar a Sua ausência e deve unir-se a Ele por um amor affectivo, que produz o amor efectivo. Pois o primeiro não basta, minhas Irmãs; devemos ter os dois. Devemos passar do amor affectivo ao amor efectivo, que é o exercício das obras de caridade, o serviço dos pobres empreendido com alegria, coragem, constância e amor. Estas duas espécies de amor são como que a vida duma Filha da Caridade; pois ser Filha da Caridade, é amar Nosso Senhor terna e constantemente: ternamente, sentindo satisfação quando fala, quando pensa nEle, e ficando cheia de consolação quando considera: «O quê? O meu Senhor chamou-me para O servir na pessoa dos pobres; que felicidade!»

O amor das Filhas da Caridade não é somente terno; é efectivo, porque servem efectivamente os pobres, corporal e espiritualmente. Estais obrigadas a ensinar-lhes a bem viver, digo, minhas Irmãs, a bem viver; é o que vos distingue de muitas religiosas que tratam só do corpo e não dizem uma boa palavra; destas há muitas. Muito bem, meu Deus! Não falemos mais nisso; muito bem, meu Salvador! A Filha da Caridade não deve ter somente o cuidado da assistência corporal dos doentes; deve, ao contrário de muitas outras, instruir os pobres. Tendes isto a mais que as do Hospital Geral e da Praça Real; e ainda mais o irdes procurá-los a suas casas, o que nunca se fizera até aqui, ao passo que elas se contentam com receber aqueles que Deus lhes envia.

Deveis portanto levar aos doentes duas espécies de alimento: o corporal e o espiritual, isto é, dizer-lhes para sua instrução alguma palavra da vossa oração, ou seja cinco ou seis palavras para os levar a cumprir os deveres de cristãos e a praticar a paciência. Deus reservou isto para vós. As histórias eclesiásticas e profanas não contam que se tivesse jamais feito o que fazeis, exceptuando Nosso Senhor; no que tendes grande motivo para vos humilhades. Levaram os doentes a Nosso Senhor para que os curasse, como esse paralítico a quem desceram pelo telhado da casa. Não será isto o que fazeis nos hospitais? Ah! Minhas Irmãs, desde toda a eternidade estão destinadas a servir aos pobres, da mesma maneira que Nosso Senhor os servia! Sim,

meu Salvador, esperastes até agora para formardes uma Companhia que continuasse o que começastes.

A Companhia, minhas queridas Irmãs, tem ainda por fim instruir as crianças das escolas no temor e amor de Deus, e nisto sois iguais às Ursulinas. Mas, porque são casas grandes e ricas, os pobres não podem ir para lá, e recorrem a vós. Além disso, acontece qualquer calamidade em Paris, em tempo de guerra, por exemplo, recorre-se às pobres Filhas da Caridade. Não vejo ninguém tão apto para auxiliar os pobres de qualquer forma que seja como vós. Não seríeis Filhas da Caridade, se não estivésseis sempre prontas a prestar serviço àqueles que de vós necessitam.

Eis, minhas queridas Irmãs, em geral no que consiste, o amor afectivo e o amor efectivo: servir a Nosso Senhor espiritual e corporalmente nos seus membros, e isto em casa deles, ou então onde a Providência vos enviar.

Deveis portanto saber, minhas queridas Irmãs, que o espírito da Companhia consiste em três coisas: amar Nosso Senhor em espírito de humildade e simplicidade. Enquanto existir entre vós a caridade, a humildade e a simplicidade, poder-se-á dizer: «A Companhia da Caridade ainda vive»; mas, quando nela já não houver essas virtudes, poder-se-á dizer: «A pobre Caridade morreu». Uma Filha da Caridade que não tiver humildade e caridade está morta, pois não tem o seu espírito; é como aquele a quem o anjo diz na Sagrada Escritura: «Estás morto, pois não tens caridade, que é a vida da alma» (Apoc. 3,1). Assim como a alma é a vida do corpo, no dia em que na Companhia deixar de haver a caridade, a humildade e a simplicidade, a pobre caridade estará morta; sim, estará morta.

Acabo de ver um pobre que vem de Etampes, todo transtornado de corpo. Perguntei-lhe: «Quem vos pôs nesse estado, meu amigo?» E respondeu-me: «Foram os mortos.» (1) Eis o que fazem os mortos, minhas Irmãs; fazem morrer os vivos. E como um corpo, desde o momento que não tem o espírito, está morto, do mesmo modo uma Filha da Caridade que não tem o seu espírito está morta. Onde está a caridade dessa Irmã que não tem humildade, nem simplicidade, e que não serve os pobres sinceramente com amor? Está morta. Mas, se tiver estas virtudes, vive, pois são a vida do seu espírito.

Compreendeis bem isto? Entendeis-me bem, minhas Filhas?

Várias Irmãs responderam:

Sim, meu Pai.

O nosso muito Venerando Pai prosseguiu:

(1) Provavelmente a sepultura dos mortos.

Repito ainda uma vez que o espírito da Companhia, minhas Irmãs, consiste no amor de Nosso Senhor, no amor dos pobres, no amor entre vós, na humildade e na simplicidade. Mais valia não haver mais Filhas da Caridade, se entre vós não houvesse estas virtudes.

Aqui temos o vosso espírito em três pontos, minhas Filhas. Eia pois, é já tarde. Se entrasse na explicação da humildade, abusaria talvez da vossa paciência: ficará para outra vez, se Deus quiser.

Dir-me-eis: «Mas, Senhor, não devem todos os cristãos ter essas três virtudes?»

Sim, minhas Irmãs, mas as Filhas da Caridade devem ser mais cuidadosas na sua prática. Quem vos vir, deverá conhecer-vos por essas virtudes. Quer conversando com o próximo, quer indo pelas ruas, fazei-o com simplicidade, com um coração aberto, lembrando-vos que os anjos vêem a vossa modéstia. Ides para o refeitório, que seja sempre com essas três jóias da humildade, simplicidade e caridade.

Todos os cristãos estão obrigados à prática destas virtudes, minhas Irmãs; mas as Filhas da Caridade são a isso obrigadas duma maneira particular. Podereis dizer-me: «Mas, Senhor, não estamos obrigadas à prática de todas as outras virtudes?»

Sim, estais obrigadas a praticá-las, mas duma maneira particular a estas três; o céu e a terra pedem isto de vós. Os Cartuxos estão obrigados à prática de todas as virtudes, mas aplicam-se especialmente a cantar os louvores de Deus. Os Capuchinhos estão obrigados à prática de todas as virtudes, mas nenhuma lhes é tão querida como a pobreza. Do mesmo modo quer Deus que as Filhas da Caridade se apliquem particularmente à prática da humildade, da caridade e da simplicidade.

Eis uma objecção que me podereis fazer: «Senhor, está tudo muito bem; mas o meio de adquirir e conservar esse espírito?» Para isso recomendo-vos duas coisas: a primeira, é pedi-la todos os dias a Deus na oração, na santa missa, ao meio dia, durante o dia, principalmente no começo das acções principais, dizendo no vosso íntimo: «Esta acção que vou fazer é por caridade, por amor de Deus? Não será por inclinação, por vã complacência? Por exemplo, venho dizer as minhas faltas à Senhora Le Gras; faço-o com bastante humildade? Sou simples? Se usar de equívocos, se disser as coisas diferentemente do que são, não tenho simplicidade.»

O segundo meio é viver bem no espírito duma verdadeira Filha da Caridade e que à noite, durante o vosso exame, examineis se agistes em conformidade com o vosso espírito: «Fiz hoje as

minhas acções em espírito de caridade? Não as terei feito por orgulho? Não terei usado de duplicidade? Se reconhecerdes faltas em vós, deveis fazer penitência, e, sendo a falta grave, tomar a disciplina com licença, beijar o chão, dizer um *Pai Nosso* e uma *Ave Maria*; e, se houver o costume de visitar o Santíssimo Sacramento, fazê-lo com esta intenção. Se observardes isto, minhas Irmãs, fareis gerar em vós o amor da baixeza e aumentareis em vós o espírito de caridade e de humildade.

Ó Salvador das nossas almas, luz do mundo, dignai-Vos iluminar a verdade das coisas que acabamos de ouvir, Vós que formastes uma Companhia de pobres meninas que Vos servem da maneira que ensinastes. Fazei delas, meu Deus, os Vossos instrumentos, dai-lhes, e a mim também, miserável pecador como sou, a graça de fazer todas as nossas acções por caridade, humildade e simplicidade na assistência ao próximo. Concedei-nos esta graça, Senhor. Esperamos, se formos fiéis na prática destas virtudes, receber a recompensa que prometeis àqueles que Vos servem na pessoa dos pobres.

Como o nosso muito Venerando Pai ia terminar, a Senhora Le Gras disse-lhe:

Meu Pai, peço-vos que nos entregueis a Deus para entrarmos bem neste espírito e que Lhe peçaís perdão para as faltas que temos contra esse mesmo espírito.

— Fá-lo-ei amanhã na Santa Missa, que direi em honra de Santa Apolónia, que amou tanto a Nosso Senhor, que deu a sua vida por Ele, entregando o corpo aos tormentos.

Benedictio Dei Patris...

52 — CONFERÊNCIA DE 24 DE FEVEREIRO DE 1653

SOBRE O ESPÍRITO DA COMPANHIA

Depois de ter dito o *Veni Sancte Spiritus*, o nosso muito Venerando Pai começou nestes termos:

Ora bem, minhas Irmãs, vamos ver de novo em que consiste o espírito da Companhia das Filhas da Caridade e quantas virtudes o acompanham.

Minha Irmã, tende a bondade de nos dizer em que consiste o espírito da vossa Companhia.

— Meu Pai, dissestes que consistia na caridade, simplicidade e humildade, e que a caridade compreende duas espécies de amor: um affectivo e outro effectivo.

— Dizeis que a caridade consiste em duas espécies de amor. Que entendeis, minha Filha, por amor affectivo e amor effectivo ?

— Meu Pai, o amor affectivo faz com que se ame a Deus com ternura e alegria ; o amor effectivo faz com que se chegue à prática das boas obras que se nos apresentam para as fazermos por Seu amor.

— Compreendeis isto bem, minha Irmã ?

— Sim, meu Pai.

— Dei algum exemplo para distinguir esse duplo amor ?

Isto explica-se, minhas queridas Irmãs, por meio dum pai que tenha dois filhos : um é um benjaminzinho de quatro ou cinco anos ; o outro é maior. Este pai tem duas espécies de amor por seus filhos. Ama ternamente o pequenino, acarinha-o, brinca com ele, compraz-se no que faz e no que diz, e permite-lhe até algumas vezes que lhe bata. Aqui tendes um amor affectivo. Pelo que diz respeito ao outro filho, não lhe fala com tanta frequência ; e, quando lhe fala, fá-lo mais sèriamente. Ao pequenino consente tudo. Ora, se alguém perguntasse a esse pai qual deles ama mais, se o pequenino a quem manifesta tanta ternura, ou o maior ao qual a não manifesta, responderia sem dúvida, que amava mais o mais velho. E com effeito, quer provê-lo dum cargo e fazê-lo herdeiro, mas não lho diz. O primeiro é amor affectivo, e o segundo effectivo. Ora, devemos ter estes dois amores, minhas queridas Irmãs. O espírito da Companhia das pobres Filhas da Caridade consiste nestas duas espécies de amor para com Deus e também para com o próximo, a começar pelas suas Irmãs ; consiste ainda na humildade e na simplicidade ; de maneira que uma Irmã da Caridade é verdadeira Filha da Caridade quando tem estas virtudes. Pelo contrário, uma Irmã que não tem caridade, que é pretenciosa, astuciosa, não é Filha da Caridade.

Minha Filha, quantas são as virtudes que compõem o espírito das Filhas da Caridade ?

— Três, meu Pai.

— Quais são ?

— A caridade, a humildade e a simplicidade.

Depois de ter interrogado outras Irmãs que responderam do mesmo modo, o nosso muito Venerando Pai prosseguiu :

Falei, na primeira conferência, da caridade, primeira virtude necessária ao vosso espírito ; falarei hoje das outras duas virtudes, que são a humildade e a simplicidade. Veremos em primeiro lugar as razões que nos obrigam a ter esse espírito, em seguida os sinais que o caracterizam, e em terceiro lugar os meios de o adquirir, ou de o conservar, se já o tivermos.

A primeira razão é que o vosso espírito é para vós o que a

alma é para o corpo. Ora, desde que um corpo deixa de ter alma, morre. Do mesmo modo, uma Filha da Caridade está morta, desde que não tenha o seu espírito, isto é, desde que não tenha humildade, caridade e simplicidade. Deus tenha piedade dela! É Filha da Caridade só pelo hábito. Mais valera que o não fosse. Vistes alguma vez um doente que tivesse gangrena ou algum membro apodrecido? Aplicam-lhe todos os remédios possíveis; se não se consegue nada, cortam-lhe o membro doente. Assim também mais valia que uma Filha da Caridade, que não tem o seu espírito, não estivesse na Companhia, para salvação sua, glória de Deus e bem da Companhia, porque prejudica tudo. Há Companhias em que uma só pessoa estragou todas as outras. Aqui está, portanto, a primeira razão; uma Filha da Caridade, quando não tem o seu espírito, está morta.

A segunda razão de pedir a Deus este espírito e procurar adquiri-lo, é que foi Deus mesmo que o deu à Companhia. Já vo-lo disse da outra vez; mas como não estavam todas aqui, repetir-vo-lo-ei ainda. Não foi a Senhora Le Gras, não fui eu, não foi o Senhor Padre Portail, foi Deus que deu esse espírito a grandes santas, agora no céu, pois podemos crer que as há. Se a Senhora Le Gras fez alguma coisa, se o Senhor Padre Portail ou eu fizemos alguma coisa, fomos antes obstáculos. É Deus o autor das obras, cujo autor se não vê. Nunca tinha pensado nisso, por consequência foi Deus que o fez por Si mesmo.

A primeira Caridade de Senhoras, estabelecida em Paris, foi a de S. Salvador. Nesse tempo, uma pobre menina de Suresnes tinha a devoção de ensinar os pobres. Aprendera a ler enquanto guardava as vacas. Arranjara uma cartilha, e, quando via alguém, pedia-lhe que lhe ensinasse as letras do alfabeto; depois começou a soletrar pouco a pouco; e quando tornavam a passar outras pessoas, pedia-lhes que a ajudassem a juntar as palavras, e quando voltavam queria saber se era assim que lhe haviam recomendado que fizesse. Quando já sabia ler, fixou-se a cinco ou seis léguas de Paris. Fomos aí fazer uma missão; confessou-se a mim e disse-me as suas intenções. Quando estabelecemos aí a Caridade, afeiçoou-se-lhe tanto, que me disse: «Gostava muito de servir os pobres desta maneira.»

Por esta ocasião as Senhoras da Caridade de S. Salvador, como eram pessoas de condição, procuravam uma pessoa que quisesse levar a panela aos doentes. Esta pobre menina veio procurar a Senhora Le Gras, que lhe perguntou o que sabia fazer, de onde era, se queria servir os pobres. Aceitou de bom grado.

Veio portanto para S. Salvador. E ensinaram-lhe a dar remé-

dios e a prestar todos os serviços necessários, e foi muito bem sucedida.

Vêde, minhas Irmãs, como isto foi. Não se tinha pensado em tal. É assim que começam as obras de Deus; fazem-se sem que nisso se pense. Esta pobre menina fora guiada neste caminho desde a infância.

Chamada para o estabelecimento da Caridade de S. Nicolau-du-Chardonnet, deitou-se ao pé duma menina atacada pela peste, contraiu a doença e foi levada para S. Luís, onde morreu.

Aqui temos, minhas queridas Irmãs, como Deus fez esta obra. A Senhora Le Gras não tinha pensado nisso, o Senhor Padre Portail e eu não pensávamos em tal, e essa pobre menina também não. Ora, temos de confessar, e é a regra apresentada por Santo Agostinho, que quando se não vê o autor duma obra, é porque foi Deus mesmo que a fez. Quem deu o espírito às pobres Filhas da Caridade, referindo-me às boas? Foi o próprio Deus. As Filhas da Caridade que têm o seu espírito, têm o espírito de Deus. Deus começou esta obra; é dEle portanto. Recordai-vos bem de que, o que os homens não fizeram, foi Deus que o fez.

Em segundo lugar, tendo-se dirigido Deus a uma pobre camponesa, quis que a Companhia fosse formada de pobres meninas da aldeia. Se as houver nas cidades, ainda bem, deveis crer que é Deus que as atrai; mas, se metesse entre vós meninas de condição, deveríeis temer, não fosse isso perder a Companhia, a não ser que tivessem o espírito duma pobre menina do campo, pois podia ser que Deus lhe desse esse espírito. Se viessem meninas ou senhoras, devia-se recear e experimentá-las bem para ver se é o espírito de Deus que aqui as quer. Ora bem, minhas queridas Irmãs, aqui tendes a segunda razão: é de Deus que deveis receber o vosso espírito.

A terceira razão é que seria uma coisa terrível que uma Filha da Caridade não tivesse caridade, mas um espírito de soberba que quisesse mostrar-se e fiscalizar tudo; que se vestisse pretenciosamente; mostrasse bem os cabelos para que se soubesse que os tinha; se não tivesse simplicidade, mas um espírito de duplicidade, levado a esconder à sua Superiora, Director e Irmãs tudo quanto pensa. Não seria essa uma Filha da Caridade, mas antes filha da malignidade. Isto é muito importante, minhas queridas Irmãs; peço-vos que o pratiqueis.

O segundo ponto trata das condições ou sinais que fazem conhecer se uma Filha da Caridade tem verdadeiramente o seu espírito. Há três sinais. Primeiramente, ser na verdade caridosa. Uma Irmã caridosa é a que ama a Deus, que se compraz

em falar d'Ele, faz tudo quanto pode para Lhe agradar e dar satisfação, e sofre por seu amor todas as dificuldades que possa ter. As nossas Irmãs que foram para o céu, como mostravam bem que tinham este espírito!

O segundo sinal visa o próximo. Encontra-se numa Irmã que deixa as suas satisfações por amor do próximo; deixa a companhia ou o lugar que lhe agrada, se lhe vierem dizer que um doente precisa dela, não fazendo acepção de pessoas.

Eis, minhas queridas Irmãs, as três características da caridade: amar a Deus e aos pobres, não fazer acepção de pessoas e ser indiferente a qualquer lugar.

Vejamos agora os caracteres da humildade. É humilde quem ama a sua abjecção. Se houvesse entre vós uma menina disforme, manca, e que amasse a sua enfermidade, amava a sua abjecção. Conheci uma (!) que sofria duma côxa. Era a sua abjecção. Foi por esse motivo que se não casou. Do mesmo modo, se alguma de vós tivesse no rosto algum defeito e o amasse, seria humilde. Se nos convencermos que não temos o espírito apto para fazer o bem, é amar a sua abjecção. Uma Irmã que é censurada na Companhia, nas paróquias, justa ou injustamente, se amar essa censura, ama a sua abjecção. Quando interrogadas, como aqui se faz, se não souberdes dizer grande coisa, deveis gostar disso.

Tende baixos sentimentos de vós próprias, considerai-vos indignas não somente de falar bem mas até de estar na Companhia, e dizei a propósito de tudo: «Que fizestes meu Deus! Ó quê! Eu, miserável criatura, continuar o que fizestes na terra! Como sou miserável! Estrago tudo e sou incapaz de coisa alguma!»

Pelo contrário, as que se julgam alguma coisa gabam-se de serem desejadas em toda a parte. Ah! Maldito orgulho!

Aqui está portanto, minhas queridas Irmãs, o primeiro sinal da humildade: ter um baixo sentimento de si própria, julgar que prejudica tudo, como Jó que dizia: «Receio que em todas as minhas acções haja pecado». (Job 9, 28).

Duma Filha da Caridade que assim pensa, pode-se dizer que tem a verdadeira humildade.

É igualmente humilde a Irmã que escolhe o pior para si, que deseja sempre ser a última, que diz todo o bem possível da Companhia para a fazer nomear Irmã Servente e se rebaixa a si mesma para o não ser. Eis, minhas Irmãs, o verdadeiro sinal da humildade.

O terceiro sinal encontra-se naquelas que se afligem por serem louvadas e se perturbam quando lhes fazem elogios. É mau sinal

(!) Isabel du Fay, Senhora da Caridade.

se uma Filha da Caridade fica satisfeita em ser louvada e faz quanto pode para o ser. É-se humilde, quando se ama a sua própria abjecção.

Temos agora as características da virtude da simplicidade. Uma Filha da Caridade é simples, se cumpre as ordens dos Superiores, sem perguntar a si mesma porque lhe serão dadas essas ordens. Se disser: «Porque me mandarão fazer tal coisa?» E procura averiguar o caso. Tem um espírito de desordem e está afastada da simplicidade que leva a obedecer à Regra sem discutir.

Uma Filha da Caridade verdadeiramente simples não se preocupa com o que se possa dizer ou o que lhe possa acontecer pela obediência. Não pensa no que poderão pensar dela, se fazem dela bom ou mau conceito, se a terão por virtuosa ou não; pouco lhe importa que seja vergonha servir os pobres, praticar a virtude ou fazer qualquer caridade. Uma Irmã que tem a virtude da simplicidade não se preocupa com coisa alguma dessas.

Temos outra característica, minhas queridas Irmãs: é dizer as coisas como as pensamos. Se a Senhora Le Gras perguntar qualquer coisa a uma Irmã, esta deve dizê-la tal como pensa; mas uma outra Irmã pergunta-vos o que é que a Senhora Le Gras vos disse, deveis calar-vos, quando houver inconveniente em dá-lo a saber.

Digo, se for preciso dar contas aos vossos Superiores, dizei as coisas como são, não oculteis nada; tendes obrigação de serdes simples para com eles. As Irmãs que assim não procedem são dissimuladas.

Há coisas que devemos calar, como, por exemplo, se os Superiores recomendaram segredo ou se falando vos arriscais a prejudicar o próximo. Nesse caso a prudência manda calar. Mas se for necessário falar, minhas queridas Irmãs, fazei-o simplesmente. Quanto a mim deu-me Deus um grande amor á simplicidade, a que chamo o meu evangelho. Tenho uma particular devoção e consolação em dizer as coisas como elas são.

Resta-me falar da prudência, mas seria muito longo; ficará para outra vez, se Deus quiser.

Vejam agora, minhas Irmãs, quais são os meios de adquirir este espírito, e para as que já o tem, quais os meios de o conservar.

Primeiro meio: pedí-lo a Deus. Se alguma coisa há que devamos pedir a Deus, é o nosso espírito, dizia eu últimamente, porque é a vida da nossa alma. Pedí-lo a Deus, minhas Irmãs, na oração mental, em todas as vossas orações e o maior número de vezes que possa ser.

O segundo meio, minhas Irmãs, é o que acabo de vos indicar, pois uma Filha da Caridade que não tem o espírito de caridade

está morta; vive a vida animal, mas a vida sobrenatural está morta. Ah! Como é agradável a Deus, a Irmã que procura adquirir estas virtudes! Ama esta Irmã, compraz-se nela; é a Seus olhos como um belo sol; mostra-a aos bem-aventurados e às nossas boas Irmãs que estão agora no céu.

Pois bem, minhas queridas Irmãs, tomemos a resolução de nos aperfeiçoarmos, custe o que custar, e digamos todos os dias: «Quero ser caridosa, humilde e simples.» Estando à mesa, sede caridosas, avisai humildemente, se faltar alguma coisa às que estão perto de vós; conservai uma atitude humilde, de forma a não mostrar affectação nem presunção.

Quanto à simplicidade, não a podereis praticar muito nesse lugar, a não ser utilizando simplesmente as coisas que vos são dadas.

Como terceiro meio, minhas queridas Irmãs, examinai todos os dias se fostes cuidadosas em praticar estas virtudes; perguntai muitas vezes a vós próprias: «Tenho feito actos de caridade, de humildade e de simplicidade?» Se fizestes algum, agradecei a Deus; senão, minhas Irmãs, fazei penitência, a fim de vos ajudar a levantar mais facilmente dessas faltas por meio do castigo que vos impuserdes.

Pois bem, minhas queridas Irmãs, peço-vos que fixeis bem isto, pois, se alguma vez se vos fez uma instrução proveitosa, foi esta. Se alguma coisa há no mundo que deveis pedir a Deus, é o vosso espírito; e se vos deveis dar a Deus para algum fim, é para este. Que este espírito transpareça em vós, indo e vindo; que se veja sempre em vós o espírito de caridade, humildade e duma grande simplicidade, e que jamais useis de astúcia. Se viverdes neste espírito, minhas queridas Irmãs, como a Caridade será feliz, como a honrareis e como se multiplicará!

A propósito disto lembro-me que a falecida Senhora de Gousault, na noite anterior à sua morte, me disse: «Senhor, vi durante toda a noite as Filhas da Caridade diante de Deus; como se hão-de multiplicar e fazer bem! Como serão felizes!» Isto entende-se, minhas Filhas, se fordes boas e se procurardes adquirir o vosso espírito, então Deus será glorificado por vós, pois tirou glória das nossas boas obras. Procurai portanto com todas as vossas forças adquirir as virtudes da caridade, humildade e simplicidade, não escondendo nunca coisa alguma aos vossos Superiores.

Todas as Irmãs se puseram de joelhos, e o nosso muito Venerando Pai ia dar-lhes a bênção quando uma delas lhe disse:

Quereis permitir-me, meu Pai, que me acuse duma falta que cometi há bastante tempo?

Tendo o Senhor Padre Vicente dado o seu consentimento, prosseguiu:

Peço perdão a Deus, a vós, meu Pai, e a toda a Companhia do que me aconteceu quando estava com uma Irmã actualmente falecida. Apossei-me dum livro que lhe pertencia, sem que o soubesse. O livro era bonito e queria guardá-lo para mim; procurou-o e perguntou-me por ele; respondi-lhe que o não tinha visto. Aconteceu que me tiraram desse lugar. Foi Deus que assim o permitiu para meu bem, pois tinha ainda a intenção de me apoderar de qualquer coisa. Um dia durante a oração o remorso atormentou-me tão fortemente que senti grande arrependimento de ter cometido uma falta tão grande e mentido ao Espírito Santo, negando uma coisa que sabia ser verdade. Tomei logo a resolução de pedir perdão a Deus e de restituir o livro diante de vós e de toda a Companhia. É o que faço neste momento, pedindo de todo o meu coração que vos digneis pedir perdão a Deus por mim.

— Fá-lo-ei de bom grado, minha Filha. Meu Deus, sêde bendito, Vós que permitis que as nossas faltas nos dêem ocasião de praticar a virtude da santa humildade! Ditosas faltas, minhas Irmãs! Ah! Como somos felizes, quando as nossas faltas nos fazem voltar para Deus, pois cometestes uma grande falta, minha Filha; mas também Deus foi louvado por meio da humilhação que acabais de fazer. Peço a Nosso Senhor que Se digne conceder a todas esta graça.

Benedictio Dei Patris...

53 — CONFERÊNCIA DE 17 DE ABRIL, DE 1653

SOBRE O JUBILEU

Minhas queridas Irmãs, o assunto da conferência de hoje é o jubileu. Tem três pontos. O primeiro compreende as razões que temos para nos entregarmos a Deus, para bem ganhar o jubileu; o segundo explicará o que é um jubileu e o que quer dizer a palavra jubileu, pois muita gente fala do jubileu e não sabe o que é; o terceiro ponto trata do que é necessário fazer para bem o ganhar.

Minha Irmã, dissei-nos as razões porque nos devemos dar a Deus para lucrar bem o jubileu.

— Meu Pai, em primeiro lugar pareceu-me que Deus será honrado com isso, porque, quando fazemos como deve ser, qualquer obra boa, glorificamos a Deus. Uma outra razão, é que pode ser o último jubileu que lucramos.

Instrução LIII — Caderno escrito pela Irmã Maturina Guérin. (Arquivo das Filhas da Caridade).

— Está bem. A nossa Irmã apresenta duas razões. A primeira é que se honra a Deus com as nossas boas acções, quando são bem feitas. E, visto a obra do jubileu ser uma obra santa e importante para a nossa salvação, torna-se necessário entregar-nos a Deus para bem a fazer, conformè o que dizia um grande santo: «Dizei aos justos que façam bem o que fazem; quer descansem, quer orem, quer conversem, que o façam como deve ser.» A segunda razão é que talvez não tenhamos mais nenhum. Ah! Tem havido muitos jubileus e talvez nunca os tivesse lucrado.

Tanto umas como outras podem talvez dizer que não verão mais nenhum, porque as novas podem morrer breve e as idosas pouco mais poderão viver. É por isso que todas se devem dar a Deus para o fazer bem.

E vós, minha Irmã, tivestes conhecimento do assunto da conferência?

— Sim, meu Pai.

— Muito bem! Então que razões temos, minha Filha, de nos entregarmos a Deus para lucrarmos o jubileu?

— Meu Pai, temos de nos entregar a Deus, porque sem a Sua graça nada poderemos fazer.

E vós, minha Filha, que razões temos para nos darmos a Deus?

— Meu Pai, parece-me que precisamos de nos entregarmos a Deus, porque sem Ele nada saberíamos fazer.

— Deus vos abençoe, minha Filha!

E vós, Irmã Antonieta, sabeis o que é o jubileu?

— Meu Pai, creio que é Deus que nos abre os seus tesouros para nos conceder muitas graças.

— Muito bem! Minhas queridas Irmãs, vou ensinar-vos o que é o jubileu e peço-vos que me escuteis bem, para o ensinardes às que estão ausentes e principalmente aos pobres. Esta palavra *jubileu*, quer dizer *júbilo*. Realizava-se de cincoenta em cincoenta anos, antes da vinda do Senhor. Deus mandava que nesse ano se não lavrasse a terra; vivia-se do que se havia guardado no ano precedente. Ninguém trabalhava; nesse ano de jubileu toda a gente descansava.

Em segundo lugar, eram restituídos os bens àqueles que os tinham hipotecado; ficavam gozando deles e livres de todas as suas dívidas. Os escravos eram libertados. De maneira que nesse ano toda a gente participava das graças do jubileu. Naquele tempo, minhas Irmãs, vendiam-se os homens; mas actualmente não se vendem, pelo menos no cristianismo. Então os escravos que tinham sido vendidos eram libertados e deixavam de ficar sujeitos aos que os tinham cativos. Eis um grande motivo de alegria e júbilo para aquela classe de pessoas. Pensai que consolação seria

para toda aquela gente depois de tanta miséria! Aqui tendes o que o jubileu levava a esperar: o descanso, a recuperação dos bens e a libertação dos escravos.

Minhas queridas Irmãs, este jubileu era temporal e uma figura do nosso jubileu espiritual. Os que fazem o seu jubileu espiritual como deve ser recebem as mesmas graças espiritualmente; ficamos livres e entramos na posse dos bens que havíamos perdido hipotecando-nos ao demónio, ao mundo e à carne. Por exemplo: tínhamos hipotecado a fé, a esperança, a caridade, a justiça, a força e a temperança. Estas belas virtudes são o tesouro dos cristãos e outros tantos sois que brilham nas nossas almas e nos tornam agradáveis aos olhos de Deus. Ora, pelo pecado, tudo isto se perde, e por meio do jubileu tudo se resgata, sai-se do cativeiro do demónio e de si mesmo, para se entrar na liberdade dos filhos de Deus, fica-se gozando a paz da boa consciência e livres das penas do purgatório que pelos nossos pecados havíamos recebido.

O jubileu temporal visa os bens da terra, e o jubileu espiritual os bens da graça. Por meio deste entramos na posse de todas as virtudes infusas, a fé, a esperança e a caridade. Vêde pois, minhas queridas Irmãs, se não temos grande motivo de regozijo por se haverem transformado estas coisas temporais em espirituais!

Vejamos agora, minhas queridas Irmãs, o que é o jubileu propriamente falando. É uma remissão completa dos pecados e uma comutação das penas que se teriam de satisfazer no purgatório. Estávamos privados dos nossos bens e escravos do pecado; a graça restituiu-nos esses bens que o pecado nos havia tirado.

Dir-me-eis: «Mas, Senhor, a confissão não faz isso?»

Minhas queridas Irmãs, sabeis que no pecado há dois males: o mal da culpa e o mal da pena. A culpa, minhas Irmãs, é a injúria que fazemos a Deus voltando-Lhe às costas; torna-nos como indignos de ver jamais a Deus. A pena obriga-nos a sofrer no purgatório ou neste mundo. Pela culpa voltamos as costas a Deus; pela pena voltamos a face para as criaturas, para os parentes, para a nossa terra e para todas as outras afeições más.

Tendes um exemplo disto em Davide, que havia pecado contra Deus. O profeta Natan disse-lhe: «Cometestes tal pecado; sim, Davide, ofendestes muito a bondade divina! Quanto a vós estais perdoado, mas o filho que tendes não será aquilo que desejais, pois morrerá». Davide chorou ao ouvir esta notícia dada pelo profeta, pois amava ternamente o filho.

Vêde portanto, minhas Irmãs, Deus tinha perdoado o pecado de Davide, e todavia castiga-o com a pena devida a esse pecado. Vêdes, por consequência, como no pecado mortal há duas coisas:

uma que nos faz desviar o rosto de Deus, e a outra que no-lo faz voltar para as criaturas. Compreendeis bem isto, minhas Irmãs. Uma chama-se mal de pena e a outra mal de culpa.

A confissão apaga o mal da culpa, de maneira que, se antes da confissão tivésseis o rosto voltado para as criaturas, voltá-lo-íeis para Deus. Fica-vos perdoada a culpa, mas não a pena. A pena é remida no purgatório por meio do fogo. Por termos sentido prazer, entregando o nosso coração às criaturas, amando-as demasiado, esse prazer faz-nos ir para o purgatório, que é um fogo, diz Santo Agostinho, maior e mais devorador que se possa imaginar, e do qual o fogo elementar é apenas uma imagem. «Pecastes, diz S. Paulo (I Cor. 3,15), sereis purgados pelo fogo: haveis de arder por causa disso.»

Porque teria feito Santa Madalena uma tão grande penitência, depois da certeza que tinha de que Nosso Senhor lhe havia perdoado toda a sua culpa? Não deixou de fazer uma penitência grande, porque sabia que lhe restava a culpa devida aos seus pecados. Retirou-se para uma alta montanha ⁽¹⁾, tão perigosa e difícil, que é preciso muitos dias para a subir e descer; tão fria que eu mesmo que lá estive no mês de Agosto, me vi obrigado a cobrir-me, tal era o frio que fazia; e quando descemos até ao sopé da montanha, verificámos que estava um calor excessivo. Santa Madalena foi portanto para esta montanha chorar os seus pecados para evitar as penas do purgatório.

Vêdes por aqui, minhas Irmãs, como, depois da confissão, ainda nos fica a obrigação de fazer penitência neste mundo ou então no purgatório durante muito tempo. É por meio do jubileu que ficamos livres dessas penas, assim como pela confissão ficamos livres da culpa. Aqui tendes, minhas Irmãs, para que nos serve o jubileu: para uma inteira remissão das penas devidas aos pecados. Vou dar-vos uma comparação. Quando um homem, por qualquer motivo, mereceu a morte e recorreu ao rei a pedir-lhe a sua graça, este lhe restituiu a vida, porque ele é Senhor da nossa vida e pode poupá-la aos culpados. Este homem portanto gozará da graça do rei que lhe conservou a vida, não tem que apresentar as suas contas ao parlamento, o qual confirma essa mesma graça e diz que o criminoso gozará da graça do rei, isto é, terá a vida salva. Mas será todavia condenado ao exílio ou às galés durante quatro ou cinco anos, ou então ao pagamento duma certa soma de dinheiro à viúva, no caso em que tivesse havido assassinato,

(1) A duas horas aproximadamente de Nans, cantão do Var, nas montanhas de Sainte-Baume, a 921 metros de altitude, encontra-se a célebre gruta, onde, segundo a tradição provençal, Santa Maria Madalena teria passado os últimos trinta e três anos da sua vida.

porque a lei ordena que todo o que matar, morrerá. Tem de se pagar vida por vida. Em conclusão: o rei poupa-lhe a vida, mas tem de sofrer a pena para reparar o mal; a vida é-lhe poupada, mas a pena subsiste.

Do mesmo modo, pela confissão é-nos concedida a graça do príncipe, que é Deus; mas temos de sofrer a pena que o pecado traz consigo. Compreendeis isto bem, minhas Irmãs?

Temos de satisfazer portanto pelos nossos pecados; e como satisfazemos a Deus? Por meio do jubileu que é tirado dos tesouros da Igreja. E que tesouros são esses? São os méritos da vida e paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e dos Santos. A Santíssima Virgem nunca pecou e sofreu muito; para onde foram todos os méritos dos seus sofrimentos? Para os tesouros da Igreja. E o mesmo succedeu com todos os tormentos que os santos suportaram. Vêde S. Lourenço vosso protector ⁽¹⁾ (deveis ter-lhe grande devoção porque amava os pobres), com que coragem sofreu tão estranho tormento, que foi o de ser queimado vivo, assado na grelha, de modo que a gordura que corria do seu corpo servia para inflamar ainda mais o fogo. Suportava isto com grande prazer e coragem, dizendo aos tiranos: «Voltai-me do outro lado, deste já estou assado». S. Lourenço portanto sofreu muito, o que não era preciso por seus pecados, e esses méritos entraram no tesouro da Igreja.

Aqui tendes, minhas queridas Irmãs, de que são compostos esses tesouros. E quem os pode aplicar? É o Papa, Vigário de Jesus Cristo na terra. Os concílios gerais são também dispensadores do jubileu. Os bispos podem igualmente, no seu bispado, dispôr desses tesouros por meio de indulgências, mas de cem dias sòmente. O Papa e os concílios gerais podem conceder indulgência plenária e jubileu. Quem nos ensinou isto? A Sagrada Escritura, em que Nosso Senhor diz a S. Pedro: «Tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo o que desligares na terra será desligado no céu». (S. Mat. 16, 19) «Vêde, minhas Irmãs, o poder que Nosso Senhor deu aos Apóstolos e conjuntamente aos seus sucessores, com estas palavras: «Aqueles a quem perdoardes os pecados (por meio da confissão quanto à culpa e por meio do jubileu quanto à pena) ser-lhe-ão perdoados, e retidos a todos a quem os retiverdes (S. João 20, 23).

Minhas queridas Irmãs, repetir-vo-lo-ei ainda para que o possais fixar bem, a culpa é-nos perdoada pela penitência e a pena é-nos remida pelos méritos de Jesus Cristo, da Virgem e dos San-

(1) Era protector da paróquia na qual se encontrava a Casa Mãe das Irmãs.

tos, que nos são applicados por meio do jubileu; e aqueles a quem Deus dá o poder de nos aplicar esses méritos, são os Papas. Esses méritos portanto, minhas queridas Irmãs, satisfazem por nós à justiça divina; e como é preciso que saibais bem isto, vou interrogar-vos. Minha Irmã, que quer dizer a palavra jubileu?

— Meu Pai, o jubileu livra-nos das penas do purgatório depois duma boa confissão acompanhada do arrependimento de haver ofendido a Deus.

— Está bem, minha Filha.

E vós, minha Irmã, que quer dizer jubileu?

— Meu Pai, quer dizer alegria.

— E antigamente o jubileu era como agora, minha Filha?

— Meu Pai, o antigo jubileu era temporal e consistia em entrar de novo na posse dos seus bens; Nosso Senhor mudou essas graças temporais em graças espirituais.

— Dissestes muito bem. Deus vos abençõe, minha Irmã! Dissestes que o jubileu temporal foi mudado em espiritual. Vêde, o povo antigamente só contava com esse jubileu no fim de cinquenta anos; era para ele grande motivo de alegria porque entrava na posse dos seus bens; descansava durante esse ano, e os escravos eram libertos. Vêde se não temos também grande motivo para nos alegrarmos. Esse jubileu era a figura do nosso jubileu espiritual. Se estivermos sob a escravidão do espírito maligno, seremos libertados; se tivermos perdido os bens da graça, voltaremos a entrar na posse destes.

E vós, minha Irmã, dizei-nos, este jubileu temporal tornou-se espiritual e readquirem-se por meio dele os bens perdidos?

— Sim, meu Pai.

— Se nos tivéssemos entregado ao demónio e perdido por isso os nossos bens, que são a fé, a esperança e a caridade, voltaríamos a entrar na sua posse?

— Sim, meu Pai; e é-nos concedida a remissão dos nossos pecados, quanto à pena e quanto à culpa.

— Que se deve fazer para o ganhar?

— Meu Pai, devemos fazer o que manda o Papa.

— Muito bem dito: devemos fazer o que o Papa manda, que é confessar-se e comungar, visitar as igrejas e recitar as orações preceituadas. Se uma pessoa estiver já em estado de graça, pode fazer as estações antes de se confessar.

— Minha Irmã, quantos males há no pecado?

— Há dois, meu Pai, a culpa e a pena.

— O que é a culpa, minha Filha.

— Meu Pai, é o que nos faz voltar as costas a Deus; e a pena é o que nos prende às criaturas.

— E vós, minha Irmã, no pecado há dois males.

— Sim, meu Pai, há a culpa e a pena. Pela culpa voltamos as costas a Deus, e a pena faz-nos voltar o rosto para as criaturas. A culpa apaga-se por meio da confissão, e a pena por meio do jubileu e das indulgências.

— Minha Irmã, em que é fundado o jubileu?

— Nos tesouros da Igreja, meu Pai.

— Que quer dizer isso, tesouros da Igreja?

— São os méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e dos Santos.

— Dissestes muito bem; isso é que constitue os tesouros da Igreja. E quem pode dispensar esses tesouros?

— Só o Papa pode conceder o jubileu e a indulgência plenária; os bispos podem conceder uma indulgência só de cem dias.

— O que é então o jubileu?

— É uma aplicação dos méritos de Jesus Cristo, concedida pelo Papa para remissão da pena devida aos nossos pecados e que se tem de satisfazer neste mundo e no outro.

— E vós, minha Irmã, que sois ainda muito nova, vejamos o que sabeis. Quantos males há no pecado mortal?

— Há o mal da culpa e o mal da pena. A culpa é voltar as costas a Deus e a pena é o apego às criaturas.

— Como se apaga a culpa?

— Por meio da confissão, meu Pai; e a pena apaga-se por meio do jubileu.

— Dizei-me, minha Filha, donde se tira o jubileu?

— Dos tesouros da Igreja.

— Está bem. E quem os pode aplicar?

— O Papa e os concílios gerais.

— Sim, o Papa e os concílios gerais podem-nos conceder o jubileu e as indulgências plenárias. E que quer dizer jubileu, minha Irmã?

— Quer dizer júbilo.

— Minha Filha, aquele jubileu que antigamente era temporal, teria sido mudado em espiritual?

— Sim, meu Pai.

— Que opera em nós o jubileu, minha Filha?

— Apaga a pena do purgatório, meu Pai.

— Vêde portanto, minhas Irmãs, se não será um grande motivo de alegria ficar desobrigado das suas dívidas. Outrora não se trabalhava durante todo esse ano de júbilo, toda a gente descansava e gozava duma grande tranquilidade. Chamava-se a isso o grande sábado.

Ora bem, minha Irmã, uma pessoa depois de haver lucrado o

jubileu, entra de novo na posse dos bens que havia perdido pelo pecado?

— Sim, entra na posse das virtudes que havia perdido.

Minha boa Irmã, quando uma pessoa se confessa, são-lhe remidas a culpa e a pena?

— Não, meu Pai, apenas a culpa; a pena é perdoada pelo jubileu.

— Donde se tiram estas graças?

— Dos tesouros da Igreja.

— Que se entende por tesouros da Igreja?

— São os méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Quem os pode aplicar?

— É o nosso Santo Padre e Papa que, como Vigário de Jesus Cristo, oferece esses mesmos méritos a Deus Pai pelos pecados que tantos cristãos cometem todos os dias.

Ora bem, Deus vos abençõe! Estou muito satisfeito, minhas Irmãs. Julgo que seria bom conversardes ao regressar a casa, sobre tudo quanto acabámos de dizer. As que morais aqui, ensiná-lo-eis umas às outras, principalmente às que não estão presentes. Fixai bem, que a confissão apaga a culpa e que pelo jubileu é remida a pena. Resta agora dizer o que é preciso fazer para que o jubileu nos seja útil e nos isente do fogo do purgatório, o qual estamos obrigados a sofrer durante vinte ou trinta anos, ainda que nos tenhamos confessado bem. Ah! Minhas queridas Irmãs, que grande motivo de alegria teremos se o conseguirmos lucrar!

Mas que é necessário para isso? Vou mandar ler-vos a bula, e ficareis conhecendo a intenção do nosso Santo Padre o Papa e do Senhor Arcebispo.

O nosso muito Venerando Pai disse ao Irmão que o acompanhava: «Meu Irmão, peço-vos o favor de ler a bula».

Depois de feita a leitura, o Senhor Padre Vicente prosseguiu:

Temos portanto quatro coisas, minhas Irmãs: é preciso estar arrependido, confessar-se e comungar, visitar quatro igrejas e dizer em cada uma delas cinco vezes o *Pater* e cinco vezes a *Avé* em cada uma.

Uma Irmã perguntou:

Meu Pai, será preciso fazer uma confissão geral?

— Minha Filha, seria bom fazê-la; mas para vós não é necessário; aconselho-vos-la somente. Será bom que comeceis e acabeis pela comunhão, sem todavia acrescentar outras especiais às que a regra vos permite. Deveis ainda, minhas queridas Irmãs, pedir a Deus pelo nosso Santo Padre o Papa, pela paz, pela extirpação das heresias e exaltação da Santa Igreja, e para que Deus Se digne dar bons padres, boas religiosas e boas Filhas da Caridade,

isto é, que Se digne remediar a todas as necessidades presentes da Sua Igreja.

Aí tendes a bula do nosso Santo Padre o Papa, e temos aqui a ordem do Senhor Arcebispo.

Feita a leitura, o nosso muito Venerando Pai disse:

Eis, minhas queridas Irmãs, as regras ordenadas pela bula. Acabais de ouvir em que consistem e mesmo o que convém fazer, que é estar arrependido, ter grande pesar de ter ofendido a Deus, confessar-se e comungar, visitar as igrejas, dizendo em cada uma delas cinco *Pai Nossos* e cinco *Avè Marias*.

Quanto às estações, as que tem saúde fá-las-ão, e as que são idosas ou doentes, como a Irmã Joana de S. Martinho, poderão ser dispensadas pelo seu confessor, ao qual perguntarão o que deverão fazer em seu lugar.

Vós, minhas Irmãs, podereis fazê-las servindo os vossos pobres, aproveitando o mesmo caminho. Nosso Senhor assim o quer, visto o serviço que prestais aos pobres ser para Ele também.

Direis cinco *Pai Nossos* e cinco *Avè Marias* pelas itenções do nosso Santo Padre o Papa, que manda pedir a Deus pela extirpação das heresias, exaltação da Santa Igreja, pela paz, por todas as necessidades da hora presente e pelas que se não podem especificar. Devemos ir com muita devoção, minhas queridas Irmãs, a vista baixa, o espírito ocupado com bons pensamentos. O próprio rei faz as estações a pé. A rainha faz o que pode; diz: «Estou velha, não posso fazer todo o caminho a pé.» Enfim, minhas querida Irmãs, nunca vi tanta devoção como agora. Desejo, meu Deus, que seja eficaz e que Vos digneis conceder-nos a paz interior, como o espero da Vossa bondade.

Esquecia-me de dizer-vos, minhas queridas Irmãs, que o jubileu antigamente dava-se de cem em cem anos; depois, como se viu que se tinha de esperar muito tempo, passou a ser renovado todos os cincoenta anos, e depois passou a ser todos os trinta e três anos em honra dos trinta e três anos que Nosso Senhor passou na terra. Este tempo foi depois reduzido a vinte e cinco anos, porque os homens não vivem tanto como outrora. O jubileu nunca nos falta. Além disso, nas grandes necessidades recorre-se a Deus por este meio.

É preciso portanto fazê-lo com grande devoção, depois de se ter dado inteiramente a Deus, com todo o desejo possível de obter d'Ele aquilo de que necessitamos. É nesta ocasião que as Filhas da Caridade devem pedir as três belas virtudes que compõem o seu espírito: a caridade, a humildade e a simplicidade.

A caridade que deveis ter é a caridade para com Deus, para com o próximo e para com vós próprias. Deveis começar por vós,

amando-vos umas às outras ternamente. Uma pessoa que traz o hábito da Caridade diante do mundo e diante de Deus, se não tiver caridade, não será nada. A humildade consiste em tomar para si o pior e em se considerar sempre a última de todas. A simplicidade de que necessitais é a que vistes nas nossas boas Irmãs falecidas. Este espírito de verdadeira caridade obtê-lo-eis de Deus por meio do jubileu.

Senhora Le Gras, dizei-nos por favor, quais os vossos sentimentos a este respeito.

— Parece-me, meu Pai, que vossa caridade disse tudo quanto se poderia dizer sobre este assunto. O que apenas me resta para dizer é que, sendo as últimas a começar, devemos esforçar-nos por fazer bom uso deste meio de que Deus se serve para nos conceder as Suas graças. Uma outra razão de nos darmos inteiramente a Deus, para lucrar este jubileu, é que, ficando remida a pena de todos os nossos pecados em geral, pode a Sua divina bondade conceder-nos a graça de não mais cair nesses mesmos pecados por todo o resto da nossa vida. Parece-me que, para voltar a adquirir a graça, devo dirigir-me a Deus, pois nada há no mundo que me possa dar essa graça se a bondade divina o não fizer.

Quanto aos meios, parece-me que devemos ter um grande desejo de o ganhar, considerando a necessidade que dele temos. Um outro é a desconfiança de nós próprias. Quanto a mim, vejo-me na impotência de me tornar capaz dessa graça; só a bondade de Deus poderá suprir os meus defeitos.

— Ora muito bem, eu peço a Nosso Senhor que nos conceda a graça de O não ofendermos e de permanecermos depois firmes no Seu amor. Quanto a mim, de todos o mais miserável pecador, e que tenho, mais do que ninguém, necessidade dessa graça, não deixarei de pronunciar sobre vós as palavras de bênção, pedindo a Deus Se digue dar-vos ao mesmo tempo as disposições necessárias para lucrar o jubileu.

Benedictio Dei Patris...

54 — CONFERÊNCIA DE 3 DE JUNHO DE 1653

SOBRE A FIDELIDADE A DEUS

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta instrução é sobre a fidelidade que devemos a Deus por toda a nossa vida. Divide-se este assunto em três pontos: as razões que temos para sermos

Instrução LIV. — Caderno escrito pela Irmã Maturina Guérin. (Arquivo das Filhas da Caridade).

fiéis a Deus; o que é ser fiel a Deus por toda a vida; e os meios de adquirir e conservar sempre essa fidelidade a Deus. Sem esta fidelidade nada somos, senão uns pobres miseráveis, maus e ingratos para com Deus.

Trata portanto o primeiro ponto das razões que temos para sermos fiéis a Deus. A Irmã Genoveva (1) está aqui? Minha Irmã, que razões temos nós para sermos fiéis a Deus?

— Meu Pai, encontrei muitas, a primeira das quais é que Deus, que nos concedeu a graça de sermos cristãos e de nos chamar ao seu serviço e nele nos conservar, reservar-nos-ia grande castigo, se Lhe fôssemos infiéis. Uma outra razão é que, por meio desta fidelidade, honramos a Deus.

— Deus vos abençõe, minha Filha! Deus vos abençõe!

Irmã Joana, que razões temos para sermos fiéis a Deus?

— Meu Pai, parece-me que, sendo Deus tão bom para nós, temos o dever de Lhe sermos fiéis em reconhecimento da graça que nos fez, chamando-nos ao Seu serviço.

Poderemos testemunhar-Lhe esta fidelidade guardando exactamente as nossas regras.

— Ouvistes o que a nossa Irmã acabò de dizer, minhas Irmãs? Creio que seria uma boa prática começar desde hoje a falar mais alto. Estou a avisar-vos duma coisa a que falto frequentemente. Não é verdade que muitas vezes não ouvís bem aquilo que digo, minhas Irmãs?

Uma Irmã respondeu:

Perdão, meu Pai, ouvimos bem o que dizeis.

— Se tivermos satisfação em que as nossas Irmãs oiçam o que dizemos, falaremos alto; se tivermos caridade para com elas, sentiremos satisfação de que oiçam os nossos pensamentos; falando baixo, privá-las-emos dos bens que Deus nos concedeu.

Vós, minha Irmã, dizei-nos as razões que nos obrigam a sermos fiéis a Deus?

— Meu Pai, porque Deus é bom, é nosso Pai e está constantemente a fazer-nos bem, como um bom pai faz a um filho a quem ama ternamente. Por sua vez o filho é obrigado a amar um Pai que tão bom é para com ele, e seria muito desgraçado se o não fizesse.

— Deus vos abençõe, minha Filha! A nossa Irmã diz que se deve ser fiel a Deus, um Deus tão bom, e que constantemente nos está fazendo bem. Ah! Minhas Irmãs, com efeito seríamos muito desgraçados se Lhe não fôssemos fiéis.

Outra razão é ser Deus nosso Pai, mas duma maneira muito

(1) Provavelmente a Irmã Genoveva Polsson.

particular; sim, é duma maneira muito particular pai das Filhas da Caridade, de maneira que não devem desejar senão agradar-Lhe. Uma Filha da Caridade, é uma árvore por Deus plantada cujos frutos só a Ele pertencem. Oh! Como é belo, minhas Irmãs! Uma esposa emprega todo o seu cuidado para agradar a seu marido. Tudo o que faz é com este fim. Se trabalha para ganhar alguma coisa, a ele a entrega. Vós também, minhas Filhas, o que deveis ter em vista em tudo o que fizerdes, é agradar ao vosso Esposo. Vêde uma pobre menina que está servindo numa aldeia; o trabalho e dificuldades que tem para servir a seu patrão, não pretende outra recompensa senão o seu ganho; para isso procura conquistar a simpatia do seu amo ou ama. Uma Filha da Caridade não é assim; não deve desejar outra recompensa para todos os seus trabalhos, interiores ou exteriores, senão agradar unicamente a Deus, fim pelo qual sofre todas as dificuldades.

Muito bem, minha Filha, sentai-vos; Deus vos abençõe! Vós, minha Filha, levantai-vos; o que é a fidelidade?

— Meu Pai, é a perseverança.

— Dissestes bem, minha Filha. A nossa Irmã disse uma coisa muito acertada: ser fiel é perseverar no serviço de Deus até ao fim, pois sem a perseverança está tudo perdido. Podeis verificar isto numa pessoa que serve a Deus durante um ou dois anos; se não perseverar, para que lhe serve isso? Para nada; como para nada serviria a uma Filha da Caridade passar dez, quinze, vinte anos, se quizerdes, a servir a Deus, e depois deste tempo se aborrecesse e deixasse de perseverar. O que fez só serve para uma maior condenação. Não sou eu que o digo, é S. Jerónimo: — «Nós os cristãos, diz ele, pouco caso fazemos duma pessoa que se dá a Deus ao princípio, mas que não continua.» O motivo, é que se encontra muito quem tenha começado bem e acabe mal, como vêdes em Judas, que fez tanto bem no princípio do seu apostolado e tão desgraçado fim teve. Mereceu ser escolhido entre todos os apóstolos para ecónomo da família do Mestre, perseverou durante algum tempo, e crê-se que fez milagres; e depois de tudo isto, alguns dias antes de Nosso Senhor morrer, foi tão desgraçado que vendeu o seu bom Mestre por bom dinheiro. Como castigo da sua infidelidade, Deus permitiu que se enforcasse. No entanto, tinha começado bem. S. Paulo, pelo contrário, principiou mal, porque além de ser pròpriamente mau, ia, como um leão devorador, perseguir os servos de Deus, e tinha-lhes um ódio que, segundo consta nos *Actos dos Apóstolos*, pretendia exterminá-los todos, se lhe fosse possível. Julgava prestar um serviço a Deus, procedendo desta maneira. Contudo foi um grande servo de

Deus. Embora tivesse começado mal, acabou bem. Teve razão a nossa Irmã em dizer que é preciso perseverar, porque de contrário nada nos aproveitaria ter começado bem.

Minhas Irmãs, parece-me melhor não interrogar mais com receio de incomodar a Senhora Le Gras que se encontra doente. Dir-vos-ei os meus simples pensamentos sobre este assunto, depois, caso haja tempo, interrogarei outras.

Senhora Le Gras, quereis dizer-nos os vossos pensamentos ?

— Meu Pai, entre as várias razões que temos para sermos fiéis a Deus durante toda a nossa vida, a primeira é o exemplo que Se dignou dar-nos sob muitos aspectos. O mais importante é a promessa que fez ao homem, depois do pecado, de dar o Seu Filho para o resgatar. Não faltou a ela, embora, depois, a multiplicidade dos pecados dos homens pudesse ter provocado a sua cólera de modo a torná-lo indigno dessa misericórdia. Devemos portanto, em reconhecimento desta graça, sermos fiéis a Deus por toda a nossa vida.

A segunda razão é a promessa que Deus fez quando esteve no mundo, que daria uma grande recompensa àqueles que Lhe fossem fiéis no pouco.

A terceira razão é que, se não formos fiéis a Deus durante a vida, teremos por toda a eternidade o carácter da ingratição, o que devemos temer sinceramente, por ser a maior de todas as infidelidades a Deus, visto os homens serem dignos de censura, quando entre si manifestam este sentimento.

A quarta razão de sermos fiéis a Deus durante a nossa vida, é o amor que na Sua bondade constantemente nos manifesta pela Sua Providência.

Podemos ser fiéis a Deus em muitas circunstâncias. Em primeiro lugar é dar-mos conta das graças, que o Senhor nos concede quase a cada instante, apreciá-las, recebendo-as com a compreensão da Sua grandeza e o sentimento da nossa pequenez e indignidade. Em segundo lugar, considerar porque é que Deus nos concede essas graças. Não pode ser senão para manifestar a Sua glória e unir-nos a Ele, nosso único fim. Este motivo deve elevar o nosso coração acima de tudo o que é terreno e amá-Lo. A perfeita fidelidade a Deus consiste em fazer bom uso das graças que Se digna conceder-nos, amar a Sua Santíssima Vontade, embora a nossa sinta muitas vezes repugnância perante aquilo que tem de executar.

Quanto aos meios de adquirir a fidelidade que devemos a Deus, pensei que devia considerar com frequência a necessidade que dela tenho e na minha impotência em adquiri-la; pedi-las muitas vezes a Deus e pedir ao meu Anjo da Guarda, que me

ajude a conhecer todas as ocasiões que Deus me dará de Lhe ser fiel, tanto as grandes como as pequenas, apreciando-as igualmente, pois todas se relacionam com o desejo que Deus tem de me salvar para O glorificar.

Outro meio é aproveitar tudo o que Deus me apresentar, agradável ou desagradável, lembrando-me que os bons financeiros do século nada descuram do que possa aumentar as suas riquezas temporais, e que o cristão deve ter a mesma solicitude em aproveitar todas as ocasiões que Lhe proporcionam um aumento de graças, de amor de Deus para a eternidade. Estes pensamentos confundiram-me por ter em toda a minha vida resistido à prática destes grandes deveres e contribuído, com o meu mau exemplo, que outras assim tenham procedido algumas vezes.

— Muito bem, Deus vos abençõe, Senhora Le Gras! Aqui temos o que contém o bilhete duma Irmã que escreveu os seus pensamentos:

Meu Pai, a primeira razão que encontrei é ser a infidelidade um grande pecado contra Deus. A segunda é que pela nossa infidelidade nos tornamos indignas das outras graças que Deus quereria conceder-nos, após o abuso das primeiras. A terceira é que a fidelidade corôa a obra das nossas acções, bem como a perseverança.

A fidelidade consiste no exacto cumprimento do que se prometeu a Deus e em realizarmos tudo quanto Ele exige de nós na nossa vocação, particularmente no desempenho do nosso emprego.

Os meios de adquirir esta fidelidade são: ter em grande estima as graças de Deus, agradecer-Lhas com frequência, pedir-Lhe instantemente todos os dias a graça de Lhe ser fiel até à morte, considerar importante sê-lo nas mais pequenas coisas para nos dispormos a sermos fiéis nas maiores. Foi o que pedi a Deus, reconhecendo quanto necessito.

Meu Pai, disse outra Irmã, a primeira razão que nos obriga a sermos fiéis a Deus, é a Sua grande bondade para connosco. A segunda é o nosso próprio interesse, pois, se pretendermos participar dos méritos de Jesus Cristo, precisamos infallivelmente de ser fiéis a Deus até à morte.

Ser fiel a Deus, é manter as promessas que Lhe fizemos. A Sua bondade incita-nos docemente a essa fidelidade, tanto na prática das nossas Regras como nas ocasiões que se apresentem, apesar da aridez que tantas vezes sentimos no Seu serviço!

Pareceu-me que o meio de adquirir e conservar sempre a fidelidade que devemos a Deus é esperá-la unicamente d'Ele e pedir-Lha com frequência. O segundo meio é não procurar a própria

satisfação no que a divina Providência ordena, porque, se faltassem as consolações, perderíamos também a coragem e a fidelidade.

— Deus vos abençõe, minhas queridas Irmãs! Acrescentarei a todos estes pensamentos os que Deus me deu, apesar do meu pouco valor.

A primeira razão que tendes de vos dar a Deus, mas como deve ser, para Lhe serdes fiéis, é o facto de vós próprias vos terdes oferecido a Ele na Companhia, para nela viver e morrer; quando nela entrastes, assim o prometestes e até algumas de vós, solememente!

A segunda razão é que as pessoas fiéis nas coisas pequenas recebem de Deus a recompensa devida à sua fidelidade. Não falo das acções grandes e heróicas; não, minhas Irmãs, não me refiro a essas; não digo que sejamos fiéis nessas circunstâncias, mas refiro-me à observância fiel das mais pequenas coisas que existem nas regras. A essas pessoas Nosso Senhor faz grandes promessas. «Aqueles que forem fiéis no pouco, constitui-los-ei no muito.» (S. Lucas 16,10) «Fostes fiéis nas pequenas coisas, estabelecer-vos-ei nas grandes.» (S. Mateus 25,23) Que felicidade, minhas Filhas, para uma Filha da Caridade que venha a ouvir estas palavras! Ó Senhor, que fareis Vós a uma Irmã que não deixa passar o menor donto da regra e nada quer omitir de tudo quanto lhe é prescrito? Ouvi o que diz a essas pessoas: «Fostes exactas no pouco, dar-vos-ei a recompensa de muito.» Ser fiel no pouco, é portanto dizer tudo, minhas queridas Irmãs. Que promete Nosso Senhor desde este mundo às pessoas que assim procedem? Oh! Diz Ele, não permanecereis aí. Não, minhas Irmãs, não as deixa assim, mas eleva-as mais alto, fá-las ir de virtude em virtude. Se tivésseis seis graus de mérito, Ele vos daria muito mais. O quê! Aumentais assim tão abundantemente as vossas graças por um pouco de fidelidade no vosso serviço, meu Deus! É o Espírito Santo que o diz na Sagrada Escritura, que não deixará assim essas pessoas, mas que as fará subir mais alto, isto é, far-lhes-á adquirir uma maior perfeição. Jesus! Eis, minhas Irmãs, o que nos deve levar a, uma rigorosa fidelidade em todos os nossos exercícios. Temos uma Irmã que é fiel em se levantar ao toque do sino para ir para a capela; e chega apenas um pouco antes das outras, mas Deus encontra esta simples acção agradável. Por que? Porque foi fiel numa coisa pequena. É insignificante, dir-me-eis. Não importa; foi fiel no pouco. Como isto é de grande consolação para vós, minhas Irmãs!

As nossas bem-aventuradas Irmãs que morreram estão agora a gozar a recompensa da sua fidelidade. Quando oiço ler entre vós a vida dos santos, digo para comigo: aqui está o que fizeram

as nossas Irmãs. Creio que, se fizeram tanto bem, foi pela grande fidelidade que tiveram para com Deus nas acções insignificantes.

Depois de todas estas razões, a última que tenho para vos dizer, embora tenha muitas mais, é que a coroa da glória do céu está prometida a todos os que forem fiéis a Deus. Sim, minhas Irmãs; está prometida ao Senhor Padre Portail, à Senhora Le Gras, a mim e a todos os que forem fiéis. Que consolação para todos, minhas Filhas. Se entre vós houvesse alguma que voltasse as costas a Deus e Lhe fosse infiel, não receberia tal recompensa. Receai perder esse tesouro e procurai ser fiéis a Deus em todas as acções sem exceptuar alguma, seja pequena ou grande.

Mas, Senhor, dir-me-eis, perseverarei durante dez anos no serviço de Deus: trabalho há tanto tempo para Ele; será preciso que trabalhe até ao fim para receber a recompensa? — Sim, minhas Irmãs, é preciso perseverar, ou perdereis tudo por vossa culpa. Se à hora da vossa morte fordes encontradas com um só pecado mortal, tudo estará perdido, as boas obras que praticastes servindo os doentes, as virtudes que durante a vossa vida praticastes, tudo isto ficará perdido para Vós, minhas queridas Irmãs.

Dizei-me por favor: se uma esposa, que durante muitos anos foi fiel ao seu marido, viesse a fraquejar e faltasse ao respeito devido à sua honra, alguém diria que era fiel? De modo nenhum. Como a trataria seu marido? Repudiá-la-ia como infiel.

Vós, minhas queridas Irmãs, tendes a felicidade de serdes as esposas de Nosso Senhor; se vos acontecesse a desgraça de faltardes à vossa palavra, não digo no que respeita ao vosso corpo. Oh! Não, não me refiro a isso, mas, no que depende da vossa vontade, que diria o Senhor às suas servas, Ele tão bom que quer ser amado por elas como um esposo? «Sou um Deus cioso,» diz pelo Seu profeta. Sim, minhas Filhas, Deus é cioso do amor das criaturas que criou para o amarem. «Sou um Deus cioso, diz Ele, e castigo até à quarta geração todos os que Me ofendem, recusando-Me o amor que Me devem; pelo contrário abençoô até à centésima geração aqueles que Me são fiéis» (Exodo 20,4).

Uma Irmã que não pensa na fidelidade que deve a Deus começa por negligenciar agora uma coisa e logo outra, depois vai mais adiante; outra vez pensa que não é importante, e enfim pouco a pouco cai na negligência.

Mas, Senhor, dir-me-eis, se me acontecer no fim de cinco ou seis anos, vir a cometer qualquer falta, serei infiel, já não terei mais amor pela minha vocação nem fervor nos meus exercícios, nada me comove, não me emendo das minhas faltas e recairei sempre nas mesmas; se assim suceder ver-me-ei perdida, porque já não sou fiel. — Não, minhas queridas Irmãs: enquanto uma

Irmã tiver vontade de se corrigir e com esse fim trabalhar tanto quanto lhe for possível, não será infiel, embora sucumba algumas vezes. Refiro-me apenas às que caiem por fraqueza; porque aquelas que caem por malícia ou por vontade, é outra coisa.

Mas, dir-me-á essa Irmã, guardei durante tanto tempo as minhas regras, tinha tanto amor aos menores exercícios, e agora tudo passou. — Será fiel esta Irmã? Sim, minhas Irmãs; se se levantar assim que cair, é fiel, apesar das quedas.

Senhor, dir-me-ão, confesso-vos que durante um ano ou seis meses talvez, eu voava, tão fervorosa era, ia servir os pobres com satisfação, dizia-lhes muito boas coisas, sentia grande consolação em escutar as leituras espirituais, em falar de Deus, tudo me parecia fácil. Mas o tempo tornou-se diferente, porque agora tudo me falta; já não tenho fervor, faço tudo por descargo de consciência; as leituras e as conferências não me comovem; se vou servir os pobres, é simplesmente porque tenho de ir; se me mandam qualquer coisa, faço-a unicamente por obediência; se é preciso comungar, comungo porque está nas regras, mas não sinto consolação alguma. Dei bom exemplo durante muito tempo; mas há um ano que faço tudo com desleixo e custa-me tanto a obediência e outros exercícios, que é uma lástima ver tal coisa. Quando me mandam fazer qualquer trabalho preferia ir passear. Por consequência sou uma infiel. Já não é de bom grado que sirvo a Deus na minha vocação. É preferível ir-me embora do que andar assim a enganar a Deus e ao mundo.

Aqui tendes o que sugere a tentação. Oh! Não, minhas queridas Irmãs, não sois infiéis por isso. Sabei que Nosso Senhor quer levar-nos por esse caminho, depois de nos haver fortalecido no Seu serviço. Ordinariamente, de princípio Deus dá às almas que chama, grandes consolações e, depois permite que sejamos privados delas e que caiamos por vezes num desânimo tal, que tudo quanto nos dizem ou fazem nos desgosta; não sentimos satisfação em nada; nem na oração, nem na Comunhão, nem em nada deste mundo, nem sequer na conversação. Portanto, Deus dá grandes consolações no princípio, mas depois é exactamente o contrário. Notai bem isto, minhas Irmãs. Uma Irmã que vive na aridez; não sente gosto em nada; tudo lhe desagrada. Será inferior a obra, porque a fazeis sem consolações. ou com repugnância? Oh! Não, minhas Irmãs, pelo contrário, é ainda melhor porque a fazeis somente por Deus. No princípio deu-vos leite, como se faz às crianças, pois lemos em S. Paulo: «Dei-vos leite, mas agora dar-vos-ei alimento sólido. (I Cor. 3,2). O Senhor vo-lo deu outrora, minhas queridas Irmãs, enquanto éreis crianças, isto é, fracas no Seu amor; porque às crianças dá-se leite ou qualquer

outro alimento em conformidade com a fraquesa da sua idade ; mas, depois que são adultas, dá-se-lhes pão duro. S. Paulo no principio da sua conversão teve grandes consolações, mas depois sentiu horribéis tentações. E por isso abandonou tudo, ou deixou os seus empregos? Oh! Não. Tinha menos fidelidade por causa destas tentações? Oh! Não. Ora, minhas Irmãs, ainda que estejais sempre na insensibilidade e na tentação, contanto que não deixeis de fazer aquilo a que estais obrigadas, ficai sabendo que sois fiéis ; sim, ainda que o façais naturalmente, como um animal, se quiserdes, embora tudo repugne à natureza e que frequentemente caiais em falta, logo que o façais e vos levanteis das quedas, sereis fiéis.

E Nosso Senhor, quando estava na cruz, em que desalento não estava? A Sua natureza não angustiava pela repugnância que sentia perante a morte? Embora soubesse que era para salvação dos homens e glória de Deus Seu Pai, sentiu-se quebrado de dor e cheio de sofrimento interior, até exclamar : «Meu Pai. Meu Pai, porque me adandonaste?» (S. Mat. 27,46). Pois bem ! Não compreendeis vós, por este exemplo, que essa disposição de pesar não impede que se seja agradável a Deus, visto Nosso Senhor não ter deixado de ser fiel a Deus Seu Pai? Não realizou Ele, nesses penosos momentos, a obra admirável da redenção dos homens?

Consolai-vos portanto, minhas queridas Irmãs, quando tiverdes penas ; no que, como Filhas da Caridade, imitareis a Nosso Senhor, vosso Esposo, que tanto sofreu. Não julgueis que, por terdes tentações, sois infiéis. Tranquilizai-vos ainda, se cairdes muitas vezes. Se vos humilhades das vossas quedas, não sereis infiéis. Contanto que procureis corrigir-vos, que persevereis e não deixeis a vossa vocação, não tereis nada a receiar. Mas uma Irmã que deixa a sua vocação, que despreza as suas regras e que quer satisfazer os seus desejos, entregando-se completamente às suas satisfações, oh ! Essa é infiel. Mas a que, apesar de todas as dificuldades que sente, procura fazer o que pode, é fiel. Ainda que vos pareça, minhas Irmãs, que não sois boas Filhas da Caridade, que nada fazeis de aproveitável, não desanimeis, mesmo que chegueis a pensar que faríeis mais noutro lado, pois vos pode acontecer que, durante essas dificuldades e tentações, sintais o desejo de ir para outra casa ; o que constitue um engano do demónio e uma tentação bem clara.

Um dia fui ver um grande senhor que se tinha dado a Deus no sacerdócio. Encontrei-o a recitar o seu officio e perguntei-lhe : «Então, Senhor, começais a saborear a felicidade que há em servir a Deus?» Respondeu-me : «Asseguro-vos, Senhor, que não sinto consolação alguma. Rezo o officio diàriamente, oro e faço todos os dias os meus exercícios sem qualquer satisfação. Mas não

quereria que fosse doutra maneira se Deus o não quisesse. Não importa ir a Deus seca ou amorosamente contanto que vá fielmente.»

Vêde minhas Irmãs, lembrai-vos bem deste exemplo, pois é belo e dum grande senhor que ainda vive. Por isto, vêdes, minhas queridas Filhas, como Deus trata os seus servos de modos diferentes. Ao princípio dá-lhes grandes consolações, pelo menos a alguns; mas depois permite, para seu maior bem, que sejam assaltados por grandes tentações. A outros fá-los andar sobre espinhos.

Sereis portanto fiéis, minhas Filhas, enquanto tiverdes vontade e coragem de vos levantardes das vossas quedas.

Tais são as razões que tendes para serdes fiéis a Deus, e eis a resposta às objecções que a natureza possa fazer. Pois bem, demo-nos a Deus como deve ser, para Lhe sermos fiéis toda a nossa vida.

Minhas Irmãs, passemos ao segundo ponto da nossa instrução, que nos diz em que consiste esta fidelidade. Conhecê-la-eis pela comparação dum senhor que tem um servo. O primeiro diz ao segundo: «Ide fazer tal coisa, mas fazei-a desta maneira». O servo não só faz o que lhe é ordenado, mas também da maneira como lhe foi indicado, embora não seja visto por ele e não saiba se será recompensado ou não. Pode-se chamar fiel a este servo. Se porém, faz o que o amo lhe ordenou, mas não da maneira como lhe foi indicado, fa-lo-á segundo a sua vontade e fantasia; não será fiel. Se recebe qualquer correcção do patrão, e não achar bem, se se revoltar e deixar o seu amo, então é um servo mau e infiel; não será para admirar que o amo lhe não dê recompensa alguma, visto que deixou o serviço.

Por esta comparação podereis ver bem que quem não persevera até ao fim não recebe a recompensa. Minhas Irmãs! Tendes a felicidade de serdes as servas de Deus; deixastes a vossa família, os vossos bens, e tudo isto por Ele, para poderdes ser boas servas de Deus; pois se há servas de Deus na Igreja, sois vós. Chamou-vos o Senhor a um estado de vida, no qual vos ordenou determinadas coisas e quer que as façais da maneira como vo-las prescreveu. Vós as fazeis no meio da doçura das consolações; mas chega a tentação e deixais tudo. Oh! Que infidelidade! Pois bem, aquelas que fazem o que está contido nas vossas regras, e não se contentam em fazer o que lhe é ordenado, mas como Deus o quer, isto é, no espírito em que o devem fazer, essas são fiéis, não duvideis. Mas há porém outras que deixam tudo quando chega a tentação e pensam que fariam melhor noutras partes. Se acontecer a alguma ter pensamentos de religião ou casamento e

se detenha neles, por uma vez ainda passa; mas se se succedem e ela se entretém com eles como no principio, então receai muito por ela, minhas Filhas. Irá contar as suas penas à outrem; a quem? Não à sua Superiora e ainda menos ao Director, mas àquella que sente descontente e com o seu espirito; será a ella que confia os seus sentimentos e procurará para se queixar, se tiver recebido algum desgosto da parte da Superiora ou das Irmãs. Essa, que já tem o espirito mal formado, dirá: «O que! Minha Irmã, será possível que vos tratem dessa maneira! Como se nota que sofreis tudo isso! Vale mais sairmos do que estarmos sempre constringidas desta maneira. Noutra parte salvar-nos-famos e aqui condenamo-nos.» Eis tudo quanto lhe dirá a sua confidente! Não receeis que ella vá contar as suas penas à Superiora, ou a outra Irmã que ella sabe ser mais virtuosa; oh! Ella não terá esse cuidado. Jamais vereis uma Irmã, desanimada na vocação, dirigir-se a uma companheira constante e firme; não se entenderiam uma com a outra.

Uma Irmã que sofre todas as suas penas sem se queixar nem as comunicar, a não ser que seja à Superiora, e que faça tudo quanto é do seu dever, ainda que não sinta gosto no que faz, ou que o demónio a tente, essa é fiel. Aqui tendes em que consiste a fidelidade: fazer o que Deus manda e da maneira que Elle manda; não communicando as suas penas nem às Irmãs nem aos externos; porque não deveis fazê-lo. Enquanto observardes as regras da casa, ficai certas que sois fiéis.

As que fazem tudo dum modo diferente do que está prescrito nas regras e do que a Superiora manda, essas não são fiéis; estão na Companhia apenas de corpo, e não de espirito. Não basta fazer o bem; é preciso fazê-lo como é ordenado. Oh! Como serão felizes, as que perseverarem até ao fim nesta fidelidade!

As pobres Irmãs que estão na Polónia têm grande necessidade dessa fidelidade e de pensarem que foi Deus que as chamou. Ali estão num país estrangeiro por determinação da Providência. Qual é o Seu desígnio, senão que sejam apóstolas da Polónia. Que graças tem Deus concedido a essas Irmãs que destinou ao serviço dos pobres dum reino inteiro? Ides ver. Deu a uma delas a força de resistir a uma tentação que a assaltou e isto por ter sido fiel. Quiseram conservá-la junto da rainha que a queria num serviço que não a afastava do serviço dos pobres, mas que a punha mais em contacto com Sua Majestade do que ordinariamente costumam estar. Deus quis, nesta circumstância, dar a uma Filha da Caridade a graça de recusar à rainha o que ella queria. E sabeis como? Pelas lágrimas, minhas irmãs, pelas lágrimas. Quando a rainha a viu chorar, disse-lhe: O que, minha Irmã! Não quereis

servir-me!» — «Perdoai-me, Senhora, mas nós demo-nos aos pobres», testemunhando com estas poucas palavras nada amar tanto como a pobreza duma Filha da Caridade ; por isso mostrou conhecer bem a excelência do serviço dos pobres. Ó minhas Irmãs, que grande graça concedeu Deus a todas de presenciarem este exemplo, e quantos não haverá diàriamente! Conheço muitos mais ainda que vós nem poderíeis acreditar! Ora bem, Deus seja bendito!

Passemos ao terceiro ponto, que trata dos meios de adquirir e conservar sempre a fidelidade que devemos a Deus. É preciso em primeiro lugar, como disse a Senhora Le Gras, pedir com frequência a Deus essa graça e ser-Lhe grata pelos seus benefícos. Já falando desta fidelidade diz que devemos ser gratos a Deus por nos ter feito criaturas racionais. Não só por isto, mas por nos conservar constantemente nesse ser que nos deu. Podereis dizer, minhas Irmãs: «Foi Deus que me criou e que a todo o momento me conserva. Poderia ter feito de mim um animal, um imbecil, ou qualquer outra monstruosidade, e no entanto fez de mim o que sou, capaz de merecer possui-Lo um dia no paraíso, o que espero com o auxílio da Sua graça. Foi para isso que, quando eu menos o esperava, me veio procurar e me atraíu a Si para ser Sua esposa e servi-Lo na Companhia das Filhas da Caridade.

Ainda mais: Deus morreu por nós, e pela Sua morte deu-nos o Seu sangue que derramou por nosso amor, e a Sua glória que nos prometeu na eternidade. Ah! Minhas Irmãs, ainda que não houvesse outra razão senão esta: «Deus morreu por nós», bastaria isto, para Lhe sermos fiéis. Mas há muito mais. Deus vai-nos preparando recompensas todos os dias; sim, queridas Irmãs, esperemo-las.

O segundo meio, é fazer o contrário daquelas que se estragam umas às outras com as suas conversas e que têm a cobardia de seguir as suas tentações. O que faz uma Irmã que não quer perseverar? Já vos disse alguma coisa a este respeito. Logo que chega a tentação, dá-lhe ouvidos e pensa: «Estaria talvez melhor em tal comunidade ou condição; teria mais paz de espírito. Começa a alimentar estes pensamentos e depois se sabe que alguma Irmã está descontente com idênticas disposições, procura-a para lhe contar o motivo do seu descontentamento. A outra responder-lhe-á: Tendes razão, minha Irmã. Fazerem-vos tal coisa! Oh! Não é possível ficarmos assim toda a vida; faríamos melhor se nos fôssemos embora para qualquer religião ou se nos casássemos, onde talvez nos salvássemos mais facilmente do que aqui, com o espírito sempre inquieto. O casamento é uma coisa santa; a Santíssima Virgem esteve muito bem, assim, ca-

sada ; que mal faríamos nós ?» Se a ideia do casamento a horro-
 rizar e a da religião voltar a importuná-la, irá procurar algum
 religioso que conheça e dir-lhe-á : «Meu Pai, sou Filha da Cari-
 dade ; há muito tempo que tenho tal ou tal desgosto, maltratam-
 me constantemente ; não posso aguentar mais ; venho pedir-vos
 que me aconselheis se não me poderei retirar para entrar em
 qualquer religião.» Este padre, que vos não conhece, nem sabe
 qual é a vossa vocação e o bem que fazeis, servindo na Compa-
 nhia os membros de Jesus Cristo, perguntar-vos-á : «Fizestes voto
 perpétuo ?» Como lhe respondeis que não, ele acrescentará : «Ide,
 minha Filha, ide, vós podereis fazê-lo porque não fizestes Voto
 que o impeça. Visto que sofreis há tanto tempo e que essa mágoa
 não passa, saí da Companhia.» Aqui tendes o conselho que ele vos
 dará ; como quereríeis que fosse outro ? Não conhece da Compa-
 nhia senão o que lhe transmitis, que é falso ; portanto não sa-
 beria falar-vos senão em conformidade com o espírito do seu
 instituto ; e espírito esse que não é para vós, embora seja óptimo
 para aqueles que Deus aí chamou.

Lembraí-vos portanto, minhas queridas Irmãs, do que vos
 tenho dito tantas vezes : não deveis pedir aos vossos confessores
 qualquer conselho para a vossa direcção. Confessai os vossos pec-
 dados, mas não façais a direcção. Qualquer burguês ao confessar-
 se contenta-se em dizer os seus pecados ao padre e nada mais.
 Julgais que pede conselho no que respeita aos seus negócios. Oh !
 não, não o faz. Se tiver necessidade de conselhos, pede-os às
 pessoas que entendem do negócio e não ao confessor.

Que haveis de fazer então, minhas Irmãs, quando tiverdes
 tentações ? Oh ! Deveis recorrer logo aos Superiores ! A eles Deus
 deu o dom do conselho de que precisais. Dizei os vossos pecados
 ao confessor, mas as vossas tentações descobri-as à Senhora Le
 Gras, ao Senhor Padre Portail ou a mim ; e fazei conhecer as
 coisas tal como são ; não vos desculpeis. Vêdes como se faz para
 curar as doenças do corpo : nada se esconde ; o doente para poder
 receber alívios, diz tudo ao médico ; não se contenta com dizer
 que se encontra doente, mas explica : «Senhor, doi-me aqui ou ali,
 e isto faz-me mal.»

Procedei assim nas vossas doenças espirituais e recebereis o
 remédio. Ouvi o que vos aconselharem como se viesse da parte
 de Deus ; se a tentação voltar, revelai-a de novo ao Director ou
 à Directora. Deus talvez permita que vos dêem algum conselho
 para tranquilizar o vosso espírito ou então, se Deus vos deixar
 na tentação, é sem dúvida porque vos quer nesse estado para
 vosso maior bem. Consolai-vos, minhas queridas Irmãs ; espero

que enquanto assim procederdes sereis fiéis a Deus e vos tornareis agradáveis a Nosso Senhor.

Assim como para receber as influências do cérebro, é necessário que os membros estejam unidos ao corpo, do mesmo modo, minhas queridas Irmãs, participareis dos bens que Deus cede a todo o corpo, enquanto permanecerdes unidas aos vossos Superiores. Mas, se fordes a outro lado buscar a direcção que precisardes, tornar-vos-eis indignas desse bem. Se eu tivesse um braço cortado, ele jamais participaria das influências do corpo. Assim também uma Irmã separada do corpo não participará mais do que ele faz. Minhas queridas Irmãs, enquanto vos conservardes unidas a uma cabeça que vos pode dirigir, sereis fiéis à vossa vocação; pelo contrário, se vos dirigirdes a qualquer religioso, já não tereis a vida do vosso espírito. Consolai-vos pois, minhas queridas Irmãs, e sede sempre fiéis em seguir os vossos chefes, que são os vossos Superiores, e tende a certeza de que alcançareis o prémio. É o que desejo a todas vós.

E enquanto me disponho para dar-vos a bênção e pedir a Deus que Se digne conceder-nos, a vós e a mim, miserável pecador, a graça de Lhe sermos sempre fiéis, recordai todos os actos que fizestes enquanto falávamos. Agradeço a Deus ter-vos chamado à vida de Filhas da Caridade; agradeço-Lhe pela Senhora Le Gras, pelo Senhor Padre Portail e por mim, ter-Se dignado chamar-nos para vos servir. Enquanto eu pronunciar as palavras de bênção, humilhai-vos diante de Deus e pedi-Lhe a graça de cumprirmos tudo quanto acabamos de dizer.

Benedictio Dei Patris...

55 — CONFERÊNCIA DE 27 DE JULHO DE 1653

SOBRE A PRÁTICA DE PEDIR LICENÇA

Minhas queridas Irmãs, o assunto da presente conferência divide-se em três pontos. O primeiro trata das vantagens que há em não fazer nada sem licença dos Superiores; o segundo, dos grandes males que sucedem às Filhas da Caridade quando deixam de pedir licença; o terceiro, das faltas principais que se podem cometer contra esta prática, fazendo as coisas sem licença; o quarto, dos meios que se devem tomar para entrar bem neste espírito ou de nele se conservar, se já se adquiriu.

Minhas queridas Irmãs, é este um dos assuntos mais impor-

tantes que têm sido tratados diante de vós. Que o Salvador das nossas almas vos conceda a graça de entrar nesta prática e de viver em conformidade com o que ides ouvir!

Dizei-me, minha Filha, que vantagens há para uma Filha da Caridade e para toda a Companhia de nada fazer sem licença dos seus Superiores?

-- Meu Pai, não tenho grande inteligência para compreender isso; mas parece-me que uma Irmã que fôr obediente pode estar certa de perseverar na sua vocação. E como o Filho de Deus foi obediente toda a sua vida até à morte, devemos considerar uma grande honra poder imitá-Lo nisso. E depois, sem obediência, não há senão desordem e inquietação.

— Minha Filha, há diferença entre a obediência e o assunto que propusemos; trata-se de não fazer nada sem pedir licença. Tendes de pedir licença. A obediência pressupõe uma ordem; consiste em fazer o que é mandado; começa por aquele que manda; mas a prática de que falamos hoje começa por aquele que pede. Dissestes muito bem, minha Irmã, que uma Irmã obediente perseverará na sua vocação, porque não é de crer que uma Filha da Caridade possa perseverar sem a obediência. Aqui trata-se de dizer as razões pelas quais uma Filha da Caridade deve pedir continuamente as suas licenças aos Superiores.

Vós, minha Irmã, que dizeis a este respeito?

-- Meu Pai, a obediência dar-nos-á uma grande tranquilidade, porque, quando se pediu licença para fazer uma coisa, sabe-se que é da vontade de Deus que a façamos.

— Deus vos abençõe, minha Filha! Vêde, minhas Irmãs, fixai bem isto. A nossa Irmã diz que é fazer a vontade de Deus não fazer nunca coisa alguma sem a obediência, e acrescenta que esta prática nos traz sempre contentes.

Ninguém no mundo se sente tão contente como aquele que vive sob a obediência; e só encontro com remorsos de consciência as pessoas que faltam à obediência. Temos portanto duas coisas que nos traz a submissão: uma grande tranquilidade de espírito e a graça de fazer a vontade de Deus. Ora vêde, minhas queridas Irmãs, fazer a vontade de Deus é começar o paraíso já neste mundo. Dai-me uma pessoa, dai-me uma Irmã que faça a vontade de Deus durante toda a sua vida; começa já a fazer na terra o que os bem-aventurados fazem no céu; começa o paraíso já neste mundo, pois não tem outra vontade senão a de Deus; e isto é participar da felicidade dos bem-aventurados.

Minha Irmã, que vantagens vos vem da obediência?

— Meu Pai, não saberia dizer outra coisa além do que as

nossas Irmãs já disseram ; além disso pareceu-me que é uma coisa que dá grande consolação aos Superiores.

— Muito bem ! Parece-vos portanto, minha Filha, que seja uma grande satisfação para os Superiores ver que os seus inferiores lhe são submissos ?

— Sim, meu Pai, acho que tanto os Superiores como os inferiores sentem nisso grande consolação.

— Tendes o desejo de viver assim, minha Filha, e parece-vos que seria um grande bem ver toda a Companhia nessa prática, na qual creio que vive, pela graça de Deus ?

— Sim, meu Pai, isso dá uma grande consolação.

— Oh ! Sim, minhas Irmãs. Uma das maiores consolações é saber que a Companhia não faz nada sem licença, e é essa a recompensa que Deus dá, se a dá neste mundo aos Superiores. Tive algumas vezes esta recompensa. Não deveria estar a falar de mim, pobre pecador e miserável como sou. Fui pároco de aldeia ⁽¹⁾ (pobre pároco !). Tinha uma gente tão boa e tão obediente em fazer o que eu lhe dizia, que quando lhes disse que deviam vir à confissão todos os primeiros domingos do mês, não faltaram. Vinham, confessavam-se e via de dia para dia o proveito que essas almas tiravam desta prática. Isto dava-me tanta consolação, e estava tão contente, que dizia comigo : «Meu Deus, como és feliz em teres tão bons paroquianos !» E acrescentava : «Creio que o Papa não é tão feliz como um pároco no meio dum povo com tão bom coração.» E um dia o Senhor Cardeal de Retz ⁽²⁾ perguntava-me : «Então, Senhor, como vos encontrais ?» Respondi-lhe : «Monsenhor, estou tão contente, que nem vo-lo sei exprimir.» — «Por que ?» — «É que tenho um povo tão bom, tão obediente a tudo o que lhe digo, que penso que nem o Santo Padre, nem vós, Monsenhor, sois tão feliz como eu.» Sim, minhas Irmãs, é uma consolação muito grande, quando se vê um rebanho caminhar na obediência.

Minha Irmã, disse o Senhor Padre Vicente, quais são as vantagens que se tiram da obediência ?

-- Meu Pai, parece-me que a virtude da obediência nunca anda só, pois é de ordinário acompanhada de muitas outras virtudes, particularmente da humildade, do amor de Deus e de tantas outras.

— Dissestes bem, minha Filha ; a obediência nunca anda só ; pois com ela tereis o temor de Deus, o amor do próximo, da vocação e muitas outras virtudes. Não vêdes, minhas Irmãs, a verdade desta afirmação ? Dai-me uma Irmã que não seja obe-

(1) Em Cllichy, perto de Paris.

(2) Henrique de Gondl, Bispo de Paris de 1598 a 1622.

diente. Observai-a bem. Notareis que tudo lhe falta e que não tem virtude alguma ; não tem o amor de Deus, pois este amor não é bastante forte para a fazer pedir as licenças de que precisa para o que tem a fazer. Enfim, como disse a nossa Irmã, é uma prova, e bem evidente, de grande virtude, ser obediente. Pelo contrário, a desobediência é uma prova de pouca virtude.

Minha Irmã, qualquer pessoa secular que pedisse a uma Irmã que fosse a qualquer parte, ou que lhe fizesse tal ou tal coisa, escandalizar-se-ia se a Irmã lhe respondesse : «Senhor, bem quereira fazer o que me pede, mas não o posso fazer sem licença». ! E se alguém vos desse fazenda, um livro de Horas ou coisas semelhantes, pensais que acharia mal que as não aceitásseis sem licença?

— Não, meu Pai ; pelo contrário, isso dar-lhe-ia bom exemplo.

— E se vos dessem sapatos, um terço ou qualquer outra coisa, parece-vos que deveríeis aceitar?

— Não, meu Pai.

E se insistissem para que aceitásseis, teríeis de responder : «Senhor, não posso aceitar nada sem licença.» Parece-vos que ficaríeis escandalizados com isso? Pelo contrário, seria com admiração que veríam pobres meninas viver dessa maneira, porque nisso há qualquer coisa de divino. Deveis acreditar, minhas queridas Irmãs, que se alguma coisa mantém a Companhia, é o facto das nossas boas Irmãs que estão no céu terem entrado nessa prática. Se uma Irmã disser : «Não tenho necessidade de estar sempre a pedir licença para aceitar isto ou aquilo ; isto não é grande coisa». Parece-vos que faça a vontade de Deus e que possa perseverar na sua vocação?

— Não, meu Pai ; é, pelo contrário, um grande meio para a perder.

— Dizeis bem, minha Irmã, a Companhia é como o mar, que não pode suportar um corpo morto ; tem de o lançar fora de si, porque não pode suportar corrupção. Se numa Companhia alguma quisesse fazer a sua vida própria, isto é, seguir a própria vontade, é como se estivesse morta, e a Companhia não a poderia suportar ; Deus e o anjo da guarda da Companhia lançá-la-iam fora ; é a pedra de toque.

Sois desta opinião? Se uma Irmã receber e ler alguma carta sem a dar à Superiora, ou mandar alguma sem licença, julgais que fique satisfeita?

— Não, meu Pai.

— Oh ! Não, verdadeiramente, minhas Filhas.

E vós, minha Irmã, julgais que os seculares se escandalizam se virem uma Irmã não querer receber nem fazer nada sem licença dos seus Superiores?

— Não, meu Pai, pelo contrário, ficam edificadas.

— Julgais que seja assim, minhas Irmãs?

Todas as Irmãs se levantaram para responder:

Sim, meu Pai.

— Se assim o julgais, quereis que nos demos a Deus, vós e eu, para nada fazer sem licença dos Superiores? E não confessais que aquelas que nada querem fazer sem licença dão bom exemplo a toda a Companhia e dão grande satisfação aos Superiores?

— Sim, meu Pai.

— Não desejais proceder assim?

— Sim, meu Pai.

— Deus vos abençõe, minhas Irmãs!

Temos portanto dois pontos. Resta ver as faltas que se podem cometer contra esta prática.

Minha Irmã, que faltas se podem cometer, contra esta prática?

— Meu Pai, parece-me que, como disseram as nossas Irmãs, podemos faltar em tudo.

— Vêde, minhas Irmãs, há coisas para as quais não tendes que pedir licença: as que são ordenadas pela regra; quanto às outras, deveis pedir licença; porque a mesma regra proíbe que se faça coisa alguma sem licença. Tudo o que fazeis para observar as regras, se faz com licença; seja que vos levanteis, que vades para a mesa ou para o exame. Deus vos chama, e ao irdes para ali, fazei-lo por obediência. Eis por exemplo, o sino que toca e vos diz: «Levantai-vos, minhas Irmãs». Por ele vos é manifestada a vontade de Deus. Aquelas que se levantam fazem a vontade de Deus; mas as que ficam na cama, apesar da regra as chamar, devem para isso ter licença. Se prevêm, desde à noite anterior, que têm necessidade de descansar, devem pedir licença à Senhora Le Gras; e assim, ficando na cama, obedecem.

As Irmãs que estão nas paróquias devem dirigir-se à Irmã Servente: «Minha Irmã, peço-vos, se assi o entenderdes, me deis licença para ficar um pouco mais na cama». Se fôr a Irmã Servente, dirá à sua companheira: «Minha Irmã, parece-me que tenho necessidade de descansar.» E a Irmã responder-lhe-á: «Peço-vos que o façais, minha Irmã».

Dizei-me, minha Irmã, uma Irmã que tem necessidade de comer fora das horas das refeições, e o faz sem licença, vai contra a vontade de Deus?

— Sim, meu Pai. A Irmã que estava comigo dizia que era um pecado contra a virtude de sobriedade; quando julgava que tinha necessidade de o fazer, mandava-me comer; e ela própria, em circunstâncias idênticas, não o queria fazer.

— Que bom ! Ah ! Que boa Irmã Servente ! Mas, minha Filha, comer depois de ter pedido licença será obedecer ?

— Sim, meu Pai.

— Faria mal a que, para ter mais liberdade e falar, não quisesse ir à primeira mesa ? Pois sois todas chamadas a isso, a não ser as Irmãs do Conselho que o não podem sempre fazer por causa do seu cargo.

— Sim, meu Pai, desobedece à regra, e a liberdade que quer tomar é ainda outro mal.

— Mas, minha Filha, se não for, por qualquer razão e depois de ter pedido licença, fará a vontade de Deus ?

— Sim, meu Pai.

— Eis portanto três coisas que, segundo o parecer da nossa Irmã, não se podem fazer contra a regra : não se levantar ao som do sino, comer fora das refeições e não querer ir à primeira mesa.

— Ora bem, minha Irmã. Se uma Irmã quisesse comprar qualquer coisa, como um livro de orações, um terço ou coisa semelhante, sem licença, procederia contra a regra ?

— Sim, meu Pai.

— E se lhe dessem qualquer coisa, deveria recebê-la sem licença ?

— Não, meu Pai.

— E com licença poderia fazê-lo ?

— Sim, meu Pai. Recebi uma vez sem licença um livro que um bom pároco me deu. Disse-o no entanto à minha Irmã Servente. Não tornarei a fazer tal coisa, meu Pai.

— Não, minha Filha, não o torneis a fazer. Vêde como terfeis edificado esse bom padre, se tivésseis recusado o seu livro, dizendo que precisáveis de ter licença para o aceitar. Uma pessoa que assim vos visse agir converter-se-ia, se fosse má, e adquiriria seis graus de virtude, se, antes disso, tivesse cinco.

Minha Irmã, será mal dar do dinheiro pessoal, se o tiver ?

— Sim, meu Pai.

— E vós, minha Irmã,izei-me : será uma falta receber ou dar dinheiro a qualquer parente ou conhecido ?

— Sim, meu Pai.

— Oh ! Sim, minhas Irmãs, porque a pobreza diz que se não deve ter nada contra a regra.

A Irmã que anteriormente tinha falado levantou-se e disse : Meu Pai, quando estávamos no campo davam-nos algumas vezes trigo.

— Mas, minha Filha, tínheis necessidade dele ?

— Sim, meu Pai ; não tínhamos nenhum.

— Nesse caso, fizestes bem em aceitá-lo, minha Filha ; mas, se o tivésseis, faríeis mal em o receber.

— Meu Pai, se uma senhora, ao regressar duma viagem, dissesse : «Minha Irmã, aqui tendes um terço que vos trouxe, peço-vos que o aceiteis.» Como não se trata dum pobre, mas sim duma senhora, seria mal, aceitá-lo?

— Sim, minha Filha, não se deve aceitar, e não tendes receio de escandalizar ; pelo contrário, grangearíeis uma boa reputação. Porque confiam em vós, dão-vos o dinheiro que é para os pobres. Essas senhoras assim terão ainda mais confiança em vós ; e dirão : «Como é que as Irmãs ficariam com o que é dos pobres, se nada querem aceitar sem licença?»

E vós, minha Irmã, dizei-me : uma Irmã que recebe cartas e as abre sem licença dos seus Superiores procede contra a obediência?

— Sim, Senhor.

— É portanto mal escrever e receber cartas sem as mostrar?

— Creio que sim, meu Pai.

— Dai-vos inteiramente a Deus ueste ponto, porque isto é a perdição das Filhas da Caridade, tanto mais que, se as não mostrais, é porque dentro vai alguma queixa ou qualquer coisa que não quereis que se veja, e por consequência alguma coisa de mal. Ó meu Salvador, quantas pessoas tenho em nossa casa que têm guardado cartas dois e três dias sem as abrirem !

— Dizei, minha Irmã, será bom ir visitar, ora um parente, ora outro, e pedir-lhe que venha visitar-vos ?

— Não, meu Pai.

— Ó minhas Irmãs, creio que isto não se vê aqui em casa. Se isso acontecesse, seríeis vós próprias desprezadas pelos que assim visitásseis.

E vós, minha Irmã, uma menina que compra uns sapatos elegantes, que manda fazer um espartilho, que compra umas luvas e deixa à vista os cabelos, procederá conforme a obediência?

— Não, meu Pai.

— Minhas Irmãs, as que querem ter essas coisas, já estão quase fora. Não desejeis ter nada que as outras não tenham ; pois, se tiverdes qualquer coisa que não seja uso na casa, dais prova de singularidade.

E vós, minha Irmã, se uma Irmã aprender a ler, a escrever ou a sangrar sem licença, irá contra a vontade de Deus?

— Sim, meu Pai.

— Sim, minha Filha, procede contra a vontade de Deus, que deseja que uma Irmã não faça nada contra a obediência, mas se conforme ao que está estabelecido.

Vêde, minhas Irmãs, não podeis ser todas iguais: umas são aptas para os doentes e outras para as aulas. Pertence aos Superiores ver as vossas aptidões. Nem todas servem para sangrar, porque há algumas que têm a mão muito pesada. Os dedos da mão não são todos iguais entre si; do mesmo modo, não podeis ser todas iguais.

S. Paulo diz: «Uns profetizam, outros são apóstolos ou evangelizam» (Ef. 4,11); e Deus compraz-se em ver esta variedade tanto nas coisas espirituais como nas temporais. Ficai portanto contentes com os vossos empregos, minhas Irmãs; mas que nenhuma se meta a fazer seja o que fôr sem a obediência. Se uma Irmã, que serve para as aulas, quisesse aprender a sangrar, não seria talvez apta para isso e prejudicaria tudo. Deus queira que não venhais a ferir alguém, nem a causar accidentes graves ou a dar mesmo a morte, por sangrar sem saber!

Uma Irmã que quisesse mudar de confessor, fazer mortificações e penitências, ou rezar o officio da Virgem, pecaria contra a obediência?

— Sim, meu Pai, pois perde-se.

— Oh! Não, minhas Irmãs, não se deve fazer nada sem licença do confessor que aqui houver, ou da Senhora Le Gras. Que Deus vos abençoe!

Minha Filha, uma Irmã que pede qualquer coisa aos superiores, e não a obtendo, retira-se zangada e diz consigo mesma: «Não pedirei mais nada; não me atendem, não quero pedir mais nada»; de que espírito está animada, minha Filha?

— Do espírito de orgulho.

— Dissestes bem: do espírito de soberba. Nunca se deve dizer essa diabólica palavra, filha do orgulho. Deus queira que isso não exista entre vós! Se vos recusarem o que pedis, é que isso vos não convém, ou é para vos provar. E por isso deveis continuar a pedir. Quem sabe se não vos concederão amanhã aquilo que hoje vos recusam!

Comungais sem licença? Não o deveis fazer ⁽¹⁾. Privais-vos da comunhão por vossa própria vontade? Também o não deveis fazer. Como fareis para pedir e obter licença de dar a disciplina? Aprovo que todas tenham a disciplina, mas aprovo também que vos não sirvais dela sem licença.

Podereis dizer-me: «Senhor, falais-nos em tantas coisas; eis tantas coisas; não cansará os nossos Superiores pedir-lhes tantas coisas?» Não, minhas Irmãs, não cansareis nunca os Superiores; pelo contrário, ficarão muito satisfeitos por ver uma Irmã que

(1) — Ver a nota da página 249.

não faz nada sem licença. Quanto às vossas regras, tendes licença de as seguir; e neste ponto nada tendes que pedir; mas quanto ao resto, é dever pedir licença. As que estão numa paróquia, sabendo que há um sermão em qualquer lugar de devoção, não devem ir ouvi-lo sem pedir licença à sua Irmã Servente. A própria Irmã Servente deverá pedi-la à sua companheira. Para coisas de maior importância, as Irmãs das paróquias devem vir pedir licença à Senhora Le Gras e as do campo devem escrever-lhe.

Dir-me-eis: «Senhor, e se pedisse uma licença geral para todas essas coisas necessárias?»

Oh! Deveis abster-vos de o fazer, e nós de vo-la conceder, pois não teríeis o mérito que há em cada licença que se pede.

Dir-vos-ei ainda que há algumas que arrancam as licenças. São as que têm o espírito acanhado e se perturbam e inquietam quando não condescendemos com elas. É mau arrancar uma licença. Pedi sempre com indiferença e não insistais nunca se virdes que há dificuldade em vo-la conceder. Dizei: «Se ma concederem, muito bem; mas, se ma recusarem, é talvez para me mortificar». Deus dizia a Moisés: «É verdade que lho permitistes, mas por causa da sua dureza.» Do mesmo modo, concede-se por vezes uma licença a uma Irmã, quando se vê que não é capaz de se deixar guiar pela voz da razão.

Perguntar-me-eis: «O confessor da paróquia onde estou não poderá dar-me licença para fazer alguma penitência?» Não, não pode. A sua jurisdição não vai até aí; só tem poder para vos confessar; e quanto à comunhão, pode-a permitir ou proibir.

Ora bem, minhas Irmãs, como faremos para praticar bem tudo isto? Se alguma vez se vos fez uma instrução de importância, foi esta. Bem sei que viveis, a maior parte, nesta prática; mas peço-vos que nela estejais todas; procedendo assim, cumprireis todas a vontade de Deus na terra, como os anjos a cumprem no céu, e gozareis de inconcebível paz e tranquilidade de espírito. As antigas principalmente devem dar exemplo nisto, pois, se agirem sem licença, as mais novas as imitarão sem julgar que é mal. Se, pelo contrário, forem fiéis em pedir as licenças, edificarão as mais novas, o próximo, e sentirão uma grande consolação, em vez do pesar estranho e inacreditável que teriam por faltarem e escandalizarem.

Posto isto, o primeiro meio a tomar é pensar com frequência: «Começo aqui uma vida de bem-aventurança, que prosseguirei no Céu.»

Como segundo meio, acostumai-vos à mortificação; mortificar-se, não é fazer a própria vontade, que queria ir agora para

aqui e logo para ali. Devemos vencer esses movimentos e apegar-nos firmemente à obediência.

Em terceiro lugar, pedi incessantemente a Deus esta graça. Não há nada tão fácil como pedir licença para aquilo que se quer fazer. A simples civilidade o exige.

Pois bem, meu Salvador! Minhas queridas Irmãs, eis pouco mais ou menos os meios que deveis tomar para bem adquirirdes esta prática. Rogo a Nosso Senhor Jesus Cristo que vos faça ver e conhecer que é esta uma das instruções mais importantes que temos tido. Peço à Sua divina bondade que nos estabeleça fortemente nesta prática, como Se dignou fazê-lo às nossas boas Irmãs que estão agora na bem-aventurança. Procuremos imitá-las e particularmente nesta prática, com que a Companhia se edificará muito.

Ó Salvador das nossas almas, que escutastes o que aqui se disse e fostes tão obediente que preferistes a morte à desobediência, apraza à Vossa divina bondade, pela obediência de que nos destes exemplo na terra, conceder-nos aquela de que necessitamos para nada fazer contra a glória de Deus! E porque temos, minhas Irmãs, necessidade da Sua graça, peço-vos que ofereçais a vossa próxima comunhão a Deus, para alcançar d'Ele a graça de nunca fazerdes nada contra esta prática. Deste modo não tereis motivo para invejar as carmelitas, porque sereis tão felizes como elas e dareis honra a Deus no estado a que vos chamou, tão bem como fazem no seu.

Senhora Le Gras, apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos?

— Meu Pai, depois do que vossa caridade disse, não tenho outra coisa a dizer senão que sempre tenho notado que tudo isso é muito verdade e que todas as que saíram da Companhia não saíram por outra coisa senão pelo apêgo à própria vontade e a afeição a todas essas particularidades.

— Dizeis portanto, Senhora Le Gras, que as que saíram e perderam a sua vocação, foi por terem seguido a sua vontade própria e não terem feito o que acabamos de dizer. Dizeis muito nessas poucas palavras. Fixai bem, minhas Irmãs, o que a Senhora Le Gras acaba de dizer; é de grande importância; e não façais como as que saíram, mas entrai na prática da obediência, convencendo-vos de que será a obra da salvação que vos conduzirá aos santuários eternos. Peço-vos que tenhais grande devoção em dizer estas palavras: «*Fiat voluntas tua*», durante a oração, quando ouvirdes a palavra de Deus, para testemunhades que sois submissas em tudo à Sua vontade.

Depois o nosso Muito Venerando Pai pôs-se de joelhos e acrescentou:

Minhas Irmãs, é a oração que dirijo a Nosso Senhor, e peço-Lhe de novo que, no momento em que pronunciar as palavras de bênção, nos torne capazes de fazer a Sua santa vontade, a vós e a mim, miserável pecador, que só tenho feito a minha própria vontade, e que derrame nos vossos corações a graça de nunca fazer nada senão com permissão da regra ou dos Superiores. É o que peço de todo o meu coração.

Benedictio Dei Patris...

56 — CONFERÊNCIA DE 12 DE NOVEMBRO DE 1653

AS IRMAS ENVIADAS PARA NANTES

Na quarta-feira, 12 de Novembro de 1653, as três Irmãs acima indicadas ⁽¹⁾ partiram de Paris com destino a Nantes, e eis a exortação que o Nosso Muito Venerando Pai lhes fez :

Minhas queridas Irmãs, Deus escolheu-vos a fim de irdes para o hospital do Nantes, e deveis dar-vos inteiramente a Deus, pois vos escolheu entre todas as outras. Tendes três motivos para vos dardes a Deus a fim de bem cumprides o vosso dever nesse lugar.

O primeiro motivo, minhas queridas Irmãs, é a razão que nos obriga a todos a deixar-nos a nós próprias para fazermos a vontade de Nosso Senhor, de modo a que jamais façamos a nossa.

O segundo, é que ides para um grande hospital, onde há mais a fazer do que em qualquer outro lugar. Não é como numa paróquia de Paris, onde tendes apenas o cuidado dum pequeno número de doentes, nem como nos campos onde não tendes senão que visitar e instruir os pobres. As coisas ali são muito diferentes, e é por isso que precisais de vos dardes a Deus, para que vos conceda as graças que vos são necessárias.

A terceira razão minhas queridas Irmãs, julguei necessário dizê-la, é que, por instigação do mau espírito, a desunião se estabeleceu nesse hospital. Sim, minhas Irmãs, o demónio teve o poder de semear, pelas suas manhas, a discórdia entre as nossas Irmãs, e remediareis isso pela união e concórdia que houver entre vós. Não é para admirar que o demónio tenha travado essa rude batalha, pois é seu costume detestar particularmente os servos e as servas de Deus; ataca as mais santas Companhias pelo ódio que lhes tem. Não se preocupa muito com tal ou tal determinada

(1) Maria Marta Trumeau, Ana de Veaux e Madalena Miguel.

pessoa, pois já as tem na mão; mas nas casas que são consagradas ao serviço de Deus e unidas pelo laço da caridade, minhas Irmãs, é nelas que lança a discórdia! Remediareis portanto, minhas Irmãs, as desordens que esse espírito maligno causou nesse hospital.

E que fareis para isso? Minhas Filhas, deveis saber que, quanto mais elevada é a condição duma pessoa, mais virtude deve mostrar. A vossa qualidade de Filha da Caridade obriga-vos à mais alta perfeição que se pode pretender, de maneira que esperam isso de vós; por isso vos escolheram para irdes em auxílio dos feridos. Sabeis que, quando se vai à guerra, pega-se nas armas, guerreia-se, uns morrem, outros ficam feridos, uns ficam vencedores e outros vencidos. As nossas Irmãs foram feridas na guerra que o inimigo lhes travou. Não se devem por isso desprezar. São muito virtuosas, mas o inimigo deu-lhes rude batalha, com a permissão de Deus, que quis dar-nos motivo para nos humilharmos, mostrando-nos que ninguém está isento, e ensinar que não é para punir que envia tribulações, mas para provar os Seus servos e servas.

O demónio ameaçou um dia S. Francisco: «Os teus religiosos, disse-lhe ele, estão agora sossegados, mas um dia virá em que os provarei como deve ser, e será quando entrarem na Ordem pessoas de condição.» Foi o que fez, minhas queridas Irmãs. Não é portanto para admirar que o demónio tenha atacado as nossas Irmãs, pois ousou fazer o mesmo na Companhia de Nosso Senhor.

Era necessário, minhas queridas Irmãs, que vos avisasse destas coisas, para vos armardes das virtudes necessárias e esmagardes este inimigo e este espírito de divisão. Os que vão à guerra levam armas. As vossas armas serão a humildade, a mansidão e a condescendência. Quando tiverdes essas virtudes, estareis completamente armadas para combater o inimigo. A condescendência é um poderoso meio para conservar a união entre as pessoas que se deram a Deus; é preciso, minhas queridas Irmãs, que esta virtude exista entre vós e que deixeis a vossa vontade tantas vezes quantas as vossas Irmãs forem de opinião contrária à vossa, pois uma Filha da Caridade deve estar pronta a fazer ou a não fazer o que a Irmã Servente lhe mandar ou proibir. Digo a Irmã Servente, porque se não deve ouvir o que uma outra Irmã disser, quando os seus conselhos tendam a outro fim. Pois, se quiséssemos dar ouvidos a toda a gente, não faríamos nada com geito. Fazer tudo o que diz a Irmã Servente e nunca o que diz Jaquelina, Maria, nem quem quer que seja, desde que a Irmã Servente tenha dado uma ordem. E é esse o verdadeiro meio de viverdes unidas, como verdadeiras servas de Deus o devem ser.

Fora disto, é tudo uma desordem. Uma tem uma opinião, outra tem outra. Não é que se deva desprezar os conselhos das nossas Irmãs; oh! Não, mas as que os dão, devem ter uma igual indiferença, seja que os sigam ou não.

O Senhor Bispo de Genebra dizia: «Gosto mais de fazer a vontade dos outros que fazer com que outra pessoa se conforme com a minha; e mais depressa faço ajustar a minha vontade à de cem pessoas do que submeter uma só à minha.» Vêde, minhas Irmãs, como esse bem-aventurado nos ensina tão bem a prática da condescendência e quanto ela é necessária entre vós. Um grande santo dizia que, para chegar à perfeição, é preciso deixar a sua vontade própria, e que não era preciso outra coisa para chegar à perfeição. Aqui tendes, minhas Irmãs, as armas com que vos enviamos, para que vingueis as nossas boas Irmãs pelo bom exemplo que dareis. Toda a gente espera isso de vós; e o bom odor que sairá dessas belas virtudes fará que não tenhais em vão o nome de Filhas da Caridade.

Tereis que tratar ali com os pais dos pobres e geralmente com todos aqueles que tiverem algum cargo que diga respeito aos pobres. Prestar-lhes-eis toda a honra e respeito que vos for possível. No hospital estão alguns eclesiásticos como pensionistas. É um pouco difícil dizer como deveis proceder com eles, porque desejariam ser alimentados de modo diferente ao que entendem os Pais dos pobres. Voltam-se contra as Irmãs por não terem o alimento que desejam. Isto é um pouco desagradável, minhas Filhas; e daí vem uma parte da dificuldade e da desordem. Mas, digam o que disserem, ainda que os eclesiásticos queiram ser alimentados de modo diferente de que o entendem os Pais dos pobres, não vos deixeis levar disso, conservai-vos firmes e não façais nada contra a ordem dos Superiores. Procurai condescender com esses pensionistas e contentai-os por palavras o melhor que puderdes. Se os Pais dos pobres vos dissessem: «Deveis fazer tal coisa» e os sacerdotes quisessem que fizésseis doutro modo, deveis fazer o que os Pais dos pobres desejam.

Há ainda o Senhor Bispo de Nantes. Diz que sois religiosas, porque lhe disseram que fazeis votos. Se vos falar nisso, respondi-lhe que não sois religiosas. A Irmã Joana,⁽¹⁾ que é a Irmã Servente, disse-lhe: «Senhor Bispo, os votos que fazemos não nos fazem religiosas, porque são votos simples, que se podem fazer em toda a parte e até no mundo.»

Com efeito não se pode dizer que as Filhas da Caridade sejam religiosas, porque não poderiam ser Filhas da Caridade, pois para

(1) — Joana Lepelntre.

serem religiosas deviam estar enclausuradas. As Filhas da Caridade nunca poderão ser religiosas, e infeliz daquele que falar em fazê-las religiosas.

Ide portanto, minhas queridas Irmãs, trabalhai por Nosso Senhor, estimai muito as nossas queridas Irmãs e respeitai-as; tende cuidado em não desconsiderar nenhuma; enfim, mostrai que tendes o verdadeiro espírito que Deus quer de vós.

Benedictio Dei Patris...

57 — CONFERÊNCIA DE 1 DE JANEIRO DE 1654

MANEIRA DE PROCEDER FORA DE CASA

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência divide-se em três pontos. O primeiro trata das razões que as Filhas da Caridade têm para saber bem como hão-de proceder fora da Casa, tanto para com as pessoas que as empregam, como nas suas relações recíprocas; tanto nos hospitais, como nas aldeias e paróquias de Paris. O segundo ponto trata das faltas que as Filhas da Caridade podem cometer nos seus empregos, fora da Casa; e o terceiro, dos meios de que se poderão servir para procederem como verdadeiras Filhas da Caridade, quando estiverem empregadas no serviço dos pobres, tanto nos hospitais, como nas aldeias e paróquias de Paris.

Enfim, minhas queridas Irmãs, numa palavra, trata-se de saber como é que as Filhas da Caridade devem proceder fora da Casa, nas «Crianças», no «Nome de Jesus», nas «Galés», etc. Para falar verdade, este assunto é bastante extenso. É impossível tocar em todos os pontos, pois seria preciso dizer como devem proceder para com os senhores párocos das freguesias, as senhoras e outras pessoas que vos empregam. Hoje falaremos dum modo geral de alguns pontos mais importantes.

Minha Irmã, é importante saber como se deve proceder fora da Casa?

— Sim, meu Pai, porque, se não o soubermos, podem dar-se grandes desordens; podemos dizer e fazer coisas que não devíamos, inteiramente contrárias ao espírito da Companhia. Pode acontecer também que, por nossa culpa, por não sabermos bem a que estamos obrigadas, os pobres não tenham aquilo de que necessitam.

— E vós, minha Irmã, que pensastes sobre o assunto desta conferência?

— Meu Pai, não podemos ter o espírito da Companhia nem fazer as nossas acções em conformidade com ele, se não o conhecemos.

— Vós, minha Irmã, dizei-nos o que pensastes.

— Meu Pai, parece-me que, para cumprir as nossas obrigações, precisamos de ter o cuidado de nos recordarmos das instruções que nos fazem na Casa e sermos exactas em observá-las; se faltarmos a elas, creio que ofendemos a Deus.

O Senhor Padre Vicente perguntou a outra Irmã, se seria necessário saber como se há-de proceder nas «Crianças» no «Nome de Jesus» e em outros lugares.

— Sim, meu Pai, respondeu ela, pois não podemos ter o espírito da Companhia se não soubermos o que nos ensinam as nossas regras; e para as observar é necessário seguir exactamente os conselhos que os Superiores nos dão.

— Deus vos abençoe, minha Filha! Vêde, minhas Irmãs, cada uma sabe, estou certo, quanto importa que uma Filha da Caridade esteja bem informada do que deve fazer quando é enviada para algum lugar. As Senhoras reclamam-na; ficam satisfeitas quando vêem uma Irmã bem instruída em tudo; os pobres também serão felizes com isso, serão mais perfeitamente instruídos e mais bem servidos. Por isso, minhas Irmãs, deveis ser muito cuidadosas, pois importa muito informar-vos bem, enquanto aqui estiverdes, sobretudo quanto deveis saber, e ter cuidado de fixar tudo quanto vos disserem. E como não podeis ficar aqui muito tempo, deveis estar mais atentas o pouco tempo que aqui estais.

Em Santa Maria as Irmãs estão sete anos no noviciado, embora sejam perfeitas, para que sejam bem instruídas no que Deus pede delas. Mas vós, sois como frutos maduros, porque não dispondes do tempo que seria preciso para vos instruídes.

Como é que, com tão pouco tempo de experiência, fazeis tão boas coisas, senão porque as graças de Deus são abundantes e porque a Companhia está no seu começo, e por consequência tem e deve ter muito mais fervor do que em outro tempo? Fareis mais agora, sem comparação, do que daqui a cinquenta anos, porque no princípio há grande abundância de graças.

No começo da Igreja, os primeiros cristãos viviam num fervor e caridade admiráveis; tinham um só coração e uma só vontade; e com este fervor faziam maravilhas, convertiam as almas, animavam-se uns aos outros a sofrer todos os tormentos e até o martírio. É este o fervor dos principiantes que querem servir a Deus a valer. São fortes e corajosos para fazer o que é agradável a

Deus. O vinho, quando o deitam no tonel, está fervendo e tem tal força que partiria a vasilha se não deixassem entrar o ar. Assim, no começo da Companhia, com a abundância de graças que se recebem, fareis mais em três meses do que faréis em seis anos noutro tempo.

Minhas queridas Irmãs, vou falar-vos disso. Sei bem que, se vos interrogasse, me diríeis coisas admiráveis; mas o tempo é pouco, por isso dir-vos-ei resumidamente o que deveis fazer.

Uma das coisas principais, é conhecer bem as vossas regras. Eis quanto ao geral. Quanto ao particular, as Irmãs Serventes devem ser cuidadosas em saber tudo o que diz respeito ao seu officio. A Irmã que tem aqui o cargo de ensinar, terá o cuidado de vo-lo explicar; pois, sem isso, cairíeis em grandes faltas.

O segundo meio, é servir de edificação a todos, mostrar grande cordialidade umas para com as outras, de maneira que, embora separadas, umas nos campos, outras nas paróquias, se veja que tendes apenas um só coração. Nada de divisões, mas uma mesma afeição, um mesmo apreço pela virtude, um mesmo horror do mal. Vêdes, minhas Irmãs, é nisto sobretudo que deveis exercitar-vos, de outro modo, seria recomeçar sempre, e jamais haveria descanso e paz entre vós. E por que não? Vou dizer-vos-lo. É que todos os dias mudamos e a nossa má natureza nunca está nas mesmas disposições. «O homem, diz Jô, nunca está na mesma disposição.» É como uma roda que gira sempre e nunca pára. Compreendeis por aqui quanto importa exercitar-vos aqui na mortificação. Em todas as vossas práticas, deveis ter aquela em grande consideração, devido à inconstância da nossa natureza, que tão depressa quer uma coisa como outra; que neste momento é mortificada e imediatamente imortificada. Não nos devemos fiar em nós mesmos porque mudamos constantemente; por essa razão devemos reflectir muitas vezes connosco, para reparar as faltas que a nossa natureza corrompida nos faz cometer. Assim como precisamos de dar todos os dias corda a um relógio para reparar a perda que teve, devemos recomeçar sempre na prática da mortificação das nossas paixões, porque a todo o momento temos necessidade de trabalhar em nós mesmos. Eis que estais com uma Irmã. Algum fervor que tenha, o demónio e a natureza não deixarão de a tentar; o que fará com que vos pareça por vezes de mau humor. Mas não julgueis que por isso seja imperfeita e não façais dela mau conceito, porque isso é devido à natureza corrompida que nos vem dos nossos primeiros pais. Oh! Não, minhas Irmãs, não permitais que entre no vosso espirito algum mau pensamento a respeito dessa Irmã. Se acontecesse conceberdes algum desdém ou aversão contra ela, sufocai imediatamente esse

pensamento e dizei convosco: «Ah! Maldito pensamento, contra quem és tu! O que! Contra a tua Irmã, contra a esposa de Jesus Cristo, contra a vida da tua vida! Ah! Farei o contrário do que me sugere este mau pensamento, indo abraçar esta Irmã e testemunhar-lhe cordialidade, e se lhe dirigi uma palavra desagradável, pedir-lhe-ei perdão, dizendo-lhe: minha Irmã, perdoe-me, eu vo-lo peço, e espero, com a graça de Deus, não tornarei mais. Peço-vos que me suporteis.» Não vos deveis admirar se a natureza sentir repugnância nisto, devido à dificuldade que temos em nos humilharmos e porque o demónio procura todos os esforços para nos afastar disso.

Minhas Irmãs, deveis ser corajosas e fazer como esses filhos de Israel que construíram o templo do Senhor. Dum lado, tinham as pedras, e, do outro, tinham a espada na mão para se defenderem dos inimigos. Vêde, minhas queridas Irmãs, deveis fazer do mesmo modo, porque, ao mesmo tempo que trabalhamos no edifício da nossa perfeição, o demónio e a natureza opõem-se a isso e fazem-nos grande guerra. Deveis empunhar a espada da mortificação, a disciplina, o jejum e escrever aos Superiores quando estiverdes afastadas. Se procederdes assim, que acontecerá, minhas queridas Irmãs? Oh! Acontecerá que vivereis em toda a parte como num paraíso, pois estareis em Deus e tereis o paraíso na terra. Pelo contrário, se não procederdes assim, será viver, senão no inferno, pelo menos no purgatório. Aqui tendes portanto dois meios, minhas Irmãs: o primeiro, conhecer bem as vossas regras; o segundo, terdes um grande suporte umas com as outras.

O terceiro meio, é fazer-vos amar de todos pelo exemplo da vossa vida. O bom odor que deixastes faz com que vos reclamem de vários lugares. E por que? É que viram alguma das flores da vossa caridade. Recebi ainda uma carta dum bispo, que vos deseja. Ah! Minhas Irmãs, se é assim agora, que será mais tarde! Ó meu Deus, humilhemo-nos muito por isto, e se tanto vos desejam, agora que sois ainda imperfeitas, que será quando Deus vos tiver concedido a graça de chegardes a uma maior perfeição!

O quarto meio, é dar-vos a Deus para não encontrardes nunca que criticar do procedimento geral da Companhia, nem do proceder particular da Irmã Servente, mas proceder como um filho que aprecia tudo quanto seu pai faz e diz. O filho dum lavrador julga que seu pai e sua mãe são os mais competentes que a natureza poderia produzir. Se a Irmã Servente faz ou diz alguma coisa que não nos agrada, não penseis por isso que procede mal. Não vos pertence criticar o que faz; deveis crer que o que faz está bem; pois, vêde, minhas Irmãs, há uma graça para isso, e

há um anjo particular para esse efeito. Deus dá as graças suficientes àquelas que chama para esse encargo. Não julgueis que é sempre às mais competentes ou às mais virtuosas que se dão esses cargos.

Deve-se julgar que uma Irmã Servente foi dada por Deus, pois reflete-se diante de Deus noites inteiras para ver quem se há-de pôr nesses empregos. E se é nomeada agora uma, logo outra, é, minhas queridas Irmãs, para exercitar umas na direcção, outras na obediência. Considerai portanto que é Deus que o faz assim; pois toda a ordem vem d'Ele, e quem resiste a estas ordens resiste a Deus.

Mas parece-me que seria melhor doutra maneira. — Ah! Pensai-lo assim! E quem sois vós? Compete-vos censurar o que fazem os Superiores, vós que não tendes graça de Deus para isso? Minhas Irmãs, podeis estar certas que Deus vos abençoará, se usardes os meios que acabo de dar-vos.

Um outro mal que pode acontecer entre vós, é o apêgo aos confessores; e para isso é necessária a mudança, porque, doutro modo, poderia nascer uma certa amizade espiritual, que vem da estima que a penitente tem pelo confessor, e o confessor pela penitente, e ambos se sentem satisfeitos com essa pequena afeição recíproca; e deste modo torna-se difficil que o confessor, que vê a sua penitente adiantar e aproveitar dos seus conselhos, não sinta com isso alguma satisfação. Mas que acontece? O confessor poderá dizer: «Sinto-me satisfeito por ver o progresso que fazeis na virtude.» E a Irmã responderá:

«Meu Pai, nunca encontrei confessor em quem tenha tido tanta confiança como em vós. Sinto uma tal docilidade às vossas palavras, que não tenho difficuldade alguma em segui-las.» E essas palavras doces, são como um dardo que abre uma estranha ferida no coração. Desde que se chega a dizê-las, tudo está perdido. Enfim vem um grande mal dessas familiaridades. Ah! Minhas queridas Irmãs, isto acontece muitas vezes, e até em religião.

Deveis portanto declarar os vossos pecados aos confessores sem vos distrairdes a falar-lhes depois da confissão. Não lhes digais: «Senhor, ver-vos-ei e vos direi mais em particular.

Se vos for ver e vos perguntar o que fazeis, deveis cortar logo a conversa e mostrar-lhe que não estais contentes com isso. Notais que teríeis difficuldade em ir a outro e que continuais a prender-vos nessa afeição. Ah! Minhas Irmãs, então receai e avisai a Senhora Le Gras, o Senhor Padre Portail, ou a mim, e dizei muito simplesmente como vos encontrais: «Peço-vos que me mudeis de confessor, porque me sinto demasiadamente ape-

gada.» Se estiverdes longe, deveis escrever ; e ainda que estivésseis em Tolosa, para onde vos pedem, deveríeis escrever.

O motivo pelo qual vos mudam é para que não tenhais apêgo a nada. Quando se não faz isto, que acontece ? Uma quer ir a um confessor e outra a um outro. Perdem a paz de Deus ; caem na maior e na mais perigosa divisão que pode haver. Sabeis, minhas queridas Irmãs, quais são as fracturas mais difíceis de sarar ? São as que se fazem junto duma articulação. Ora, a articulação das Filhas da Caridade, é o que as deve unir umas às outras e todas a Deus, o confessor. Se partirem esse laço e pretenderem mudar, se, seguindo a sua fantasia, uma quer ir a este e outra àquele, segue-se uma constante divisão. Está tudo perdido. Quando uma Irmã, para sua satisfação, quer um homem que lhe agrade e a satisfaça, ó minhas Irmãs, torna-se causa de grande desordem ! Por essa razão peço à Senhora Le Gras que, quando vir tal coisa, mude essa Irmã, e faça como Nosso Senhor hoje, dia da circuncisão, que corte, que arranque.

O quinto meio, minhas queridas Irmãs, para vos ligar e unir bem umas às outras, quando estiverdes nas paróquias ou nos campos, é não pedir nunca conselhos senão àqueles que vos são dados para isso. Não é permitido dizer as aversões que têm contra suas Irmãs ou contra a Irmã Servente, nem contar as tentações senão a esses. Oh ! Não, isso nunca vos é permitido. Não, minhas Irmãs, não digais nunca as vossas penas senão a quem as deveis dizer.

Não seria permitido dizê-las a alguma boa senhora ? Ah ! Minhas Irmãs, deveis acautelar-vos de tal coisa ; pois, não tendo o espírito da Companhia, como poderia dar-vos os conselhos de que precisais ? O que vos dissesse não vos conviria. Não o digais nunca às Senhoras ; se o fizésseis, ainda que fôsseis fortes como Sansão, acontecer-vos-iam dois males : um de perderdes a vossa vocação ; outro, de servirdes de escândalo. Pois esta Senhora di-lo-ia a outra ; e não vos admireis disso ; pois, se vós próprias não soubestes guardar o vosso segredo, como quereis que outrem o guarde ? Aí tendes a mirra que podereis oferecer a Deus : mortificar-vos, não dizendo nunca as vossas penas senão a quem as deveis dizer.

Mas, se me colocardes em Tolosa, na Polónia ou em qualquer outro lugar afastado, como havemos de escrever ? E se escrevermos, estaremos muito tempo sem resposta. Que fazer então ?

— Ah ! Minhas queridas Irmãs, deve haver sempre alguém para vos aconselhar ; dá-se em toda a parte alguém para esse fim ; mas nunca vos deveis dirigir a outro senão a esse.

Falta-nos ainda dizer como haveis de proceder para servirdes

de boa edificação ao próximo e muitas outras coisas de que falaremos outra vez, se Deus o permitir.

Que Nosso Senhor nos conceda a graça de pôr em prática o que acabamos de dizer!

A Senhora Le Gras pôs-se de joelhos e disse:

Meu Pai, peço-vos muito humildemente, por amor de Deus, em nome de todas as nossas Irmãs, que alcanceis da Sua bondade Se digne perdoar-nos todas as nossas faltas e o mau uso que fizemos dos avisos que a vossa caridade nos deu, particularmente eu, que deveria dar bom exemplo às nossas Irmãs, pondo-as em prática, do que lhes peço humildemente perdão.

— Muito bem, Senhora Le Gras! Peço a Nosso Senhor Jesus Cristo, posto que indigno, que Se digne perdoar às nossas Irmãs o mau uso que têm feito das instruções que receberam e todas as suas infidelidades na prática das instruções.

É porque tenho negligenciado dar os avisos necessários ou os não tenho dado como devia ser, nem no espírito em que o devo fazer, e porque a Senhora Le Gras talvez se sinta culpada, vos pedimos, minhas queridas Irmãs, perdão das faltas que cometemos para convosco. Peço a Nosso Senhor que Se digne, pela Sua misericórdia, perdoar-nos a todos em geral, e que ao mesmo tempo que pronunciar as palavras de bênção sobre vós, vos conceda a graça de entrardes perfeitamente na prática do que foi dito.

Benedictio Dei Patris...

58 — CONFERÊNCIA DE 15 DE MARÇO DE 1664

SOBRE O ORGULHO ESCONDIDO

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta instrução é o orgulho escondido, não o orgulho de que habitualmente se fala, mas do orgulho escondido. Divide-se em três pontos.

O primeiro trata das razões que temos para nos acautelarmos do orgulho escondido; o segundo, dos sinais pelos quais poderemos conhecer se esse orgulho escondido existe em nós; o terceiro, dos meios de impedir que entre no nosso coração ou de o expulsarmos, se já lá existir.

Dizei-nos, minha Irmã, as razões que temos para conhecermos se este orgulho escondido existe em nós.

— Meu Pai, uma razão que a isso nos obriga é ser este orgulho

muito desagradável a Deus, e que, pelo contrário, a humildade é muito agradável a Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos deu o exemplo durante toda a Sua vida e que quis que Sua Mãe fôsse que a mais humilde de todas as criaturas.

Pareceu-me que temos o orgulho escondido quando desprezamos os outros, nos estimamos mais do que a eles e gostamos nos estimem.

— Ó minha Irmã, ainda que não houvesse outra razão senão essa que acabais de dizer, que Nosso Senhor veio para combater esse vício e para o destruir pelas suas acções contrárias, seria um poderoso motivo para nos levar a fugir dele.

Então, minha Filha, pensastes que as Filhas da Caridade podem ter orgulho escondido?

— Sim, meu Pai, parece-me que podem ter estima de si mesmas, murmurar das acções dos outros, desprezá-los, fiscalizar o que faz o próximo, e muitas outras.

— Tendes muita razão, minha Filha. Todavia a vã glória não deveria existir entre vós, pois esse orgulho vem ordinariamente das pessoas pobres, meninas dos campos, filhas de lavradores como eu.

Somos todos muito pouca coisa. Quanto ao hábito, ao toucado e ao resto, não há motivo para ter vaidade. Quanto ao espírito, ah! Sois na maioria dos campos e não podeis ter grande cultura. Quanto ao alimento, os pobres comem quase como vós: um pouco de carne de vaca ou coisa semelhante. Não tendes pois motivo para vos estimardes ou serdes presumidas. Com respeito às vossas conversas, não frequentais senão os pobres e sois suas servas; não tendes certamente de que vos orgulhardes.

Não será este orgulho que entrará no meio de vós. Mas há duas espécies de orgulho: um vem dos emprêgos; é o das pessoas que se pavoneiam por causa dos seus cargos e têm vaidade nisso. Uma Irmã que saísse logo pela manhã para ir ver os pobres, e isso unicamente para agradecer a uma Senhora e para ser apreciada por ela, cometeria um acto de orgulho. Outra espécie de orgulho é o que se esconde tão facilmente sob um hábito cinzento, como de outros muito importantes, e é desse que vos falamos; pois podeis tê-lo. Conheçemo-lo pelos seus efeitos.

É causa de todos os pecados que cometemos, como a humildade é a origem de todo o bem que fazemos. Não há mal algum que não tenha por base o orgulho oculto. Se uma Irmã falar bem de si, se for desobediente, se não se der bem com as outras, se desejar ser Irmã Servente, tudo isto é orgulho escondido. A primeira razão que nos deve levar a evitar este vício, é portanto porque é a causa de todos os males.

A segunda razão, é que Deus não concede nada aos que estão dominados por ele, pois, quaisquer orações e qualquer bem que façam, Deus não os atende. Está escrito: «Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes.» (S. Tiago 4, 6). Deveis pesar estas palavras: «Deus resiste aos soberbos», e dizer: o que! Estou cheia deste orgulho e Deus diz que nada concederá a pessoas nestas condições. Oh! Quero procurar sair deste estado.»

A terceira razão, é que Deus permite que as almas possuídas desse orgulho caíam em grandes pecados: a impureza, a perda da vocação, sim, minhas Irmãs, a perda da vocação. Não disse Deus: «Ah! Vós vos estimastes e elevastes; caireis.» (S. Mat. 23, 12).

Uma Irmã é estimada numa paróquia, imagina ter mais jeito para agradar a um confessor, a uma Senhora. É para recear que venha a cair e a perder a vocação.

O quarto mal, é que o orgulho prejudica todo o bem que fazemos e põe uma tal desordem nas nossas acções, que se tornam desagradáveis a Deus. O comum das almas orgulhosas e vãs é assim. Todas as boas obras que fazem são prejudicadas. Quer seja uma Irmã em particular ou a Companhia, tudo quanto se fizer será prejudicado.

A quinta razão, é que o orgulho escondido é um sinal de condenação, assim como a humildade é um sinal de predestinação. Não haverá ocasião para temer quando a salvação está em perigo? Importa muito, como vêdes, pedir a Deus que nos conceda a graça de nos livrar desse veneno. Ó Salvador, livrai-nos, livrai-me, a mim que talvez seja o mais culpado por esse vício.

Dir-me-eis: «Eis muitas coisas; como poderei conhecer, Senhor, que tenho este orgulho escondido? Talvez que, quando o souber, me torne mais humilde.»

Minhas queridas Irmãs, o primeiro sinal, é se tivermos uma grande estima por nós e pelo que fizermos, se desejarmos que os outros tenham boa opinião de nós, que os nossos confessores e as outras senhoras nos estimem. Temos portanto duas coisas: termos em grande conta e desejar que os outros, os Superiores e as Irmãs nos estimem e digam: «Aqui está uma Irmã que faz muito bem.» Mas como sabemos que temos boa opinião de nós e que ficamos satisfeitos que os outros nos apreciem? É quando sentimos satisfação em que nos louvem ou que estejam contentes connosco.

O terceiro sinal, é fazer alguma coisa sem obediência, pois a desobediência é um sinal de soberba. A Senhora Le Gras, o confessor mandam alguma coisa, e a Irmã não faz caso. Isto é um sinal de orgulho escondido.

O quarto sinal, é quando se fala em seu próprio louvor. Não

se diz abertamente, mas declaradamente se gaba: «Fiz isto ou aquilo.» Como a febre se manifesta pelo calor, assim o orgulho se manifesta pela língua. Sentimos tanta satisfação em contar o que fazemos! Contamo-lo vagamente para não dar a entender que queremos que nos louvem.

O quinto sinal, minhas queridas Irmãs, é quando se fazem acções propositadamente para conquistar a simpatia duma Superiora ou duma Irmã. Ir ver os doentes para satisfazer a esta Senhora ou a outra pessoa, fazer quanto se pode para adquirir estima, tudo isto é um sinal de orgulho escondido; do qual nos devemos acautelar muito.

O sexto sinal, é discutir com as Irmãs e nada querer ceder.

O sétimo sinal, é a obstinação. Uma Irmã quererá uma coisa duma maneira; outra quererá doutra. Mantém-se firme na sua opinião. Os conselhos da sua Irmã Servente, do seu Confessor, do seu Director, da Superiora não são capazes de a fazer ceder, porque está apegada à sua opinião. Enraizou aquilo no cérebro; nada a poderá fazer desistir. Eis um sinal do orgulho escondido e uma qualidade diabólica, pois só é próprio dos demónios permanecer na sua obstinação. É portanto espírito do demónio, que está de tal maneira apegado ao mal que nele permanece sempre.

Por vezes, surgem-lhe remorsos; mas não tem a coragem de os seguir; bem o queria, mas não pode.

O oitavo sinal, é a singularidade, até em coisas de devoção, como querer comungar mais frequentemente que as outras, ter um terço, trazer um peitilho mais bem posto, distinguir-se pelo seu toucado ou pelo hábito. Tudo isto revela orgulho, minhas Filhas. Tende cautela, não tenhais singularidades.

Um outro sinal, é a ambição dos cargos ou emprêgos mais honrosos, que faz que se queira ser Irmã Servente. Se mandarem para uma paróquia uma Irmã que tem esse desejo, não se poderá submeter a sua Irmã. Julga que seria mais competente, que saberia dirigir melhor, que teria mais experiência, que reza melhor e, por conseguinte, que deveria ser ela a Irmã Servente. Quando uma Irmã sente estes pensamentos e os não rejeita imediatamente, mas os alimenta, tem um espírito do demónio; sim, supôr que se faz melhor que os outros, é um espírito do demónio.

Eis pois, minhas Irmãs, os sinais por que poderemos conhecer se temos esse orgulho escondido; pois, vêde, este vício é tanto mais para reear, quanto mais escondido e desconhecido.

Mas como fazer para nos livrarmos dele? É tanto mais difícil porque não o conhecemos e somos cegos quanto a nós; quando nos dizem que o temos, não queremos acreditá-lo. Notai bem que não o poderemos conhecer senão pelos seus efeitos.

O que o torna mais perigoso, é vir sempre com a aparência de bem. Por exemplo, se uma Irmã pedir para comungar mais vezes que outra Irmã, o seu confessor, que não tem experiência, pensará que é levada a isso por um grande amor de Deus, por uma grande ternura para com Nosso Senhor. Dir-lhe-á: «Podeis comungar, minha Filha». Quem não julgará que é para um maior bem? E todavia é orgulho.

O orgulho não anda sem a desobediência. Por exemplo, não fazeis oração. Por que? Direis: «Não me foi possível; estive a escrever a um parente, tinha ido visitar uma senhora ou um pobre, ou não queria desgostar a minha Irmã, que também a omitiu, para não parecer melhor que ela». Com efeito, quem não verá nisso senão boa intenção?

O que torna esse pecado incurável ou quase incurável é que se manifesta sempre com aparência de bem.

Podeis perguntar-me: «Mas, Senhor, reconheço-me culpada; fico satisfeita quando me louvam; sou desobediente; disse coisas que me lisongeiavam, para me tornar superior a uma Irmã que me parece mais negligente. Que fazer a isto?»

Minhas queridas Irmãs, aconselho-vos duas ou três coisas. A primeira, procurar descobrir se temos esse orgulho. Se o tivermos, afirmar diante de Deus que desejamos aplicar-nos de todo o coração à prática da santa humildade e pedir-Lhe que Se digne conceder-nos essa graça.

— A segunda, examinar todos os dias com frequência as suas acções, e pensar: «Não tenho ficado satisfeita quando me louvam? Se assim é, para a outra vez acautelar-me-ei; lembrar-me-ei da confusão de Nosso Senhor Jesus Cristo diante de Pilatos; lançar-me-ei aos pés da Vossa santa cruz.» Devemos perguntar-nos se cometemos alguma desobediência, se fomos teimosos, mesmo para com o confessor, a quem algumas vezes respondemos e resistimos, aos Superiores, à Superiora. «Oh! Não terei tido algum pensamento de exaltação, o desejo de ser Irmã Servente?» Se reconhecermos este desejo, devemos afastá-lo e dizer: «Senhor, renuncio de todo o meu coração a tudo isto e prefiro ser toda a minha vida simples Irmã da Caridade a ser Irmã Servente.»

Devemos ainda perguntar-nos se temos uma queixa uma contra a outra, se não queremos ceder, se respondemos a tudo o que nos dizem. Aquela que quiser ser humilde deve ceder a tudo, tudo, menos o que a consciência não permite.

Se uma Irmã quisesse faltar à regra, se, por exemplo, dissesse à Irmã Servente: «As quatro horas é muito cedo para se levantar; devemos-nos levantar mais tarde»; ou então se, á hora de ir para a missa, dissesse: Minha Irmã, hoje temos muito que fa-

zer»; nestes casos a Irmã Servente deve conservar-se firme e não ceder. Mas, nas coisas indiferentes, a que fôr de Deus cederá em tudo. É conveniente examinar-nos todos os dias, e se reconhecermos que caímos, pedir perdão a Deus e a graça de se corrigir.

O terceiro meio, minhas queridas Irmãs, é perguntar ao Confessor, ao Director, à Superiora: «Terei orgulho escondido?» Se vos disserem: «Sim», acreditai-o, ainda que o não conheçais, porque somos cegos. Um médico doente não se trata a si próprio, mas chama outro. Mesmo com saúde procede assim. Do mesmo modo, uma pessoa doente de orgulho escondido não se conhece a si própria. Deus permite que o demónio lhe feche os olhos, de maneira que não veja esse vício, não fale dele, nem se acuse. Como se há-de libertar dele se não lho fizerem conhecer? Perguntai ao vosso confessor: «Senhor, não vos parece que tenho algum orgulho escondido? Peço-vos que mo digais». E devemos acreditá-lo.

Se existir em vós orgulho escondido, que se há-de fazer? Pedi a Deus armas para o combater, pois é o nosso maior inimigo; causa todos os males e a perda de todos os bens; torna-nos inimigos de Deus que resiste aos soberbos e dá a Sua graça aos humildes. Dizei todos os dias nas vossas orações: «Ó meu Salvador, livrai-me do orgulho escondido, da estima de mim mesma, do desejo de ser estimada.» Tende também uma grande devoção a Nosso Senhor, à Santíssima Virgem, que, falando de Si, disse que Deus tinha olhado para Ela porque era humilde, aos Santos e ao vosso Anjo da Guarda que nos deram todos exemplos de humildade.

Em terceiro lugar, fazei todos os dias actos de humildade, não digo exteriores, posto que sejam bons, como beijar os pés aos outros, mas actos do coração. Digamos interiormente que não somos nada, que somos pecadores, desejamos não ser conhecidos nem estimados, como Nosso Senhor que vivia escondido; quando o viam, diziam dEle: «Não é este o filho do carpinteiro?» (S. Mat. 13, 55). Para imitar esta humildade de Jesus devemos amar a vida escondida como Ele, considerar-nos as menores da Companhia, reconhecer-nos miseráveis, sem espírito nem poder, convencer-nos de que, se há mal, somos nós que o fazemos, e atribuir o bem aos outros. Se seguides este conselho, minhas queridas Irmãs, a que grau de graça não chegareis? O próprio Deus disse: «Sobre quem julgais que lanço os olhos, senão sobre aquele que se esconde? É essa a minha esposa, a minha amada, de quem faço as minhas delícias.»

Quanta doçura, quanta suavidade interior recebe uma alma assim escondida aos olhos dos homens e apenas conhecida de Deus! Só as que o experimentam o podem dizer.

Tendes portanto o inimigo descoberto, minhas queridas Irmãs; acabo de vo-lo mostrar; vigiai com cuidado e tomai desde já boas resoluções. Se lhes fordes fiéis, a Companhia será a Companhia de Nosso Senhor Jesus Cristo e adquirireis a qualidade de suas esposas.

O nosso muito Venerando Pai pôs-se então de joelhos, e dirigiu a Deus esta oração, depois de nos haver dito que a repetíssemos com ele:

Senhor, o que acabo de ouvir faz-me compreender como é importante para mim conhecer os grandes males que o orgulho traz a uma alma. Mas como o poderei conseguir, se não me concederdes essa graça? E, se não me derdes as luzes e as inspirações precisas, como poderei desfazer-me dele? Pedis a cada um a sua boa vontade para cooperar com as Vossas graças. Senhor, eis-nos todos prostrados aos Vossos pés; nós vo-la oferecemos e protestamos que não queremos mais que nos estimem. Destes à Santíssima Virgem grande abundância de humildade; nós Vos pedimos que, por seu intermédio, nos façais participantes desta virtude. Fostes tão humilde que quisestes passar por um pecador e ser pregado numa cruz. Não quisestes ser humilde somente durante a Vossa vida, mas depois da vossa morte, para que vossos filhos Vos seguissem. É portanto a Vós, divino Salvador, que pedimos a graça de trabalhar na aquisição da humildade, conforme o que desejas de nós.

Santíssima Virgem, que tão bem participastes desta santa humildade, ajudai-nos, alcançai-nos do Vosso querido filho esta virtude para toda a Companhia e para todas as nossas Irmãs que estão longe daqui. É esta a súplica que Vos dirijo de todo o meu coração.

Benedictio Dei Patris...

59 — CONFERÊNCIA DE 25 DE MAIO DE 1654

SOBRE A CONSERVAÇÃO DA COMPANHIA

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta instrução é sobre a conservação da Companhia. Divide-se em três pontos. O primeiro trata das razões que as Irmãs têm para se darem a Deus a fim de viverem de maneira que a sua Companhia dure longos anos, ou melhor, que ela subsista com felicidade, dure e se conserve para sempre. No segundo ponto trataremos do que a poderia

arruinar. No terceiro, dos meios a empregar para impedir que se arruíne.

Minha Irmã, que razões têm as Filhas da Caridade para se darem a Deus e viverem de tal maneira que a obra do Senhor não pereça nas vossas mãos?

— Meu Pai, ainda não pensei nisso, mas parece-me que é muito necessário darmos a Deus para que faça de nós e por nós a Sua santíssima vontade, sem a qual nada podemos.

— E vós, minha Irmã, que razões tendes para o fazer?

— A primeira é que nos devemos abandonar e confiar completamente à Providência de Deus. A segunda razão é que Deus é o autor desta Companhia, que Ele próprio formou. Parece-me, meu Pai, que não há necessidade doutra razão para nos levar a desejar a conservação da Companhia das Filhas da Caridade.

— Deus vos abençõe, minha Filha! Esta Irmã diz que uma das razões é confiar-se à providência de Deus, e é muito verdade. Propõe como segunda razão que a Companhia foi instituída por Deus. Com efeito, é uma regra dada por Santo Agostinho, que aquilo que os homens não fizeram vem de Deus. Ora, minhas queridas Irmãs, acontece que não há ninguém na terra que possa dizer: «Fui eu que fiz isto». A Senhora Le Gras não o pode dizer, o Senhor Padre Portail também não, nem qualquer outra pessoa. Não, minhas Irmãs, ninguém pode dizer: «Fui eu que fiz esta obra.»

Podereis objectar: Ah! Portanto como, Senhor! Se o que dizeis é verdade, quem é então o autor? Poderia isto fazer-se a si mesmo? «Não, isto não se criou a si mesmo; mas não é obra dos homens, porque nunca se havia pensado na Caridade. Daqui podeis concluir, com Santo Agostinho, que o que os homens não fizeram tem Deus por autor.

Ó Salvador, fostes portanto Vós que criastes esta grande obra, da qual tendes tirado tão grande bem; sede para sempre bendito! Ó minhas Filhas, como sois felizes por terdes sido chamadas a um tão santo emprêgo!

Eis aqui um grande motivo para viverdes tão perfeitamente que a Companhia jamais venha a decair.

Uma outra razão, são as grandes bênçãos que Deus tem dispensado à Companhia, pois devemos confessá-lo, Deus tem-na abençoado. Não será uma bênção ter trazido a ela tantas almas, agora no céu, que viveram como anjos, e a quem podemos chamar santas, depois da vida que tiveram? Ah! Meu Deus! Ah! Minhas queridas Irmã, que exemplo e que bênção nos deixaram!

Contava eu ultimamente numa reunião de senhoras muito piedosas o que dissémos, há alguns dias, acerca da nossa Irmã An-

dréa e as palavras que proferiu antes de morrer. Foi numa confidência semelhante a esta. Contava-lhes eu que, a uma pergunta que eu lhe fizera, a Irmã Andréa me havia respondido: «Não tenho pesar, nem remorso algum, senão o de ter sentido demasiado prazer em servir os pobres.» E como eu lhe perguntasse: «O que! Minha Irmã, não tendes nada no vosso passado que vos faça temer?» Acrescentou: «Não, Senhor, absolutamente nada, senão o ter tido demasiada satisfação quando ia por essas aldeias ver toda aquela boa gente; voava, tanta era a alegria que sentia em servi-los.» Ao ouvir esta narração, uma daquelas senhoras não pôde deixar de exclamar, batendo as palmas diante de todas, que nunca tinha ouvido dizer semelhante coisa de alguém. Devia ter sentido grandes sentimentos de admiração para não se poder conter e manifestar-se assim exteriormente. Ter-se-á visto alguma vez coisa semelhante? Não será preciso uma grande pureza para estar assim nesta disposição? Não será preciso ter levado uma vida de santa, para não sentir remorsos de consciência numa passagem em que os próprios santos se sentem assaltados por eles? Poder-se-ia encontrar em religião um estado tão perfeito? Não quer dizer que queira comparar as pobres Filhas da Caridade às religiosas que estão muito acima delas. Oh! Não, Deus não o permita! Mas quero dizer que nunca vi estado tão perfeito. Devemos concluir daqui que a Companhia, onde se encontraram tão excelentes almas, e onde encontram ainda, pois as há muito feitas, como creio, é uma obra de Deus. Conheço algumas que prefeririam morrer do que faltarem à fidelidade que devem a Deus. Deste número é aquela que a rainha da Polónia queria junto de si. Já o contei há tempos, mas não posso deixar de o repetir novamente; talvez não estivésseis todas presentes na ocasião. Seja como for, esta Irmã gostou da oferta que a Rainha lhe fazia e tinha o coração constrangido. Sua Magestade disse-lhe: «Minha Irmã, estimo-vos e, por isso, quero conservar-vos junto de mim; não me quereis servir?» Como a Irmã se calasse, a rainha acrescentou: «O que, minha Irmã, não me respondeis nem uma palavra! Ofereço-vos para ficardes junto de mim e não dizeis nada!» — «Ah! Senhora, pertenço aos pobres, dei-me a Deus para isso; encontrareis pessoas mais competentes para servir Vossa Magestade; permiti-me que faça aquilo para que Deus me chamou».

Ó Salvador das nossas almas, que graça não foi necessária para levar esta Irmã a dar tal resposta e que bênção destes a uma Companhia onde se encontram almas tão afeiçoadas ao Vosso serviço! Ah! Minhas Filhas, não é isto belo? Será isto obra do homem? Oh! Não, não é. Por consequência é forçoso dizer que Deus concede grandes graças àquelas que chamou a esta casa.

Aquela não é a única ; há muitas outras. O que ! Preferir os pobres às raíñas, o pobre hábito das Filhas da Caridade às sedas, a conversação das Filhas da Caridade à das Senhoras, a vida pobre à abundância da côrte, isto não vem das criaturas, mas de Deus. É Ele mesmo quem faz estas obras ; serve-se de vós como instrumentos para mostrar quanto se quer servir de vós. A isto juntaí o serviço que prestais aos pobres em toda a parte onde as nossas Irmãs estão estabelecidas, tantas almas que foram para Deus, ajuda-as com as vossas instruções, e a quem socorrestes tanto espiritual como temporalmente ; tantos pobres doentes que assistis e servis presentemente, os quais só nas paróquias de Paris sem falar nos dos campos e dos hospitais, são tão numerosos como os do Hospital Geral. Quem poderia acreditar isto que fazeis, se não soubesse da bênção que Nosso Senhor concede a toda a Companhia. A nossa Irmã teve razão em dizer que Deus é o seu autor.

Não é preciso outro motivo para vos animar à perfeição e fortalecer a vossa vocação. É uma obra que Deus colocou nas vossas mãos. Pedir-vos-á contas dela. E não será justo, minhas Irmãs ? É um tesouro entregue à vossa guarda e cuja perda deveis evitar. Dizei : « Ah ! Deus me chamou ao seu serviço para esta obra ; colocou-ma nas mãos como um depósito ; quero conservá-lo bem. Se tivesse uma criança abandonada a meu cargo, não a quereria deixar morrer nas minhas mãos. Se sou tão cuidada com uma coisa que diz apenas respeito à vida do corpo, que não deverei fazer para a conservação da Companhia, que diz respeito à vida do corpo e da alma ao mesmo tempo ! » Ainda que tivéssemos mil vidas, minhas queridas Irmãs, deveríamos empregá-las todas trabalhando no desenvolvimento desta obra. Oh ! Que infelicidade se a Companhia enfraquecesse por nossa culpa ! Nosso Senhor, vltando-se para a cidade de Jerusalém, chorava e lamentava a sua ruína que previa. Quem poderia ver, minhas Irmãs, a destruição desta Companhia sem se desfazer em lágrimas. Oh ! Era para morrer de pena se essa desgraça acontecesse !

É este o assunto do segundo ponto : o que poderá arruinar a Companhia da Caridade, isto é, obrigar Deus a tirar-nos as Suas graças, devido ao mau uso que delas tivéssemos feito, e a considerar-nos como pessoas excomungadas e indignas de este lugar.

Minha Irmã, o que é que poderia, segundo a vossa opinião, arruinar a Companhia da Caridade ?

— Meu Pai, parece-me que isso poderia acontecer se déssemos ouvidos às tentações contra a vocação.

— A Irmã tem razão. A tentação nunca larga as pessoas que querem servir a Deus ; não faltou aos Apóstolos e a Nosso Senhor ;

todos os que quiserem viver santamente sofrerão perseguições, quer dizer, serão tentados e afligidos. Ora, se uma Filha da Caridade não resistir à tentação, se, por exemplo, sentir o desejo de ter com que viver em liberdade, ou coisa semelhante, e, se tiver prazer nisso, dirá às outras: «Oh! Se tivéssemos isto ou aquilo! Temos tanta dificuldade!» Se todas escutarem esta tentação, que farão? Murmurarão, queixar-se-ão dos Superiores e que não tem o que desejam. Eis o mal que pode acontecer às que não resistirem logo desde o princípio.

Ficai sabendo, minhas Irmãs, que não tem importância ser assaltada por uma, duas ou mesmo muitas tentações; não, isso não tem importância se, desde o princípio, as repelirmos, depois de ter reconhecido que é o demónio que nos mete esses maus pensamentos no espírito. Devemos dizer: «Senhor, sei que jamais haverá uma Filha da Caridade que não seja tentada.» Não, minhas queridas Irmãs, não há, nem haverá nunca. Todas as pessoas de bem têm de aceitar a tentação. Não há árvore que não seja sujeita aos vermes; do mesmo modo, não há Filha da Caridade que não tenha tentações contra a sua vocação; mas tem de lhes resistir com coragem e nunca lhes dar ouvidos, por muito boa aparência que tenham; porque, minhas Irmãs, ainda que elas vos ponham diante dos olhos algum bem, são todavia serpentes que procuram encantar-vos com o olhar.

Minha Irmã, dissei-nos: o que poderia perder e arruinar a Companhia?

— Meu Pai, creio que seria o desprezo das graças que Deus nos concedeu; e todas as que saíram deixaram-nos porque não conheceram o valor do chamamento à Companhia e não apreciaram bastante a sua vocação.

— Oh! Falais verdade, minha Filha; Deus vos abençoe! Ah! Meu Deus! Minhas Irmãs, eis a verdadeira causa de todas as nossas desgraças, dos pecados que cometemos, do desprezo das regras, enfim, de todo o mal que praticamos: é que não estimamos os dons de Deus. Nosso Senhor dizia à Samaritana: «Ó mulher, ó mulher, se conhecesses o dom Deus! (S. João 4,10). Se conhecesses a virtude da água que te dou! Assim também, minhas Irmãs, se compreendêssemos o valor desta graça! Ó menina, se conhecesses a tua felicidade! Se pudesses conceber a grandeza do teu officio! Como a Irmã que recusou a honra de servir a Rainha da Polónia compreendia bem isto! Oh! Sim, compreendia bem a felicidade que há em servir os membros de Nosso Senhor; e todas as outras mostraram em circunstâncias semelhantes que estimam muito a sua vocação.

Ah! Quem não amará esta vocação! O que! Fazer o que Deus

fez na terra! Seria preciso ser muito insensível! Peçamos a Deus esta graça, a fim de que, conhecendo a nossa felicidade, não a desprezemos. Creio que todas amam a sua vocação; mas pode acontecer que alguma não aprecie, como deve ser, esta graça, e não esteja firme no estado de vida que Deus lhe concedeu a graça de abraçar. Que cada uma diga consigo: «As minhas regras e as instruções dos Superiores desgostam-me? Serei tão cobarde que perca a minha vocação por algumas vãs esperanças que a tentação me apresenta?» E, se nos encontrarmos na resolução de sermos fiéis a Deus, desprezando todas as honras e satisfações que poderiam apresentar-nos, devemos agradecê-lo a Deus e dar-Lhe toda a glória. Se, pelo contrário, não estivermos nestas disposições, devemos pedir perdão à Sua divina bondade e dizer-Lhe: «Ó meu Salvador, perdoai-me os pecados que me puseram em tão mau estado; perdoai-me, Senhor, as infidelidades que são causa da minha desgraça.»

Se vos perguntasse, minhas Irmãs: «Quereis deixar a Companhia? Tereis alguns bens e liberdade; não sereis obrigadas a esta sujeição, sereis bem alimentadas.» Responder-me-íeis: «O que? Senhor, que estais a dizer? O que! Estais a propôr-me que deixe o meu Deus, que me tem concedido tantas graças, por um prazer de momento! Pois podemos chamar um momento a tudo o que passa com o tempo. Oh! Não farei nada disso.» Creio, minhas Filhas, que muitas me dariam esta resposta. Respondei o mesmo às tentações.

Minha Irmã, o que é que poderá arruinar a Companhia das Filhas da Caridade?

— Meu Pai, creio que o que a pode arruinar e fazer com que as Irmãs a deixem, é não descobrir aos Superiores as suas tentações; e o meio de as impedir, parece-me, será ter a liberdade de contar as suas dificuldades. Quanto a mim, quando Deus me concede essa graça, sinto-me perfeitamente satisfeita.

— Deus vos abençõe, minha Filha. Tendes razão. Eis donde pode vir a ruína da Companhia; guardar as tentações no seu coração, não as querer dizer aos Superiores e dizê-las umas às outras. Uma Irmã que tiver o espírito doente desabafará com outra que tenha a mesma doença, e, em vez de se ajudarem mutuamente, de se consolarem, de se aliviarem, prejudicar-se-ão. Destas duas, muito depressa, o contágio se estenderá às outras. E aí tendes como pode vir a ruína da Companhia. Por esta razão, ficai certas, minhas queridas Irmãs, de que não podereis perseverar sem dizer as vossas dificuldades aos que vos podem aliviar.

Dizei-nos, por favor, minha Irmã, o que é que poderá desen-

caminhar as Filhas da Caridade e por consequência arruinar a Companhia?

— Meu Pai, creio que pode ser a conversa com os seculares, porque adquirimos a sua maneira de ser, e depois insensivelmente fazemos como eles.

— Ah! minha Filha, o que acabais de dizer é verdade e importante! Minhas Irmãs, o que se mistura com os mundanos torna-se mundano, isto é certo; como, pelo contrário, os que vivem na Companhia dos bons tiram proveito disso. Quando vemos uma Filha da Caridade comprazer-se com as pessoas do mundo, não é bom sinal. Quando uma Irmã de paróquia sente satisfação em que as Senhoras a apreciem e digam: «Eis uma boa menina; tem grande cuidado com os pobres,» afeiçoa-se a essas pessoas que a louvam e aplaudem. Ah! Minhas Irmãs, acautelai-vos de que o affecto que o mundo vos tem não seja causado por aquele que lhe testemunhais. «Se fosse deste mundo, disse o Salvador do mundo (S. João 17,14), amar-me-ia, mas, porque não sou do mundo, Me odeia, por em Mim não encontrar nada do que é seu.» Assim, minhas Filhas, quando virdes que sois amadas pelo mundo, conclui daí que sois do mundo, pois não ama senão o que é seu. Portanto, logo que sentirdes satisfação em receber os louvores que vos dão, dizei: «Não tenho o espírito que Nosso Senhor quer que tenha».

Que julgais vós que seja o espírito do mundo? É gostar da estima, da honra, dos louvores; é desprezar as Irmãs que são exactas e obedientes. Desde que uma Irmã goste dos que têm o espírito do mundo, e se compraz em conviver com eles, dizei: «Esta Irmã está num grande perigo de perder a sua vocação.» Não quiere dizer que se deva desdenhar as Senhoras. Oh! Não, devem-se respeitar e honrar devido aos meios que vos dão de servir os pobres, como também pela autoridade que exercem sobre vós, pois desempenham junto de vós o lugar de mães, no que diz respeito aos pobres; mas não deveis comprazer-vos com isso nem permanecer muito tempo com elas, se a necessidade a isso vos não obrigar, e sobretudo nunca lhes falar das vossas difficuldades, aversões e queixas contra as vossas Irmãs. Por aqui vêdes quanto a convivência com os externos é perigosa para o vosso bem, e por conseguinte como deveis evitá-la tanto quanto puderdes; pois pode ser causa de arrefecerdes na vossa vocação. A Irmã teve razão em dizer que isto seria um grande perigo para a Companhia.

É vós, minha Irmã, que vos parece que possa arruinar a Companhia?

— A Companhia, meu Pai, arruinar-se-ia se as Irmãs fossem infieis em guardar as suas regras.

— Dissestes bem, minha Filha; tanto mais que a infidelidade em guardar as regras é um desprezo pelas coisas santas, pois as vossas regras são santas, e santo aquilo a que tendem; ajudam-vos, quer a servir bem os pobres, quer a aperfeiçoar-vos a vós mesmas. Portanto, logo que as deixeis ou desprezeis, podemos dizer adeus à Companhia; e ainda que não ficasse completamente aniquilada, o que poderá parecer, terá apenas a aparência e nada mais; assemelhar-se-á a essas árvores que estão mortas mas que conservam verde o exterior da casca.

Ó minhas Irmãs, que grande mal é não observar as regras! Ser negligente, não fazer caso delas e deixar os meios de que Deus se serve para nos salvar, isso merece um grande castigo. O que! Desprezar os meios de salvação, não apreciar as graças que Deus nos dá! Que graça maior nos concedeu do que manifestar-nos a Sua Santa Vontade por meio das nossas regras!

Deus dá a Sua Lei ao povo de Israel e diz: «Guardai bem esta lei e não desprezeis nenhum artigo dela, pois logo que a transgirdes, esperai toda a espécie de males e de misérias.» Do mesmo modo, minhas Filhas, estai certas de que sereis abençoadas por Deus, enquanto fordes fiéis à prática das vossas regras, e, desde que as transgirdes, ficareis cheias de misérias espirituais, de tentações, de repugnâncias, de aborrecimentos.

Dir-me-eis: «Mas, Senhor, vêm-me chamar no momento de fazer a minha oração; como hei-de fazer então para ser fiel às minhas regras? Minhas Irmãs, não tendes serviço mais importante do que o dos doentes, e não transgirdis as vossas regras indo servir os doentes; mas, logo que tiverdes acabado o que vos chamava junto deles, retomai a vossa oração; pois, reparai, minhas Irmãs, deveis ser zelosas em observar todas as vossas regras, até à mais pequena; e, quando o serviço dos doentes vos obrigar a mudar as horas, deveis procurar recuperar esse tempo.

Senhora Le Gras, julgo que seria bom fazer a leitura das regras para que as nossas Irmãs vejam e saibam o que são.

— Meu Pai, faz-se todos os meses às que estão na Casa; mas, se vossa caridade achar bem, penso que seria necessário fazer com que viessem aqui todos os meses as das paróquias; e, para que isto não incomodasse as Senhoras ou lhes desse ocasião de dizerem que as Irmãs vêm aqui com muita frequência, pois a Vossa Caridade nos faz esperar todos os meses a conferência, se julgásseis conveniente, poderiam vir umas num dia e outras noutro.

— Acho isso bem, Senhora Le Gras. Sois da mesma opinião, Senhor Padre Portail?

— Sim, julgo que isso é muito necessário.

— Sim, minhas Irmãs, isto será de grande utilidade. Os Ca-

puchinhos lêem as suas regras todos os oito dias ; não para as aprenderem, pois as sabem bem, mas para se renovarem no seu espírito e se excitarem à sua prática. Vireis portanto aqui para ouvir as vossas regras, com o desejo de as observar. Mas antes de decidirmos quando e como se há-de fazer, pensaremos nisso diante de Deus ; pois foi assim, depois de ter pedido as Suas luzes, que as nossas regras foram feitas.

Senhora Le Gras, faça o favor de dizer-nos os vossos pensamentos.

— Meu Pai, a primeira razão que temos de nos darmos a Deus para obter da Sua bondade que a Companhia dure muitos anos, ou se for possível para sempre, é a persuasão em que devemos estar de que foi o próprio Deus que quis esta instituição e a quis tal como é. Ora, Deus não permite que as criaturas destruam o que fez. Uma outra razão, é que as que contrariassem os desígnios de Deus, destruindo a Companhia, seriam a causa da perda de muitas almas e impediriam que muitos pobres fossem assistidos, e esta infidelidade poria em perigo a sua eterna salvação.

O que poderia ainda contribuir para a ruína da Companhia seria, em primeiro lugar, querer mudar de usos, pois seria, de algum modo, apreciar mais o seu próprio critério que o proceder de Deus, que conhece muito bem as necessidades futuras.

— Senhora Le Gras, peço-vos que espereis aí ; esse pensamento precisa de ser explicado. Se há coisas importantes, uma delas é não mudar nada. O que até agora se disse é bom ; mas isto é superior ; é a pedra de toque. Algum espírito mal formado poderá dizer : « Ah ! É bom que nada se mude ; mas o meio ? » Uma Irmã pensará : « Se tivéssemos o rosto coberto, seria mais modesto. O que ! Ser vista assim a descoberto ! » Outra poderá julgar que seria bom receber meninas de condição ; isso tornaria a Companhia agradável. E estando estas pessoas de condição na Companhia seria necessário mudar a maneira de viver, grosseira e modesta, que se observa aqui ; teria de estar um pouco mais bem instalada. Achariam a Companhia rústica ; seria necessário brilhar um pouco mais, para agradar á menina que não se contenta com esta simplicidade. Ah ! Maldita situação ! Desgraçada complacência ! Perdição ! Minhas Irmãs, assim que isso acontecesse, desde que se vestissem um pouco melhor, diriam : « Temos de nos instalar um pouco melhor ; Quando se vem de fora, é mortificante olhar para coisas tão mesquinhas. »

Outras dirão : « O que ! Senhor, obrigar-nos a não guardar nada é muito severo. » Que tentação diabólica, que perdição quando isso acontecesse ! Reparaí, minhas Irmãs, deveis fugir como de pessoas enviadas por Satanás, de todas aquelas que quisessem

levar-vos a mudar alguma coisa, pois, deste modo, não pretendiam senão a ruína da Companhia. Ah! Minhas Irmãs, receai quando uma Irmã disser: «É preciso fazer isto assim; desta maneira seria melhor e mais cómodo.» Ah! Uma Irmã que ama a sua vocação e que ouve estas palavras deve fugir; deve convencer-se de que é um tição do inferno aquela que pretende mudar o que Deus fez.

Quando são os Superiores que julgam conveniente mudar, deve-se pensar que é Deus; tendo-se Deus servido deles para estabelecer a ordem, deles se serve ainda para mudar alguma coisa.

É por isso que nunca devemos ter que criticar. Mas que uma particular queira pôr-se a mudar alguma coisa! Oh! Não se deve permitir!

O mal de Judas começou por aí: queria mudar as máximas de Nosso Senhor quanto ao emprego do dinheiro que lhe era confiado. Não há portanto necessidade de outra prova para vos persuadir a tomar a resolução de nada mudar. Se alguém vos sugerir a ideia de mudar alguma coisa, não lhe deis ouvidos; dizei: «Este homem não foi chamado por Deus para a direcção da Companhia, e por consequência não sou obrigada a seguir o seu conselho».

Recordo-me, a propósito disto, da história de Recabe. Era um homem de bem. Diz-se dele que, considerando o vinho prejudicial à vida do homem, não o bebia. Seus filhos também não quiseram fazer uso dele. Quando lhes falavam nisso, diziam: «Meu Pai não bebia vinho; nós também não o queremos beber». Os filhos dos seus filhos observaram este costume de pais para filhos, durante trezentos anos. Vêde como o exemplo do bom Recabe foi seguido durante tanto tempo pelos seus descendentes. Diziam «Os nossos pais não bebiam vinho e não deixaram de viver por isso; por que não havíamos nós de fazer como eles?» Vêde, por exemplo, o que deveis fazer, minhas Irmãs.

Quando vos falarem em mudar, dizei: «Que dizeis, minha Irmã? Fomos educadas assim; tivemos sempre esta maneira de viver. Ó meu Salvador, não quero mudar nada.» Se houver duas que pensam assim, haverá outras duas que pensam em mudar. Que acontecerá? As duas primeiras conquistarão outras duas, a quem persuadirão que se mantenham firmes; as outras duas chegarão a acordo, e eis a divisão.

E, quando isto se der, tudo ficará em desordem e tudo estará perdido, a ruína da companhia está próxima.

Minhas queridas Irmãs, tomai desde este momento a resolução de nada mudar, nem em vida da Senhora Le Gras, nem depois da sua morte ou da minha, mas de guardar inviolavelmente

os bons costumes que existiram e existem nesta casa, e conservai-vos firmes nesta resolução. Para que se há-de querer uma outra maneira de vida diferente daquela que Deus inspirou aos Superiores e que é conforme à de Jesus Cristo? Se as Filhas da Caridade observarem bem o seu pequeno regulamento, imitarão as que a Sua bondade escolheu para o começo desta Companhia. Ah! Excelentes almas! E como souberam bem fazer uso das suas práticas e bons costumes!

Eis, minhas queridas Irmãs, uma das mais excelentes condições que vi; não há necessidade de procurar uma mais perfeita. Se quiserdes ser grandes santas, encontrareis nos vossos exercícios os meios para isso. Oh! Quantas almas perfeitas temos tido na Companhia! Estão agora no céu, mas ainda as há na terra, graças a Deus.

Está a fazer-se tarde. Julgo que seria conveniente adiar. Que vos parece, Senhora Le Gras? Faríamos bem em adiar para outra vez?

— Meu Pai, julgo que seria muito necessário, se vossa caridade julgar conveniente.

— Adiemos portanto, pois, reparai, isto é de grande consequencia; quando se trata de conservar uma Companhia, não devemos poupar nem trabalho nem tempo. Sabeis, minhas Irmãs, quanto tempo gastou Noé a construir a Arca e a pô-la no estado de perfeição que devia ter? Cem anos.

Ó Salvador das nossas almas! Ó minhas Irmãs! Se, para fazer a arca em que apenas oito pessoas foram isentas do dilúvio, foi preciso tanto tempo, quanto pensais que seja preciso para formar e conservar esta Companhia para onde tantas almas se retirarão e onde se salvarão do dilúvio do mundo!

Quando uma cidade é sitiada, o governador e os que são encarregados de a defender põem sentinelas, examinam onde está o perigo, reforçam os lugares fracos. Se alguma porta não está segura ou, ainda que o estivesse, não deixam de nelas colocar guardas. Vêde, minhas Irmãs, quantas diligências se empregam no que respeita ao corpo, uma vez que se sabe onde está o perigo. Senhora Le Gras, Deus inspirou-vos para que nos dissésseis uma coisa tão importante; que Ele seja bendito!

Vejamos portanto por onde é que o inimigo poderia abrir brecha; perguntemos a nós mesmos por onde é que poderia entrar; façamos uma muralha, ponhamos canhões, enfim, procuremos os meios de o impedir, pois, uma vez que o inimigo das almas consiga penetrar, o que não fará para arruinar e lançar por terra a Companhia!

O Nosso Muito Venerando Pai repetiu então por três vezes,

parando em cada uma e elevando os olhos ao céu : « Ah ! Minhas Filhas ! Ah ! Minhas Filhas ! Ah ! Minhas Filhas ! Depois acrescentou :

Eia, meu Salvador ! Basta. Que Nosso Senhor Jesus Cristo nos faça conhecer a importância do que foi dito, para entrarmos na sua prática, a fim de não sermos, pelas nossas infidelidades e pecados, causa da ruína desta bela Companhia, que Ele próprio formou como quis que fosse. Nós Vos pedimos esta graça, Senhor, pelos méritos de Vossa Santa Mãe e pelos serviços que quereis tirar desta Companhia. Dai-nos, meu Salvador, Vós que sois a luz do mundo, dai-nos a graça de que necessitamos para conhecermos os ardis de que o inimigo se quer servir para seduzir as almas dos que se dão a Vós, para impedir que entre e derrube a obra das Vossas mãos.

Benedictio Dei Patris...

60 — CONFERÊNCIA DE 24 DE JUNHO DE 1654

SOBRE A INVEJA

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta instrução é sobre a inveja ou ciúme. Divide-se em três pontos : o primeiro trata dos grandes males que viriam à Companhia em geral e a cada Irmã em particular, se nela reinasse a inveja ou o ciúme ; o segundo, das diferentes maneiras de impedir a inveja ; e o terceiro dos meios a tomar para não cair nela.

Minha Irmã, apraz-vos dizer-nos os vossos pensamentos sobre este assunto ?

— Meu Pai, pensei que a inveja era perigosa e causa de grandes males, pois mandou matar Nosso Senhor ; mas que, se, em lugar desta inveja má, tivéssemos inveja do bem e da perfeição, seria uma boa inveja,

— A este respeito, minha Filha, apresentais duas espécies de inveja : uma boa e outra má. A que tende ao mal, é para as pessoas do mundo e não para os servos de Deus. A outra é recomendada por S. Paulo. « Sêde invejosos, diz ele mas da virtude, e não para a impedir de produzir os efeitos do costume, mas para a adquirir ».

A nossa Irmã notou ainda outra. É a que faz com que uma Irmã fique triste e aborrecida pelo bem das suas Irmãs ; por uma outra ser mais bem alimentada, mais bem vestida, por ser mais bem apreciada e recebida pelos Superiores. Eis os efeitos

Instrução LX. — Caderno escrito pela Irmã Maturina Guérin. (Arquivo das Filhas da Caridade).

déssa maldita inveja que causa tantas desordens nas almas daqueles de quem se apodera.

Ora bem, minha Irmã, dissestes que devemos detestá-la, porque deu a morte a Nosso Senhor.

Os fariseus, vendo que o povo seguia a Nosso Senhor e os abandonava, tiveram inveja contra Ele e desde então procuraram tirar-Lhe a vida. A inveja terá tido um grande poder para dar a morte a um Deus incarnado. Ah! Minhas Irmãs, foi a inveja que levou Judas a vender Nosso Senhor. Podemos dizer que tem um grande poder logo que esteja alojada no espirito, pois levou à morte o próprio autor da vida.

E vós, minha Irmã, que mal pensais que a inveja possa fazer a uma Irmã?

— Meu Pai, primeiramente tira a paz da consciência; o que é um grande mal, tanto mais que, quando não temos socêgo interior, só temos aborrecimento e tristeza.

Um outro, é que a inveja pode ser causa da perda da vocação, pois, se a tristeza se apoderar de nós, só há aborrecimento, tudo nos desagrada, e isto poderia por fim arrastar-nos fora da Companhia.

Um meio de impedir a inveja é, segundo me parece, repelir esses pensamentos logo que os notemos.

— Deus vos abençõe, minha Filha! E vós, minha Irmã, que males poderia trazer à Companhia a inveja?

— Meu Pai, pode ser a causa de grandes desordens e até fazer perder a vocação, pois, logo que imaginamos que os outros são preferidos a nós, entristecemos-nos, desanimamos, e está tudo perdido.

— Ah! Tendes razão, minha Filha, em dizer que está tudo perdido para nós, quando se chega a essa altura. De maneira que a inveja tem poder para nos fazer perder a vocação?

— Sim, meu Pai, porque temos inveja por ver que a nossa Irmã é mais amada, mais querida e apreciada, mais virtuosa; e daí vem o desgostar-se e querer deixar tudo.

O remédio para isso, creio, é pensar que o merece mais que nós; e se é mais considerada e colocada em lugares mais elevados, é porque tem mais capacidade do que nós.

— Notai, minhas Irmãs, quando uma Irmã se aproxima mais vezes dos Superiores, que lhes fala mais frequentemente, que vos parece que é mais amada do que as outras, enganais-vos. Ah! Mas está sempre a falar com a Senhora Le Gras, com a Irmã Servente! Por tudo isto, pensais que seja mais apreciada, minhas Filhas? Não, não quer dizer que a estimem mais. Um pai que tem dois filhos, um maior e um mais pequeno; quase não fala ao

mais velho, e acaricia o mais novo, fala-lhe e brinca com ele. Julgais que esse pai ama mais o mais novo que o mais velho, só porque lhe fala mais vezes? Não, sem dúvida ama mais o outro; quando fizer o seu testamento, dará mais ao mais velho do que ao mais novo. Não é pois uma prova de ser mais estimada uma Irmã com quem a Superiora fala mais vezes. Se lhe testemunha mais afeição e ternura é talvez porque se trata duma Irmã desolada e abatida, cheia de aflições, que tem por essa razão necessidade da doçura e afabilidade de que se usa nestes casos. Devemos compadecer-nos duma pessoa assim. É Nosso Senhor que o pede.

Lembraí-vos, minhas queridas Irmãs, do que se diz do filho pródigo? O pródigo exige a seu pai os seus bens, deixa a casa e vai gastá-los. Depois de haver dissipado tudo, a ponto de se ver constrangido a matar a fome com a comida dos porcos, resolveu regressar à casa paterna. Seu pai, logo que o avistou, alegrou-se e disse: «Ah! Eis o meu filho! Tratem-me dele, façam-me um banquete, matem-me um vitelo gordo, vistam-no, e regozigem-se com o regresso de meu filho». Pois bem! Vêde, minhas Irmãs, como esse pai acaricia este pobre desolado: abraça-o, faz um grande banquete, enfim, toda a casa se enche de alegria. Será porque o ama mais do que ao mais velho, que só lhe deu satisfação? Não, mas porque é mais digno de compaixão, por causa da sua miséria.

O mais velho, ao voltar do campo, vendo as rabecas e todo o aparato que havia em casa de seu pai, ficou aborrecido. «O que! disse ele meu pai trata desta maneira o meu irmão que só lhe deu desgostos, e a mim nunca me testemunhou tanta afeição, embora lhe tenha obedecido em tudo? Até parece que o quer casar.»

É a inveja que faz dizer estas coisas ao mais velho; pensa que o seu irmão é o preferido. Embora parecesse que o pai amava mais o filho pródigo do que o outro, é certo que amava muito mais o mais velho, e com razão.

Vêdes, minhas Irmãs, por este exemplo, que, se mostrarmos mais affecto a umas do que a outras, não é porque gostemos mais delas. Desenganai-vos, portanto, e não acrediteis, vos suplico, que seja por este motivo.

Quando virdes uma Irmã mais vezes com a Superiora, deveis pensar que é por algum motivo: é uma official que tem necessidade de conselho para o que tem a fazer, ou uma Irmã que sofre e que se consola.

Desenganai-vos, portanto, minhas Filhas, e não vos deixeis levar nunca por estes pensamentos, porque seria um abuso julgar

que os Superiores amam mais umas do que outras ; é uma cilada de que o espírito maligno se serve para vos fazer cair.

Minha Irmã, temos motivo de reccar que a inveja infecte a Companhia, e que mal pode fazer às Irmãs ?

— Meu Pai, parece-me que a inveja gera o ciúme ; isto faz com que desejemos tudo quanto os outros têm, e que fiquemos aborrecidas por ver que são melhores do que nós.

— Dissestes bem : a inveja gera o ciúme ; dissestes bem, minha Filha. Que Deus vos abençõe ! Compreendeis o que ela disse, minhas Irmãs ? Se a inveja se alojar no espirito de uma Irmã, gera o ciúme, o ciúme gera a divisão, e eis tudo perdido, eis de onde provêm todos os males que acontecem numa casa.

Não me parece ter visto entrar a desordem numa religião senão pela inveja ou pelo ciúme. Ora, se a inveja é para reccar em algum lugar, é entre vós, tanto mais que é a corrupção da Companhia. Quando um fruto está estragado e pôdre, não presta para nada ; do mesmo modo, quando a inveja se alojar entre vós, a vossa Companhia depressa cairá em ruína.

Ah ! Minhas Irmãs, poderia acontecer maior desgraça às Filhas da Caridade do que a inveja, pois é a causa da desunião ? Que bem existe onde há a divisão ? Tende portanto como certo, que, logo que a inveja entre na vossa Companhia, ei-la por terra, não sereis mais Filhas da Caridade, senão de nome, porque não tereis os seus sinais interiores. É por isso que podeis dizer, minhas Filhas, que desde que se veja esse vício penetrar nesta pobre casa, será necessário fazer os funerais da vossa pobre Companhia ; já não existe, está morta. E, como se dá isto ? É que sois Filhas da Caridade, filhas do amor de Deus, do amor do próximo ; e a inveja é o contrário da caridade. Uma Irmã que tem este espírito, de Filha de Deus que era, torna-se filha do demónio, filha da perdição. Ah ! Que desgraça tornar-se filha do demónio ! Vede, minhas Irmãs, o algoz das Filhas da Caridade é a inveja, que faz com que nos entristecemos quando vemos que uma Irmã é mais bem tratada quando está doente, desejada numa paróquia porque faz bem, porque anda mais bem vestida do que nós. Eis pois o que faz a inveja. Desde que uma Irmã chegou a esse ponto, dizei : « Já não é Filha da Caridade, está despojada do seu hábito interior, que é o amor de Deus e do próximo. » Ah ! Mas temos o o nosso hábito ! Pobre Irmã, não é o hábito que vos faz Filhas da Caridade ; é o hábito interior da alma.

A inveja, portanto, diz respeito ainda à reputação. Sente-se pena de que tal Irmã seja tida em melhor conta, de que se lembrem dela para a pôr em qualquer lugar, de que tenha fama de andar na presença de Deus, de que dê bom exemplo a todos

aqueles com quem fala. O demónio faz ter inveja de tudo isso.

Devemos confessar que até agora temos motivo para louvar a Deus. Não tenho visto senão muito poucas que me tenham escandalizado pela cidade. Recordo-me apenas duma só que ia baloiçando qualquer coisa que levava na mão. Digo isto apenas aqui. Talvez que a quisesse oferecer a alguém. Se aqui estiver, que peça perdão a Deus dessa falta e do mau exemplo que deu com a sua leviandade.

Minhas Irmãs, acautelai-vos disto; os maus pensamentos são um verme que roe o coração, tiram a paz e fazem que tenhamos pena, não somente de ver os outros com boa reputação, mas ainda dos bens interiores da alma, de que uma Iruã seja humilde e que a considerem como santa. O demónio faz invejar tudo isto.

Vêde, minhas Irmãs, devemos detestar a inveja, não só porque as Sagradas Escrituras nos fazem ver que teve o poder de mandar matar Nosso Senhor, mas porque introduziu o pecado no mundo. E por isto, podemos dizer que todos os males que sucedem numa Companhia, vêm da inveja, não tenhais dúvidas, do mesmo modo que todos os pecados que existem no mundo começaram pela inveja.

Minha Irmã, pensais que a inveja pode derrubar a Companhia?

— Sim, meu Pai, porque faz a desunião entre as pessoas que se deixam levar por ela, e, não existindo mais entre nós a união, a Companhia rapidamente ~~irá~~ abaixo.

— Sim, minhas Irmãs, porque sois filhas do amor; e a inveja é absolutamente contrária à caridade. É o fogo e a água, opostos um ao outro. E, assim como entre estes dois elementos, há uma grande disparidade, o mesmo sucede entre a inveja e a caridade. Assim como a água extingue o fogo, também a inveja extingue e faz morrer a caridade. E quando virem que existe inveja na Companhia, desprezar-vos-ão e hão-de dizer: «O que! São estas essas meninas de quem tanto se fala? Fóra com elas! Não são competentes para distribuir a caridade das pessoas de bem; deveria ser feito por pessoas caridosas.»

Aqui tendes como a inveja pode arruinar a Companhia das Filhas da Caridade. E quantas não deitou por terra? Por causa dela várias se dissiparam e desapareceram; e ainda há pouco tempo desapareceram duas Companhias em Paris porque a inveja se introduziu nelas. Uma ordem inteira que chamavam *Scolápi* ⁽¹⁾

(1) A Ordem dos Clérigos regulares das Escolas Pias, fundada por S. José Calasanázio, suprimida por Inocência X, a 16 de Março de 1646, em consequência de denúncias caluniosas de dois religiosos contra o fundador, restabelecida por Alexandre VII a 24 de Janeiro de 1656.

foi arruinada, ficando apenas uma única casa, que ainda se conserva num certo reino.

Eis poderosos motivos para vos fazer aborrecer este maldito pecado, minhas queridas Irmãs. Vejamos agora em que se pode pecar por inveja.

Uma Irmã respondeu que é o amor próprio que faz pecar por inveja, que o demasiado amor de nós mesmas faz com que nos aflijamos de que as outras sejam preferidas; que se pode pecar também por pensamentos, julgando que merecíamos muito sermos empregadas num tal officio, tanto como aquella que o desempenha que não tem bastante conhecimento nem experiência; que podemos, ainda pecar por palavras, dizendo que aquellas são muito preferidas às outras, que as suportamos mais, etc.

— Deus vos abençõe, minha Filha! Dizeis que a inveja se manifesta por palavras e que podemos desse modo ofender a Deus, e tendes razão. Portanto, se virmos uma Irmã falar muitas vezes com a Irmã Servente e tivermos inveja dela, pensaremos: «Que estará ela a dizer-lhe? Se tiver um hábito que não seja como os outros, embora por necessidade, pensaremos que é de melhor fazenda, pois o demónio serve se de tudo isso.

Uma Irmã dizia-me um dia à chorar: Ah! Senhor, o que mais me faz temer é ser Irmã Servente. «Reparai, minhas Filhas, nas palavras desta boa menina. Oh! Como as que têm esta ambição estão longe dos sentimentos daquela! Oh! Que má disposição a delas! É o demónio que as incita. Interrogai a vossa memória para verdes se tendes tido até agora esses sentimentos. Se ainda os tiverdes, ó pobre menina, em que estado estais? Se deveis recear alguma coisa, é isso. Se vos sentirdes manchadas desse vício, pedi com insistência a Deus que vos livre dele: e se tiverdes lágrimas, derramai-as diante da Sua bondade para o obterdes. Não descanséis enquanto não vos livrardes dele, e dizei: «Ah! Meu Deus, como permitis que uma Filha da Caridade seja filha do demónio, que é o orgulho.» Pois o demónio e o orgulho são a mesma coisa; se tiverdes inveja, que é uma das suas filhas, sereis filhas do demónio. O que! Uma Irmã da Caridade poderia não sofrer por viver neste estado! Oh! Seria preciso não ter sentimentos de Deus. A que se sentir culpada não deve descansar enquanto não tiver alcançado de Deus a sua libertação. Deve recomendar-se às orações das outras, pedir à sua Irmã para lhe alcançar de Deus esta graça; se encontrar algum bom religioso, deve dizer-lhe: «Peço-vos, meu Pai, que me alcanceis de Deus a graça de me libertar dum maldito pensamento de orgulho que me atormenta: desejo ser Irmã Servente. Alcançai-me da Sua bondade a graça de me livrar desta tentação».

Realizou-se há pouco tempo uma assembleia de prelados para a nomeação dum Superior. Dois desses prelados escreveram-me, e escrevi-lhes também a esse respeito. Quando chegou a ocasião de nomear o Superior, esses bons Padres que eram dessa Ordem começaram a chorar lágrimas ardentes, com receio de serem elevados a esse cargo que sabiam ser demasiado pesado para eles. O Senhor Arcebispo de Narbonne e o Senhor Bispo de Alet escreveram-me dizendo que tinham ficado tão edificadas com a humildade desses Padres que nem o podiam explicar. Com efeito, minhas Irmãs, não é verdade que os cargos são pesados e perigosos para aqueles que os procuram? Oh! Como estavam muito longe da inveja! O meio pois de remediar a inveja é não desejar os cargos, nem os estimar. Eis que vos enviamos para um novo estabelecimento, como quando foram mandadas para a Polónia; não se julgar competente para isso.

Aí tendes bastantes razões, minhas Irmãs, para vos fazer desear libertar-vos da inveja, se a tiverdes. Conheceis o estado duma alma que tem inveja. É um estado diabólico. Devemos libertar-nos da inveja, se quisermos perseverar, e se quisermos que Deus nos não abandone, tanto mais que concede a Sua graça aos humildes e resiste aos soberbos.

Minha Irmã, que meio é preciso empregar para combater a inveja?

— Meu Pai, parece-me que o melhor meio é pedir a Nosso Senhor que nos dê a humildade.

— Muito bem, eis um meio, foi um pensamento que Deus vos deu. Um outro, é lembrarmo-nos dos exemplos dos Santos para nunca ambicionarmos o quer que seja. Outro meio, é pensar que isso desagrada a Deus. Parece-vos, minha Filha, que seja um bom meio para não pecar por inveja, gostar dos hábitos recomendados?

— Sim, meu Pai.

— Certamente que é um excelente meio, ficar satisfeita por ter hábitos velhos e aborrecer-se quando se lhe dão novos, e dizer à Senhora Le Gras: «Senhora, este hábito é demasiadamente bom para mim. Fazeis-me bonita demais. Não sabeis que já sou orgulhosa e que isto irá ainda envaidecer-me mais? Oh! Sou muito vaidosa e cheia de inveja. Por isso não mereço que me vistam desta maneira.» Eis, minhas Filhas, como deveis proceder.

E vós, minha Irmã, qual será o meio para não cair no pecado da inveja?

— Meu Pai, parece-me que é procurar sempre as coisas mais humildes.

— Dizeis bem, minha Filha. E quando nos dão alguma coisa

mais do que às outras, devemos corar de vergonha. Quando vos virdes e mais bem vestidas que os pobres, ó minhas Irmãs, deveis corar de vergonha e confusão, pois os pobres são os vossos amos e vós sois as suas servas; e deste modo deveis ter menos do que eles.

— Meu Pai, parece-me que é ainda um bom meio o expulsar prontamente algum pensamento que tenda à inveja, sem querer examiná-lo demoradamente.

— Eis uma boa palavra! Diz que logo que tenhamos um pensamento de inveja, não devemos esperar para o dia seguinte; no mesmo instante devemos repelir isso como veneno. Ah! Mas voltará! Se voltar, deveis recomeçar e pedir às boas pessoas que conheceis que peçam a Deus que vos livre dum maldito pensamento que quer perder-vos, e à vossa Irmã que vos diga alguma coisa que vos ajude a desfazer-vos da inveja que vos atormenta, e pedir a Nosso Senhor que vos livre dele. «Ah! Meu Deus, concedei-me a graça de nunca desejar ser Irmã Servente. Vós a concedestes àquela Irmã que chorava de receio e pedia à Senhora Le Gras que nunca o fosse.» Em seguida, ide imediatamente ao vosso confessor, vinde aqui à Senhora Le Gras e ao Senhor Padre Portail, manifestai-vos abertamente, confessai-vos assim: «Acuso-me de ter um maldito pensamento de inveja contra a minha Irmã; e depois, cheguei a dizer palavras de desprezo e arrogância muitas vezes.» É assim que se deve confessar, porque é próprio da inveja fazer cair nessa falta.

— Se ouvirmos dizer bem de uma Irmã de quem temos inveja, respondemos que isso não é assim: «Sim, sim, não é tão bem como dizeis; não a conheceis. Ah! É uma boa hipócrita!» E outras palavras semelhantes. Pois, eis a obra do demónio; faz com que tenhamos inveja do bem e da virtude que praticam; e se não pudemos acusar a acção, voltamo-nos para a intenção, e pensamos que não é pura, e que foi feita por disposição. Ah! Minhas Irmãs, que desordem quando isto acontece!

Um dos grandes males que podem acontecer na Companhia, é se as Irmãs, falo de algumas e não de todas (porque sei que as há entre vós que vivem muito virtuosamente, ó meu Deus, que santas almas tem havido nesta Companhia e há ainda!), se, digo, viessem a falar dos defeitos umas das outras. Quando vindes aqui, acontece perguntardes umas às outras: «Com quem estais? Como procedeis? A vossa Irmã Servente é boa? Não tem mau génio? É Fulana de tal paróquia, como procede? Estais de acordo uma com a outra?»

A estas perguntas, as outras dirão o descontentamento que têm. «Ah! Minha Irmã, estou tão mal com a Irmã Fulana! É

tão áspera para mim ! Está sempre a ralhar ; faz isto e aquilo » ; e muitas outras coisas que se dizem em semelhantes casos.

Que nunca a vossa boca se abra para falardes das vossas Irmãs, minhas queridas Filhas. Falai antes de coisas boas, das vossas regras, do serviço que prestais aos pobres, do seu número, a fim de nunca dar lugar a essas más conversas. E quando vos perguntarem : « Como viveis na paróquia onde estais » ? Respondei, minha Irmã, eu vos peço. Lembremo-nos que foi proibido falar dessas coisas e das nossas Irmãs ».

Eis como devemos fazer, minhas Filhas. Se continuar, deixai-a sem lhe prestardes atenção, tanto mais que, prestando ouvidos a tais discursos, dais-lhe motivo de continuar. Daí vem que os Teólogos dizem dos que escutam os que falam mal, que fazem tanto mal como eles ; e é verdade, porque está na nossa mão impedi-lo, e não o fazemos. É por isso que pecamos tanto ou mais do que eles.

Quando aqui vierdes não conteis nunca o que fazeis, nem as dificuldades que possais ter umas com as outras ; mas falai de coisas boas, dos meios de vos aperfeiçoardes e adquirirdes as virtudes que vos são necessárias, para vos animardes umas às outras à perseverança. Fazendo assim, evitareis muitas tentações que nasçam de tais conversas.

Senhora Le Gras, quereis dizer-nos os vossos pensamentos sobre este assunto ?

— Vossa caridade, meu Pai, e os pensamentos das nossas Irmãs, nos avisaram suficientemente dos perigos que há em que esse desgraçado espírito de inveja e de ciúme infecte a Companhia em geral, e cada uma em particular. Pensando nisso hoje, pareceu-me ter sido a inveja, assim como o orgulho, que havia transformado Lucifer, de anjo que era, em habitante do inferno, sendo esse desgraçado pecado como um verme, que roe incessantemente até que consiga destruir, ou se destrua a si mesmo.

O espírito invejoso não descansa e persegue constantemente de perto ou de longe a pessoa invejosa, que assim não pode chegar a perfeição alguma e está sempre em perigo de se perder.

A inveja e o ciúme são paixões que, como o azeite, se espalham, como a inclinação, sem motivo ; mas o seu exercício mais comum é produzir a aversão, ter pena do bem temporal ou espiritual que vemos na pessoa invejada, não poder suportar que se diga bem dela ; e finalmente é uma fonte constante de ocasiões de ofender a Deus e de agir contra a caridade que devemos ao próximo.

Os meios para impedir que nos habituemos a esse maldito vício, são considerar que isso é directamente contrário à vontade

de Deus, que é um impedimento muito importante para a perfeição ; e dizer muitas vezes com atenção os mandamentos da Lei de Deus a fim de recordar ao nosso espírito a obrigação que temos de fazer aos outros o que queremos que nos façam a nós.

— Bendito seja Deus, Senhora Le Gras ! Muito bem, minhas Irmãs, direi apenas uma palavra a respeito disto. Primeiro, dizem que todo aquele que comete o pecado, recebe alguma satisfação : por exemplo o ladrão, tem o dinheiro que rouba e serve-se dele ; o guloso tem a satisfação de comer carnes excelentes. Em resumo, em todos os pecados parece haver alguma satisfação ; mas na inveja não podemos conceber satisfação alguma ; pelo contrário, é um carrasco que castiga imediatamente os que a têm. Vêde uma pessoa invejosa : tudo lhe causa pena : ouvir dizer bem duma Irmã, de quem tem inveja, é o bastante para a matar e fazer mirrar-se imediatamente. Tão depressa pensa que a não conhecem bem, como pensa que a desprezam estimando estrouta.

O invejoso parece-se com um homem que tem uma serpente no corpo. Sabeis quanto sofre quem tem serpentes no corpo ; essas serpentes roem-lhe o coração e não lhe dão descanso.

Ora, todos os que têm a inveja na alma têm uma serpente.

O Espírito Santo diz : «A inveja seca os ossos dos que a possuem» (Prov. 14,30). Que desgraça para as pessoas invejosas ! Serem piores do que os que têm serpentes consigo ! Ah ! Minhas Irmãs, qual será de entre vós a que não tenha receio de cair nesse vício ! Demo-nos a Deus desde hoje para não invejarmos nunca o bem dos outros, mas para desejarmos o pior emprêgo e o mais desagradável, desejarmos os piores vestidos, julgar-nos a última de todas e contentar-nos sempre com o que temos.

O que vos ajudará muito, é confessardes as faltas que tiverdes cometido por inveja, resolvendo-vos firmemente a corrigir-vos ; e deste modo, minhas Filhas, tende a certeza de que Deus abençoará a Companhia e que por toda a parte para onde pedirem Filhas da Caridade, serão um motivo de edificação, e toda a Companhia será tida em bom conceito, Deus lhe dará o cúmulo de graças neste mundo e a glória no outro.

Que Nosso Senhor nos conceda a graça de nos fazer conhecer e detestar esse maldito vício, tão contrário à Caridade ! Peço a Deus que as palavras de bênção que vou proferir da Sua parte operem nos vossos corações e no meu, que o mau pecado da inveja seja expulso dele para sempre e que vivamos de hoje em diante de tal maneira que nunca mais entre nele.

Benedictio Dei Patris.

61 -- CONFERÊNCIA DE 23 DE JULHO DE 1654

ÀS QUATRO IRMÃS ENVIADAS PARA SEDAN

Na quinta-feira, 23 de Julho de 1654, o Senhor Padre Vicente, nosso muito Venerando Pai deu as suas instruções às nossas quatro Irmãs Ana Hardemont, Francisca Cabry, Joana Maria e Ana Thibault, na véspera da sua partida para Sedan, onde iam para assistir aos pobres doentes.

Minhas queridas Irmãs, fostes escolhidas para aliviar os pobres feridos ao serviço do rei; e para isso creio que será bom ver os motivos que tendes de vos dardes a Deus para bem o fazerdes.

O primeiro é que fostes escolhidas; e por quem, minhas Irmãs? Ah! Foi por Deus, que Se dirigiu a vós. Apesar de haver muitas jóvens em Sedan e nos lugares circunvizinhos, não lançaram os olhares sobre elas. Não é pois às meninas de Sedan que Se dirige, é às Filhas da Caridade, entre todas as de França, e a vós, minhas Filhas, entre todas as vossas Irmãs. Eis a minha primeira razão.

Um outro é que é uma santa acção que deve ser feita perfeitamente. Podereis perguntar-me: «Onde encontráis isso?» É o Espírito Santo que no-lo diz na Sagrada Escritura. Toda a boa obra vem de Deus. Ora, se existe uma boa, é a de servir os doentes, pois ultrapassa as outras em valor. É Deus que aí vos espera, para lá fazerdes o bem; porque sò Ele chama os que o praticam; o demónio conduz ao mal, e o mundo também. Ó Salvador! Como podemos ouvir estas palavras sem derramar lágrimas: «Vou fazer o que Deus fez na terra!» Que felicidade maior do que esta! Não existe outra, minhas Irmãs.

O terceiro, é que foi a rainha que vos reclamou. O que! Minhas Irmãs, quem somos para estar na memória da maior rainha do mundo, nós pobres e miseráveis criaturas, ou, para dizer tudo, mendigos! Sim, minhas Filhas, vós e eu. Por conseguinte temos grande motivo de nos humilharmos. Eis um grande motivo, o chamamento da rainha, embora nada considerável em comparação com o de Deus. Ah! Minhas Filhas, o agrado de Deus, eis o que vos obriga a aplicar-vos a isso com generosidade. Deus quer aí alivieis estes pobres feridos, e o vosso fim é obedecer-Lhe, porque o que são os poderes da terra em relação a Deus?

Vejamus neste momento o que deveis fazer para Deus ser honrado. Creio, minhas Irmãs, que não é preciso outra coisa além

da prática das virtudes que constituem o vosso espírito : a caridade, a humildade e a simplicidade.

Qua o fim que aí vos conduz? Para fazer o que Nosso Senhor fez na terra. Veio para reedificar o que Adão tinha destruído, e vós ides mais ou menos com a mesma intenção. Adão tinha dado a morte ao corpo e causado a da alma pelo pecado. Ora, Nosso Senhor libertou-nos destas duas mortes, não que possamos evitar a morte, isto é impossível, mas livra-nos da morte eterna pela Sua graça, e pela Sua Ressurreição dá a vida aos nossos corpos, porque na Sagrada Comunhão recebemos o gérmen da ressurreição. Eis, minhas Irmãs, como Nosso Senhor fez o contrário do que o nosso primeiro pai tinha feito.

Para imitá-lo, restituís a vida às almas destes pobres feridos pela instrução que lhes dáis, pelos vossos bons exemplos, pelas exortações que lhes fareis para ajudá-los ou a bem morrer ou a bem viver, se Deus quiser restituir-lhes a saúde. Para os seus corpos, restitui-lhes a saúde pelos remédios, pelos vossos cuidados e pelos tratamentos. Assim, minhas queridas Irmãs, fareis o que o Filho de Deus fez na terra. Ah ! Que felicidade !

Mas, para honrardes a Deus pelas vossas acções, é preciso que trabalheis com espírito das verdadeiras Filhas da Caridade, isto é de mortificação e não procurardes as vossas satisfações, comodidades, estima, honra, ou coisas semelhantes. Ó minhas Irmãs, é preciso abster-vos disso ; porque, em vez de dar glória a Deus, roubar-lha-íeis, tomando-a para vós. Deveis fugir dos elogios, attribuindo a Nosso Senhor os que vos prestam e, evitar tanto quanto possível, as manifestações de aplauso. É preciso ainda a mortificação para não fazerdes o que quereis. Em vez de ir à Missa, ficai junto de tal doente. É a hora de oração ; se os doentes vos chamarem, mortificai-vos e deixai Deus por Deus, ainda que seja necessário fazer tudo o que puderdes para não omitirdes a vossa oração, porque é o meio de vos manter unidas a Deus ; enquanto permanecerdes unidas a Ele, nada tereis a temer. Ora, para conservar esta união de caridade com Deus, é preciso enclausurar-vos no vosso interior, conversando com Nosso Senhor.

É ainda necessária a mortificação, minhas Irmãs, para suportar as pequenas dificuldades que podereis encontrar nos vossos trabalhos, e as queixas que estes doentes poderão fazer de vós. Contai com isso, minhas Filhas. Quando estes Senhores que se ocupam dos feridos forem vê-los, talvez oiçam queixas contra vós ; os feridos dir-lhes-ão que não tendes cuidado deles, que os deixais sós desde manhã até não sei que horas. Pois bem ! Minhas Irmãs, é preciso sofrer sem vos queixardes ; não procureis justificar-vos. Oh ! Não, nunca ! Se o Rei, a Rainha, ou o Cardeal fo-

rem ao hospital e lhes apresentarem as mesmas queixas, é preciso suportá-las, lembrando-vos que Deus o permite, e não digais coisa alguma. É o meio de vos enriquecerdes de virtudes e de dar glória a Deus. Se sois rudes, se não quereis suportar nada, se tomais tudo sob o ponto de honra, oh! desedificareis completamente os que presenciarem o vosso mau procedimento; teriam por vós tanto desprezo quanto vos estimam, e com razão; porque nada é tão impróprio às Filhas da Caridade como o orgulho.

Eis, o que deveis fazer; durante a viagem observareis a ordem estabelecida e guardareis a modéstia. Não falteis aos exercícios, fazei oração, e, quando for preciso acabar, que uma dê o sinal às outras.

Abstende-vos de conversas más ou inúteis; se são boas, esperai que vos interroguem, tanto mais que é contra a modéstia e boa educação meter-se na conversa dos outros.

Um doutor, que aqui há tempos ia num coche, procedia como se segue: quando mantinham conversas más, não dizia nada, mas conversava com Deus; quando se falava de coisas boas, também participava e animava. Havia neste grupo algumas pessoas que, notando isto, se converteram. Vêde o bem que fez pelo seu exemplo. Importa edificar aqueles que nos rodeiam. Oh! As jovens não devem falar se lhes não dirigem a palavra.

Como sois felizes, minhas queridas Irmãs, por Deus vos ter escolhido para assistirdes a tais doentes! Desde que sairdes daqui, os vossos bons Anjos contarão os vossos passos; tudo o que disserdes, fizerdes e pensardes será apresentado diante de Deus. Conhecemos os grandes do mundo pelos seus êxitos e séquito que os acompanham. A verdadeira nobreza e grandeza consiste na virtude, e, quando as almas que trabalharam muito por Deus vão para o Céu, todas as suas obras as acompanham, e quanto mais excelentes forem e mais numerosas, maior é o esplendor dessas almas; são as suas damas de honra. Ó minhas Irmãs, como vos sentireis satisfeitas quando comparecerdes diante de Nosso Senhor por ter assistido a tantos pobres.

No final da sua exortação, o nosso Venerando Pai diz à Irmã Servente: Minha Irmã, é amanhã, que partis?

— Sim, meu Pai. Se tivéssemos podido encontrar algum meio de transporte para ir mais cedo, teríamos partido. A senhora Condessa de Brienne disse-me, quando lhe fui falar, que a rainha pedia à Senhora Le Gras que nos enviasse o mais depressa possível e que não se preocupasse, porque não permitiria que nada lhes faltasse.

— Deu-vos dinheiro para ir, minha Irmã?

— Não, meu Pai. A Senhora Le Gras dar-nos-á o que for ne-

cessário ; penso que a rainha no-lo mandará entregar. Quando fomos para Châlons, fizeram assim.

— Bendido seja Deus, minhas queridas Irmãs ! Dar-vos-ei duas cartas de recomendação para Reims. Vereis o Vigário da Vara a quem escreverei sobre este assunto e a recomendar-vos.

— Meu Pai, dais-me licença que faça uma pergunta? Não seria bom que, quando chegarmos, cada uma tenha o seu officio e que a Irmã da rouparia traga consigo a chave?

— Oh ! Sim, minhas Irmãs, é assim que deveis fazer.

— Meu Pai, antes que a Irmã Joana estivesse encarregada da rouparia em Châlons, perdíamos muita roupa, e no dia em que tomou posse da chave, algumas aborreciam-se por ser preciso procurá-la para dar a roupa, quando precisavam.

— Vêdes, minhas Irmãs, é preciso que haja ordem em tudo e não deveis achar mal que esta tenha um officio, e aquela outro.

— Meu Pai, por vezes há pobres tão importunos que, quando uma Irmã lhe recusa uma coisa, reclamam-na a outra ; e quando a última lha concede, louvam-na, encontram bem tudo quanto faz, e podem as outras fazer maravilhas que nada vale a seus olhos. Daí resultam grandes desordens e invejas. Succedia o mesmo em Châlons. Tudo quanto as Irmãs encontravam na farmácia davam-no aos doentes.

O que nos poderia ainda prejudicar seria se as Irmãs se queixassem umas às outras, ou mesmo aos externos. Gosto muito de dizer isto diante das nossas Irmãs, porque daí resulta que não estimem a nossa Companhia.

— Jesus, minha Irmã, tendes razão ; agradeço-vos de mo terdes dito, é a corda em que eu devia ter tocado. Minhas queridas Irmãs, deveis querer unicamente o que as outras desejam, e nada dar sem o parecer da Irmã Ana ; de contrário seria a guerra entre vós ; uma seria estimada pelos doentes, outra odiada ; uma far-lhe-ia as vontades ; outras, ao ouvi-los, ficariam impassíveis. Oh ! É preciso não proceder assim.

Relativamente a estas pequenas dificuldades que vos podem surgir, só deveis comunicá-las áquella que ocupa o lugar de Deus ; às outras, nunca se deve falar disso, nem manifestar nenhum sinal. No dia em que reconhecerdes algum ressentimento entre vós, dizei imediatamente adeus à boa estima que se tem pela Companhia. É uma das razões que deve levar a recluir este mal. O que ! Ser causa que se despreze o que se tinha em tão boa reputação ! Evitai-o, minhas Irmãs.

Peço a Deus que vos dê o Seu espirito para fazer esta santa obra segundo os Seus desígnios.

Benedictio Dei Patris...

SOBRE AS TENTAÇÕES

Minhas queridas Irmãs, a conferência é sobre as tentações ; divide-se em três pontos : o primeiro é dos grandes males que provêm das tentações quando mal utilizadas, e dos grandes bens que se tiram quando se faz o contrário ; o segundo, é das tentações mais perigosas para as Filhas da Caridade ; o terceiro, dos meios de tirar proveito das tentações e não prejuízo.

— Minha Filha, conheceis o mal que fazem as tentações ?

— Meu Pai, parece-me que o primeiro é de nos fazerem faltar ao que prometemos a Deus.

— Pensais que é possível delas advir bem ?

— Sim, meu Pai, quando se sabem aproveitar.

— Sabeis o que é a tentação, minha Filha ?

— Meu Pai, parece-me que é o que nos conduz ao mal.

— Minhas queridas Irmãs, é preciso, para saber o que é a tentação, conhecer o seu contrário, que é a inspiração. A tentação é um movimento que nos leva ao mal, e a inspiração um movimento que nos leva ao bem. O demónio leva-nos ao mal pela tentação, e Deus ao bem pela inspiração. Entrastes na casa pela inspiração ; saireis unicamente pela tentação. Para melhor compreender isto, imaginai duas mulheres que se encontram com uma jóvem. Uma dir-lhe-á : «Minha Filha, não frequenteis más companhias ; há nisso muitos perigos ; fugi da convivência com este rapaz ; é perigosa.» A outra poder-lhe-á dizer : «Ide, minha filha, é preciso gozar e fazer-vos valente ; frequentai tal meio rapaz vos ama ! Ah ! Como vos aprecia ! Fala sempre de vós !»

Por este exemplo, minhas queridas Irmãs, vêdes a diferença entre a inspiração e a tentação. Uma destas mulheres pretende levar esta menina a conhecer este rapaz, a entregar-se à vaidade e a perder-se. A boa leva-a a praticar o bem, a má, ao mal. Compreendi-o bem ; não há necessidade de dizer nada mais. Não pretendemos falar das inspirações mas das tentações, que nos levam ao mal por diferentes caminhos, por vezes com aparência de bem. A mulher que quer levar a jóvem ao mal não lho apresenta como tal ; pretende conquistá-la, sob o aspecto de bem, pelas consolações que receberá deste rapaz. Deus, minhas queridas Irmãs, induz ao bem, e o demónio leva-nos ao mal.

Vêde a astúcia do demónio para nos seduzir: faz parecer que o mal é o bem. É o que diremos a seguir e prová-lo-emos com exemplos.

Minhas queridas Irmãs, o objectivo de Deus é levar sempre ao bem, e do demónio ao mal, assim como a carne e o mundo. Insisto ainda nisto, a tentação é um movimento que nos leva ao mal de várias maneiras. O demónio faz ver o mal por vezes às claras, habitualmente sob o aspecto de bem.

Minha Irmã, o que é a tentação e a inspiração?

— Meu Pai, parece-me que a inspiração é um bom pensamento que nos incita ao bem, e a tentação um mal que nos leva ao mal.

— Deus vos abençoê, minha Filha?

E vós, minha Irmã, o que é que vos trouxe aqui?

— Meu Pai, foi Deus que mo inspirou.

— Dissestes bem, minha Filha, todo o bem que fazemos, é pela inspiração de Deus e todo o mal, pela tentação. Ninguém se salva senão pela inspiração divina e correspondência à mesma; ninguém é condenado senão pelas tentações.

Minha Filha, as nossas boas Irmãs que estão no céu, teriam sido tentadas?

— Sim, meu Pai.

— Ai! Minhas Irmãs, quem duvida que o tenham sido? Talvez mais que qualquer de vós? Que diferença há entre estas boas Irmãs e as que saíram da Companhia? Ai! É que não tiraram proveito da tentação, e as que estão no céu, sim. Fixai-o bem, minhas Irmãs, e pensai-o quando vos sentirdes levadas a qualquer mal; se consentir na tentação, cometo pecado; de contrário, merecerei muito.

— Serão as tentações sempre más?

— Sim, meu Pai.

— Sim, minha Filha, são-no num certo sentido, e o seu princípio é mau porque o demónio, seu autor, pretende perder-nos. É a razão da vossa resposta. As tentações são sempre más da parte do demónio. Minha Filha, não poderão ser proveitosas?

— Sim, meu Pai, muitos santos santificaram-se por aquelas que dominaram.

— Minhas Irmãs, as razões que temos de temer e de fugir das tentações, é que os desígnios do demónio são levar-nos ao pecado e perder-nos. E devemos-las suportar com paciência, porque os desígnios de Deus, ao permitir a tentação, é de nos fazer aproveitar dela. Nunca ouvistes falar do que se encontra na víbora? É um veneno; basta comer uma pequena para morrer. Mas se fôr preparada, é um dos melhores acepipes que se pode desejar. O mesmo sucede com as tentações, quando se sabem aproveitar.

Pensais que os santos tenham sido tentados ?

— Sim, meu Pai.

— E as nossas boas Irmãs que são bem-aventuradas tê-lo-ão sido ?

— Sim, meu Pai.

— E as que saíram daqui, também ?

— Sim, meu Pai.

— E donde provém que as tentações foram proveitosas a umas e prejudiciais a outras ?

— Meu Pai, porque Deus lhes concedeu a graça de as aproveitarem.

— Que óptima expressão. Deus vos abençõe, minha Filha !

— O Santo dos Santos foi tentado, minha Irmã ?

— Sim, meu Pai.

— Sim, minhas queridas Irmãs, o Santo dos Santos foi tentado ; o Filho de Deus não foi isento. Como o demónio foi atrevido em se dirigir ao Santo dos Santos ! Será para admirar que tenha tentado os homens, quando o fez a Nosso Senhor ! Vendo-o abatido pela fome no deserto, começou a tentá-lo de gula, dizendo-lhe : «Transforma estas pedras em pão.» Pediu-lhe ainda que se precipitasse do alto de uma montanha ; era uma tentação de orgulho. Seria muito demorado desenvolver este assunto. Portanto, minhas queridas Irmãs, os santos são santos por aproveitarem das tentações.

Por que permite Deus que os seus servos sejam tentados ?

— Meu Pai, penso que é para os exercitar.

— Deus vos abençõe, minha Filha ! É para nos exercitar e fazer-nos santos. S. Paulo no-lo ensina quando diz que era tentado e afligido por uma horrível tentação da carne, quando descreve os combates que contra a mesma travava. Nós, que somos do mundo, procuramos esconder as nossas faltas, e os santos descobriram-nas para mostrar que eram pecadores. Ah ! É uma graça o ser tentado, minhas queridas Irmãs ; é a prova de que Deus nos ama. Permite-o para nos tornar humildes, cumpridores e fiéis. Foi o que S. Paulo tirou das tentações. Se não tivesse sentido estas manifestações não se teria enaltecido em ter sido alvo de tantas graças, depois de ter sido elevado até ao terceiro Céu e feito tantas maravilhas ! Quando era assaltado por maus pensamentos, dizia consigo : «O que ! Meu Deus ! Tão miserável sou, prego aos outros, e estou cheio de pensamentos malditos ! Ah ! Se, estas pessoas soubessem o que sinto, se descobrissem que tenho estes horríveis pensamentos, que tenho uma natureza tão depravada, que diriam de mim ! Ah ! Não me quereriam escutar ! No entanto eis este novo convertido ! Quem o converteu ? Não

fui eu. É impossível que um homem tão miserável possa fazer coisas tão admiráveis. Não fui; foi Deus que o fez. Tão desprovido, nada fiz para isso, a glória a Ele é devida.» Eis, minhas Irmãs, como são Paulo se servia das suas tentações para se humilhar, para prestar glória a Deus de tudo o que fazia pela sua graça. É uma grande consolação para as almas, saberem que as tentações não poderão prejudicá-las, mas pelo contrário, se quiserem, podem-lhes servir de muito. É a Sagrada Escritura que no-lo diz.

S. Tiago (Tiago 1,2) diz: «Alegrai-vos de todo o vosso coração.» Não diz somente: «Alegrai-vos»; mas acrescenta: «de todo o vosso coração», porque o demónio não poderá prejudicar-vos. Este Santo diz: «Não temais o demónio; pode-nos tentar, mas nunca poderá obrigar-nos a praticar o mal. (Tiago 4,7)» Temos a liberdade para praticar o bem e evitar o mal. É por isso, minhas queridas Irmãs, que os pobres condenados o são por sua culpa. Peçamos a Deus que não nos deixe vencer pela tentação.

Lê-se de um santo que morreu no nosso século, que, quando saía de manhã para ir à cidade, dizia ao seu confessor: «Vou a tal parte; mas não sei se voltarei sem cometer alguma falta. Eis a razão porque vos peço que peçais por mim a Deus». Isto ensina-nos a desconfiar de nós e a pedir sempre forças a Nosso Senhor.

Passemos ao segundo ponto. Agora, minhas queridas Filhas, é preciso estar atentas, porque vos diz respeito. O que ficou dito é para todos. Quais as tentações que dizem respeito às Filhas da Caridade, minha Filha?

— Meu Pai, parece-me que aquela que é contra a vocação é perigosíssima.

— O demónio tenta pela singularidade, quer dizer, destacar-se das outras, não é minha Irmã?

— Sim, meu Pai.

— Sabeis o que é a singularidade? Minhas Irmãs, é querer estar acima dos outros; por exemplo, se uma Irmã pedir para ter uma vida mais austera, para comungar mais vezes, para fazer mais mortificações, para se deitar no duro, tudo isto para que a julguem virtuosa, melhor do que as outras. Todas estas singularidades têm por base o orgulho, embora o não conheçais. Podereis dizer: a Comunhão não será uma coisa santa? Não será bom mortificar-se? Sim, todas estas coisas são boas; mas deve fazer-se como todas. Ainda que vos pareça que quereis comungar por amor de Deus, para adiantardes na virtude, se sondardes bem o vosso coração, vereis que pretende secretamente procurar consolação ou ser mais estimado do que os outros. Examinai-vos bem, e vereis que é assim. Não quer dizer que uma Irmã não possa

pedir ao superior licença para comungar num dia determinado em que as outras não comungam, quando tem um desejo ardente, ou por qualquer outro motivo ; igualmente tomar disciplina ou outra mortificação. Mas, desde que o Superior diga : «Minha Filha, conformai-vos com a Comunidade», é preciso não pensar mais nisso. Se vos inquietais ou zangais, é o demónio que trabalha para vos orgulhar.

Parece-vos, minha Irmã, que o demónio poderá empregar esse meio?

— Sim, meu Pai.

— Uma outra espécie de tentação, é querer mudar de lugar, de officio, de paróquia. Parece-vos, minha Filha, que seja mal dizer à Senhora Le Gras, ao Senhor Padre Portail ou a mim que se deseja fazer mais mortificações do que a Comunidade?

— Sim, meu Pai.

— Vêde a esperteza do demónio. Bem sabe que, se fosse dito a uma Filha da Caridade: «Estimai-vos», ela reconheceria que isso não era bem. Oh ! Ele está ciente que afastaríamos estes pensamentos. Então encobre o mal com a aparência de bem.

Minha Filha, será uma tentação pedir para ir para uma freguesia, quando se está na casa, com o pensamento de que aí se estará melhor e mais facilmente se santificará?

— Sim, meu Pai.

— E se, pelo contrário, uma Irmã da paróquia alimentasse o pensamento de vir para casa e dissesse: «Perder-me-ei aqui, se não me mudarem ; não posso fazer nada que valha», seria uma tentação?

— Sim, Meu Pai.

— Sim, minhas queridas Irmãs, é uma tentação querer mudar, querer ir para o campo quando se está na freguesia ; quando se está no campo querer ir para Paris. É tentação não gostar do lugar onde se está por obediência — Ah ! Mas este lugar, este emprego são incompatíveis com a minha maneira de ser! — Ah ! Minhas Irmãs, acautelai-vos de conservar tais pensamentos, mas considerai-os como vindos do demónio e dizei : «Maldita tentação, queres-me levar a mudar do lugar onde Deus me colocou!» Com efeito, Deus inspirou o superior para vos colocar aí e nunca deveis procurar sair, nem mudar por vós próprias.

É uma tentação se uma Irmã Servente deseja que a tirem do cargo, e o pede aos Superiores?

— Sim, Meu Pai, porque devemos permanecer onde Deus nos coloca.

— Constituirá tentação querer ser Irmã Servente?

— Sim, meu Pai, é perigosíssima porque nasce do orgulho, e

creio que, para a afastar prontamente, é preciso manifestá-la aos Superiores.

— Ah! É um bom meio para se libertar em pouco tempo.

— É uma tentação, minhas Irmãs, querer livrar-se do cargo de Irmã Servente; desejar sê-lo, é horrível e insuportável. O que! Se uma Irmã tivesse este desejo, como poderia suportar-se a si própria com este sinal do demónio, que é tão orgulhoso que não sabe baixar-se, mas antes procura sempre elevar-se!

Minha Irmã, é uma tentação consentir em pensamentos de aversão contra uma Irmã, contra a Irmã Servente, ou uma Irmã de Conselho?

— Sim, meu Pai.

— Sim, minhas queridas Irmãs, é uma tentação perigosa. Acautelais-vos dela? Nunca suporteis pensamento algum de aversão contra uma Irmã que não faça o que quereis ou uma Irmã Servente que não condescenda convosco. Fugi deste perigo. Enfim, querer mudar é uma tentação. Em si toda a mudança é uma tentação, quaisquer que sejam as intenções, embora nos pareça que faremos melhor, que poderemos encontrar uma Irmã mais carinhosa. É o demónio que, com a aparência de bem, nos conduz ao mal.

O mesmo acontece quando se tem o pensamento de deixar a vocação; reparai, minhas queridas Irmãs, que o demónio o faz para vos tentar. Propõe a coisa como muito boa e útil, põe-lhe condimento para que a achem boa; e se vê que não se aceita a proposta, resistindo a esta primeira tentação, mudará de método e lançará este pensamento no espírito: «Oh! Irás para este lugar dar aula às crianças; tão bem praticarás a caridade ali, como aqui; não há lá nenhuma Filha da Caridade; há ali mais trabalho para Deus; ninguém te contrariará, e não O ofenderás tanto como aqui, onde há tantas ocasiões de cair.» Minhas Filhas, o demónio tudo apresenta como bem; por isso as Filhas da Caridade nunca devem consentir tais pensamentos.

Sabeis o que a serpente fez para tentar os nossos primeiros pais? Disse a Eva: «Porque não comeis deste fruto?» Eva respondeu: «Porque Deus mo proibiu.» — Oh! Respondeu aquela, se tivesses comido, saberias o bem e o mal.» Não nos parece que o demónio propunha a Eva um bem, visto prometer-lhe a ciência do bem e do mal? Que pretendia ele senão fazê-los desobedecer às ordens de Deus como ele fez? Resultado: ficaram desgraçados! Se Deus não tivesse usado de misericórdia, depois de tanta penitência, estavam perdidos. Adão fez penitência e chorou o seu pecado mais de novecentos anos e diz-se que Deus teve piedade dele. A Sagrada Escritura não menciona Eva.

Não sucederá o mesmo às Filhas da Caridade que deixam a sua vocação, sob pretexto de que farão maior bem noutra parte?

O Nosso Venerando Pai, todo absorto em Deus, diz várias vezes: Ó meu Salvador; meu Salvador, livrai-nos das tentações. Quando rezais o *Pater*, minhas Irmãs, aprofundai estas palavras: «Não nos deixeis cair na tentação», para pedir a Nosso Senhor a graça de não succumbir nas tentações. Meu Deus, as tentações purificam as almas boas, santificam-nas, tornam-nas humildes e fazem-nas trabalhar na perfeição. Ó Salvador! Vêde, minhas queridas Irmãs, se nunca tivestes uma conferência útil, esta deve consolar-vos muito.

Minha Irmã, lembrais-vos das tentações que podem succeder às Filhas da Caridade?

— Meu Pai, uma das que se notaram é a da vocação.

Muito bem, minha Filha, recapitulemos um pouco as que dissemos. A primeira é de querer parecer mais do que os outros; eu não digo de ser melhores, porque nunca se devem fazer comparações com ninguém. É bom procurar ser melhor do que os outros, mas, querer ser estimada pelo que não se possui, é uma tentação. A segunda, que dissemos ser perigosa para vós, é aquela que vai contra a vocação. Pergunto-vos, minhas queridas Irmãs, por que sinais se pode reconhecer se uma Irmã é tentada contra a sua vocação?

— Meu Pai, parece-me, que quando se quer preferir aos outros.

— Não sòmente, minhas Irmãs, quando se quer preferir aos outros, mas quando se critica o que se faz na casa, o procedimento dos Superiores, o que faz a Irmã Servente; quando encontra mal o vestuário, dizendo: «Este toucado não é religioso; um véu seria muito mais modesto do que andar assim com a cabeça descoberta»; queixar-se da alimentação, dizer que a carne não está bem temperada, que não tem bom gosto. Ah! Minhas Irmãs, se acontecesse que uma Filha da Caridade chegasse a este ponto, estaria num grande perigo! Censurar tudo o que se faz na casa, tende a destruir a Companhia. Quando se quis perder Paris, os maus decidiram, para melhor o conseguir, achar em tudo que censurar. Quando se quis condenar Nosso Senhor, fez-se o mesmo. Encontrava-se que dizer em tudo o que Ele fazia, do seu procedimento, da pregação; desaprovavam que comesse e conversasse com os pecadores; censuravam-no porque dizia que se destruíssem o templo, dentro de três dias o reedificaria; enfim, o que fazia o Filho de Deus era mau. Assim, quando se censura o que se faz na casa, isto vai destruir a Companhia inteiramente e arruiná-la.

Uma queixa-se da alimentação; outra do vestuário; outra,

que a tratam muito severamente ; outra que o seu procedimento deixa a desejar, outra que é impossível viver desta maneira. Enfim todas encontrarão que censurar. Sabeis o que fazeis quando criticais alguma coisa, dizendo : «É preciso que sejamos mais bem alimentadas ; que vistamos diferente ; era preciso isto e aquilo» ; destruis a Companhia, da qual uma pessoa de virtude (era a Senhora duquesa de Ventadour) ontem me dizia (quereria transmiti-lo ser ouvido, minhas Irmãs ; mas se posso, não devo ocultá-lo; dizia-me : «Senhor, não vejo posição nem Companhia mais útil à Igreja de Deus do que esta.» Humilhai-vos, minhas Filhas, sabendo das estima que vos dedicam e à vossa Companhia. Vêde o que fazeis quando a desprezais ou censurais a orientação que Ela vos propõe.

Ah ! Minhas Irmãs, sereis mais sábias do que Deus ? Quereis destruir o que Ele fez ? De quem falais quando falais assim ? Falais da vossa mãe ; afligis aquela que vos alimenta, a Companhia que Deus honra tanto. Ah ! Minhas Irmãs, renunciái a isso, eu vos peço. Se encontrais dificuldade, vencei-vos.

Vi um dia um religioso, que me dizia que o que mais detestava era o vinagre. Um dia o Superior mandou servir à Comunidade vinagre, ou porque não houvesse outra coisa para a refeição, ou por penitência. Este religioso, vendo-o, começou a sentir repugnância e começou a pensar : «Que farei ? Será preciso que desobedeça para satisfazer a minha sensualidade ?» Dizendo isto, molhou o pão no vinagre e comeu-o, não sem uma enorme violência. Depois não sentiu mais repugnância. Assim deveis proceder para dominar as vossas paixões ; é preciso vencer-vos.

Pensais, minhas Irmãs, como a maior parte dos religiosos vivem actualmente ? A maioria não tem pão. Um Superior de uma Ordem Religiosa escrevia-me há dias e dizia-me : «Senhor, quanto à carne, é demais para nós ; mas pão, não temos metade do que necessitamos. Se Deus não nos ajudar, não sei o que faremos.»

Ah ! Minhas Irmãs, que diremos nós depois disto ? Ver pessoas de condição não terem pão ; e uma Filha da Caridade encontrará que dizer da alimentação, queixando-se, dizendo-o a uma Irmã, e esta a outra ! Outra não lhe parecerá bem o vestuário. Ah ! Minhas Irmãs, que lamentável ! O nosso bom Irmão Mateus, quando estava em Lorena, mandou-nos dizer que encontrava religiosas vestidas de todas as cores por não puderem encontrar pano para se vestirem. Se alguma criticar seja o que for, quer destruir a Companhia. Quando ouvís uma Irmã que fala de coisas idênticas, dizei-lhe : «Ah ! Minha Irmã, o que dizeis ? Não sabeis que nunca o devemos fazer?»

Creio que dizeis nos vossos corações que estais nestas dispo-

sições. Mas que se deve fazer? Quais os meios de não consentir nas tentações?

Minhas Irmãs, o primeiro é lembrar-vos disso quando dizeis o *Pater*; o segundo, de vos lembrardes que tentações o demónio emprega para tentar as Filhas da Caridade; o terceiro, minhas queridas Irmãs, é recorrer a Deus, pedir-lhe o Seu auxílio para não cair na tentação, e dizer: Ó meu Deus, suportais em mim uma tal tentação?» Se isto continuar tornar a orar, e dizê-lo à Senhora Le Gras, ao Senhor Padre Portail e a mim. Vêdes, minhas queridas Irmãs, uma Irmã que é fiel em dar se a conhecer aos seus Superiores não pode ser enganada pelo demónio, quando lha apresenta. Caso continue, depois de o ter feito, não vos admireis, porque Deus disse que todos os que querem viver santamente serão tentados. Não seríeis Filhas da Caridade se o não fôsseis. Se houvesse alguma nestas condições, acontecer-lhe-ia o que succedeu a uma pessoa que conheci, que não tinha nenhuma tentação, excepto uma, a pior das que ouvi falar, que era pensar que estava condenada, por não as ter. Quando ouvia que os amigos de Deus, os seus servos, não eram isentos delas e que todos os que querem viver santamente sofrerão perseguição, pensava: «Ó que! Meu Deus! Se assim é, estou condenada, pois não o sou. Os que Deus ama não estão livres de aflições e tentações; no entanto eu não tenho nenhuma; oh! Estou condenada!»

Vêde, minhas queridas Irmãs, como é preciso estar na disposição de suportar a tentação, visto que não ser tentada causava tanta pena a esta alma de que vos falei. Todas as presentes estão na disposição de perseverar na sua vocação; não se devem pois admirar disso; pelo contrário, deve ser ocasião de se animarem, por terem a prova de que Deus as ama, tratando-as como trata os seus servos. Fixai bem isto, minhas queridas Irmãs, e consolai-vos, com o pensamento de que Deus permite que o demónio nos tente para nos tornarmos mais virtuosos e mais cumpridores do nosso dever.

Senhora Le Gras, podeis fazer o favor de nos dizer os vossos pensamentos acerca disto?

— Meu Pai, vindo em que consistia a tentação, pareceu-me que devemos temê-la. Considerei que ela provinha de três fontes; o demónio, o mundo e a carne; relativamente à primeira, único fim das tentações, leva-nos a ir contra a vontade de Deus, a offendê-lo e a perder-nos eternamente como o demónio. Pode acontecer-nos tomando a tentação por inspiração, ou sob pretexto de ser melhor, cair na infelicidade de aderir ao demónio e de renunciar a Deus.

Se escutarmos as tentações do mundo e da carne, que nos

sugerem sempre mil razões para satisfazer as nossas inclinações, a infelicidade de seguir o nosso próprio parecer é inevitável, e, por este meio, corremos o perigo de cair em mil confusões. Se, desconfiando das nossas forças e dos seus três inimigos, os reprimirmos, em vez de os escutar, se, em vez de nos orgulharmos nos humilharmos, em vez de desanimarmos, renovarmos as nossas resoluções, e assim sucessivamente, então, não seremos vítimas das tentações, mas tiraremos um grande proveito, ajudadas pela graça de Deus. Em pouco tempo a alma fará grandes progressos na virtude.

Em todas as tentações do demónio, as mais perigosa para as Filhas da Caridade é a que as leva às ocasiões de perder a vocação. Outra, a que as induz a absorverem-se demasiado pelo trabalho, unicamente por satisfação, pelo aplauso das pessoas do mundo, pelo orgulho que as afasta da obrigação de as humilhar, para lhes dar um à vontade e uma familiaridade com as pessoas importantes, de tal modo que, esquecendo-se, se elevam demasiado. As tentações que provêm do mundo e da carne são, se não estou em êrro, a procura das suas próprias satisfações, a curiosidade de saber o que não lhes diz respeito, a convivência com os seculares, a tendência em se tornarem presunçosas. Tudo isto é perigosíssimo para as Filhas da Caridade, e serve para lhes fazer esquecer o que são pela sua própria condição, ou por Deus as ter escolhido; chamando-as a uma Companhia que constantemente deve praticar a humildade, a pobreza, a simplicidade e a caridade, não apenas afectivamente por amor a estas virtudes, mas efectivamente pela prática das mesmas, em todas as circunstâncias em relação às pessoas do mundo, aos pobres, às Irmãs e a si mesmas. Para não nos deixarmos prejudicar pelas tentações, é preciso, segundo me parece, que na maioria das vezes nos acautelemos, quando somos assaltadas por semelhantes pensamentos ou desejos, com receio de transgredir as nossas obrigações de cristãs, ou de verdadeiras Filhas da Caridade.

Peço a Nosso Senhor Jesus Cristo que nos dê a graça de fazer bom uso de tudo isto, e sobretudo de conhecer bem as ciladas do espírito maligno, de resistir a elas da maneira como foi dito, e também de nos recordarmos que o demónio pode tentar-nos muito, mas que, sem a nossa vontade, não nos arrastará para o mal.

Benedictio Dei Patris...

63 — CONFERÊNCIA DE 9 DE OUTUBRO DE 1654

SOBRE O ESCÂNDALO

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta Conferência é sobre o pecado de escândalo. No primeiro ponto, devem considerar-se as razões que temos de nunca escandalizar o nosso próximo por palavras, obras, omissões e negligências; no segundo, os actos que dão escândalo ao próximo e os principais pecados que as Irmãs podem cometer; no terceiro, o que é preciso fazer para não escandalizar. Eis sobre o que temos de falar.

Minhas queridas Irmãs, é este um assunto muito importante para toda a gente, mas principalmente para os que se consagraram a Deus e sobretudo para as Filhas da Caridade, porque falam com as pessoas do mundo, que vêem o que elas fazem. As que estão nos claustros são obrigadas a acautelarem-se deste pecado; mas todos os que conversam são mais particularmente obrigados a isso: os padres da Missão, as Filhas da Caridade e todos aqueles que por dever de officio têm de falar com as pessoas do mundo, devem evitar o escândalo muito mais do que os outros, porque os que, por sua vez, ofendem a Deus tornam-nos mais criminosos.

Minha Filha, dizei-nos, quais as razões que tendes para fugir do escândalo?

— Meu Pai, a primeira razão é que ele desagrada a Deus e que Nosso Senhor o detesta, como no-lo ensina repreendendo tão severamente os Judeus por este pecado. Como meios de o evitar, parece-me que um único basta: andar na presença de Deus, porque esta presença nos mantém acautelados contra todo o mal que possa escandalizar o nosso próximo.

— Bendito seja Deus, minha Irmã! A nossa Irmã diz que, para evitar o escândalo, é necessário recordar-se que Nosso Senhor ordena que se não deve escandalizar o próximo. Minhas Irmãs, eis um poderoso motivo para fazer temer este vício! Oh! Como é importante para toda a gente, e sobretudo para as pessoas apostólicas, não escandalizar! Isto tem grande importância para as Filhas da Caridade, porque são obrigadas pelos seus officios a estar quase sempre com as pessoas do mundo.

Minha Irmã, qual é a outra razão que temos para evitar o escândalo?

— Meu Pai, somos o espelho do mundo, no qual se fixa, imitando facilmente o que fazemos. Se uma pessoa tem algum mau hábito e vê uma Filha da Caridade cometer a mesma falta, dar-

Instrução LXII. — Caderno escrito pela Irmã Maturina Guérin, (Arq. das Filhas da Caridade).

se-á ainda mais liberdade para continuar na mesma. Se alguma de nós cometer o mal diante das pessoas do mundo, elas pensarão que não haverá perigo em fazer o mesmo, pois que nós o fazemos também.

— Dizeis pois, minha Filha, que toda a gente, por assim dizer, tem os olhos postos sobre as Filhas da Caridade para se edificar com as suas boas acções, ou para se desedificar com os seus maus costumes?

— Sim, meu Pai.

— Ah! Minha Irmã, tendes muita razão! Ó meu Salvador, bendito sejais por terdes dado este pensamento a esta Irmã! Pois é verdade, minhas Irmãs, que por toda a parte onde estiverdes não-de olhar para vós e observar as vossas acções. Que seria se algumas de entre vós, que edificastes mais ou menos viésseis a dar ensejo, pelo vosso mau exemplo, de só perder a boa estima que as pessoas de bem têm pela vossa Companhia, de maneira que o que tinha servido outrora para sua edificação seja agora motivo de escárneo! Ah! Que infelicidade para estas pessoas! Que castigo seria suficiente para punir as Irmãs que tivessem dado este mau exemplo, e que, por estes escândalos, seriam causa de que esta bela flor viesse a murchar! Esta bela rosa, a Companhia das Filhas da Caridade, que era a edificação de toda a gente e que exalava tão belos perfumes, estivesse prestes a cair em ruínas! Ah! Que castigo não mereceriam as pessoas que assim contribuissem para destruir a obra de Deus!

Ó Salvador! Dizeis coisas sublimes, minha Filha. Se elas fossem bem pesadas, não seria necessário outro motivo para nos fazer evitar o escândalo, senão saber que Nosso Senhor manda fugir dele. O que! Não temermos as ameaças que Ele faz àqueles e àqueles que dão mau exemplo! Oh! Seria necessário não ter sentimentos! E que disse Ele? Disse estas palavras, que devem fazer tremer: «Infelizes de vós que scandalizais as almas inocentes!» (S. Mat. 18,10). Infelizes de vós, padres da Missão, infeliz de vós, Superior da Missão, se não viverdes de maneira a edificar o vosso próximo! Mas infelizes de vós, Filhas da Caridade, se não viverdes de uma maneira digna da vossa vocação, e se vos scandalizais umas às outras! Não sou eu que vo-lo digo, é Nosso Senhor. E de que maneira o podia Ele ensinar com mais evidência! Desgraçados pois, todos os que dão escândalo! Ó minhas Irmãs, a palavra de Deus é para sempre verdadeira; de modo que a nossa Irmã teve razão em dizer que as Filhas da Caridade devem vigiar-se bem para que ninguém se scandalize por sua causa.

Nosso Senhor o dizia ainda noutra circunstância: «Seria prefe-

rível que vos pendurassem ao pescoço a mó de moinho e vos lançassem no fundo do mar do que dar escândalo a um destes pequeninos». (S. Mat. 18,6). Vêde se esta Irmã não disse coisas elevadas, se isto não vale mais do que um sermão!

Estou certo que me direis: «Sim, está bem». «Mas, o que é o escândalo, perguntareis?», É verdade que é necessário conhecê-lo. Dir-vos-ei, minhas Irmãs, que o escândalo não é nada mais do que uma atribuição a uma acção. Por exemplo: eis uma Filha da Caridade que murmura da sua Superiora, censurando o seu modo de proceder, criticando o que ela faz, censurando tudo o que ordena, murmurando disso com as outras. Dá ensejo àquelas que a ouvem de proceder do mesmo modo, e isto chama-se escândalo.

Diz-se que, quando as vestais, se me não engano, tinham feito algum mal que escandalizava o próximo, enterravam-nas vivas, em castigo da sua falta. Ah! Minhas Irmãs, uma Filha da Caridade que dá motivo de ofender a Deus, não mereceria o mesmo castigo? Sim, merece-o, e seria preferível para ela deixar a Companhia do que servir de obstáculo aos outros impedindo-os de adiantar na virtude; seria preferível que tivesse a infelicidade de ser enterrada viva, do que dar escândalo a estas almas que Deus escolheu para o Seu serviço. E porque? Porque Nosso Senhor o profete e lança a sua maldição sobre todos os que escandalizam os outros. Eis a razão pela qual o Filho de Deus vai sempre dizendo aos padres da Missão, se derem escândalo, às Filhas da Caridade e a todos os que dão ensejo aos outros de fazer mal: «Infelizes de vós que escandalizais estes pequenos!»

Podereis perguntar: «Mas porque?» Pois o escândalo não é sempre uma acção má mas somente uma qualidade atribuída a qualquer acção que dá motivo de fazer mal. Portanto, diz o mesmo Filho de Deus, infelizes de vós, escribas e fariseus, infelizes de vós se escandalizais estas almas simples! Infelizes de vós, diz ele, falando aos discípulos que tinha escolhido, se escandalizardes alguém e se, por vossa causa, estes escribas e fariseus aproveitam a ocasião de continuar a sua má vida! Já que Nosso Senhor diz isto, é preciso que haja alguns que caiam no mal, para que os justos e as almas boas sofram e sejam mortificadas para seu bem e tenham ocasião de praticar a virtude. Ora pois, bendito seja Deus!

Minha filha, que razão vos obriga a fugir do escândalo?

— Meu Pai, parece-me que uma das razões é que somos causa de que Deus seja ofendido.

— Deus vos abençõe, minha Irmã! Tendes razão; pois, vêde, minhas queridas Irmãs, todas as vezes que murmurais dos vossos Superiores, que encontrais que censurar no que eles ordenam,

dais escândalo a todas as que vos ouvem, e sereis responsáveis disso diante de Deus. Se fizéssemos esta reflexão, vós e eu : «Oh ! Meu Salvador ! Todas as vezes que faço mal, torno-me culpável diante de Vós, não somente pelo pecado que cometo, mas ainda pelo escândalo que dou, ó minhas Irmãs, não cometeríamos tantas faltas como cometemos. Meu Deus, não faremos nós nunca acções que dêem escândalo ! Será possível que não tenhamos ver esta bela Companhia vivendo tão imperfeitamente, e que aqueles que nos vêem tenham motivo de a desprezar !

Que outra razão tendes vós, minha Filha ?

— Meu Pai, parece-me que é um grande mal fazer qualquer acção, ou dizer qualquer palavra de murmuração ou de contradição, porque damos ocasião a que os outros façam o mesmo.

— Ah ! Eis como isto é belo ! Damos motivo de proceder do mesmo modo. Sim, minhas Irmãs, todas as vezes que uma Irmã fala mal de outra Irmã, censura a Companhia, se indigna das acções de umas e de outras, critica sobre tudo o que se faz na casa, fala a uma de um modo, a outra de outro, queixa-se ora da sua Superiora ora de uma Irmã, fala das suas dificuldades, em particular com aquelas que são do seu parecer, tudo isto é fazer acções que de si mesmo são más e que trazem consigo aquilo a que se chama escândalo, sobretudo se são Irmãs que estão na Companhia há dez, catorze e quinze anos. Ah ! Meu Salvador ! Como fazem mal ! Porque as que ouvem, deixam-se levar a fazer o mesmo ; ou, se o não fazem, que podem elas pensar, senão que o bem que tinham ouvido dizer das Filhas da Caridade, não é verdade ? O que ! Irmãs que estão aqui nesta casa há tanto tempo, e no entanto são ainda tão imortificadas ! Meu Deus ! Que desgraça seria preciso para castigar as pessoas que são a causa de tais desordens ! Eis almas simples e inocentes que vêm de todos os lados para esta Companhia, pensando encontrar os meios de se salvar, e é completamente ao contrario : encontram aqui ciladas para se perderem. Sim, isto são ciladas para se perderem. Sim, são ciladas que armais quando, na sua presença, cometeis alguma falta. Ah ! Que pensais vós que dirão consigo mesmas ? Sem dúvida pensarão : «O que ! Vim aqui para servir a Deus, mas enganei-me ; só se murmura ; só se fala desta e daquela ; não há caridade nem suporte, nem atenções, nem cordialidade, no conjunto. Ah ! Meu Deus ! Que casa é esta ! Oh ! Perder-me-ei aqui. É preferível que saia do que viver deste modo.»

Eis o que podem pensar, minhas Irmãs, quando as escandalizais assim. Ah ! Meu Salvador ! Que infelicidade, ainda mais uma vez, para estas Irmãs que matam assim estas crianças ! Porque se chamam crianças os que começam a servir a Deus ; e vós as

matas abafando nelas os bons desígnios que tinham de O servir ! Pensai como podem esfriar no seu fervor quando vêem pessoas que deveriam sentir-se satisfeitas e fortalecidas no bem, e que estão descontentes e se queixam ora dos avisos que recebem, ora da austeridade da sua vida, das regras e de tudo quanto os Superiores ordenam ! Ó minhas Irmãs, dir-vos-ei ? Sim, visto ser verdade ; vós sois Herodes todas as vezes que fazeis o que eu acabo de dizer ; fazeis morrer estas crianças logo que começam a viver e contribuis para que se não pense voltar mais para a vossa Companhia, e que tantas santas almas que estão no mundo e queriam dar-se ao serviço dos pobres não pensam mais na Casa, pelo mau exemplo que sai dela ; ou então, se vierem, Deus permitirá, em castigo dos vossos escândalos, que sejam pessoas que de forma alguma são aptas e que esta bela Companhia, que Deus formou, virá a encher-se de não sei que espécie de pessoas que, em vez de fazer bem, estragarão tudo, desedificarão o próximo, tratarão ásperamente os pobres, não guardarão as regras. E finalmente, onde é que isto irá parar ? A arruinar a Companhia, porque ela não poderá subsistir por muito tempo sem bons súbditos. Ah ! Minhas Irmãs, eis onde isto vai dar : arruiná-la completamente. Quando uma Irmã que encontra que censurar, vai dizê-lo a uma outra, esta a duas outras ; e em seguida todas quererão intrometer-se nisso. Ah ! Minhas Irmãs, haverá bastantes suplícios para estas Irmãs, que dão a morte a estas crianças, que são semelhantes a um Herodes ! Que podem elas esperar senão a maldição dada por Nosso Senhor aos que escandalizam as crianças !

Vêde, minhas Irmãs, Nosso Senhor pedir-vos-á conta destas almas e castigar-vos-á do obstáculo que tiverdes posto à sua perfeição. Perguntar-me-á a mim, se impedi as Filhas da Caridade de aproveitar na virtude, ao Senhor Padre Portail, à Senhora Le Gras, se deixarem de as ajudar a isso, e se não fizerem progressos, e a cada Filha da Caridade que tiver sido causa, pelo seu escândalo, de os outros terem feito algum mal. Ah ! Salvador ! Haverá suplícios bastante grandes para estas Irmãs que matam assim as criancinhas que começam a servir a Deus !

Portanto, há escândalo recebido e escândalo dado ; peço-vos que noteis bem isto. O escândalo dado, é fazer uma acção má na presença de alguns, que poderão, por este mau exemplo, fazer a mesma coisa. E sendo assim, a pessoa que faz mal ofende a Deus fazendo a má acção, e pelo escândalo, que é uma qualidade atribuída a esta má acção, torna-se ainda mais criminosa.

O escândalo tomado, e não dado, é, por exemplo, se, vendo uma Irmã muito exacta na observância das regras, se viesse a escandalizar e a zangar, porque esta exactidão condena a negligên-

cia daquelas que encontram que criticar. Isto é um escândalo recebido, que torna culpável a pessoa que o toma. E como será isto? Porque é escandalizar-se injustamente. Eis uma Irmã que fala baixo, que anda modestamente, na presença de Deus, fala pouco e não pode suportar que se ofenda a Deus nem o próximo na sua presença; e alguma tomará motivo disto para se escandalizar. Ah! Minhas Irmãs, acautelai-vos para não cairdes neste defeito, porque sereis semelhantes às aranhas que convertem em veneno as mais belas flores; e, em vez de vos excitar a fazer o bem que vos é indicado, fareis o contrário. Ah! Convertereis o mel em fel! Não duvideis que Deus não castigue tais pessoas. Que pensais vós fazer quando encontrais que censurar as boas acções das nossas Irmãs? Preparais-vos para impedir estas almas de continuar na prática da virtude, e por conseguinte, privá-las do mérito que alcançariam.

Eis o que é o escândalo recebido e o escândalo dado. Ora, é preciso que saibais que o escândalo dado é sempre pecado, e por vezes mortal; e, se se morrer neste pecado, está-se condenado. Vêde que infelicidade, e como devemos rezear muito escandalizar o nosso próximo! Imaginamos muitas vezes, que os pecados que cometemos são só veniais; acautelemo-nos, minhas Irmãs, de nos enganarmos. Não é tão difícil como nos parece, cometer um pecado mortal. Não quer dizer que, cometer uma pequena indelicadeza fora de propósito, deixar-se levar a alguma irascibilidade, ou dizer uma palavra leviana sem pensar, seja uma falta mortal, apesar de dar escândalo; é só um pecado venial. Mas, por exemplo, se uma Irmã fica com o dinheiro dos pobres, ou das suas economias, para guardar ou comprar algum livro, ou coisa semelhante, e que isto fosse sabido por uma outra Irmã; se fala mal dos seus Superiores, se descobre os defeitos das suas Irmãs, ou se as despreza, difamando-as da boa opinião que tinham delas; ah! Minhas Irmãs, Deus sabe se isto não são pecados mortais! Deus nos preserve de uma tal infelicidade, porque seriam grandes pecados!

Nunca há pecado no escândalo tomado para aquelas que o dão, mas sim para aquelas que o recebem; porém, há sempre pecado no escândalo dado do modo que acabamos de dizer. O escândalo recebido é pois, se vós, ou o Senhor Padre Portail, ou eu, vendo na Companhia uma Irmã recolhida, que é sempre igual na sua conversa, que fala em voz baixa; se eu fôr tão infeliz que encontre que criticar nesta Irmã, cometo um grande pecado, porque me escandalizo sem motivo e converto o mel em fel. O mesmo sucederia a uma Irmã que se deixasse levar a cometer a mesma falta. Eis a razão porque deveis acautelar-vos e recordar

que se alguém toma pretexto de proceder mal, vendo os outros fazer bem, é muito culpável diante de Deus.

O que! Ó meu Deus, não me contentarei com servir-Vos negligentemente, como faço, sendo negligente na observância das minhas regras e deixar-me levar a tantas faltas; mas hei-de aborrecer-me por ver que uma tal Irmã não comete as mesmas faltas, e que condena, sem nada dizer, a minha negligência, pelo cuidado que tem da sua perfeição? Ah! Se houver alguma neste estado, que tema que Deus a castigue, e que se corrija.

Digo mais: as que escutam as conversas contra a caridade, que querem que se diga sempre bem dos outros, ofendem a Deus, do mesmo modo que as que mantêm essas conversas. E a razão disto é clara; pois, quem pode impedir um mal e não o faz, é tão culpado como se o fizesse. Sim, minhas Irmãs, se uma ou mais de vós ouvem falar mal, ou censurar as acções da Superiora ou de uma Irmã, escutam e não contradizem a que tem semelhantes conversas, fazem tanto mal como ela. Pois, vêde, é preciso opôr-se fortemente a tais pessoas e dizer: «Oh! Minha Irmã, em nome de Deus, não digais isso. O que! Despedeçaremos pelas nossas conversas a nossa Irmã, que temos motivo para julgar agradável a Deus, que tem nela tudo o que é bom, em quem não se encontra nada que censurar, pelo menos diante dos homens, porque, diante de Deus, não pertence a nós julgá-la? Se tem alguma coisa que vos desagrada, é porque pensais mal das suas acções».

Minhas queridas Irmãs, se não fazeis assim, sabeí que faltais à caridade. O que! Eis uma Irmã que não diz uma palavra em tais circunstâncias; é uma muda, que vê a sua Irmã cometer o mal e não a impede disso; comete-o ela mesma também. E aquelas que se não opõem para acabar com a conversa, fazem o officio do demónio, porque são a causa, escutando-a, de que as outras continuem no mal. Façamos um pouco de reflexão sobre isto. Que maior infelicidade nos pode suceder do que fazer o officio do demónio! E, no entanto, é o que nós fazemos quando temos inveja daquelas que fazem melhor do que nós, pois só o demónio e os que são animados do seu espírito se afligem com o bem. Deus vos guarde, minhas Irmãs, de servir assim o nosso inimigo, fazendo o seu officio!

Quando saio, e vos vejo, ainda que me não vejais a mim, sempre tenho uma grande consolação por ver a vossa modéstia, que é maior numas, menor noutras. Mas foi preciso falar-vos do mal, para vo-lo fazer evitar e compreender a diferença que há entre o escândalo dado e o escândalo recebido, como também o grande mal que há em encontrar que censurar nas pessoas que procedem bem.

Digo ainda, para a consolação das almas boas, que, se nos escandalizamos, por exemplo, por uma Irmã não fazer nada sem licença, encontrar bom tudo o que os seus Superiores ordenam, ser exacta na menor observância, levantar-se às quatro horas, etc., não é ela que o dá; é um escândalo recebido; e aquelas que fossem tão imperfeitas que convertessem assim o bem em mal, deviam temer muito, pois esta virtude lhes faz mal à vista. Não podem suportar este brilho; pois as pessoas virtuosas brilham como sóis; e as imperfeitas, não podendo edificar-se com isso, encontram que criticar e acham que nós não podemos suportar este brilho, e que é preciso extingui-lo. Com efeito, é o que fazem dizendo mal daquelas de quem deveriam dizer bem. Ah! Minhas Irmãs, o que não devem temer tais pessoas! O que! Uma Filha da Caridade, que deveria proceder tão corajosamente no bem, procura impedir-lo! Se alguma se encontrasse com este defeito, deveria tomar a resolução de se corrigir e de abraçar a virtude; pois, vêde; não é suficiente fugir do mal, é preciso fazer o bem. Seria lindo ver uma Filha da Caridade ter unicamente o hábito e não os efeitos, ser Filha da Caridade só na aparência! Oh! Como seria desagradável a Deus que, em vez de viver no espírito que Deus deu à Companhia, vivesse num espírito de soberba, de duplicidade e desse maus exemplos! Seria preferível que não fosse Filha da Caridade, e, com efeito, não o seria.

Podereis objectar: «Mas, no entanto, tem qualquer coisa no exterior; vemos alguma aparência.» Sim, vêdes qualquer coisa, mas é só a casca e uma vã aparência; pensais ver uma Filha da Caridade, mas disso, só tem o Hábito.

Ah! Meu Salvador, o que é isto senão um monstro que faz horror a Deus e aos vossos bons anjos! Vi ultimamente uma coisa que vem muito a propósito. De longe avistei uma lindíssima estátua, brilhante, bem arranjada, que tinha cabelos doirados. Quando vi esta estátua tão brilhante e deslumbrante, pensei que era qualquer coisa de grande. Mas, minhas queridas Irmãs, sabeis o que era? Era a morte, que, vista de perto, metia horror.

Minhas Irmãs, terei coragem para vo-lo dizer? Sim, visto ser a verdade. Se derdes escândalo, se não viverdes como a vossa vocação o exige e eu, se der escândalo, se for causa daqueles com quem estou não cumprirem o seu dever, somos, vós e eu, esta imagem, parecemos por fora o que não somos por dentro; enganamos os que nos vêem, tantas boas almas que têm boa opinião de nós e que crêem que vivemos bem. Que diremos nós a Deus se isto fôr assim? Examinemo-nos e perguntemo-nos: «Não sou eu esta imagem? Meu Deus! Quando me vêem de longe, pensam que sou uma Filha da Caridade; mas quem me vir de perto, quem

ouvir as minhas conversas contrárias ao nome que tenho, conhecerá bem que não tenho caridade.» Se Deus nos fizer conhecer isso, sabei que é uma graça que se não deve desprezar. Ah! Meu Salvador! Que infelicidade para aqueles que desmentem assim a sua profissão, pela sua vida má. Minhas Filhas, pensais que Deus vos chamou uma de um lado, outra do outro, para serdes um motivo de escândalo e de tropeço para os outros, e para fazê-los ofender a Deus, que deveríeis servir tão fielmente, e ao serviço do qual deveis atrair os outros? Oh! Não é para isso, mas para honrar Nosso Senhor e ajudar o próximo, pelo vosso bom exemplo e pelas vossas instruções, a salvar-se. Se não o fazeis, faltais ao vosso dever.

Ora bem, faz-se tarde e ainda só tratamos de um ponto; no entanto isto é um assunto tão importante para toda a gente, mas principalmente para vós! Penso que seria bom adiar para outra vez.

Aqui as Filhas da Caridade podem notar a prudência do seu Venerando Pai, o qual não se quis resolver a diferir a conferência sem perguntar o parecer do senhor Padre Portail e de um outro Padre, os quais disseram que era um assunto tão importante que nunca seria demasiado insistir nele.

Pois bem, adiemos para um outro dia e lembremo-nos do que acabamos de dizer para nunca escandalizar ninguém. A nossa Irmã apontou um bom motivo, que todos têm os olhos sobre vós, para notar todas as vossas acções, o que deve sempre manter-vos no vosso dever. Oh! Boa palavra! Se fosse bem praticada, não seria preciso outra, para nos fazer evitar o escândalo. Se aproveitarmos do que se acaba de dizer, alcançaremos duas coisas da bondade de Nosso Senhor: a primeira, é que Deus perdoar-nos-á o passado e conceder-nos-á a graça de impedir que tornemos a cair para o futuro. Esperando-o da Sua bondade, pronunciarei as palavras de bênção, rogando-Lhe que ao mesmo tempo derrame sobre nós a graça de nunca escandalizarmos o nosso próximo.

Benedictio Dei Patris...

64 — CONFERÊNCIA DE 15 DE NOVEMBRO DE 1654

SOBRE O ESCÂNDALO

No domingo 15 do Novembro de 1654, o nosso Venerando Pai fez-nos a caridade de uma conferência sobre a continuação do pecado de escândalo, que começou deste modo.

Instrução LXIV — Caderno escrito pela Irmã Maturina Guérin. (Arquivo das Filhas da Caridade).

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência é a continuação da última, que foi sobre o escândalo. Falámos sómente do primeiro ponto e das razões que nos obrigam a fugir do escândalo. Vimos que há um escândalo recebido e um escândalo dado; o que é, e como se dá. O primeiro ponto foi tratado completamente; mas não sei se falámos sobre um ponto que agora me lembro. Não deixarei de o dizer, porque talvez várias das Irmãs aqui presentes não estivessem no outro dia.

Escandalizar, é dar motivo ao próximo de ofender a Deus. A malícia do escândalo é comparada ao mal que uma pessoa daria, se numa estrada collocasse uma pedra sobre um fosso, para melhor apanhar os transeuntes e fazê-los cair, é mau, porém, o que o escândalo faz, e ainda pior porque não é o corpo mas a alma que é precipitada no pecado de escândalo.

Dissemos, além disso, que Deus castiga o escândalo amaldiçoando as pessoas que o praticam. Sim, são amaldiçoadas por Deus. Que infelicidade para quem, pelas suas palavras, acções ou obras, dá motivo de escândalo e incorre na maldição de Deus! Ó meu Deus, que motivo para examinar as nossas acções e pensar: «Se fizer isto, se murmurar contra os meus Superiores, se censurar as ordens e o procedimento da Companhia, se depreciar algumas das minhas Irmãs, dou motivo às outras de fazerem como eu, por conseguinte, cometo dois pecados.» Vejamos o que deveis fazer para não cometerdes este mal. Se o já cometestes, é preciso examinar-vos e confessar-vos disso; não é suficiente acusá-lo, é preciso dizer se houve escândalo, porque é uma circunstância que agrava o pecado. Minhas queridas Irmãs, se todos os que cometem escândalo são amaldiçoadas por Deus, e tantos caem neste pecado, se é tão fácil cometê-lo nas casas dos que se dedicam ao serviço do mundo, quantos se escandalizam ao ver o grande número de pessoas que não fazem outra coisa senão escandalizar os outros e que só servem para os fazer cair! Quantas graças devemos dar a Nosso Senhor por nos ter livrado disso! Ainda que só existissem no inferno as pessoas que dão escândalo, que grande número seria!

É um Deus que o diz, e Ele é verdadeiro: «Infelizes de vós que dais escândalo, melhor seria que vos pendurassem uma mó de moínho ao pescoço e vos lançassem ao mar. (S. Mat. 18,6). Oh! Sim, minhas Irmãs, seria preferível aos que escandalizam, permanecerem nas profundezas do mar, porque seriam os únicos a perderem-se e não levariam os outros ao pecado.

Eis as grandes razões para recearmos este vício, depois do bem que resulta do bom exemplo pelas nossas palavras, porque conhece-se pela palavra o que é o coração. Digo-o por experiência, não

veja melhor meio para edificar o próximo do que vigiar as nossas palavras.

Outra razão, é que fazem o officio do demónio. Se há na Companhia quem dê motivo de escândalo, esse faz o officio do demónio. As Filhas da Caridade que são causa de que as outras pequem, e, pelo seu exemplo, as levam a ofender a Deus, cumprem o officio do demónio, que não faz outra coisa senão impelir para o mal.

Notai bem isto, repito-o, para que o fixeis bem ; escandalizar é ser causa, pelas nossas palavras, acções e maus exemplos, de que o próximo faça o mal, ou faça o bem imperfeita ou insuficientemente. Há já tanto tempo que o demónio anda nisto ! Contanto que leve a ofender a Deus, fica satisfeito. Que faz uma Filha da Caridade quando discute, murmura, censura, prefere o seu modo de pensar ao dos seus Superiores, ao das suas Irmãs e quer que lhe concedam tudo ? Faz o officio do demónio. É um demónio. Por isso, grandes desordens daí resultam.

Os castigos que Deus prepara às pessoas que dão escândalo estão pois comprehendidos nas maldições que sobre elas caiem.

Passemos ao segundo ponto, que consiste em ver em que é que as Filhas da Caridade podem dar escândalo. Haverá meio de enumerar o grande número de pecados que podem cometer, tanto por palavras como por acções e omissões, sobretudo, meu Salvador ! Sobretudo as mais antigas na Companhia. Ah ! Minhas Irmãs, digo-vos isto não para vos acusar deste pecado, porque quero crer que o não cometeis, mas para vos servir de antídoto contra este vício e vos levar a evitar as ocasiões.

Sabemos que há ocasiões gerais e particulares. As gerais são as palavras, acções, omissões, ou negligências que escandalizam o próximo. As ocasiões de dar escândalo são, por exemplo, se na Companhia (não quero acreditar que exista) alguma falasse mal de uma Irmã, e encontrasse que censurar diante das outras sobre o procedimento dos Superiores, dava escândalo, porque as que ouvissem tais conversas teriam má impressão. Dizer duma Irmã que está de mau humor, que não tem suporte mútuo, sem dúvida fará mau efeito ; depois esta Irmã repeti-lo-á às primeiras Irmãs que encontrar, e acrescentará que, antes de entrar na Companhia, bem a preveniram de que as Filhas da Caridade não eram tão boas como pensavam, e que é verdade. Eis o escândalo dado. É a razão porque, minhas Irmãs, vós e eu, nos devemos dar a Deus e tomarmos, neste momento, a resolução de nunca falar do nosso próximo senão em bem ; porque logo que a boca se abrir para falar mal duma Irmã, a maldição de Deus cai sobre nós.

Dissemos o que é o escândalo por palavras. Há também o

escândalo por acções: é, por exemplo, quando uma Irmã jejua quando não é jejum, come, a qualquer hora, gulosseimas, apesar de saber que não deve comer fóra das refeições. Escandaliza assim as Irmãs, sobretudo se é uma antiga que faz isto diante das novas ou dos externos. Ah! Como faz mal! Porque as Irmãs pensarão depois que não há mal em fazer o mesmo, ou terão ensejo de dizer que não há na Companhia tanta perfeição como pensavam, visto existir nela pessoas tão imperfeitas; e assim desanimarão. Se for algum externo, scandaliza-se e quando vir alguma menina que queira consagrar-se a Deus na Companhia, desviá-la-á, dizendo-lhe: «Quere ir para aquela casa? Porque vai para o meio daquelas pessoas?» E dirá o mal que souber das Filhas da Caridade. A primeira a dar este mau exemplo foi causa deste mal, que atrai a si outros, e se por fim, as outras fizerem o mesmo, atrairá a maldição de Deus sobre todas. Não duvidemos disso, *ipso facto*, no próprio momento em que scandalizamos atraímos a maldição de Deus. Assim se comete este pecado pelas acções.

Podemos cometê-lo ainda por omissão. Por exemplo, não nos levantando às quatro horas. Se é uma Irmã Servente nas paróquias, a companheira fará o mesmo. Assim quanto à oração, porque, não se levantando às quatro horas, o tempo passa, não há vagar, têm de se vestir depressa e por isso deixa a oração. É um escândalo de omissão: deixar de fazer o que devemos fazer. Depois de termos cometido esta falta um dia, cometê-la-emos no dia seguinte. Se duas Irmãs a cometerem, dentro em pouco serão três a cometê-la, sobretudo se forem antigas. Ó Salvador, quando as que deveriam dar bom exemplo fazem o contrário, que remédio tomaremos? Quando Irmãs que deveriam ter a peito a observância das suas regras, são as primeiras a violá-las, oh, minhas Irmãs, como é perigoso para todas, mas sobretudo quando são Irmãs Serventes! Repito, pois, se isto succedesse, deixariam a oração pouco a pouco, e em breve toda a Comunidade faria o mesmo. Onde isto vai parar. É um começo que tende para não mais se preocuparem com nenhuma observância; e estas pessoas serão amaldiçoadas por Deus.

São estes os escândalos gerais que podemos dar; eis agora o particular. Se uma Irmã, tendo recebido um desgosto da Superiora, o vai dizer a outra sua confidente e queixando-se, diz: «Fizeram-me isto e disseram-me aquilo». Minhas Irmãs, eis um escândalo, pois dais à Irmã mau exemplo, e fazeis que ela não tenha boa opinião da Superiora e receie aproximar-se dela, caindo no desânimo. Por isso quando tiverdes recebido algum desgosto da parte dos Superiores ou das vossas Irmãs, não vos queixeis nem o digais senão a Nosso Senhor e à Santíssima Virgem.

As vossas Regras proíbem escrever cartas sem licença dos Superiores ou da Irmã Servente. Dirá alguma: «Que mal poderá haver nisso? As Regras proíbem-no, mas não obrigam sob pecado». É verdade que em si não obrigam, mas não podeis dispensar-vos delas, sem pecado, em virtude do escândalo que dais. Uma Irmã ouve outra dizer que nisso não há mal e fica escandalizada. Nosso Senhor proíbe o escândalo, por isso vêdes que não há motivo para se dispensar do cumprimento da regra, sob o pretexto de não haver pecado.

Não escrever nem receber nenhuma carta sem que os Superiores as vejam, foi sempre observado. Nas Companhias onde não se observa, só existe desordem. A liberdade de correspondência é um meio para destruir uma Companhia. Não se deve pois escrever nem receber cartas sem serem vistas. Quando quiserdes escrever, primeiramente pedi licença à Senhora Le Gras, e se ela vo-lo permitir, mostrai-lhe a carta quando a tiverdes escrito. Se não estiverdes aqui, enviai-lha. Quando as receberdes, não as abraís, sem os Superiores as verem. De contrário preparareis a ruína da Companhia. Sim, minhas Irmãs, é esse o resultado, porque, se uma comete esta falta, outra seguirá o seu exemplo; e resulta que progressivamente se desleixarão noutras coisas. Quando isto acontecer a caridade estará prejudicada.

É escândalo dizer uma à outra o que o confessor disse na confissão. «Repreendeu-me por determinada falta; proibiu-me isto.» E coisas semelhantes. Jamais podeis falar do que o confessor vos disse, e ele do que vós confessastes. O confessor é obrigado ao segredo sob pena de pecado, e o penitente também. Se uma Irmã vai dizer a uma outra o que lhe foi dito em confissão, esta fará o mesmo, se tiver igual defeito. Se for boa e virtuosa, pensará que esta Irmã não é o que deve ser; e assim eis o escândalo. Sabei, minhas queridas Irmãs, que os penitentes estão tão obrigados ao sigilo como o confessor; se uma Irmã revela qualquer coisa do que o confessor lhe impôs, comete o pecado do escândalo.

Igualmente se ele mantivesse conversas inconvenientes. Se um confessor fosse tão mau que dirigisse à sua penitente palavras feias (o que nunca acontece) neste caso deveis dizê-lo, e o Santo Padre ordenou que se vá acusar ao bispo.

É escândalo censurar o governo da casa. Uma Irmã que ousa dizer diante das outras: «Porque se faz isto ou aquilo? Por que razão esta casa está tão mal arranjada? Porque são assim os nossos hábitos? Se fossem doutro tecido durariam mais»; esta irmã escandaliza, pois será causa de que as outras façam o mesmo quando se apresentar ocasião, introduzindo o espírito de crítica na Comunidade. E se já há alguma que o têm, reunir-se-ão para

criticar tudo, pois, desde que nos permitimos criticar uma coisa, insensivelmente caímos no hábito de fiscalizar o que não nos pertence.

Fazer visitas, é ainda um escândalo, porque as vossas regras o proíbem. Minhas Irmãs das paróquias, escutai bem isto: não deveis receber nem fazer visitas. Não sejais tão curiosas para ir visitar ora uma senhora, ora um confessor. Tudo isto nada vale e não o fazeis sem receber algum prejuízo. Sobretudo não deixeis entrar os homens nos vossos aposentos mesmo o vosso confessor ou eu. Se eu fosse visitar-vos e insistisse por causa da minha disposição, para entrar no vosso quarto, fechai-me a porta e não me deixeis entrar. Deveis fazer o mesmo para com o senhor Padre Portail, um Irmão da Missão, se ele lá fosse, ou qualquer outra pessoa. Sêde firmes nisso. Se uma Irmã, ignorasse o que deve fazer e quisesse fazer o contrário, avisai-a.

Se quisésseis ir a Nossa Senhora das Virtudes, porque é um lugar de devoção, não deveis ir sem licença. Poder-me-eis dizer: a devoção à Santíssima Virgem não será boa? Sim, é boa, mas não é suficiente que o que fazemos seja bom; a nossa acção deve ter todas as condições requeridas. A astúcia do inimigo emprega o estratagema: esconder o mal com algum bem encontrado na acção sugerida.

Uma Irmã poderá dizer: «Quando o nosso confessor vier a nossa casa, dir-nos-á apenas coisas boas.» Vêde, minhas Irmãs, é o demónio que vos dá estes pensamentos, porque sois tão obrigadas à clausura do vosso aposento, como as religiosas ao claustro. Vêdes homens entrar nos conventos das religiosas? Não, excepto em caso de grande necessidade. Ora, os claustros das Filhas da Caridade, são os seus aposentos.

Se uma Irmã estiver doente, é outra coisa; vamos vê-la, e podemos fazê-lo; fora disso, nunca.

Se houver entre vós quem saiba que não se observam estas coisas, dizei-o à Senhora Le Gras, ao Senhor Padre Portail ou a mim; podeis ter a certeza de que o demónio se servirá disso para vos perder, tanto mais que estas visitas geram uma familiaridade, que levará uma Irmã que tiver recebido alguma desconsideração da companheira, a tomar a liberdade de o dizer a um padre ou a um leigo, que, ouvindo-a, julgarão mal dela; e não só da Irmã, mas até de toda a Companhia, impedindo de lá entrar aquelas que o desejavam. Ah! Minhas Irmãs, acautelai-vos de tais faltas, que causariam a ruína da vossa Companhia. Além disso, cometeríeis o pecado de escândalo, sendo causa de que este eclesiástico ou leigo ofendam a Deus, e que, no primeiro encontro que tiverem com pessoas que falem de alguns defeitos das Filhas

da Caridade, se intrometam na conversa ; assim as Filhas da Caridade serão desprezadas por estas pessoas. Eis um meio pelo qual o demónio procurará perder-vos.

E se tirásseis o dinheiro dos pobres, ah ! Meu Deus ! não quero pensar que isto se faça, no entanto previno-vos, para que nunca tireis um centavo, nem da casa, nem dos pobres, seja para guardar ou para dar, pois nenhum destes casos vos é permitido!...

Penso ter-vos já dito que as visitas e a comunicação com os externos era suficiente para vos perder ; mas o que levaria à ruína da Companhia, é se uma Irmã se convencesse e dissesse : «Pouparei para juntar dinheiro, que me fará muito arranjo se me mandarem embora». Se o disser diante de alguma, eis o escândalo. Se o fizerdes às escondidas, será descoberto, pois nada há escondido que não seja revelado. É a cilada pela qual o demónio procurará perder-vos, e é a peste da Companhia. Querer amontoar qualquer coisa, seja do que vos dão as senhoras, seja das vossas economias, seja para bem se fazer a sopa em casa do pequeno rendimento, que é fonte de ruína. Há muitas outras causas pelas quais a Companhia poderia decair. Mas sobretudo recomendo-vos que não transgridais o que acabo de dizer, porque só vos perdereis por este meio, bem como as Irmãs que vos sucederem. Se as novas vêm as antigas proceder assim, dirão : «É permitido fazer estas coisas, visto as primeiras que nos precederam o terem feito. Deram-hos exemplo ; porque não as seguiremos ? Se fosse mal, não o teriam feito». E assim, Minhas Irmãs, pelo vosso mau exemplo, dareis origem a que as Filhas da Caridade com a sua Companhia desapareçam como fumo. Qual será a causa de uma tal desgraça ? O pecado de escândalo, que atrairá a maldição de Deus sobre vós e sobre as que vos sucederem.

Deveis saber que a gravidade do escândalo varia conforme as pessoas a quem é dado, o que é preciso ter em conta. Uma coisa é escandalizar um externo, outra uma das Irmãs. É mais grave dar mau exemplo a uma Irmã recém-chegada do que a uma antiga, porque é ainda muito nova de vocação, e sois causa de que contraia um mau hábito.

Sobretudo nas «Crianças» (1). Ah ! minhas Irmãs, é nele que podeis dar grande escândalo. Vós, Irmãs aí colocadas, deveis convencer-vos do seguinte : o que mais deveis temer são os escândalos destas pobres criancinhas, seja por palavras, seja por acções. Se a Senhora Le Gras tivesse anjos, era preciso que os desse para servir estes inocentes. Correu o boato de que colocariam ali as que não servissem em nenhum outro sítio. É completamente o

(1) O hospício das Crianças abandonadas.

contrário: ali são precisas as mais virtuosas; porque como for a tia (é assim que eles vos chamam), assim serão as crianças. Se for boa, serão boas; se for má, sê-lo-ão, porque farão facilmente o que as tias fazem. Se vos zangais, tornar-se-ão impertinentes; se cometerdes imprudências diante delas, fá-las-ão; se murmurardes, murmurarão; se se condenarem, atacar-vos-ão, não duvideis, porque para isso contribuístes.

No inferno, o pai e o filho amaldiçoar-se-ão por serem obrigados a estas cenas por culpa própria. «Ah! Maldito filho, porque me fizeste ofender a Deus? Para te adquirir bens e deixar-te viver em liberdade!» — «Maldito pai, dirá o filho, porque me deste mau exemplo? És a causa da minha condenação porque, em vez de me ensinares a servir a Deus, mostraste-me sempre o contrário». Eis as censuras que os condenados se dirigem, que vós ouvireis, eu também, se escandalizarmos as crianças, o que tanto receio. Ah! Meu Salvador, que poderei responder-Vos quando me convencer de tanto escândalo que dei!

É um escândalo muito grande cometer qualquer falta em presença das Irmãs novas, porque se vêem uma Irmã que está na Companhia há três anos ou mais mostrar o seu mau génio, deixar-se levar pelas paixões, não querer suportar nada, farão o mesmo, e sereis vós as causadoras. Ah! Minhas Irmãs, se o fizerdes, sois um Herodes; degolai-las, porque, vendo as antigas criticarem as acções umas das outras, não se amarem e murmurarem dos Superiores, dareis motivo de abandonarem a vocação, ou então que façam como vós. As que estais aqui, haveis de ter o cuidado de nada empreender nem dizer que as possa escandalizar. As antigas sobretudo devem ter a preocupação de não o fazer. Ah! Meu Salvador! Meu Salvador! Como é que as últimas a chegarem serão virtuosas, se as primeiras não o são! Não, não o podem ser, pois, se o fossem, seria milagre! Diz a Sagrada Escritura: «Deu-se um grande milagre: sendo Coré e Datan maus, os filhos foram bons.» Foi um grande milagre os filhos não serem como o pai! Oh! Quais são as mães entre as Filhas da Caridade? São as antigas. As outras fazem como as vêem fazer. O que fazem então, cometendo faltas diante das novas? Matam-nas.

Antigas, eu vos chamo diante de Deus, e a mim também. Um dos grandes motivos para temer o juízo, é o do escândalo que tivermos dado. Eis porque devemos ter cuidado, se quisermos evitar a maldição de Deus. Será um grande milagre a conservação da Companhia, se escandalizardes.

Se encontrássemos uma antiga que dissesse: «Não estou obrigada a cumprir todas estas coisas pequenas. Há muito tempo que estou nesta casa. Isso é bom para as novas». Essa Irmã fique sa-

bendo que está mais obrigada do que ninguém, porque deve dar exemplo às outras.

Minhas Irmãs, é tarde ; não vos dei os meios para bem praticardes o que acabamos de dizer, no entanto é muito necessário que os conheçais.

O primeiro é o seguinte: quando houver liberdade de fazer visitas, quando se apresentar ocasião de criticar qualquer coisa, quando houver dificuldade em cumprir o que é ordenado, deveis ter a preocupação de vos recolher, ver o que vos rodeia e pensar: «Se fizer tal coisa, escandalizo o próximo; temo atrair sobre mim a ira de Deus e seria preferível que estivesse no fundo do mar com uma mó de moinho atada ao pescoço, do que escandalizar. Que infelicidade para mim! O que! Oh meu Deus! Seria causa de que a minha Irmã, este padre, aquele externo que me vêem, vos ofendam! Oh! Não, não o farei». Eis o que deveis fazer para não cair neste vício.

Em segundo lugar, deveis examinar-vos sobre o escândalo que destes até agora por palavras, por obras ou omissões, para pedir perdão ; fazei-o desde esta tarde, no vosso regresso, à noite, quando estiverdes deitadas, no caso de não dormirdes, e amanhã de manhã fazei a vossa oração sobre isto para melhor o recordardes ; notai bem, depois deste exame deveis confessar-vos disso o mais depressa possível, porque, quando vos fostes confessar e não dissesstes o número de pessoas que escandalizastes, não cumpristes bem o vosso dever. O que! Meu Salvador! Não penso nisso! Quantas vezes acusei as minhas faltas sem dizer o escândalo que com elas dei. Não é o suficiente dizer: «escandalizei as Irmãs»; é necessário dizer o número, e procurar os meios de o remediar.

Se dissesstes a uma das Irmãs: «Não faz mal escrever»; deveis fazer uma reparação; procurai a Irmã, ponde-vos de joelhos e dizei: «Minha Irmã, dei-vos um mau conselho, quando vos disse que era permitido fazer tal coisa. Não o acrediteis, eu vo-lo peço, porque sei que ofenderéis a Deus se o fizésseis. «Procedendo assim, reparais a falta, impedindo o mal que aconselhastes. É este um grande meio de reparar o mal, ou então, fazer o oposto, como, se tivésseis falado mal de uma companheira, dizer bem dela; se censurastes a administração da casa, encontrar bem tudo o que aí se faz. O quarto meio, é não se escandalizar com nada, não julgar ninguém. Oh! Minhas Irmãs, tende grande consideração pelas vossas Irmãs; interpretai bem tudo quanto fazem; desculpai sempre os defeitos que lhes notais e dizei; «A nossa Irmã foi apanhada de surpresa, o que a fez cometer esta falta»; ou ainda: «Não sabe que isto é mal».

Há algumas que pensam não haver pecado em fazer estas coisas, quando a intenção é boa. Ah! Minhas Irmãs, perdoai-me; para fazer uma acção boa é preciso que seja sem defeitos e que não exista nem uma única mancha. Explico-me. Eis uma Irmã que vai a Nossa Senhora das Virtudes, com a convicção de que não há mal em fazê-lo, porque é uma coisa boa ter devoção a Nossa Senhora. Sim, é bom ir a Nossa Senhora das Virtudes, mas há-de-se ter licença para isso. Outra dirá: «Tenho vontade de ir ver o meu confessor, a quem falarei apenas de coisas boas; além disso, os nossos Superiores proibem-nos de lhes falar dos defeitos das nossas Irmãs». Esta boa intenção, minhas Irmãs, de maneira nenhuma vos justifica. É-vos permitido falar ao vosso confessor, mas só na igreja e de coisas necessárias; pois de contrário não o fazeis sem escândalo.

Uma outra dirá: «As nossas regras não obrigam sob pena de pecado mortal». Eu acrescento; não podeis omiti-las sem pecado, quando nisso haja escândalo, desprezo, ou negligência. Destes exemplos podeis ver quanto é para temer o fazerdes ou dizerdes qualquer coisa que escandalize as Irmãs, apesar da vossa boa intenção. Se dizeis: «Não há pecado em faltar à regra», sereis causa de que as outras façam o mesmo. E assim omite-se tal ponto da regra, e, não a observando, não se obedecerá como Deus o ordena; como vêdes, minhas Irmãs, quando se diz que as regras não obrigam sob pecado, devemos compreendê-lo como o dissemos. Demonstros bem a Deus para tomarmos a resolução de nada fazer que possa escandalizar o próximo, lembrando-nos que, quando o fazemos, incorremos a maldição de Deus.

O nosso Venerando Pai, no momento de se pôr de joelhos, disse:

Ó Salvador da minha alma, que fulminastes a maldição contra todos os que dão escândalo permitindo que sejais ofendido, bani. Senhor, este vício, da Companhia, para que não escandalize mais ninguém; fazei que as nossas Irmãs edifiquem todos os que as virem, a fim de que eles nunca possam cair neste vício. Fostes Vós, Senhor, que recomendastes o bom exemplo, dai-nos pois esta graça; nós Vo-la pedimos, prostradas diante da Vossa divina Majestade. Senhor, esperamo-la de Vós e desejamo-la com um coração cheio de contrição pelas faltas que cometemos neste ponto. Não permitais pelo amor que tendes a esta Companhia, que nela se diga uma palavra que seja causa de que as almas que chamardes a Ela não adiantem na virtude; fazei-o em atenção ao bem que ela mesma possa operar. A Senhora Le Gras pediu ao nosso Venerando Pai para pedir perdão a Nosso Senhor pelos escândalos que ela tinha dado às nossas Irmãs. Ele disse-lhe:

Pois bem, pois bem, Senhora Le Gras, o Filho de Deus

carregou com os pecados de todos. Não quer dizer que sejamos inocentes e não tenhamos escandalizado as nossas pobres Irmãs. Peça a Nosso Senhor que perdôe a todos o passado, e nos dê a graça de tirarmos proveito de tudo.

Benedictio Dei Patris...

Pensamentos da Senhora Le Gras

Uma das razões pelas quais havemos de evitar o pecado de escândalo é a certeza que devemos ter do que Nosso Senhor disse. Baseados nas Suas palavras sabemos que tal pecado é grave, não só para nós, mas também para aqueles que escandalizamos, e talvez desagrademos aos seus anjos, pelo péssimo trabalho que lhes prestamos, contrário ao deles, que os excitam ao bem, conhecendo os desígnios de Deus a seu respeito.

Outra razão é que o escândalo pode ser causa da condenação da pessoa que escandaliza e também da escandalizada, porque merece uma supressão da graça, sem que se aperceba disso.

Uma terceira razão é a situação em que fica perante Deus, os anjos e os homens, a pessoa que escandaliza.

Escandalizamos o nosso próximo todas as vezes que violamos os Mandamentos de Deus e da Igreja. Somos o escândalo da Companhia quando agimos contra os Regulamentos da mesma e transgredimos as ordens dos nossos Superiores.

Mas o maior pecado de escândalo que cometemos pelas nossas palavras, é quando dizemos mal do nosso próximo, ou o censuramos por pouco que seja. As Filhas da Caridade podem cometer faltas muito graves de escândalo quando, por curiosidade, se informam uma à outra do procedimento e maneiras das Irmãs, quando recebem, talvez pelo seu mau humor, algum desgosto de alguma. É incalculável a quantidade de desordens originadas pelo escândalo e talvez fosse este o primeiro motivo porque várias perderam a sua vocação; o escândalo abalou outras, e afrouxou o fervor e a devoção das pessoas habituadas a cometê-lo e a cair no relaxamento.

Escandaliza-se gravemente o próximo quando se falta ao suporte para com os diferentes caracteres e não se toleram as pequenas faltas uma da outra. Nosso Senhor mostrou-nos a necessidade desta virtude para o cumprimento da Sua Lei.

O meio de evitar o pecado de escândalo é tão difícil, que é preciso pedir a Deus a graça de conhecer bem a gravidade e o perigo inevitável a que se expõe a pessoa que o comete. Daí a necessidade de conceber uma aversão a este pecado e estar alerta em todas as ocasiões próximas de o cometer. Um outro é tomar

durante algum tempo a resolução particular de praticar a virtude contrária ; desconfiar de si mesma e confiar em Deus ; recorrer à Santíssima Virgem, cuja vida foi uma edificação e pedir ao nosso bom Anjo que no-lo recorde.

65 — CONFERÊNCIA DO DIA 3 DE JANEIRO DE 1655

SOBRE A MORTIFICAÇÃO DOS SENTIDOS E DAS PAIXÕES

O primeiro ponto desta conferência é das razões que temos para praticar a mortificação dos sentidos e das paixões ; o segundo dirá em que consiste e os casos em que principalmente se deve praticar ; o terceiro, quais os meios que devemos tomar para este efeito.

Eis, minhas Irmãs, o assunto desta conferência, onde veremos quanto importa compreender bem o que quer dizer mortificação interior, por outras palavras, mortificação das suas paixões.

Minha Irmã, quais as razões que temos para praticar a mortificação dos nossos sentidos e paixões?

— Meu Pai, é a obrigação de edificar o próximo, e não o podemos sem esta prática.

— Vós, minha Filha, qual é o trabalho da mortificação?

— Parece-me, meu Pai, que é submeter a natureza à graça.

— Respondestes bem, minha Irmã, estou consoladíssimo por ouvir esta palavra. Mas para o explicar mais claramente, é preciso saber que há duas coisas no homem : a parte animal e a espiritual. A primeira torna-nos, por natureza, semelhantes aos animais ; pois comemos, bebemos, andamos e descansamos como eles. Eis a parte que inclui o homem nessa classe. Há uma outra que tende para Deus, e que leva a aspirar às coisas celestes ; é da natureza dos anjos. Vêdes portanto, que o homem é composto de duas partes muito diferentes. Que motivo para nos humilhar, o sermos semelhantes aos animais ! Minhas Irmãs, quem abrisse um homem encontraria os mesmos órgãos que num porco, quero dizer, um coração, um fígado, pulmões, etc. Ora, no corpo, Deus colocou uma alma que lhe dá vida e movimento.

Para melhor compreender isto, imaginai no homem duas almas e duas vontades completamente diferentes, mas só a partir do pecado, porque antes de Adão o comer, o apetite estava completamente submetido á razão. Quando Deus criou as criaturas, o céu, a terra e os animais, formou o homem e soprou sobre